
Playing with Fire
A LOVE STORY CARVED IN SECRETS,
INKED WITH PAIN AND SEALED WITH A LIE.
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
L.J. SHEN


1 Ano
Wicked
Lady

WICKED LADY
1 ANO

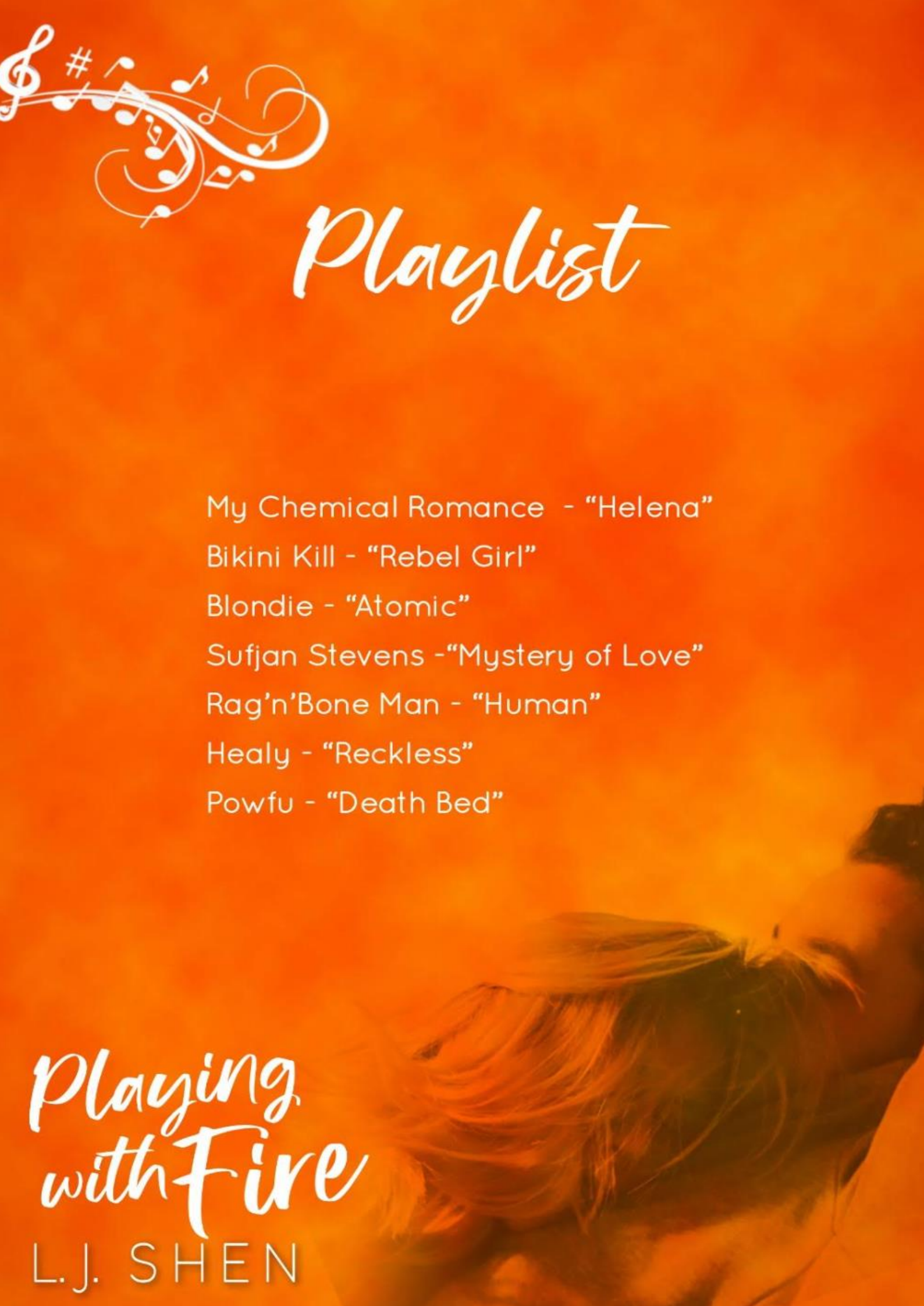
Lançamento

Único



Playlist

My Chemical Romance - "Helena"
Bikini Kill - "Rebel Girl"
Blondie - "Atomic"
Sufjan Stevens -"Mystery of Love"
Rag'n'Bone Man - "Human"
Healy - "Reckless"
Powfu - "Death Bed"



Playing with Fire

L.J. SHEN

Sinopse

Um menino quebrado a caminho da destruição.

Uma garota com cicatrizes sem direção.

Uma história de amor gravada em segredos, marcada com dor e selada com uma mentira.

Grace Shaw e West St. Claire são opostos árticos.

Ela é a garota estranha do food truck.

Ele é o misterioso lutador do submundo que um dia invadiu sua pacata cidade universitária do Texas em sua moto, e tem causado estragos desde então.

Ela é invisível para o mundo.

Ele é o bad boy amado da cidade.

Ela é uma rejeitada.

Ele é problema.

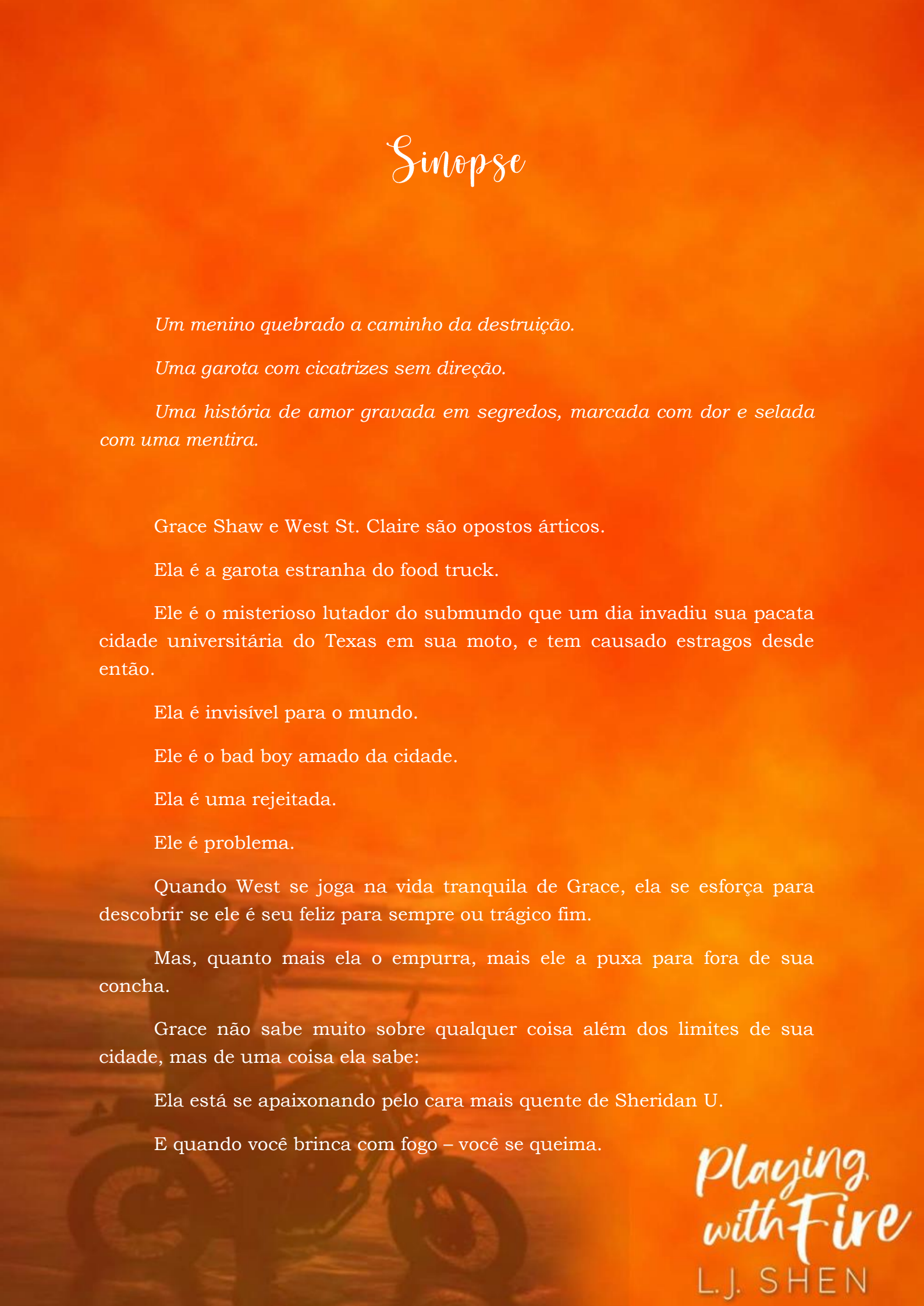
Quando West se joga na vida tranquila de Grace, ela se esforça para descobrir se ele é seu feliz para sempre ou trágico fim.

Mas, quanto mais ela o empurra, mais ele a puxa para fora de sua concha.

Grace não sabe muito sobre qualquer coisa além dos limites de sua cidade, mas de uma coisa ela sabe:

Ela está se apaixonando pelo cara mais quente de Sheridan U.

E quando você brinca com fogo – você se queima.





“Nunca é tarde para ser o que você poderia ter sido.”

– George Eliot



Prólogo

Grace

A única coisa que permaneceu completamente imaculada após o incêndio, foi o anel de chamas da minha falecida mãe.

Era um anel de aparência barata. Do tipo que você ganha em um ovo de plástico quando enfia um dólar em uma máquina no shopping. Vovó Savvy disse que mamãe sempre quis que eu o tivesse.

O fogo simbolizava beleza, fúria e renascimento, explicou ela. Muito ruim no meu caso, ele não simbolizava nada além da minha ruína.

Vovó me contou histórias de ninar sobre fênix surgindo de suas próprias cinzas. Ela disse que era isso que mamãe queria para si mesma – superar suas circunstâncias e prevalecer.

Minha mãe queria morrer e começar de novo.

Ela só conseguiu um dos dois.

Mas eu? Eu tive os dois.



17 de novembro de 2015

Dezesseis anos de idade.

A primeira vez que acordei em uma cama de hospital, pedi à enfermeira que me ajudasse a colocar o anel de volta no meu dedo. Eu trouxe o anel aos lábios e murmurei um desejo, como vovó havia me ensinado.

Eu não queria que o dinheiro do seguro viesse rapidamente ou acabar com a pobreza mundial.

Eu pedi minha beleza de volta.

Desmaiei pouco depois, exausta da minha simples existência. Adormecida, peguei fragmentos de conversas enquanto os visitantes inundavam meu quarto.

— ...A garota mais bonita de Sheridan. Nariz pequeno e elegante. Lábios firmes. Loira, de olhos azuis. Que pena, Heather.

— Poderia muito bem ser modelo.

— Coitada, não sabe para o que ela irá despertar.

— Ela não está mais no Kansas.

Saí do coma induzido lentamente, sem saber o que estava esperando por mim do outro lado. Parecia que eu estava nadando contra vidro triturado. Mesmo o menor movimento doía. Visitantes – colegas de classe, minha melhor amiga Karlie e meu namorado Tucker – entravam e saíam, acariciando, cochichando e ofegando, enquanto meus olhos estavam fechados.

Alheios à minha consciência, eu os ouvi chorando, gritando, balbuciando.

Minha antiga vida – peças da escola, treino de torcida e roubos de beijos apressados com Tucker sob as arquibancadas – parecia intocável, irreal. Um feitiço doce e cruel sob o qual eu estive que evaporou.

Eu não queria enfrentar a realidade, então não abri meus olhos, mesmo quando podia. Até o último minuto.

Até que Tucker entrou em meu quarto de hospital e colocou uma carta entre meus dedos moles apoiados no lençol.

— Desculpe, — ele resmungou. Foi a primeira vez que o ouvi exausto, inseguro. — Eu não posso mais fazer isso, e não sei quando você vai acordar. Não é justo comigo. Sou muito jovem para... — ele parou, e sua cadeira raspou no chão quando ele se levantou. — Eu só sinto muito, ok?

Eu queria dizer a ele para parar. Confessar que estava acordada.

Viva.

Bem.

Mais ou menos.

Que eu estava ganhando tempo porque não queria lidar com a nova eu.

No final, mantive meus olhos fechados e o ouvi sair.

Minutos depois que a porta se fechou, abri meus olhos e me permiti chorar.



Um dia depois que Tucker terminou comigo em uma carta, decidi enfrentar as consequências.

Uma enfermeira entrou furtivamente em meu quarto como um rato, seus movimentos apressados e eficientes. Ela me olhou com uma mistura de cautela e curiosidade, como se eu fosse um monstro acorrentado à cama. Pela rapidez com que ela apareceu, deduzi que eles estavam esperando pelo momento em que eu abriria os olhos.

— Bom dia, Grace. Nós estávamos esperando por você. Dormiu bem?

Tentei assentir, lamentando o movimento ambicioso imediatamente. Minha cabeça girou. Parecia inchada e febril. Meu rosto estava totalmente enfaixado, algo que notei na primeira vez que acordei. Havia pequenas lacunas nos curativos das minhas narinas, olhos e boca. Eu, provavelmente, parecia uma múmia.

— Bem, vou interpretar esse pequeno aceno como um sim! Por acaso você está com fome? Adoraríamos tirar o tubo e alimentá-la. Posso mandar alguém buscar comida de verdade para você. Acho que vamos servir hambúrgueres de carne com arroz e bolo de banana. Você gostaria disso, querida?

Determinada a ressurgir das minhas próprias cinzas, reuni toda a força física e mental que possuía para responder: — Isso seria muito bom, senhora.

— Estará aqui rapidinho. E eu tenho mais boas notícias para você. Hoje é o dia. O Dr. Sheffield finalmente vai tirar os curativos! — Ela tentou injetar falso entusiasmo em suas palavras.

Eu virei o anel no meu polegar distraidamente. Eu não estava nem perto de estar pronta para ver o meu novo eu. Mesmo assim, estava na hora. Eu estava consciente, lúcida e precisava encarar as consequências.

A enfermeira preencheu o prontuário e saiu depressa. Uma hora depois, o Dr. Sheffield e a vovó entraram. Ela parecia um inferno. Magra, enrugada e sem dormir, mesmo com seu vestido de domingo. Eu sabia que ela estava morando em um hotel desde o incêndio e estava em uma guerra total com nossa seguradora. Eu odiava que ela estivesse passando por isso sozinha. Normalmente, era eu quem falava sempre que precisávamos resolver as coisas.

Vovó pegou minha mão e apertou contra o peito. Seu coração batia descontroladamente contra as costelas.

— Aconteça o que acontecer, — ela enxugou as lágrimas com dedos duros e trêmulos, — estou aqui para ajudá-la. Você ouviu isso, Gracie-Mae?

Seus dedos congelaram no meu anel.

— Você colocou de volta. — Sua boca se abriu.

Balancei a cabeça. Tive medo de começar a chorar se abrisse a boca.

— Por quê?

— Renascimento, — respondi simplesmente. Eu não tinha morrido como mamãe, mas eu precisei ressurgir das minhas próprias cinzas.

O Dr. Sheffield pigarreou, ficando entre nós.

— Pronta? — Ele me deu um sorriso apologético.

Eu dei a ele um sinal de positivo.

Aqui está o começo do resto da minha vida...

Ele removeu as ataduras lentamente. Metodicamente. Sua respiração soprou em meu rosto, cheirando a café, bacon, menta e aquele cheiro clínico de hospital, luvas de plástico e desinfetantes. Sua expressão não traiu seus sentimentos, embora eu duvidasse que ele tivesse algum. Para ele, eu era apenas mais um paciente.

Ele não me ofereceu nenhuma palavra de encorajamento enquanto eu observava a longa fita creme girando diante dos meus olhos, tornando-se mais longa. Dr. Sheffield removeu minhas esperanças e sonhos junto com o tecido. Senti minha respiração desvanecendo com cada torção de sua mão.

Tentei engolir o nó de lágrimas na minha garganta, meus olhos vagando para vovó, em busca de conforto. Ela estava ao meu lado, segurando minha mão com as costas retas e o queixo erguido.

Procurei pistas em sua expressão.

Enquanto as ataduras se enrolavam em uma pilha no chão, seu rosto se contorceu de horror, dor e pena. Quando partes do meu rosto ficaram expostas, parecia que ela queria murchar e desaparecer. Eu queria fazer o mesmo. Lágrimas picaram meus olhos. Eu lutei contra elas por instinto, dizendo a mim mesma que não importava. A beleza era uma amiga temporária; ela sempre se afastava de você

eventualmente – e nunca voltava quando você realmente precisava dela.

— Diga algo. — Minha voz estava grossa, baixa, insuportavelmente crua. — Por favor, vovó. Fale.

Eu gostava das vantagens da minha aparência desde que nasci. Sheridan High era tudo sobre Grace Shaw. Os olheiros de modelagem pararam vovó e eu quando visitamos Austin. Eu era a atriz mais proeminente nas peças da escola e membro da equipe de torcida. Era óbvio, senão esperado, que o esplendor da minha aparência abriria um caminho para mim. Com cabelos ricos e dourados como o sol toscano, nariz empinado e lábios atraentes, eu sabia que minha aparência era minha passagem só de ida para fora desta cidade.

— A mãe dela não valia nada, mas, felizmente, Grace herdou sua beleza,* — ouvi uma vez a Sra. Phillips dizer à Sra. Contreras no supermercado. *— Vamos apenas torcer para que ela se saia melhor do que a vadiazinha.

Vovó desviou o olhar. É realmente tão ruim assim? As ataduras haviam sumido completamente agora. Dr. Sheffield inclinou a cabeça para trás, inspecionando meu rosto.

— Eu gostaria de começar dizendo que você é uma garota de muita sorte, Srta. Shaw. O que você passou há

duas semanas... muitas pessoas teriam morrido. Na verdade, estou surpreso que você ainda esteja conosco.

Duas semanas? Eu estive nesta cama por quatorze dias?

Eu olhei para ele sem entender, sem saber o que ele estava olhando.

— As áreas infectadas ainda estão cruas. Lembre-se de que, à medida que sua pele cicatriza, ela se torna menos agitada e há uma série de possibilidades que podemos explorar mais adiante em termos de cirurgia plástica. Portanto, não desanime. Agora, você gostaria de olhar para o seu rosto?

Eu dei a ele um meio aceno de cabeça. Eu precisava acabar com isso. Ver com o que eu estava lidando.

Ele se levantou e caminhou até o outro lado da sala, tirando um pequeno espelho de um armário, enquanto minha avó desabou em cima do meu peito, seus ombros tremendo com um soluço que rasgou seu corpo esquelético. Sua mão úmida agarrou a minha como um torno.

— O que devo fazer, Gracie-Mae? Oh, meu senhor.

Pela primeira vez desde que nasci, uma onda de raiva me inundou. É minha tragédia, minha vida. *Meu* rosto. *Eu* precisava ser consolada. Não ela.

A cada passo que o Dr. Sheffield dava, meu coração caia um pouco mais. Quando ele alcançou minha cama, meu

coração estava em algum lugar aos meus pés, batendo com força.

Ele me entregou o espelho.

Eu o coloquei no rosto, fechei os olhos, contei até três e deixei minhas pálpebras se abrirem.

Eu não suspirei.

Eu não chorei.

Na verdade, não fiz som algum.

Eu simplesmente encarei a pessoa na minha frente – uma estranha que eu não conhecia e, francamente, provavelmente nunca seria amiga – vendo o destino rir na minha cara.

Aqui estava a verdade feia e desagradável: minha mãe morreu de overdose quando eu tinha três anos.

Ela não teve o renascimento que desejava. Ela nunca ressuscitou de suas próprias cinzas.

E, olhando para meu novo rosto, tive certeza que eu também não.



West

17 de novembro de 2015.

Dezessete anos de idade.

A melhor oportunidade para me matar se apresentou naquela estrada escura.

Estava escuro como breu. Uma fina camada de gelo cobria a estrada. Eu estava voltando da casa da minha tia Carrie, chupando um *candy cane*[1]. Tia Carrie mandava comida, mantimentos e orações para meus pais semanalmente. Parecia uma merda admitir, mas meus dois pais não conseguiam se arrastar para fora da cama – com ou sem sua oração religiosa.

Pinheiros ladeavam a estrada sinuosa para nossa fazenda, rolando por uma colina íngreme que fazia o motor roncar com o esforço.

Eu sabia que seria o acidente perfeito.

Ninguém assumiria de forma diferente.

Apenas uma terrível coincidência, tão perto da outra tragédia que atingiu a família St. Claire.

---

[1] Do original candy cane, que significa, literalmente, bengala doce.

Eu poderia praticamente imaginar a manchete amanhã de manhã no jornal local.

Garoto, 17, bate em cervos na estrada Willow Pass. Morre imediatamente.

O cervo estava parado ali, no meio da estrada, olhando preguiçosamente para o meu veículo, enquanto eu me aproximava em uma velocidade cada vez maior.

Eu não pisquei meus faróis. Eu não pisei no freio.

O cervo continuou olhando, enquanto eu pisava no acelerador, minhas juntas brancas enquanto eu apertava o volante.

O carro passou zunindo pelo gelo tão rápido que sacudiu com a velocidade, derrapando para frente. Eu não conseguia mais controlar isso. A roda não estava em sincronia com os pneus.

Vamos lá, vamos lá, vamos lá.

Eu fechei meus olhos e deixei acontecer, meus dentes batendo juntos.

O carro começou a engasgar, diminuindo a velocidade, mesmo quando eu pressionava meu pé com mais força no acelerador. Eu abri meus olhos.

Não.

O carro estava desacelerando, cada centímetro mais devagar do que o anterior.

Não, não, não, não, não.

A caminhonete morreu a um metro de distância do cervo, parando totalmente.

O animal idiota finalmente decidiu piscar e se afastar da estrada, seus cascos batendo contra o gelo com *estalidos* suaves.

Porra de cervo estúpido.

Porra de carro estúpido.

Foda-se eu também, por não me jogar para fora da maldita caminhonete quando ainda tinha a chance, direto do penhasco.

Ficou quieto por alguns minutos. Só eu, a caminhonete falecida e meu coração batendo, antes que um grito saísse da minha garganta.

— Poooooooorra!

Eu soquei o volante. Uma, duas... três vezes antes de meus dedos começarem a sangrar. Apoiei meu pé sobre o console e arranquei o volante da caminhonete, jogando-o no banco do passageiro e passando meus dedos pelo rosto.

Meus pulmões queimavam e meu sangue pingava por todos os assentos enquanto eu destruía tudo dentro da caminhonete. Arranquei o rádio de seu eixo, jogando-o pela janela. Esmaguei o para-brisa com meu pé. Quebrei o porta-luvas. Eu destruí o carro como o cervo não conseguiu.

E, no entanto, eu ainda estava vivo.

Meu coração ainda estava batendo.

Meu telefone tocou, sua melodia alegre me provocando.

Ele tocou de novo, e de novo e de novo, porra.

Eu o arranquei do bolso e verifiquei quem era. Um milagre? Uma intervenção celestial? Um salvador improvável que realmente se importava? Quem poderia ser?

Engano, provavelmente.

Claro.

Ninguém dava a mínima, mesmo quando diziam que sim. Eu arremessei meu celular na floresta, então saí do veículo e comecei minha caminhada de dezesseis quilômetros de volta para a fazenda dos meus pais.

Esperando realmente dar de cara com um urso e deixá-lo terminar o maldito trabalho.



Um

Grace

Presente

— Melhor invenção dos anos noventa: franja cortininha versus slap-bracelets[2]. Você tem cinco segundos para decidir. *Cinco*.

Karlie chupou sua raspadinha[3] de margarita, olhando para o telefone. Nuvens úmidas de calor cobriram o teto do food truck[4]. O suor encharcou meu moletom rosa. Estávamos no meio de uma onda de calor texana, embora estivéssemos alguns meses antes do verão.

Minha pesada camada de maquiagem estava pingando em meus tênis FILA em jorros laranja. Ainda bem que fechamos cinco minutos atrás. Eu odiava ficar do lado de fora de casa com menos de duas camadas grossas de base endurecida no rosto.

---

[2]Pulseira de pressão

[3]Raspadinha é uma sobremesa composta por gelo picado ou ralado e xarope, que pode vir em diversas cores e sabores.

[4] Food Truck: Caminhão/Trailer de comida.

Eu estava planejando um banho frio, comida quente e colocar o ar-condicionado no máximo.

— *Quatro,* — contou Karlie no fundo, enquanto eu rabiscava um anúncio de emprego. Meu corpo estava inclinado para a janela, para o caso de clientes tardios entrarem.

Karlie estava oficialmente reduzindo seus turnos, algo que sua mãe e dona do food truck, Sra. Contreras, não gostou muito. Obviamente, eu estava triste por não trabalhar mais com ela com tanta frequência. Karlie é minha melhor amiga desde que nós duas andávamos de fraldas no quintal uma da outra. Havia até uma foto nossa em algum lugar – provavelmente na sala da Sra. Contreras – sentadas em penicos roxos combinando, nuas, sorrindo para a câmera como se tivéssemos acabado de revelar os grandes segredos do universo.

Eu estava preocupada se quem for substituir Karlie – Karl para mim – não apreciar minha natureza sarcástica e abordagem rude da vida. Mas também entendia perfeitamente porque ela tinha que reduzir. A carga horária de aulas da Karl era insana. E isso sem todos os estágios extras que ela pegou para decorar seu currículo com experiência de trabalho em jornalismo.

— *Três.* Só há *uma* resposta correta, e nossa amizade está em perigo, Shaw.

Eu tampei a caneta com meus dentes e me inclinei para fora da janela, colando a placa na lateral da janela aberta.

Este Taco Truck está CONTRATANDO!

Precisamos de ajuda.

Quatro vezes por semana.

Fins de semana incluídos.

US $ 16 por hora mais gorjetas.

Se estiver interessado, fale com o gerente.

Eu abri minha boca para responder Karlie ao mesmo tempo em que levantei meu olhar. Meu corpo congelou, cada centímetro dele tomado por uma mistura de pavor e alerta.

Porcaria.

Uma manada de VIPs da Sheridan University caminhava em direção ao truck. Oito no total. Não era o fato de que eles frequentam a mesma faculdade que eu, que tornava uma merda. Não, eu estava acostumada a servir meus colegas.

Era *quem* eles eram na Sheridan University que me fez ter urticária.

Esses caras eram veteranos de alta mercadoria. A nata da cultura popular.

Lá estava Easton Braun, o quarterback mais quente que o inferno da Sheridan University, arrastando os dedos pelo cabelo cor de trigo em câmera lenta, como em um comercial de xampu anticaspa. Ele parecia assustadoramente perfeito. Como aqueles caras bem definidos que viviam na Terra Pinterest e têm veias nos braços tão grossas quanto cachorros-quentes.

Reign De La Salle, o linebacker com cachos macios e lábios carnudos. Um membro do SigEp[5], que supostamente dorme com qualquer pessoa viva (e mesmo isso não era obrigatório, desde que ele estivesse chapado o suficiente).

E então, havia West St. Claire, uma espécie completamente diferente de Braun e De La Salle. Um mito em Sher U. Ele estava em sua própria liga.

Ele não era um atleta, mas era de longe o mais famoso dos três. Mais conhecido por ser um valentão de cabeça quente, que domina o ringue de luta subterrânea local sem ser contestado. Rude, grosseiro e descaradamente indiferente às pessoas que não faziam parte de seu círculo restrito.

Mesmo eu, que não estava a par das fofocas da cidade, sabia que *ninguém* se metia com St. Claire.

Nem os habitantes da cidade.

Nem seus professores

---

[5]Sigma Phi Epsilon, vulgarmente conhecido como SigEp, é uma fraternidade social universitária para estudantes universitários do sexo masculino nos Estados Unidos.

Nem mesmo seus amigos.

Não ajudava que West St. Claire marque todos os clichês de deus do sexo na lista.

Seu cabelo escuro estava sempre bagunçado, e seus olhos esmeralda tinham aquele brilho perigoso, que prometia a você que sua vida nunca seria a mesma depois de um passeio em sua moto. Um metro e oitenta e cinco de pele dourada e músculos rígidos. Amplo, atlético e injustamente lindo, com sobrancelhas grossas e dramáticas, cílios que a maioria das estrelas matariam para ter e lábios estreitos pressionados em uma linha dura e formidável. Ele usava jeans Diesel, camisa desbotada, gasta e do avesso, botas Blundstone empoeiradas e sempre tinha um *candy stick*[6] de maçã verde enfiada no canto da boca, como um cigarro.

Ele era bastante conhecido como o maior partido da Sher U, só que ninguém o havia conquistado – e não por falta de tentativa.

As garotas com eles também eram familiares. Uma delas era até uma quase-amiga minha – Tess, uma beleza de cabelos negros com mais curvas do que o corpo de uma cobra. Ela se formará em teatro e artes, como eu.

— *Dois*! Eu gostaria de uma resposta agora, Shaw. — Karlie acenou com um microfone imaginário na minha cara,

---

[6] Do original, candy stick, o bastão doce, é basicamente aquelas balas em formato de tubos da marca Fini que temos aqui no Brasil.

mas não consegui encontrar minha voz, presa em um transe constrangedor.

— *Um.* A resposta correta era a franja cortininha, Grace. *Franja. Cortininha.* Quero dizer, oi, Kate Moss, por volta de 1998. Ícone da moda.

Todos estavam vindo em direção ao food truck, saindo do Sheridan Plaza, um shopping deserto do outro lado da rua.

O chamado shopping era uma estrutura de cimento nua que um bando de figurões começou a construir cinco anos atrás, antes de perceberem que não ganhariam nenhum dinheiro. Todo mundo comprava online, especialmente estudantes. As duas refinarias que deveriam abrir nas proximidades decidiram se mudar para a Ásia, então a migração em massa para Sheridan com a qual eles contavam não aconteceu.

Agora tínhamos uma estrutura monstruosa e vazia no meio da cidade.

Só que não estava tecnicamente vazio. Os estudantes universitários o usavam para raves, uma arena de luta subterrânea e ponto de encontros, sem pagar aluguel.

Esse pessoal provavelmente estava voltando de uma briga.

Tess riu, jogando o cabelo para um ombro e pulando nas costas de Reign, passando os braços em volta dos ombros dele.

— Balas de goma? Em uma raspadinha? Isso é tipo, loucura.

— Isso é tipo, orgástico, — Easton disparou de volta, a palma da mão enfiada no bolso de trás dos Daisy Dukes[7] de alguma loira. — Não acredito que nunca vim a este lugar antes.

— Os moradores adoram isso. Até Bradley, que é um adorador total do taco tradicional, veio aqui, — outra garota entrou na conversa. Eu abaixei meu queixo, colocando meu anel de polegar nos lábios, fazendo uma oração.

Eu odiava quando as pessoas olhavam diretamente para meu rosto.

Principalmente pessoas da minha idade.

Especialmente pessoas como Easton Braun, Reign De La Salle e West St. Claire.

Especialmente quando eu sabia que eles teriam duas reações possíveis: eles ficariam com nojo pela cicatriz sangrenta sob a minha maquiagem, ou pior... eles teriam pena de mim.

---

[7] Daisy Duke é um tipo de shorts curtos. Nomeado assim, pois era usado pela personagem interpretada por, Catherine Bach, da série The Dukes of Hazzar nos anos 80.

Embora, provavelmente fosse uma mistura de ambos.

Eu puxei meu boné para baixo. Suas vozes ficaram mais altas. O ar ao meu redor preencheu-se com risos ásperos e gritos femininos suaves. O cabelo fino da minha nuca arrepiou.

— Oh, droga, — sussurrou Reign, dando à Tess uma carona nas costas sem nem mesmo suar. — Antes que eu esqueça. Quando chegarmos ao truck, verifique a garota que anota o pedido. Gail, ou Gill, ou sei lá o quê. Todo o lado esquerdo do rosto está desfigurado. Roxo como uma uva. Também tem uma bela tez de Rice Krispy[8]. Tipo, você não pode *realmente* ver tudo porque ela coloca maquiagem pesada, mas está lá. Aparentemente, as pessoas por aqui a chamam de Tostada.

Reign não queria que eu ouvisse. Ele estava claramente fazendo um péssimo trabalho. Não que isso importasse. A bile subiu pela minha garganta. O gosto azedo encheu minha boca. Eu estava enfrentando outro momento de tirar as ataduras e não estava pronta.

Tess deu um tapa na nuca dele. — O nome dela é Grace, seu imbecil, e ela é super legal.

Easton olhou para Reign. — Sério? O que há de errado com você, idiota?

---

[8] Referência ao rosto dela ter ondulações como o doce Rice Krispy.

— Ele está certo, no entanto. — Tess baixou a voz, esquecendo o eco que a vastidão do nada ao nosso redor criava. — Fazemos o mesmo curso, então eu a vejo o tempo todo. É triste, porque por outro lado, ela é *tão* bonita. Tipo, imagine como é quase ter tudo. Ela não consegue nem fazer nenhuma das coisas práticas do teatro porque ela tem vergonha do seu rosto.

Tess estava se referindo àquela vez em que entrei em um teste no primeiro ano e desabei na frente do diretor quando ele me pediu para fazer minhas falas. Foi muito público, muito embaraçoso, e o assunto da cidade naquele semestre.

— Oh, — A loira, ao lado de Easton, colocou a mão em seu coração. — Isso é tão triste, Tessy. Você está me dando arrepios.

— Eu me pergunto o que aconteceu com ela, — outra garota murmurou.

— Terra chamando Major Shaw? Você está comigo? — Karlie colocou a cabeça atrás do meu ombro para ver o que havia me transformado em uma estátua.

Eles pararam na nossa frente. Treinei meu rosto para parecer calma, entediada, mas meu coração batia tão violentamente dentro do meu peito que pensei que fosse explodir meus ossos, quebrando sua jaula ao meio.

Eu belisquei o pulso de Karlie sob a janela, sinalizando, *eles estão muito atrasados,* rezando para que ela me deixasse mandá-los embora.

Karlie tapou a boca com a mão, como se todo o clã Kardashian estivesse parado ali.

— Mana, estamos servindo-os. Sobraram muitos ingredientes. Você sabe que Mamãe Contreras não brinca quando se trata de sobras. Além disso, — ela me beliscou de volta, — são *eles*!

Morávamos em uma pequena cidade universitária onde todos se conheciam, nosso time de futebol D1 era adorado como uma religião, os dias de jogo eram a missa, Easton Braun e Reign De La Salle eram santos e West St. Claire era Deus. Não poderíamos recusá-los, mesmo que chegassem às três da manhã e pagassem com cabelo humano.

— Olá, Grace! — Tess se retirou de Reign, rondando o truck néon verde azulado, enquanto examinava o menu sob a janela.

— Oi, Tess. Vocês estão tendo uma boa noite?

— Incrível, obrigada. Reign aqui diz que você tem raspadinhas de margarita com balas de goma. É verdade?

Muitos clientes ficavam desapontados com o fato de que os chamávamos de margaritas quando não havia tequila dentro. — Claro que sim. Virgem, no entanto.

— Não esperaria mais nada de você, — Reign disse, sussurrando novamente. As meninas caíram na gargalhada. Para manter meu emprego – e minha bunda fora da prisão – eu ignorei sua indireta.

Tess deu um soco em seu braço. — Não ligue para ele. Podemos ter dez para viagem? E vinte tacos, por favor. — Ela deu outra sacudida no cabelo brilhante. — Oh, oi, Charlie.

Karlie acenou para Tess atrás de mim, sem se preocupar em corrigi-la. Eu odiava ser a única trabalhando na janela da frente, mas a Sra. Contreras e Karlie insistiram nisso. Elas queriam que eu saísse da minha concha, enfrentasse o mundo, blá, blá, blá.

— Casca macia ou crocante? — Eu perguntei.

— Meio a meio.

— É pra já.

Eu comecei a trabalhar, estalando e abrindo um par de luvas elásticas pretas. Comecei com as cascas crocantes primeiro. Elas eram mais difíceis de trabalhar. Ficavam quebrando o tempo todo, então eu gostava de tirá-las do caminho. Vovó sempre disse que as pessoas eram como tacos – quanto mais duras, mais fácil quebrariam. Ser suave significa ser adaptável, mais flexível.

— Quando você é suave, você pode se controlar mais. E se você consegue se controlar mais, o mundo não pode quebrar você.

Senti os olhos de todos no meu rosto, enquanto enfiava alface picada, cream cheese e guacamole caseira da Sra. Contreras nas brechas minúsculas dos tacos. Karlie virou o peixe na grelha, saltando nas solas dos pés com entusiasmo.

Na minha visão periférica, pude ver Reign empurrando o cotovelo no lado de uma garota, sacudindo a cabeça em minha direção.

— *Psiu*. Violência doméstica?

— Incêndio, — a garota sugeriu, tentando descobrir como eu consegui a cicatriz.

— Cirurgia plástica ruim, — uma terceira tossiu em seu punho. Todos eles riram.

O calor subiu pela minha nuca.

Mais cinco minutos e pronto.

Você passou por fisioterapia, cirurgias e reabilitação.

Você pode sobreviver a esses idiotas.

Quando eu pensei que as coisas não poderiam piorar, West St. Claire finalmente decidiu ver do que se tratava todo o drama. Ele deu um passo mais perto do truck. Seus olhos

se fixaram no lado esquerdo do meu rosto, percebendo minha existência pela primeira vez nos dois anos que frequentamos a mesma faculdade, embora tivéssemos três aulas juntos. Eu engoli, tentando empurrar para baixo a bola de vômito do tamanho de uma bola de beisebol na minha garganta.

Terminei os tacos crocantes e comecei os moles. West deu mais um passo, sem se preocupar em esconder seu fascínio pela minha cicatriz. Eu me senti nua e crua sob o seu olhar e quase suspirei de alívio quando seus olhos se desviaram da minha bochecha, pousando no cartaz de *procura-se*. Eu arrisquei um olhar rápido para ele. Se ele lutou esta noite, eu não poderia dizer. Ele parecia relaxado e quieto. Quase, tranquilo.

— Procurando um emprego? — Reign deu uma risadinha.

— Sério, Reign, cala a boca, — Easton, que provavelmente era o mais legal dos três, rosnou.

West arrancou o papel do truck, enrolando-o no punho e enfiando-o no bolso de trás da calça jeans.

— Selvagem, — Reign resmungou, tentando segurar uma gargalhada, o rosto voltado para o céu.

— Muito rude, West. — A voz de Tess não continha o mesmo tom severo de quando ela repreendeu Reign. — Por que você fez isso?

West ignorou-os, virando a cabeça para olhar diretamente para mim. Ele rolou o *bastão doce* na boca como um palito de dente, dando-me um olhar que carregava uma pergunta nele.

O que você vai fazer sobre isso, Tostada?

Servi as raspadinhas de margarita em tempo recorde e calculei a conta de Tess, enquanto Reign, Easton e o resto das garotas corriam em direção à beira do estacionamento para comer. West ficou ao lado de Tess, seus olhos ainda presos na minha cicatriz.

Eu me preparei para um insulto, minha concha endurecendo como um taco.

— Então, eu queria perguntar, — Tess ronronou, pegando seu pulso e virando-o com a palma da mão para cima, para que a parte interna do seu bíceps ficasse totalmente à mostra. — O que sua tatuagem significa? O que significa a letra A?

Meus olhos me traíram e eu roubei um rápido olhar sobre o que ela estava falando. Era uma tatuagem simples da letra A. Nenhuma fonte especial ou desenho. Apenas uma letra, em Times New Roman.

— Provavelmente *arrogante*, — eu murmurei baixinho.

Ambos os seus olhares voaram até mim.

Senhor. Eu disse isso em voz alta. Uma idiota prestes a morrer. O que eu estava pensando?

Você estava pensando que ele é um arrogante. Porque ele é.

— Grace. — Tess deu um tapa na boca. — Que vergonha.

West cuspiu o *doce* no chão, seus olhos maliciosos e ferozes em mim. Minha cabeça estava perigosamente perto de explodir com todo o sangue correndo para ela. Depois de um longo período de silêncio, ele finalmente deu um tapa com duas notas de cem dólares na palma da mão de Tess, se virou e foi embora com a graça de um gato, pagando pela comida e bebida de todos. Tess revirou os olhos, entregando-me o dinheiro.

— Desculpe pelo anúncio de emprego. West tem uma tendência um pouco má. Ele é meu trabalho em progresso.

— Não é sua culpa.

Tirei as luvas de plástico e entreguei o troco à Tess. Ela agarrou minha mão e engasgou. Seu contato pele a pele inesperado me fez estremecer. Eu não estava acostumada a ser tocada.

— Anel legal! Onde você conseguiu isso?

— Era da minha mãe. Aqui está seu troco.

— Fique com ele.

Eu levantei uma sobrancelha cética. Isso era uma gorjeta e tanto.

— Tem certeza disso?

Ela assentiu.

— Ele que se dane por agir daquele jeito. Você sabe, West realmente tem uma má reputação, mas honestamente, ele é um grande molenga. Ele pode ser, tipo, super doce quando quer.

Eu não estava convencida de que West era outra coisa senão um psicopata furioso, mas essa não era uma conversa que eu estava ansiosa para desenvolver. Eu queria sair daqui, apagar esta noite do meu banco de memória e assistir a uma repetição de *Friends* até que minha fé na humanidade fosse suficientemente restaurada.

— Tudo bem, — eu disse robótica. — Obrigada por passar por aqui e fazer compras no That Taco Truck.

Tess me deu um sorriso deslumbrante e se virou, correndo na direção de seus amigos.

Eu a segui com meus olhos. Ela cortou entre as dunas douradas emoldurando o estacionamento, direto para seus amigos populares. Eles tilintaram suas raspadinhas juntos, rindo, conversando e comendo. Meu intestino torceu.

Eu poderia ter sido Tess.

Correção: eu *era* Tess.

Acho que essa era a parte que mais odiava na minha vida. Eu já fui uma Tess. Exibindo minhas pernas com pequenos shorts. Saindo com pessoas como West, Easton e Reign. Sentada na traseira de suas motos, enquanto eles a empinavam na velha estrada de terra na periferia da cidade, perto da torre de água. Explicando aos pobres mortais como funcionava a mente e a alma de West St. Claire, revelando-lhes um segredo exótico.

Abaixei a janela do food truck. Quando me virei, Karlie gritou, mal contendo sua excitação. Ela bateu sua mão na minha em um "toca aqui". Minha melhor amiga tinha um metro e meio de altura em um dia bom. Bronzeada e curvilínea, ela tinha um rosto redondo e lindo, com uma constelação de sardas que se estendia de uma bochecha a outra. Em uma outra época, quando fui designada a líder da nossa escola, eu a permiti andar com as crianças legais. Mas isso foi há quatro anos. Eu não podia mais oferecer a ela esse privilégio.

— Easton Braun e Reign De La Salle, cara. Eu gostaria de ser o pastrami[9] entre seus pães. — Ela se abanou. — Mas West St. Claire era o cheddar no taco. Acho que ele lutou hoje.

---

[9] Pastrami é um produto de carne geralmente feito de carne bovina, e às vezes de carne de porco, carneiro ou peru.

— Não pareceu para mim que ele foi espancado. — Desliguei a grelha, tirando os produtos de limpeza do armário ao lado da geladeira.

— Isso porque ele limpa o chão com esses caras. Porém, eu ouvi que, às vezes, ele os deixa dar um ou dois socos, só para que as pessoas apostem em outra pessoa. Deus me ajude, seus *olhos*. — Karlie chupou o resto da raspadinha antes de jogá-la no lixo. — Eles são, tipo, verde radioativo. E você pode forjar metal com as maçãs do rosto. Sério, ele poderia destruir minha vida, e eu literalmente diria obrigada.

Eu grunhi, jogando água na grelha. Ela lançou fumaça em meu rosto.

— Vamos lá. Dê-me algo. A grade estava alta demais para eu ouvir qualquer coisa. Eles disseram algo interessante? Alguma fofoca? — Ela me cutucou.

Eles disseram que eu era uma aberração.

— Eles estavam muito ocupados, então não havia muita conversa coerente acontecendo. Mas eles ficaram loucos pelas raspadinhas de margarita. — Eu esfreguei a grelha.

— Uau. Totalmente fascinante. — Ela revirou os olhos. — Você acha que Tess e West estão namorando?

— Provavelmente. Eles vão formar um casal brega, no entanto. Seus nomes rimam, pelo amor de Deus.

— Casal? Tess pode continuar sonhando. West só fica por uma noite. Isso é um fato conhecido.

Eu ofereci um encolher de ombros. Karlie me deu um empurrão exasperado.

— Deus, você é a pior fofoqueira de todas. Eu nem sei por que me preocupo. Última pergunta: do ponto de vista terapêutico, você prefere perseguir na Internet todas as pessoas no vídeo 'Black or White' de Michael Jackson e pirar sobre a idade delas hoje, ou dar à Barbie um penteado Joe Exotic?

— A última, — respondi, com um sorriso cansado, percebendo o quanto eu sentiria falta dela quando ela encontrasse um novo funcionário para assumir a maioria de seus turnos. — Eu daria um penteado para a Barbie, então a vestiria como uma cowgirl, a colocaria em seu conversível glamoroso e postaria um vídeo no TikTok dela cantando Bratz Dolls Ate My Pet.

Karlie jogou a cabeça para trás e riu. Espiei em seu espelho de bolso, que estava no parapeito da janela, verificando minha maquiagem.

A cicatriz estava quase toda escondida.

Soltei um suspiro de alívio.

O taco crocante sobrevive mais um dia. Rachado, mas não quebrado.



Cheguei em casa às onze. Vovó estava sentada à mesa da cozinha em seu vestido esfarrapado, o rádio ao lado dela tocando Willie Nelson no máximo.

Vovó Savvy sempre foi uma mulher excêntrica. Ela era a senhora que ia com suas fantasias a cada Halloween para dar as boas-vindas às travessuras. Que pintava figuras engraçadas – muitas vezes inadequadas – nos vasos de plantas em seu jardim da frente, dançava em casamentos como se ninguém estivesse assistindo e chorava assistindo aos comerciais do Super Bowl. Vovó sempre foi peculiar, mas, recentemente, também estava confusa. Muito confusa para ser deixada sozinha por mais tempo do que os dez minutos entre o momento em que sua cuidadora Marla ia para casa, e eu estacionava em nossa garagem.

Eu tinha três anos quando minha mãe, Courtney Shaw, teve uma overdose. Ela estava deitada em um banco no centro de Sheridan. Um estudante a encontrou. Ele tentou cutucá-la com um galho. Quando ela não acordou, ele enlouqueceu e gritou loucamente, atraindo metade dos alunos da nossa cidade e alguns de seus pais.

A notícia se espalhou, fotos foram tiradas e os Shaw se tornaram oficialmente a ovelha negra de Sheridan. Naquela época, vovó era a única mãe que eu conhecia. Courtney jogava um jogo de portas giratórias com uma série de namorados drogados. Um deles era meu pai, presumi, mas nunca o conheci.

Vovó nunca perguntou quem era meu pai. Ela provavelmente estava receosa de abrir aquela lata de vermes e travar uma batalha pela custódia com Deus-sabe-quem. As chances de meu pai ser um trabalhador respeitável ou um participante da missa de domingo não eram exatamente altas.

Vovó me criou como sua própria filha. Era justo, agora que ela não era totalmente independente, que eu ficasse por perto e cuidasse dela. Além disso, não era como se as ofertas de emprego estivessem chegando de Hollywood e eu estivesse perdendo uma grande carreira.

Reign De La Salle foi maldoso, mas não estava errado. Com um rosto como o meu, o único papel que eu poderia pegar é o de um monstro.

Entrei na cozinha, dando um beijo na nuvem de cabelos brancos de algodão-doce da vovó. Ela pegou meu braço e me puxou para um abraço. Soltei um suspiro agradecido.

— Oi, vovó.

— Gracie-Mae. Eu fiz torta.

Ela se apoiou na mesa, levantando-se com um gemido. Vovó se lembrou do meu nome. Sempre um bom sinal, e provavelmente o motivo de Marla a deixar ficar aqui sozinha antes de eu chegar.

Mesmo depois de refazermos grandes pedaços da nossa casa, que era estilo rancho, após o incêndio, vovó foi a uma loja de artigos usados do Exército da Salvação[10] e comprou os móveis mais antigos e incompatíveis que conseguiu encontrar. Era como se ela fosse alérgica ao bom gosto, mas como acontece com todas as peculiaridades que pertencem a alguém que você ama, você aprende a encontrar a beleza neles.

— Não estou com muita fome, — menti.

— É uma receita nova. Encontrei em uma das revistas que eles têm no consultório do dentista. Marla desmoronou com alguma coisa, Deus a abençoe. Não conseguia sentir o gosto de nada. Ela queria tanto experimentar.

Sentei-me obediente à mesa, enquanto ela deslizava um prato com uma fatia de torta de cereja e um garfo em minha direção. Ela deu um tapinha nas costas da minha mão na mesa.

— Agora, não seja tímida, Courtney. Não com sua mãe. Coma.

---

[10]O Exército de Salvação é uma denominação cristã protestante e uma das maiores instituições de caridade do mundo.

Courtney.

Bem, isso não durou muito. Vovó me chamava de Courtney com frequência. Nas primeiras vezes depois que aconteceu, eu a levei para fazer alguns exames, ver o que causou o esquecimento. O médico disse que não era Alzheimer, mas que voltasse no ano que vem se as coisas piorassem.

Isso foi há dois anos. Ela não concordou em voltar desde então.

Coloquei um pedaço da torta de cereja na boca. Assim que a torta atingiu o fundo da minha garganta, ela obstruiu e disparou uma mensagem ao meu cérebro:

Abortar a missão.

Ela fez isso de novo.Confundiu sal com açúcar. Ameixas por cerejas. E – quem sabe? – talvez veneno de rato para farinha também.

— Tão bom quanto molho de carne, hein? — Ela se inclinou para frente, apoiando o queixo nos nós dos dedos. Eu balancei a cabeça, pegando o copo de água ao lado do meu prato, engolindo-o de uma vez. Eu olhei para o meu telefone na mesa. Ele brilhou com uma mensagem.

Marla: Avisando: a torta da sua avó está particularmente ruim hoje.

Meus olhos lacrimejaram.

— Eu sabia que você gostaria. Torta de cereja é a sua favorita.

Não era. Era de Courtney, mas eu não tive coragem de corrigi-la.

Engoli cada mordida sem sentir o gosto, até a última migalha, superando o desconforto. Em seguida, joguei um jogo de tabuleiro com ela, respondendo a perguntas sobre pessoas que não conhecia e com quem Courtney era associada, coloquei minha avó na cama e dei um beijo de boa noite nela. Ela segurou meu pulso antes que eu me levantasse para sair, seus olhos como vaga-lumes dançando no escuro.

— Courtney. Você, minha doce criança.

A única pessoa que me amava pensava que eu era outra pessoa.



Dois

Grace

Na manhã seguinte, cheguei cedo ao food truck para adiantar algumas coisas antes da hora de abertura. A feira livre de Sheridan ficava aberta aos sábados, o que significava mais concorrência, mais comidas do truck, mais interação humana e seu subproduto – mais maquiagem. Eu coloco tanta maquiagem no meu rosto aos sábados que dou aos palhaços da festa uma corrida pelo dinheiro.

O lado bom: não era dia de rodeio. Recusei-me a fazer o turno quando havia rodeio, desde que um cliente comparou meu rosto a um cavalo e explicou que o garanhão venceria no departamento de beleza.

Karlie estava atrasada, o que não era incomum. Mesmo sendo uma das pessoas mais trabalhadoras e focadas que conheço, ela conseguia dormir durante qualquer coisa, incluindo uma Guerra Mundial. Eu não me importava com seus atrasos tanto quanto eu provavelmente deveria. As Contreras me pagam bem, fornecem turnos flexíveis e Karlie provou ser uma amiga incrível nos últimos quatro anos.

Lavei e cortei peixes, fatiei legumes, fiz as margaritas congeladas e reescrevi e pendurei a placa de *procura-se* no truck. Minha melhor amiga entrou tropeçando às quinze para as nove. Ela usava grandes fones de ouvido rosa e uma blusa com Bart Simpson nela.

— Hola. Tudo bom? — Ela estourou o chiclete de melancia na minha cara, tirando os fones de ouvido. “Rebel Girl” de Bikini Kill, tocava neles antes que ela desligasse seu aplicativo de música. Enfiei o pegador em suas mãos.

— Acordei sentindo que algo ruim vai acontecer hoje.

Isso não era mentira. Acordando hoje, percebi que o anel de chamas em meu polegar finalmente sucumbiu à idade e metade dele se quebrou, deixando apenas o arco e a outra metade da chama.

Estava quarenta graus lá fora – tão quente que você poderia fritar um ovo no concreto – e provavelmente dez graus mais quente no truck. Algo sobre hoje parecia diferente. Monumental, de alguma forma. Como se meu futuro estivesse suspenso sobre minha cabeça, ameaçando explodir sobre mim.

— Vai ficar tudo bem hoje. — Ela largou a mochila no chão, estalando a pinça na minha cara. — Bem, mas ocupado. Já existe uma fila lá fora. Melhor levar sua bunda para sua janela, Julieta.

— Se Romeu comer tacos de peixe às nove da manhã, prefiro ficar solteira. — Eu ri, sentindo-me um pouco mais como eu novamente e um pouco menos como a garota lamentável que West St. Claire me fez sentir na noite passada.

A Sra. Contreras insistia em servir apenas tacos de peixe da sua receita especial. Nada de Tex Mex[11] neste food truck. Fazíamos apenas um tipo de taco, mas éramos as melhores nisso.

— Ah, esse é o ângulo que Shakespeare não expandiu. Romeo morreu do hálito de taco de peixe da Julieta, não de veneno.

— E a adaga da Julieta? — Eu lancei à Karlie um olhar divertido. Ela fingiu enfiar a pinça no estômago como se fosse uma espada, segurando o pescoço enquanto sufocava.

— Pinças também podem ser mortais.

Abri a janela do truck com um sorriso, determinada a afastar a noite passada da minha mente.

— Bom dia e bem-vindo ao That Taco Truck! Como posso ajudar...

A última palavra ficou presa na minha garganta quando vi seu rosto. Uma fila de pessoas se arrastava atrás dele.

---

[11]A comida tex-mex é o resultado de uma cozinha que reflete a história e a cultura que existe entre o Texas e o México, uma mistura da evolução e da adaptação das duas cozinhas.

West St. Claire.

Meu sorriso se dissolveu.

Por que ele voltou?

— Isso é sobre a gorjeta que Tess deixou ontem? Porque você pode ter isso. Talvez compre algumas maneiras. — Meu intestino apertou, minha boca mais rápida do que meu cérebro.

Por que insisto em ser assassinada socialmente? Eu sou inconscientemente suicida? De qualquer forma, não me arrependo do que disse. Eu duvido que West queira tacos ou uma conversa civilizada. Eu sabia que ficar cara a cara com um garoto como ele era uma má ideia, mas ele foi frio e maldoso ontem, e eu não pude deixar de questioná-lo sobre isso.

West parece não ter dormido a noite toda. Ele ainda está usando a mesma combinação de jeans e camisa desbotada, seu olhar firme e entediado me fazendo sentir como lixo. Seus olhos estavam vermelhos.

Sem palavras, West me entregou uma bola de papel. Eu imediatamente a reconheci. Meu rosto ficou nublado quando o desdobrei. Era o anúncio que ele havia arrancado do truck ontem.

— Já fiz um novo, — rebati, jogando o papel na lata de lixo sob meus pés. — Posso fazer mais alguma coisa por você?

— Chame o gerente, — ele cortou.

Isso me pegou de surpresa. Em primeiro lugar, ele realmente falou. Eu nunca o tinha ouvido falar antes. Sua voz combina com sua aparência. Baixa, enfumaçada e depravada. Em segundo lugar, fiquei chocada ao saber que ele falou *comigo*. Mas, acima de tudo, fiquei surpresa que ele teve a audácia de me dar uma ordem.

— Eu imploro seu perdão? — Eu levantei uma sobrancelha. Minha sobrancelha direita e boa. A esquerda não existia mais. Eu a faço a lápis, no entanto, e como sempre uso meu boné cinza, as pessoas mal sabiam. Os clientes atrás dele perdem a paciência, balançando a cabeça, saltando sobre os pés. Claro, ninguém realmente *disse* nada para West St. Claire. Deus me livre alguém o incomodar por causa de seu comportamento.

— Gerente. Também conhecido como responsável por este truck. Você é lerda?

— Não, estou indignada.

— Bem, apresse-se e me tire de suas mãos, então. Ligue para o seu supervisor.

Seus olhos estavam mortos nos meus. De perto, eles não eram exatamente verdes. Eles eram uma mistura selvagem de sálvia e azul, com bordas jade escuro.

Ele e seus amigos se divertiram adivinhando o que aconteceu com meu rosto na noite passada. West me

examinou como se eu fosse uma aberração de circo. Eu me sentia como um animal de três cabeças enjaulado. Desesperada para dobrar as barras, atacar e rasgá-las em pedaços com minhas garras pontudas.

De volta à realidade, alisei o envoltório de náilon que impermeabilizava o guacamole e os ingredientes no balcão.

— Desculpe-me por ser franca, mas as chances de você querer trabalhar neste food truck são semelhantes às chances de eu entrar para o Bolshoi. Agora, continue com o seu pedido ou siga em frente. Tenho clientes esperando.

— *Gerente. Agora*, — ele repetiu, ignorando minhas palavras. Senti minhas narinas dilatadas de frustração. Ouvi dizer que ele era intenso, mas experimentar em primeira mão me fez sentir como se alguém tivesse colocado meu coração no liquidificador e me forçado a vê-lo ser transformado em um purê.

O rosto de Karlie apareceu atrás de mim. Ela gritou de surpresa quando o viu.

— Oh, meu Deus. Quero dizer, oi. West, certo?

Suave. Ela o reconheceria no traje de mascote de caranguejo da Sheridan University.

Ele a olhou, sem se preocupar em confirmar sua identidade. Karlie estendeu a mão pela janela. Ele fingiu não notar.

Ela puxou de volta para seu lado, rindo.

— Eu sou Karlie. Vamos para Sher U juntos. Eu sou a gerente aqui. Bem, a filha dela de qualquer maneira. Como posso ajudar?

— Estou aqui para o trabalho.

— Sério?

— Como um ataque cardíaco.

E tão mortal quanto. Afaste-o, Karl.

— Fantástico. Você está contratado, — ela cantou, não perdendo um único batimento cardíaco.

Uma risada histérica e aguda explodiu involuntariamente de mim. Karlie e West se viraram para mim como se eu fosse louca. Espere... eles estavam falando sério? Eu olhei entre eles, um calafrio percorreu minha espinha. Uma senhora idosa atrás de West pigarreou, acenando para mim como se eu fosse a pessoa responsável pelo atraso.

— Você está brincando, certo? — Eu me virei para Karlie.

Ela estremeceu.

— Quero dizer, nós *realmente* precisamos de outro funcionário...

West sacudiu o queixo nas minhas costas, focando em minha melhor amiga agora. — Vamos levar isso para algum lugar privado.

— Suba pela porta.

Nos minutos seguintes, o tempo mudou de lado. Karlie e West correram para a traseira do truck, enquanto eu permanecia na janela, atendendo aos clientes. Dez minutos depois, Karlie saiu do truck, tirou o anúncio de emprego e voltou para dentro.

— Parabéns! Você tem um novo colega de trabalho, — ela cantou, arrastando-se de volta para a grelha, virando um pedaço de peixe que estava carbonizado há dez minutos.

Eu a ignorei, preparando tacos o mais rápido que pude e me convencendo internamente de que minha vida não havia acabado e West St. Claire não iria me matar como parte de uma aposta elaborada.

— Shaw, você me ouviu? — O peixe branco que Karlie estava virando não parava de se quebrar em pedaços pequenos e moles. Eu estava com calor, suada, furiosa e cheia de lama escura e amarga. Eu tinha certeza que se me cortasse com a faca que segurava para furar o saco de queijo ralado, seria o que veria. Uma gosma preta deslizando de minhas veias.

— Alto e claro. Só achei que você me deixaria pensar sobre isso, visto que serei eu quem trabalhará com a sua substituição.

— Me ouça. Ele é o gato mais notório da faculdade de Sheridan. Ele poderia trazer uma tonelada de clientes para o truck. Eu não podia dizer não, e sabia que você ficaria duvidosa sobre isso.

— Certo. — Inclinei-me para frente, entregando a um cliente seu taco de peixe queimado com um sorriso falso. Quando terminei o ensino médio, fiquei em dúvida sobre ir à faculdade. Meus instintos me diziam para me esconder do mundo, voltar para as sombras e viver na solidão. Mas eu aprendi rapidamente que não tinha muita escolha. Eu tinha que sair e ganhar dinheiro. Como já tinha o inconveniente de mostrar meu rosto às pessoas, concluí que a faculdade era uma solução prática, embora cruel, para conseguir um emprego decente.

— Ele quer um emprego, não é? — Eu estava com sorte. — Aposto que ele precisa desesperadamente do dinheiro, visto que não está lucrando no Plaza.

Eu sabia que West St. Claire ganhava dinheiro com essas lutas. O boato era que ele ganhou oitenta mil no ano passado no Plaza, entre vender ingressos, fazer apostas e cobrar uma fortuna por cerveja aguada.

— Eu perguntei a ele sobre isso. Ele disse que precisava complementar sua renda.

— Ele precisa complementar suas maneiras, — retruquei.

— Por quê? Ele foi cruel com você? — As sobrancelhas de Karlie se juntaram.

Só de pensar na noite passada, eu me enfurecia. Eu desviei o olhar, mudando de assunto.

— E de qualquer forma, o que você quer dizer com você sabia que eu ficaria duvidosa sobre isso?

— Vamos lá. — Ela jogou os braços no ar como se nós duas soubéssemos a resposta para essa pergunta.

— Vamos lá, o quê?

— Sério? Bem. Eu vou em frente e dizer isso. Mas prometa que você não vai ficar brava.

— Eu não vou ficar brava.

Eu *já* estava furiosa.

— Bem, a verdade é que você tende a se intimidar com as pessoas, Shaw. Então, você vai e baseia sua opinião sobre o que você *acha que* eles são.

— Eu não!

— Faz também. Olhe para você. Você está furiosa porque contratei alguém que você nem conhece, só porque ele tem uma reputação. Adivinha? Todos nós temos uma reputação. Desculpe, Grace, mas é verdade. Eu sou o gênio

que sabe-tudo com a obsessão pelos anos noventa; você é a garota emo, com a cicatriz. Estamos todos categorizados. Estereotipado por nossas falhas e fraquezas. Bem-vinda à vida. É uma vadia e depois você morre.

Temendo dizer algo do qual me arrependeria, mantive minha boca fechada. Karlie parou de jogar peixes extra mortos, girou e agarrou meus ombros, forçando-me a encará-la. Ela massageou meus ombros através do meu moletom rosa.

— Olhe para mim, Shaw. Você está ouvindo?

Eu ofereci a ela um grunhido.

— Talvez ele seja legal.

— É provável que ele seja ruim.

Eu sabia que estava deixando minhas inseguranças levarem o melhor de mim, mas com base em sua aparência, reputação e status social, West St. Claire era um candidato perfeito para arruinar minha vida.

— Se ele for mal depois do primeiro turno, me avise e eu vou chutá-lo. Sem perguntas. Nem mesmo uma. — Karlie me forçou a um aperto de mão, fazendo um acordo unilateral comigo. — Você tem minha palavra. Eu sei que você acha que estou impressionada, mas para mim ele é apenas um colega estudante procurando ganhar um dinheirinho extra. Estou me afogando em trabalhos escolares e meus estágios vão ocupar o banco da frente assim que terminarmos este ano.

Eu preciso disso. Agora, você pode parar de ficar de mau humor?

Infelizmente, Karlie fazia sentido. West não tinha me ofendido, tecnicamente. Na verdade, ele me deu uma bela gorjeta e nem mesmo pediu de volta.

— Tudo bem.

Ela sorriu, voltando-me para a fila de pessoas esperando por sua comida.

— Essa é minha garota. Rápido, me diga se você pode vê-lo no estacionamento. Perguntei se ele poderia começar hoje e me assistir trabalhando na grelha, mas ele disse que tinha planos. Ele ainda está por aí?

Eu estiquei meu pescoço, agradando-a com relutância. Eu o avistei imediatamente, o efeito colateral de ele ser uma cabeça mais alto que o resto da humanidade. Ele estava encostado em sua monstruosa Ducati M900 2016 vermelha, seus óculos de sol Wayfarer intactos.

Eu reconheci a garota com ele, mesmo por trás.

Cabelo negro, pernas bronzeadas sem fim e os mesmos shorts minúsculos que não cobriam um lápis. Tess. Ela conversava com ele animadamente, jogando o cabelo e rindo. Eles provavelmente passaram a noite juntos. West não respondeu ao que ela estava dizendo. Ele se virou, colocou um capacete na cabeça dela com um movimento brusco,

prendeu-o ao redor do queixo e subiu na moto. Ela deslizou atrás dele, serpenteando seus braços ao redor de seu torso.

Ele pegou uma das mãos dela e a colocou sobre a virilha.

— Sim. Prestes a cavalgar para o pôr do sol, ou para a clínica de DST mais próxima, com Tess Davis. — Eu acidentalmente esmaguei uma casca de taco crocante, enquanto eles zuniam pelo estacionamento, nuvens de poeira cobrindo suas figuras.

Karlie fez uma careta. — Ela sempre atrai o melhor touro. Eu me pergunto, quem será a próxima dele?

Com sorte, sua mão. Não queremos nenhum mini West povoando nosso planeta.

Passei as cinco horas seguintes ouvindo Karlie refletindo sobre o gosto de West por mulheres, servindo às pessoas e obcecada com a virada desastrosa que minha vida havia tomado.

Quando abri as portas do truck para sair, um par de sapatilhas de balé estava na escada. Eu as peguei, franzindo a testa. Elas eram mais ou menos do meu tamanho, novas, mas fora da caixa de sapatos. Havia uma nota colada a elas, rabiscada preguiçosamente.

Melhor começar a praticar.

— O quê...?

Minhas palavras desta manhã saltaram dentro da minha cabeça.

— As chances de você querer trabalhar neste food truck são semelhantes às chances de eu entrar para o Bolshoi.

West St. Claire tinha humor.

Infelizmente, tive a sensação de que estava prestes a me tornar sua piada favorita.



Três

West

Bzzz.

Bzzzzz.

Bzzzzzzzzzz.

Meu telefone vibrou na minha mesa de cabeceira, caindo no chão e movendo-se em um círculo irregular, como um inseto em suas costas.

Inclinei-me e peguei, passando a tela para desligar meu alarme. Um grito abafado perfurou meu tímpano.

— Querido? É você? Larry! Venha aqui! Ele respondeu.

Porra.

Eu estive desmaiado por dez horas, então não registrei o som monótono do despertador para o do meu toque, que eram iguais.

Por uma fração de segundos, eu brinquei com a ideia de desligar, mas percebi que tinha preenchido minha cota de estupidez para esta semana ontem, comendo toda a comida

pré-preparada de East. Mordendo meu próprio punho a ponto de tirar sangue, pressionei meu telefone no meu ouvido.

Aqui vai o Ninguém e seu primo idiota, Desastre.

— Mãe.

— Olá! Oi! — Mamãe gritou desesperada. — Westie, eu não posso acreditar que você respondeu.

Junte-se à porra do clube.

— Como vai? — Eu rolei de lado no colchão, sentando na beira da minha cama. O relógio na minha mesa de cabeceira marcava duas da tarde. Também mostrava que eu era um completo e maldito idiota que dormiu praticamente o dia inteiro novamente. A formatura estava se aproximando e eu sabia que sairia da Sheridan University com meu inútil diploma, mas seria bom pelo menos fingir que me importava.

— Nada, querido! Quero dizer, está tudo bem. Bem. Queríamos verificar você. Ver como você está. Easton tem nos fornecido atualizações, mas adoramos ouvir sua voz.

— É ele? — Papai fungou ao fundo. Eu ouvi um arrastar. Coisas caíram de uma mesa. Eles estavam eufóricos de excitação. Culpa apareceu, seguida por seu amigo leal, Remorso. — Deixe-me falar com ele. Westie? Você está aí?

— Papai. Oi.

— É bom ouvir sua voz, filho.

Eu empurrei meus pés nas Blundstones debaixo da minha cama, arrastando minha bunda para o banheiro. Eu mijei e escovei os dentes, enquanto meu pai contava uma história sobre como o cara que prometeu ajudá-lo a fertilizar sua terra ainda não tinha voltado de Wyoming e que, como resultado, ele perdeu outro contrato. Eu entendi o recado – eu precisava enviar mais dinheiro para eles antes que a eletricidade fosse cortada.

A culpa aguda que experimentei um segundo atrás enfraqueceu em entorpecimento.

— Acho que os banqueiros não são seus maiores fãs. — Cuspi pasta de dente de hortelã e água na pia, espirrando água no rosto. Eu não olhei no espelho. Não me enfrentava há anos – por que começar agora?

— Oh, bem, quero dizer... as coisas não estão parecendo bem, eu suponho. Mas...

Eu não o deixei terminar.

— Mandarei algum dinheiro até o final do dia. Nos falamos em breve. Tchau.

Desliguei na cara dele quando ele começou a dizer algo. Peguei minhas chaves, pulei na Ducati e fui para a escola. Oito minutos depois, entrei no Lawrence Hall, para minha palestra às duas e meia sobre gerenciamento de esportes.

Atrasado de novo, para surpresa de ninguém.

Felizmente, o professor Addams (escrito com dois D, adequado para seus seios de homem) estava ocupado tentando trabalhar com essa coisa mágica chamada iPad. Sua cabeça estava baixa enquanto ele atacava a tela com seus dedos engordurados, tentando fazer sua apresentação de slides aparecer na tela branca atrás dele. Eu me esgueirei para o fundo da sala, deslizando para um local entre Reign e East. A apresentação de slides de Addams finalmente apareceu, e ele soltou uma gargalhada aliviada.

— E aí. — Reign me bateu com o punho. Ele estava dando uns amassos em uma garota aleatória. Ela estava atacando seu pescoço, enquanto sua mão estava enfiada dentro de sua saia.

East sacudiu a parte de trás da minha cabeça. — Atrasado de novo. A propósito, obrigado por comer toda a minha comida.

— O prazer é meu.

Sinceramente, foi.

— Desafio você a fazer de novo.

— Você sabe que eu nunca recuso um desafio.

Todos tinham laptops e notebooks. Eu não. Não trouxe mochila. Eu aparecia aleatoriamente sempre que a ameaça de reprovação no semestre parecia real. A voz do professor Addams saiu das entranhas da sala de aula.

— Sr. St. Claire, vejo que decidiu finalmente nos agraciar com sua presença.

Eu o encarei friamente, recusando-me a jogar-lhe um osso.

A garota ao lado de Reign teve o bom senso de tirar a mão dele de debaixo da sua saia, enquanto todos os olhos se voltavam para nós.

Addams encostou a barriga gorda na mesa, piscando, enquanto colocava os óculos no nariz.

— Diga-me, Sr. St. Claire, você está, pelo menos, ligeiramente interessado em obter educação superior?

Sinceramente, eu não estava. Mas esse inferno estava longe o suficiente do Maine para me esconder e fazer o que eu precisava para evitar que minha família fosse à falência.

— Use suas palavras, — ele instruiu arrogantemente. — Você sabe falar, não é?

Eu sorri. Eu não era facilmente perturbado. Veio com o ofício de estar entorpecido em todas as áreas. As pessoas não podiam me tocar, mesmo que tentassem.

E eles tentaram.

Frequentemente.

— Buscar um diploma parecia uma ótima desculpa para deixar o lixão em que morava, e Sher U é bastante acessível

para uma faculdade fora do estado. O júri ainda está decidindo sobre a equipe educacional, no entanto. — Recostei-me, cruzando os braços sobre o peito.

— Queime! — Alguém gargalhou.

— Puta merda, — outro aluno berrou. — St. Claire está chutando bundas no ringue e fora dele.

Risos explodiram em todos os cantos da sala. A boca do Professor Addams caiu, e suas bochechas ficaram rosadas. Ele levou um minuto inteiro para se recuperar.

— Dê-me um motivo pelo qual devo deixar você se safar com o que acabou de me dizer.

— Porque você foi transferido para cá de uma universidade da Ivy League em circunstâncias misteriosas que ninguém se importou em explorar. Adivinha? — Eu abri meus braços teatralmente. — Eu tenho todo o tempo do mundo. Como está essa frase completa para você, Professor Addams?

— *Pfft.* — Reign levantou o braço no ar, abrindo a palma da mão, como se estivesse deixando cair um microfone.

— Brutal até a morte. — East riu.

— Você se acha tão inteligente, não é, West St. Claire? — Addams bufou.

— Discipline-me ou esqueça. Você está atraindo atenção. — Eu bocejei.

Ele voltou para sua apresentação de slides, balançando a cabeça. *Idiota.*

Meia hora depois, saí da aula. Reign estava com o braço atirado sobre a garota sem nome, e East estava mexendo em seu telefone, provavelmente debatendo com qual garota ele queria sair esta noite. Decidi soltar a bomba. Agora era um momento tão ruim quanto qualquer outro.

— Vou começar a trabalhar no That Taco Truck amanhã.

Tecnicamente, eu estava começando hoje. Aquela garota Karlie irá me ensinar a trabalhar na grelha esta tarde.

No início, não houve reação. Quando eu não expandi o assunto, porque era bastante auto explicativo, Reign começou a bufar e rir.

— Umm, por que diabos?

— Sem dinheiro.

— Você não ganha o suficiente com a luta? — Ele torceu o nariz. Reign não tinha preocupações financeiras. Quando ele não estava jogando bola, ele estava correndo atrás de garotas. A faculdade para ele era uma série de festas e jogos, com ligações e sustos de gravidez amontoados entre um e outro alívio dramático. Eu, no entanto, estava ocupado pagando os empréstimos de meus pais, financiando minha própria educação *e* economizando para não ter que voltar para casa depois de me formar este ano.

Garota Sem Nome engasgou. — Isso não faz sentido. Todo mundo diz que você é rico. — Eu não respondi. Ter o pau de um dos meus inimigos não a tornava uma contadora certificada.

— Faça o que você tem que fazer, cara. Diga-me se posso ajudar. — East pendurou sua mochila no ombro, pondo um ponto final no assunto.

— Talvez ele tenha tesão pela Tostada, — Reign meditou. — E ele está procurando por alguma manobra. Quero dizer, ela é gostosa quando você coloca um saco sobre aquele rosto.

— A vítima da queimadura? — Garota Sem Nome espalmou a mão sobre o peito. — Não é trágico? Uma das minhas irmãs da irmandade a conhece desde o colégio. Ouvi dizer que ela estava tão animada antes de vir para cá. Ela era muito bonita também.

Eu não tinha dúvidas de que arrancaria todos os dentes da boca de Reign em algum momento da minha vida. Ele era um bastardo malvado e perseguia as pessoas constantemente. Qualquer coisa para fazer seus amigos idiotas rirem. Suas escolhas de companheiras eram obviamente insatisfatórias.

Reign gargalhou.

— Sério, cara, cala a boca. — Easton o colou, balançando seu corpo de forma que ele estava a uma polegada de bater contra a parede.

Chegamos às portas duplas da entrada e nos separamos. Reign e East tinham treino, e a Garota Anônima estava fora, provavelmente fazendo merdas aleatórias. Eu estava prestes a sair quando ouvi gritos vindos da fresta da porta ao lado da saída.

— Fogo! Fogo!

Estava vindo do auditório improvisado, onde teatro e artes ensaiavam atualmente, enquanto construíam um teatro totalmente novo no campus.

Eu irrompi pelas portas.

Eles estavam ensaiando. *Ufa.*

A porta estava entreaberta, praticamente me convidando para dar uma olhada. Não era como se eu tivesse algo melhor para fazer. Eu tinha meia hora para gastar antes de encontrar Karlie no food truck.

Apoiei um ombro no batente da porta, cruzando os braços. Tess estava no palco, vestindo uma camisola sobre uma prótese de barriga grávida, o cabelo preso para cima, avançando para o outro canto do palco, produzindo um som de lamento que poderia ensurdecer uma baleia.

Um filho da puta do teatro a perseguia, vestido com uma camiseta apertada e com um cigarro pendurado no canto da boca comprimida. Ele tentou soar do sul, mas saiu como se tivesse bolhas do tamanho das minhas bolas em sua língua. Eu não sabia nada sobre teatro, mas pude reconhecer a atuação de merda quando ela me atingiu no rosto com uma pá. Sem sombra de dúvida, Tess era uma transa perfeitamente boa, mas eu compraria a conspiração de Hitler-ainda-está-vivo-e-vive-com-2PAC – lógica e matemática que se danem – antes de acreditar em sua atuação.

Meus olhos vagaram pelo auditório. A loira do food truck estava lá. Greer ou Gail ou qualquer outra coisa. *Tostada*. Eu localizei a parte de trás de sua cabeça. Ela estava sentada em uma das últimas filas. Seus FILAs brancos estavam apoiados nas costas do assento à sua frente. Suas longas pernas estavam vestidas com jeans skinny desbotados. Ela tinha o mesmo moletom rosa e boné cinza que eu a vi usando no truck. Seu longo cabelo dourado espalhava-se sobre suas costas e ombros, fazendo-a parecer um anjo gótico.

Reign era tão perceptivo quanto uma lata de lixo, mas não estava enganado. Greer-Gail era gostosa demais. Não que eu estivesse prestes a tocá-la. Não tinha nada a ver com seu rosto. O tecido da cicatriz nunca me incomodou – meu coração era 100% feito daquela merda. Mas ela tinha uma atitude do tamanho do Mississipi, e eu tinha uma política estrita de não dormir com resmungonas.

Eu tinha deixado as sapatilhas de balé para ela como um pequeno 'foda-se'. Honestamente, eu não tinha ideia do que estava tentando transmitir com elas. Eu me senti um idiota quando as comprei, e ainda pior depois que as deixei na escada do food truck. Tanto faz. Quem se importava se era ridículo colocá-las lá? Eu não estava tentando cortejar sua bunda.

O diretor da peça, Cruz Finlay – outro aluno que achava que usar boina e lenço no calor do Texas o fazia parecer artístico, em vez de um idiota completo – pediu aos atores que começassem a cena do zero. Eu entrei mais fundo na sala para que eu pudesse verificar o rosto de Greer-Gail-Qualquer-Que-Seja sem ser interrompido. Toda essa conversa sobre sua cicatriz, e eu quase não vi, mas ela estava tão constrangida sobre isso que eu estava inclinado a acreditar que era um espetáculo.

Só peguei o lado direito do rosto dela. O chamado lado “normal”.Seus olhos estavam grudados no palco. Ela murmurou todas as palavras junto com os atores, tanto as falas de Tess quanto as do cara. A loucura era que eles estavam lendo as páginas e ela sabia tudo de cor.

Era bastante óbvio que Greer-Gail tinha tesão por atuar, mas eu duvidava que ela perseguisse isso. Não era preciso ser um gênio para ver que ela estava emaranhada em sua narrativa de sou uma vítima.

— *Eu não quero realismo. Eu quero magia,* — Greer-Gail imitou, ecoando uma terceira atriz no palco, e eu tive a sensação de que a frase se aplicava a ela mais do que qualquer outra coisa na peça. Ela parecia extremamente amarga com sua própria realidade.

Fiquei tão fascinado por Greer-Gail recitar uma maldita peça inteira sem ninguém notar, ou mesmo perceber que ela estava na sala, que levei um segundo para perceber que o ensaio havia acabado.

— O primeiro ensaio de experiência, e é um desastre de trem completo e absoluto. Amanhã. Mesmo lugar. Mesmo horário. Deus. — Finlay jogou as mãos para cima, olhando para o teto como se o Senhor Todo-Poderoso não tivesse uma merda melhor para fazer do que assistir essa porcaria. — Dê-me atores.

Ou um soco na cara, pensei. *Você pode dar um soco na cara dele também, e ninguém vai culpar você por isso, seus pais incluídos.*

— West! — Tess gritou, saltando do palco e correndo em direção às portas duplas. Ela descartou sua barriga falsa em um dos assentos, sem quebrar o ritmo. Minha postura era relaxada, preguiçosa e imperturbável. Os olhos de todos se voltaram para mim. Tess fez soar como se eu tivesse acabado de voltar de uma turnê no Iraque. Greer-Gail girou a cabeça. Nossos olhos se encontraram quando Tess jogou os braços

em volta de mim, salpicando beijos no meu pescoço e bochechas.

Eu disse à Tess que uma única vez era o que eu oferecia, e nós tivemos nossa primeira e última foda no fim de semana passado. Ela disse que entendia, mas as mulheres raramente entendiam. Eu a removi do meu corpo, fazendo uma nota mental para lembrá-la de que não éramos uma coisa.

Greer-Gail não reagiu ao nos observar, mas também não parou de assistir. Seu rosto estava em branco. Seus olhos eram de um tom de azul que eu não tinha visto fora das pinturas psicodélicas. Pálido e ártico, como um floco de neve. Tive a sensação de que ela se permitiu olhar porque não estava acostumada que alguém a notasse.

Bem, eu fiz.Eu percebi que ela estava encarando *pra* caralho.

Meus olhos perguntaram: *Você pegou as sapatilhas de balé?*

Os dela responderam: *Caia morto, idiota.*

Posso ter parafraseado, mas seja o que for que seus olhos disseram, havia palavrões nisso.

Greer-Gail voltou a cabeça para o palco vazio, reorganizando os pés no assento à sua frente. Eu estava prestes a me aproximar e perguntar qual diabos era o problema dela, mas meu telefone vibrou no meu bolso, assim

que Tess tentou me puxar para o auditório, tagarelando sobre seu papel na peça.

Tirei meu telefone do bolso de trás.

Mãe.

Sério? Duas vezes hoje? Eu recusei, virei-me e corri para minha moto sem dizer uma palavra. Tess sabia que não devia me seguir. Entrei no aplicativo do meu banco e transferi todo o dinheiro que tinha em minha conta direto para meus pais antes de sair para ver Karlie.

Eu viveria de miojo pelas próximas semanas. Não seria a primeira nem a última vez.

Passei o trajeto ressentido com meus pais, Tess, Reign, Professor Addams e até Greer-Gail-Genevieve.

E a cada virada que eu dava, a tentação de me inclinar para o lado, de me jogar da moto, de saltar de um penhasco, estava lá, arranhando minhas entranhas.

Uma parte de mim ainda queria morrer.Deixar de existir.

Parar de cuidar dos meus pais.

Parar de fingir que algo sobre essa experiência na faculdade importava.

Eu simplesmente fiquei muito bom em esconder isso.

Mesmo que isso me custasse tudo.



Quatro

Grace

— Grace, minha querida, precisamos conversar.

A professora McGraw deu um gole no café da sua caneca com dizeres *Eat. Sleep. Theater.*[12] Entrei em seu escritório no dia seguinte ao nosso primeiro ensaio, de cabeça baixa, ombros curvados, pronta para o meu veredicto. Larguei minha JanSport[13] com o tema da fênix embaixo da mesa dela, oferecendo meu melhor sorriso inocente, *não-sei-por-que-estou-aqui.*Eu *queria* saber por que eu estava lá.

— Sente-se. — Ela apontou para a cadeira à sua frente. Eu fiz. A professora McGraw era uma ruiva esguia, cinquenta e poucos anos, com óculos de leitura descolados de bolinhas e vestidos estilo anos cinquenta. Eu a adorava e queria acreditar que ela gostava de mim também. Eu estava definitivamente entre seus alunos mais dedicados. Minhas notas teóricas eram ótimas, eu sempre ficava feliz em dedicar horas extras para arrumar depois dos ensaios e meu amor pelo teatro era genuíno.

---

[12] Comer. Dormir. Encenar.
[13] JanSport é uma companhia de mochilas, bolsas e material escolar estadunidense, sediada em Seattle. É propriedade da VF Corporation.

Ela começou a vasculhar uma pilha de documentos espalhados em sua mesa, lambendo o polegar enquanto separava as páginas. Seu escritório estava cheio de pôsteres de produções da Sheridan University ao longo dos anos. A universidade era conhecida por produzir peças clássicas e atrair pessoas das cidades vizinhas. Os lucros foram para a prefeitura municipal e melhoria das instalações da faculdade. Uma pontada de ciúme picou meu peito, enquanto eu observava os cartazes e ela procurava o que quer que ela queria me mostrar.

O fantasma da ópera.

Chicago.

O sol é para todos.

Minha boca encheu de água enquanto eu olhava para as fotos dos atores e atrizes sorrindo para o horizonte, no meio da encenação. Eles pareciam elétricos. Radiantes. *Felizes*.

A voz da Professora McGraw atravessou a nuvem verde de inveja que me cercava. Ela bateu em um pedaço de papel com a unha. — Aqui estamos. Estive olhando a lista de atores

de *A Streetcar Named Desire*[14]. Percebi que seu nome estava notavelmente ausente. Importa-se de explicar?

— Oh. Sim. Claro. — Eu me mexi na cadeira. Os atores nos pôsteres olharam diretamente para mim. Seus olhares de julgamento aqueceram minha pele. — Lauren ficou com Blanche e Tess é Stella. As outras partes menores foram lançadas nos dias em que levei minha avó à Austin para um eletrocardiograma. Eu me inscrevi para design e assistente de gerente de palco. São dois papéis. — Levantei dois dedos, como se ela não soubesse contar.

A professora McGraw tirou os óculos de leitura, fechando os olhos e apertando a ponte do nariz. — Nós discutimos isso, Grace. Eu não posso mais quebrar as regras por você. Todos os alunos precisam subir no palco e me mostrar do que eles são feitos.

— Sim, senhora. Mas eu estava esperando...

— Eu entendo suas circunstâncias, e tentei atendê-las por alguns anos, mas uma parte de ganhar um A em Teatro e Artes é a atuação *prática*. Você não sobe ao palco desde que começou a estudar aqui. Exibir sua habilidade como atriz é obrigatório, não opcional. Ninguém espera que você seja Meryl Streep, mas você precisa nos mostrar alguma coisa. Não quero que você seja reprovada neste semestre, mas acho que se não assumir um papel real na peça, você pode.

---

[14] Do original, A Streetcar Named Desire, é uma peça teatral de 1947, escrita pelo dramaturgo norte-americano Tennessee Williams, pela qual ele recebeu o Prêmio Pulitzer em 1947.

— Mas a peça já foi lançada.

— Peça ao Sr. Finlay para incluí-la.

— Alguém perderá seu papel, — argumentei.

— *Alguém* não corre o risco de ser reprovada no último semestre deste ano, — respondeu ela.

Eu sabia que a professora McGraw estava certa. Todos os outros alunos do segundo ano em teatro e artes já haviam mostrado seus talentos de atuação. Eu não. Eu ia ser uma júnior[15] no ano que vem, e ainda não tinha posto os pés no palco. Minhas pernas não me levariam além da porta no dia das audições. Eu tentei, mas sempre acabava vomitando minhas tripas nos banheiros ou tendo colapsos épicos na minha caminhonete.

Essa nova peça não foi diferente. Eu queria participar. Eu realmente queria. Mas fisicamente, não consegui.

Não que eu não fosse boa em atuar. Eu era a estrela de todas as peças da escola até a noite fatídica que mudou tudo. O palco me completava e me eletrificava. Mas voltar para lá depois do que aconteceu, seria aceitar meu novo rosto e apresentá-lo ao mundo, e eu não estava pronta ainda. Eu acho que nunca estaria. Não que isso importasse. Eu não queria mais ser atriz. Aquele sonho foi jogado no lixo junto com um pedaço do meu rosto, na noite em que me trouxeram

[15] Nomenclatura dada aos alunos que estão cursando o terceiro ano da faculdade.

para o hospital. Queria trabalhar no teatro fazendo algo que me permitisse esconder nas sombras.

Diretora, produtora, cenógrafa. Inferno, eu ficaria feliz em trabalhar na barraca de concessão se isso significasse estar perto do palco todos os dias.

— Professora McGraw, por favor. — Eu respirei irregularmente, mas ainda não conseguia encher meus pulmões. — Não é só o meu rosto. Tenho outras coisas acontecendo.

Vovó estava em um par de semanas ruins, mas eu não queria jogá-la na mistura de desculpas por eu não ter me inscrito para a peça. Eu estava muito ocupada tentando me certificar de que a vovó estava viva e bem para me concentrar na escola.

— Como o quê? — A professora McGraw se inclinou para frente, entrelaçando os dedos.

— É pessoal.

— A vida é pessoal. — Ela sorriu. — Você quer outro adiamento na sua aula prática, vou precisar saber por quê.

Eu não consegui contar a ela sobre a vovó. Sobre ela ser paranoica, esquecida e precisar de cuidados constantes. Admitir que ela tinha um problema me forçaria a ouvir conselhos não solicitados, e eu não queria colocá-la em uma clínica. Além disso, retratar a mulher que me criou como um obstáculo, não parecia certo para mim.

Eu balancei minha cabeça, enfiando meus punhos nos bolsos do meu moletom.

— Não importa. Eu não deveria ter dito nada. Desculpe. — Eu me levantei, a cadeira raspando atrás de mim com um som estridente que arranhou meu pescoço. — Eu entendo que você pode ter que me reprovar neste semestre, Professora McGraw. Obviamente, respeitarei seu veredicto de qualquer maneira, mas espero conseguir uma prorrogação e participar da próxima peça, no próximo ano. Você me avisaria?

Ela olhou para mim, pena nadando em seus olhos. Eu poderia dizer que ela estava desapontada comigo. Que ela queria que essa conversa me colocasse em ação.

— Sim. É realmente *tão* ruim assim? — Sua voz caiu para um sussurro.

Você não tem ideia.

Eu balancei minha cabeça, fechando meus olhos. Joguei minha mochila no ombro, virando-me para sair.

— E, Grace?

Eu parei, minhas costas ainda para a Professora McGraw.

— Seja qual for a sua jornada, certifique-se de ter alguém em quem se apoiar quando as coisas ficarem difíceis. Porque elas sempre ficam. Alguém que não seja sua avó.

Alguém escolhido, não um membro interno da família. Alguém que atravessaria o fogo por você.

Eu sorri amargamente. Eu só conhecia uma pessoa que faria algo assim.

Eu.



West chegou ao food truck cinco minutos mais cedo.

Fiquei surpresa ao ver que ele apareceu. Ainda achava que era algum tipo de armadilha.

Recusei-me a aceitar que esse arranjo era real. Que ele não tinha um motivo oculto.

Estando mais perto dele do que na sexta-feira, quando estava escuro, percebi que ele não estava completamente ileso. Ele tinha um corte no lábio, um olho negro a ponto de passar de roxo para verde e um corte feio descendo pelo pescoço. Ele parecia que não dormia há anos. Quase ri de como éramos diferentes.

Eu desistiria do mundo para ter meu rosto imaculado de volta, enquanto ele lutava semanalmente e andava de moto, desafiando o destino a tirar sua beleza.

Desde que eu tinha a vovó e a professora McGraw para pensar, eu não tive tempo para surtar propriamente por trabalhar com St. Claire esta noite. Eu até tinha me esquecido das sapatilhas de balé idiotas. No minuto em que o rosto de West apareceu entre as portas abertas do truck, eu rolei a manga do meu capuz até o cotovelo direito e empurrei meu queixo para uma pilha de caixas esperando do lado de fora, enquanto cortava pimentões em tiras finas.

— Se importa em carregar e desempacotar para dentro? — Eu não me preocupei em olhar para ele.

Em vez de comentar sobre minhas maneiras rudes, ou pegar o caminho certo e se apresentar adequadamente, West ergueu as caixas pesadas que estavam empilhadas umas sobre as outras como se contivessem ar e não vinte quilos de abacates, limões e peixes. Ele arrumou tudo na geladeira por baixo da janela.

Preparamos a comida em silêncio, com ele seguindo minhas instruções curtas.

Depois que a comida foi preparada, West ligou a grelha e começou a assar peixe e pimentão como se tivesse feito isso a vida toda. Seus movimentos eram relaxados e preguiçosos, como os de uma pantera. Ele parecia confortável neste pequeno food truck, apesar de seu tamanho. Tentei ser o mais invisível que pude, grudando no meu canto do truck. Percebi que não ficava sozinha com um cara atraente no mesmo espaço confinado desde os dezesseis anos, e que

sentia falta da doce e pegajosa corrente que pairava no ar quando isso acontecia.

West era um devorador de espaço. Ele estava em toda parte, mesmo quando estava do outro lado do lugar.

A julgar pela preparação da comida, não parecia que ele estava planejando me colocar nos nove círculos do Inferno de Dante, ou se o fizesse, ele estava fazendo um trabalho péssimo.

Abrimos o truck e servimos os clientes que iam chegando, principalmente estudantes do ensino médio e universitários que voltavam das aulas e treinos à tarde, e algumas mães que trabalhavam e optaram por não fazer o jantar. Não trocamos uma palavra, a não ser eu pedindo a ele para fazer as coisas e ele me perguntando onde estavam certos ingredientes, ambos adotando nosso tom mais seco e menos amigável.

West trabalhou duro, nunca reclamou e, além de sentir falta da Karlie e suas questões de *esta ou aquela* dos anos noventa, trabalhar ao lado dele era um tanto indolor.

— A morte pelo suor é uma coisa? — West falou lentamente, após horas de silêncio. Ele agarrou a bainha da camisa, usando-a para limpar a testa. Meu corpo inteiro estremeceu com sua voz, como se ele tivesse me atingido. Eu estava tão acostumada a usar meu moletom rosa enorme neste clima que a temperatura não me incomodava mais.

— Pode ser. — Eu considerei sua pergunta. — A desidratação vem à mente.

— Sem ar-condicionado? — Ele virou uma fileira de peixes na grelha, mantendo-os perfeitamente inteiros e bronzeados.

Eu balancei minha cabeça. — O antigo ar-condicionado é muito caro para consertar, e a Sra. Contreras diz que não vale a pena porque a janela está sempre aberta, então o frio se espalha. Ela prefere nos pagar acima do salário mínimo.

— Bem, eu prefiro não morrer. Vamos pegar o corte salarial.

Ele estava falando sério? Ele estava aqui por meio segundo e já estava tentando fazer mudanças?

— Há um ditado no Texas, St. Claire. Nunca perca uma boa chance de calar a boca. Eu sugiro que você faça uso dele agora.

— Obrigado pela dica. Vou me certificar de jogá-lo no lixo ao sair. E você está usando um *moletom*. — Ele se virou para mim pela primeira vez durante o turno. — Você está louca?

— Eu não estou com calor.

— Uma mentirosa além de ser rabugenta. Você é o pacote completo, não é?

Alguma coisa saindo de sua boca não era uma afronta? Tive a sensação de que, se perguntasse, ele diria algo chocante de propósito.

— OK. Bem. Está um pouco quente aqui, mas uso moletons há anos e isso não afetou nem um pouco o meu trabalho. Não é minha culpa que sou boa nas coisas, — eu bufei.

— Eu sou bom nas coisas. — Ele ergueu uma sobrancelha, enfiando um *bastão doce* de maçã que ele tirou do nada no canto da boca, sorrindo. — Elas simplesmente não são apropriadas para o currículo.

Ele me entregou um bastão doce do bolso de trás. Eu balancei minha cabeça, que, a propósito, estava dolorosamente perto de explodir com a insinuação sexual lançada em meu caminho.

Ele estava me irritando de propósito, tirando sarro da Tostada por agir como se ela tivesse uma chance. *Fale com a vítima do incêndio sobre estar quente...isso deve ser divertido.* Eu praticamente podia ouvir ele e De La Salle tramando tudo juntos, como dois super vilões em uma nave espacial elegante, acariciando gatos pretos parecidos.

— Acostume-se com o calor. As coisas pioram progressivamente. Em junho, enxugamos nossos rostos com bolsas de gelo. Julho e agosto são um borrão de dores de cabeça por causa das ondas de calor e pensamentos suicidas. Eu sugiro que você dê o fora daqui nas férias de verão.

— Desculpe desapontar, mas vou ficar por aqui durante o verão. Melhor estocar gelo e procurara emergência de suicídio local.

Ele parecia metódico, seco e duro como o inferno. Mas ele não parecia querer me matar, o que era uma boa notícia, eu imaginei.

— Isso é uma vergonha.

— Não para mim. — Ele rolou o doce na boca, passando um pano pela sua estação. Notei que ele mantinha seu espaço completamente limpo. — Casa é uma merda.

— Onde fica a casa? — Eu tomei minha raspadinha.

— Maine.

— Como é que você não vai?

— Não há muitos empregos disponíveis no Bumfuck[16] Creek.

— Por favor, diga-me que esse é o nome verdadeiro da sua cidade.

— Queria que fosse. — Ele esfregou o queixo com os nós dos dedos, jogando o pano no balcão. — Essa seria a única coisa boa sobre isso.

---

[16] Traduzido como no meio de lugar nenhum, no meio do nada. Deixei no original para não perder o sentido do diálogo.

Eu desviei o olhar novamente, sentindo-me péssima por assumir que ele ganhava o suficiente na arena de luta quando pediu o trabalho pela primeira vez. Quem era eu para fazer suposições sobre sua situação financeira? Peguei sua reputação de idiota privilegiado e acreditei nela, embora me enfurecesse quando as pessoas me julgassem com base em rumores.

Chegamos a uma hora lenta. O momento entre a hora do jantar e os lanches da festa pós-fraternidade. A política da Sra. Contreras era que não podíamos usar nossos telefones, a menos que fosse uma chamada de emergência, então ignorar um ao outro era muito difícil, visto que éramos a única fonte de entretenimento um do outro.

Poucos minutos depois, West perguntou novamente: — Se importa se eu tirar a camisa?

— Hmm, o *quê?* — Eu me virei, olhando para ele.

— Estou prestes a virar uma maldita poça. Duvido que eu ajude muito se estiver liquefeito.

— Uh... — Meus olhos percorreram o truck. — Não tenho certeza que despir-se é o melhor argumento. Por um lado, é altamente anti-higiênico.

— Eu não vou segurar a pinça com meus mamilos, — ele disse ironicamente. — A menos que nos dê mais gorjetas. Nesse caso, estou aberto a tentar.

Soltei uma risada atordoada e histérica. Eu não queria ver seus mamilos, ou qualquer outra parte dele. Na verdade, eu não queria reconhecer que ele tinha mais aquele corpo bronzeado e musculoso por baixo das roupas. Já era ruim o suficiente a perfeição dele estar bem na frente dos meus olhos durante o turno.

— Eu estava me referindo aos pelos do seu peito.

Pare de falar sobre o peito dele. Pare de falar, Grace.

— Não tenho nenhum, — disse ele com um sotaque texano falso que eu acharia um insulto se não fosse tão preciso. Ele segurou a barra de sua camiseta desbotada, levantando-a até os mamilos marrons. Seu corpo era liso, bronzeado e sem pelos. Seu pacote de seis era algo saído de um comercial de roupas íntimas Armani. Eu queria traçar as elevações do seu abdômen com meu dedo indicador, o que era extremamente inesperado e totalmente risível.

Eu não me apaixonava pelas pessoas.

Não mais, de qualquer maneira.

— Veredicto final? — Ele largou a camisa, esperando por uma resposta.

Eu me senti ficando vermelha. Eu não queria parecer uma nerd e uma puritana.

— Não.

— Deixe-me emendar: eu estava sendo educado. Vou tirar a porra da camisa e, para ser honesto, você devia fazer o mesmo.

Um segundo depois, a camisa de West havia sumido, e seu tanquinho vinha acompanhado de peitorais definidos, veias de cinto de Adônis[17] e o tipo de costas que você queria se casar. Ele se virou para a grelha e retomou seu trabalho. Ele tinha um vergão amarelo-púrpura desbotado na parte inferior das costas.

— Vejam só, a Virgem Maria ainda está viva. — Ele sorriu quando me pegou encarando.

Limpei minha garganta e desviei o olhar.

Ele passou por mim, batendo no meu ombro casualmente.

— Não se preocupe, querida. Para você engravidar, teríamos que pelo menos dar as mãos. Você está segura comigo.

West St. Claire havia me tocado. *De boa vontade.*

Minha garganta travou inesperadamente, a normalidade em sua ação me fazendo sentir como o meu antigo eu por uma fração de segundo. Não que eu tenha sofrido bullying por ter uma cicatriz. Não por ela.

---

[17] Também conhecido como Cinto de Apolo, refere-se a dois sulcos rasos da anatomia superficial do abdômen humano que vai da crista ilíaca até o púbis.

De certa forma, as reações das pessoas eram muito piores. As garotas eram legais comigo de uma maneira falsa, superficial, *somos legais, mas não chegue muito perto*. Era óbvio que eu não era mais uma competição para elas. Caras me ignoraram completamente. Eu os confundi. Eu ainda tinha o mesmo corpo de líder de torcida e longos cabelos loiros, mas também tinha as cicatrizes, e eles sabiam que o que havia de errado com o lado esquerdo do meu rosto também estava por baixo das roupas, e no resto do meu torso.

No início, depois do incêndio, eu realmente tive a audácia de tentar fingir que tudo estava normal. Para expulsar a fênix de seu ovo com um martelo. Fui às mesmas festas, andei com as mesmas pessoas. Meus colegas esclareceram as coisas em velocidade supersônica. Através de sussurros, risos, suspiros e rumores. Meu então namorado, Tucker, com quem eu perdi minha virgindade, cimentou o fato de que eu não era mais como antes ao me substituir rapidamente por Rachelle Muir, uma bolsista. Todo mundo evaporou da minha vida como o suor sob meu capuz. As únicas pessoas que ficaram foram Karlie e Vovó Savvy.

— *Olááááá*? — uma voz feminina arrastou de fora da janela. — Alguém aí?

Sim, eu e meus perturbadores pensamentos de adolescente.

Eu me virei para a janela. Havia quatro colegiais com jeans cortados, botas de cowboy e chapéus combinando. Elas estavam rindo e se acotovelando, segurando seus telefones contra o peito. Uma delas pediu uma raspadinha de margarita, enquanto as outras espiaram pelas minhas costas, estendendo o pescoço.

— Ele está aí? — Uma sussurrou, enquanto eu servia a bebida.

— Sim, eu o vejo. Oh meu Deus. *Oh meu Deus*, Kelly. Ele é incrivelmente lindo.

Entreguei à garota da raspadinha seu troco e bebida, mas as adolescentes não se mexeram.

— Ele está sem camisa, — a mais bonita, Kelly, que tinha longos cabelos castanho-mel e um piercing no mamilo delineado através de sua camiseta branca cortada, engoliu em seco.

— Sim.

— Pergunte a ele.

— Não, *você* pergunta a ele.

— Você está brincando comigo? Você vai.

— Fizemos uma aposta.

— Cale a boca, você disse que não está com medo!

Meu olhar oscilou entre elas. O boato de que West St. Claire trabalhava aqui se espalhou como um incêndio. Eu esperava que isso fosse normal de agora em diante. Montes e mais montes de garotas batendo em nossa janela, fazendo todo o lenga lenga: *Oh, isso? Sou só eu, no meu minúsculo biquíni, comprando um taco depois de fazer o cabelo profissionalmente, não é grande coisa.*

Não gostei do tráfego extra para o truck, mas havia pouco que pudesse fazer a respeito, e tecnicamente não era culpa de West.

— Posso ajudar vocês? — Peguei meu pano, limpando minha estação. Elas se empurraram, como filhotes aprendendo a brincar. Uma delas finalmente entrou em ação.

— Podemos falar com West, por favor?

— Claro. West? — Eu me virei, acenando para ele vir até a janela. Ele franziu a testa, mas obedeceu. Uma sensação injusta de possessividade tomou conta de mim quando ele apoiou os cotovelos no peitoril, inclinando-se para frente, e eu dei outra olhada em seu corpo e na tatuagem em seu braço. Eu me perguntei como Tess encontrou forças para deixar sua cama.

Eu me perguntei como era o sexo com West St. Claire, em geral.

E isso me irritou bastante, porque eu não poderia achar West St. Claire atraente. Ele era tudo o que eu me ressentia.

Popular, bonito e com um futuro brilhante. Só porque ele estava precisando de dinheiro não significava que tínhamos algo em comum. Ele voaria alto e explodiria como uma supernova assim que saísse desta pequena cidade do Texas, e eu continuaria sendo as cinzas que ele deixou para trás – a poeira estelar que lentamente desceu pela Terra em seu rastro.

— Oiiiii, West. — Kelly estourou seu chiclete, torcendo uma mecha de cabelo em volta do dedo. Meu palpite é que ela estava no primeiro ano do ensino médio. Chave de cadeia total. Eu me esgueirei para as profundezas do truck, algo pesado pressionando contra meu esterno. West pode ter provado ser uma pessoa razoável com quem se trabalhar, mas eu ainda sabia que ele era um idiota.

Ele lançou a ela um olhar entediado, esperando o final da piada.

— Minha irmã me disse que você trabalha aqui. Alguma coisa que você recomenda do menu? — Ela bateu a unha rosa choque sobre a lista de alimentos.

— Sim, — ele disse categoricamente. — Leia-o.

Suas amigas explodiram em risadas. Ela corou, seus lábios se achatando enquanto ela tentava ignorar a humilhação. West passou a mão pelo cabelo úmido. Cada leve movimento fazia seus músculos flexionarem.

— Essa doeu. Você vai lutar hoje à noite?

Ele olhou para ela como se ela tivesse crescido uma segunda mão e um par de asas brilhantes multicoloridas.

— Só brincando. Não é sexta-feira! — Ela fez beicinho, mordiscando o lábio inferior. — Max disse que você vai se profissionalizar no próximo ano. Isso é verdade?

Ele não respondeu. Eu sabia que ele não iria. Ele não era bom com palavras. West agarrou minha raspadinha, cuspiu seu bastão doce e chupou o canudo como se pertencesse a ele, começando a recuar para a grelha.

— Eu... uh... — A linda garota passou a mão pelos cachos apertados. A pressão no meu esterno aumentou. Tentar e falhar era a essência da destruição da alma. Era exatamente por isso que eu não queria participar de *A Streetcar Named Desire.* E ela estava experimentando isso agora. — Meus amigos e eu fizemos uma aposta. Eu disse que poderia fazer você me dar uma carona em sua Ducati, — ela deixou escapar, recuando, preparando-se para a rejeição. West congelou, virando-se lentamente.

— Por que? Isso é uma coisa idiota para se apostar. — Ele sorriu. De repente, seu tom assumiu uma cadência diferente e predatória. Como se ela finalmente tivesse dado um passo em falso e fosse hora de ele endireitá-la. Ele aproveitaria cada minuto disso também.

— Eu só estava pensando... quero dizer, *esperando*, talvez...

Suas amigas começaram a gargalhar.

— Ele adoraria fazer isso! — Eu pulei, sorrindo para ela brilhantemente. Eu não conseguia vê-la passando por isso. Eu esperava como o inferno que ela aprendesse a lição e não se colocasse nesta posição de novo, mas eu não queria vê-la saindo daqui com o rabo entre as pernas.

A cabeça de West virou na minha direção, seu rosto mudando de entediado para trovejante em um piscar de olhos.

Ele ergueu uma sobrancelha grossa. Eu praticamente podia ouvi-lo pensando, *que porra é essa?*

Tentei me comunicar com ele com o poder da telepatia de que ele precisava fazer isso. Para ela. Para *si mesmo*. Sua mandíbula quadrada se contraiu. Seus olhos escureceram. Ele não gostou da minha interferência – *ou* habilidades telepáticas.

— Não sabia que você era minha cafetina, Grey Cap[18].

Ele continuava me chamando de Virgem Maria e Grey Cap porque ele não tinha ideia do meu nome. O pensamento era deprimente, mas eu segurei seu olhar.

Eu não sabia por quê, mas tê-lo olhando para mim não parecia tão horrível. Talvez porque ele olhou diretamente nos meus olhos, em vez de ser distraído pela minha cicatriz.

---

[18] Gray Cap, apelido dado a Grace pelo West, e traduzido literalmente como Boné Cinza. Por questões de nexo, preferi deixar no original.

— Vamos lá, ela precisa salvar a cara, — eu sussurrei. A combinação de 'salvar' e 'cara' fez meu estômago embrulhar.

West voltou para a garota. Ela parecia estar prendendo a respiração.

— A resposta é não. A humilhação fica por conta da casa, assim como a raspadinha grátis. — Ele entregou a ela *minha* raspadinha. Eu cerrei meus dentes. A garota pegou, abaixando a cabeça desanimada.

— É porque eu tenho dezessete anos? — ela perguntou, tentando manter seu tom descuidado e sedutor.

— *Dezesseis*, — sua amiga tossiu em seu punho.

— Não, é porque se eu mimar sua bunda menor de idade, cinquenta estudantes farão fila aqui amanhã. Eu não posso pagar a gasolina, o problema, ou os pais irritados. Sem falar que não vou ganhar nada com esse negócio, já que não me misturo com chave de cadeia. Eu não sou Netflix. Não fui feito para o seu entretenimento. Agora, vá embora.

— Você está dando aulas de etiqueta no seu tempo livre? — Eu gemi, pressionando a parte de trás da minha cabeça na parede do food truck, enquanto fechava os olhos.

West chutou uma caixa no chão, tirando-a do caminho da grelha.

— Depende. Você está comprando?

Eu balancei minha cabeça. — Você foi muito rude lá atrás, St. Claire.

— Sou o pior pesadelo dos pais delas, a razão pela qual seus pais compram tacos de beisebol e colocam travas extras. Elas me veem como um animal exótico, uma fase rebelde. Eu não sou um pônei que elas podem montar em curvas, — ele cuspiu, soando surpreendentemente caloroso.

— Não é isso que os rumores dizem, — eu murmurei, os olhos ainda fechados.

Agora era eu quem fazia insinuações sexuais? O que eu estava dizendo e *por que* estava dizendo isso? Sua reputação não era da minha conta. Sem mencionar que até eu estava começando a entender o que Karlie queria dizer. Eu estava terrivelmente passando dos limites.

— Quer saber o que os rumores dizem sobre você? — ele zombou, mas seu coração não estava nisso. Seu tom era pedregoso. Sem emoção.

— Não.

— Bom, porque você não é interessante o suficiente para ser comentada.

Virando meu rosto para a janela para que ele não me visse corar, mudei de assunto. Ele estava certo. Ele estava sendo considerado como um objeto. Se ele fosse mulher, ficaria ofendida por ele. Mas porque ele era um cara, presumi que gostasse da atenção. Eu também devia a ele um pedido

de desculpas por mandar nele. Por muitas coisas, na verdade.

— Eu posso ter extrapolado, — eu ofereci, depois de alguns minutos esfregando distraidamente alface da fresta da janela com um pano.

Ele não respondeu. Achei que talvez ele não tivesse me ouvido ou tivesse optado por não aceitar o pedido de desculpas, mas então ele falou.

— Eu posso ter sido um idiota sobre aquele anúncio. Eu só queria o emprego.

Eu me virei ao mesmo tempo em que ele me lançou um sorriso malicioso por trás do ombro.

Fiquei assustada ao pensar que Karlie estava certa.

Que me opus a trabalhar com ele porque estava intimidada.

Que o mundo me assustava tanto, que eu não queria fazer nada que me obrigasse a dar um passo para fora da minha zona de conforto.

— Na verdade, não sei o seu nome. — Ele desligou a grelha, jogando um pano de prato por cima do ombro.

— Grace. — Eu limpei minha garganta. — Você é Warren, certo?

Nós dois rimos disso.

— Wallace, — ele corrigiu.

— Legal.

Houve uma batida de silêncio e então...

— Trégua, Grace? — Ele me ofereceu seu dedo mindinho. Sua voz rouca causou arrepios na minha espinha. Meu corpo inteiro tremeu. Isso não poderia ser bom.

Eu apertei meu dedo mindinho contra o dele, sentindo-me boba e perigosamente não infeliz.

— Trégua.

Quando entrei na minha caminhonete, havia uma mensagem de Karlie esperando por mim.

Karlie: Bem? Eu preciso demiti-lo?

Eu: Ele pode ficar.

Karlie: EU SABIA. ADMITA. ELE É LEGAL. EU SABIA QUE ELE SERIA.

Pensei em sua troca com as meninas. Eu não diria que West é legal. Inferno, eu nem mesmo o chamaria de civilizado. Justo, talvez.

Eu: Ele é bom.

Karlie: Garota, ele é MUITO booooooom. Só não se apaixone por ele. Isso seria um clichê total, e ele é do tipo que quebra seu coração.

Eu: Você não precisa se preocupar com isso, a menos que eu seja vítima de um grande ferimento na cabeça, seguido por uma concussão prolongada. Como está a carga escolar?

Karlie: Não importa. Como está sua avó?

Eu: Sobrevivendo.

Mal.

Coloquei meu telefone no banco do passageiro e fechei os olhos.

Quando os abri novamente, vi West do outro lado do estacionamento. Ele estava sentado no meio-fio sozinho, o crepúsculo emoldurando-o em furiosos tons de laranja, vermelho e dourado, ao lado de sua moto. Ele mastigava seu horrível bastão doce, olhando fixamente para o nada, perdido em pensamentos.

Enquanto o observava ali, não vi o cara mais popular da faculdade.

O deus do sexo.

O lutador ilegal.

Eu vi o garoto mais solitário que eu já conheci.

Doce, confuso e perdido.

E pensei, amargamente, ele nem sabia que do outro lado do estacionamento, estava sentada uma garota igual a ele.



Cinco

Grace

As próximas semanas passaram como um borrão.

Entre as provas, assistir a palestras consecutivas e tentar manter-me em dia com minhas tarefas na universidade, eu mal tive tempo para respirar.

Eu ignorei o pedido da professora McGraw para garantir um papel em *A Streetcar Named Desire*, roendo minhas unhas na cama a cada ensaio, enquanto a imaginava explodindo pelas portas duplas, chutando-me para fora do curso publicamente. Isso, é claro, nunca aconteceu. A realidade era que a Professora McGraw não tinha me retornado com uma resposta sobre se ela iria ou não me dar outra prorrogação na parte da performance, o que significava que ela esperava que eu contatasse Cruz Finlay para o papel.

O que eu não fiz.

Eu me senti como se estivesse suspensa no ar, meus pés no último centímetro de um penhasco, preparando-me para uma queda.

Não ajudou que a vovó estava piorando. Marla disse que ela estava extremamente esquecida. Que durante seus turnos ela mal a reconhecia mais e que estava constantemente de mau humor.

Surpreendentemente, a única coisa que *não foi* um desastre total foi trabalhar com West. Não que tivéssemos nos tornado melhores amigos ou algo assim. Desde que ele começou a trabalhar no That Taco Truck, ondas após ondas de novos clientes começaram a bater em nossa janela. Estava tão ruim, que tivemos que colocar uma placa avisando as pessoas que elas deveriam fazer uma compra para conseguir uma selfie com o Todo-Poderoso St. Claire.

Mas Karlie estava certa. Eles *fizeram.*

Eu tive que ligar para a Sra. Contreras duas vezes para obter mais ingredientes porque estávamos esgotados e, na maioria dos dias, mal tínhamos tempo para respirar, muito menos para conversar sobre amenidades. Mas os turnos passavam rapidamente e quando voltava para casa, todos os ossos do meu corpo doíam.

West trabalhou sem camisa durante toda a primeira semana. Na segunda semana, ele trouxe um ar-condicionado portátil. Parecia novo em folha, e muito caro. Ele fingiu que não era grande coisa ele ter acabado de comprar (roubar?) um ar-condicionado que provavelmente salvaria nossas vidas. Ele o colocou bem entre nós, ligou o aparelho, e ficou parado ao lado dele casualmente. Foi o dia em que percebi que nem

todos os heróis usavam capas. Alguns estavam vestidos com jeans sujos da Diesel, Blundstones e camisas que já haviam visto dias melhores.

Apesar da minha necessidade inexplicável de não gostar dele, tive que murmurar um rápido obrigada.

— O que disse? — Ele segurou sua orelha, um brilho malicioso iluminando seus olhos.

Droga, St. Claire.

— Eu disse obrigada, — murmurei baixinho.

— Ora, não tem de quê. Agora você pode parar de me cobiçar. Já me sinto tratado como um objeto.

Isso me fez rir tanto, que soltei um bufo horrível. Nós dois sabíamos que eu evitei olhar diretamente para seu torso nu.

Senhor. Eu *bufei*. Em frente a West St. Claire. A morte por humilhação nunca pareceu tão viável.

— Eu sinto muito. Eu parecia um porco. — Cobri meu rosto com as duas mãos.

Ele jogou um pedaço de peixe em mim.

— Se você fosse um animal, qual seria?

— Uma fênix, — eu disse, sem sequer pensar nisso. Minha mão disparou para o meu anel de chamas quebrado, girando-o no meu polegar. West concordou. Eu não sabia por

quê, mas de alguma forma tive a sensação de que ele sabia exatamente do que eu estava falando.

— Você? — Eu perguntei.

— Coala. Eu iria dormir o dia todo, mas ainda seria fofo *pra* caralho, então transar não seria um problema.

— Ouvi dizer que os coalas são realmente muito perversos. E fedorentos. E tendem a fazer cocô nas pessoas. — Ofereci meu conhecimento inútil sobre a vida selvagem. Que bom que eu não estava tentando flertar. Falar com homens gostosos definitivamente não era o meu forte.

Ele considerou isso. — Bem, isso está me vendendo ainda mais o show de coala.

Fora *essa* conversa, éramos educados, mas profissionais. Eu tinha comparado a ideia de nós coexistindo como pisar em um porão escuro e estranho. Não havia razão imediata para suspeitar que me machucaria, mas ainda era assustador.

Eu não pude deixar de reparar cada vez que percebia um novo vergão ou hematoma em seu corpo. Eu nunca mencionei isso, no entanto. E nas poucas vezes em que o vi do lado de fora do food truck, na escola sentado no refeitório ou no gramado perto da fonte, ou no supermercado, tudo o que fizemos foi acenar um para o outro e desviar o olhar.

Duas semanas e meia depois que West e eu começamos a trabalhar juntos, minha vida desmoronou de uma forma

espetacular, lembrando-me que normalidade, simplesmente, não estava nas cartas para mim.

Já era tarde da noite. Uma mudança inesperada no último turno após o Westival (Festival de West) das últimas semanas. Estava acontecendo uma feira da primavera em duas cidades, e todos os cidadãos de Sheridan pareciam aproveitar a atividade e dirigiram até Foothill para desfrutar do rodeio, pipoca dura, algodão doce, parque de diversões e o florescer da bluebonnet[19].

Fogos de artifício explodiram além das dunas amarelas escurecidas. West e eu os observamos da janela do food truck com admiração infantil, ombro a ombro.

Meu telefone vibrou no bolso do meu casaco. Eu verifiquei o identificador de chamadas. *Marla.*

Atendi, sabendo que ela não era de me interromper no trabalho, a menos que fosse importante. Eu virei minhas costas para os fogos de artifício e entrei, pressionando um dedo no meu ouvido para que eu pudesse ouvi-la através das explosões.

— Ei, Marla.

— Querida, não quero que você fique muito preocupada, mas não consigo encontrar o morcego velho. Estou há dez

[19] A Bluebonnet é uma flor silvestre, típica do Texas. É azul-arroxeada, e a primeira flor a florescer no Texas com a chegada da primavera.

minutos procurando por ela, mas não acho que ela esteja em casa.

Marla falava sobre a vovó com puro desdém, o que eu aprendi a me acostumar.

Minha respiração ficou presa na minha garganta.

Encostei-me na geladeira, sentindo minha ansiedade subindo pelos dedos dos pés até o resto do meu corpo, como pequenas formigas.

— Ela parecia lúcida para você da última vez que a viu?

— Ela passou muito tempo em seu quarto hoje, ficando toda elegante. Achei que talvez ela quisesse ir à feira, então deixei que ela fizesse suas coisas, enquanto limpava a cozinha, esperando que ela descesse. O rádio estava ligado – você sabe como é a audição dela – devo ter perdido quando ela abriu a porta da frente. Meu carro ainda está na garagem, então ela não pode ter ido longe. Vou procurá-la agora. Eu só queria mantê-la informada.

— Obrigada. — Minha voz falhou. O pânico passou por mim e meu sangue gelou. — Por favor, mantenha-me informada.

Eu desliguei a ligação e bati meu telefone no balcão, deixando minha cabeça cair.

Eu queria gritar.

Quebrar alguma coisa.

Atacar.

De novo não, vovó. Já passamos por isso dezenas de vezes antes.

A rotina de procurá-la em todos os lugares, encontrá-la na casa de um vizinho ou no centro da cidade – tagarelando com alguém incoerentemente – e removê-la de cena, enquanto eu me desculpava do fundo do meu coração, sempre me desgastava.

Eu podia sentir o olhar penetrante de West nas minhas costas. Ele não disse nada, mas eu sabia que ele estava me observando.

Alguns clientes apareceram, pedindo tacos, nachos e raspadinhas, e West os serviu, atendendo nossas duas estações sem reclamar.

Eu olhei para o meu telefone novamente e mandei uma mensagem para Marla.

Eu: Onde ela poderia estar?

Eu: Você pode verificar o galpão, por favor?

Eu: Vou ligar para o Xerife Jones. Talvez ele tenha ouvido algo.

Eu disquei o número do Xerife Jones, andando para frente e para trás.

— Grace? — Pela comoção ao fundo, ele estava na feira com sua família.

— Xerife Jones? Desculpe ligar para você tão tarde. Vovó Savvy desapareceu de novo.

— Há quanto tempo?

— Ah, algumas horas. — Provavelmente menos, mas eu sabia que ele não levaria isso a sério. Vovó desaparecia com frequência e sempre era encontrada a alguns quilômetros de casa.

— Vou ligar para os meus rapazes. Grace, — ele hesitou, antes de suspirar. — Tente não se preocupar muito. É sempre assim, não é? Vamos encontrá-la antes que a noite acabe.

— Sim senhor. Obrigada pela ajuda.

Eu desliguei, as lágrimas pinicando meus olhos. Como sempre, não as soltei. Eu odiava essa parte. Onde eu tinha que implorar ajuda das pessoas. Eu não poderia culpar Marla. Vovó tinha escapado de casa várias vezes enquanto estava sob minha supervisão.

Afundei-me em uma caixa de cabeça para baixo, segurando minha cabeça em minhas mãos.

— Esta é uma crise do tipo *quero-falar-sobre-isso* ou uma crise *cuide-da-porra-do-seu-próprio-negócio?*— West resmungou acima da minha cabeça, parecendo mais irritado do que preocupado.

O primeiro.

— O último.

— Obrigado, porra.

— Idiota.

— Avise-me se isso mudar.

— Você sendo um idiota? Pouco provável.

— Não insulte a probabilidade. Ela não fez nada de errado. — Ele enxugou o suor com a barra da camisa, ainda me olhando de lado. Eu era uma criatura estranha e fora de lugar, ele não conseguia decidir o que fazer. Uma mulher infeliz.

— Eu não insultei a chance. Eu *te* insultei.

— Ainda sarcástica. Isso é um bom sinal.

Eu precisava sair deste lugar e procurar a vovó, mas toda a família Contreras estava na feira, e quando um deles pudesse vir para me substituir, meu turno estaria encerrado.

Trinta minutos passaram sem qualquer notícia sobre a vovó. Eu estava completamente fora de mim quando West colocou a mão no meu ombro. Era pesada, quente e

estranhamente reconfortante. Como se eu estivesse flutuando no ar, pés acima do solo, e ele me ancorou de volta à gravidade.

— Isso é o suficiente da sua bunda mal-humorada. Dê-me as chaves. Vou fechar e colocá-las na sua caixa de correio. Eu não sei o que rastejou na sua bunda, mas você deve se concentrar em puxá-lo para fora, não em queimar tempo aqui.

Eu balancei minha cabeça, descobrindo que tudo que eu precisava para explodir em lágrimas, pela primeira vez desde minha internação no hospital, era ele reconhecer que algo estava errado. As pessoas pararam de se importar. Em Sheridan, eu era apenas mais uma estatística. Vovó *caso perdido*, mãe *viciada*. Foi por isso que o Xerife Jones nem tentou fingir que ia deixar a feira e me ajudar a procurar a vovó.

Ninguém se importava.

Lágrimas quentes e gordas deslizaram pelo meu rosto. Limpei minhas bochechas com as mangas, horrorizada por estar chorando na frente dele e ainda mais chateada por provavelmente estar manchando minha maquiagem.

West me olhou com uma serena curiosidade. Algo em meu instinto me disse que ele não estava acostumado a confortar mulheres. Ele geralmente lidava com elas quando estavam convenientemente alegres e tentando agradá-lo.

Eu balancei minha cabeça. — Estou bem. Sério. Nós só temos trinta minutos restantes.

— Exatamente, — ele retrucou. — Trinta minutos não é nada. Você tem sido tão útil quanto uma freira em um bordel desde aquele telefonema. Poupe-me da lamentação e dê o fora daqui.

Eu olhei para ele do meu lugar na caixa. Era irresponsável da minha parte considerar sua oferta? Eu sabia que se Karlie e a Sra. Contreras estivessem cientes da situação, elas me diriam para deixar as chaves do food truck com ele, sem dúvida, mas se algo desse errado...

West leu minha mente, gemendo. — Não vou fazer nada obscuro. Me dê seu endereço.

Eu continuei piscando para ele.

Ele mordeu o interior das bochechas, fervendo. — Não vou te atacar no meio da noite também.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Você não deveria, — ele disse, sem hesitar. — Confiar é colocar seu otimismo em outra pessoa, a própria definição de estupidez. Você deve *acreditar* em mim, porque roubar do caixa não me levaria a lugar nenhum. E porque este é o Texas, e deve haver pelo menos um filho da puta em sua casa com uma arma carregada, disposto a estourar meus miolos se eu decidir subir pela sua janela sem ser convidado.

Parecia loucura entregar-lhe as chaves. Ele estava trabalhando aqui há menos de um mês. Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas, e eu era a própria definição de desespero.

Eu tinha que encontrar a vovó. Já era tarde, e quanto mais tempo passava, mais longe ela poderia vagar por aí. O turno de Marla estava oficialmente encerrado, e correr por aí no meio da noite procurando a vovó estava acima da sua faixa salarial.

— OK. — Peguei uma nota, rabiscando meu endereço. — Jogue o dinheiro na caixa de correio da Karlie e me traga as chaves. Eu te devo uma.

Ele pegou o bilhete, enfiou-o no bolso de trás da calça jeans e chutou a porta para abri-la, empurrando-me de maneira insensível.

Eu tropecei em direção ao meu Chevy, lutando para controlar meus membros agitados.

Foi só quando entrei na garagem que percebi que dia era.

Hoje completa uma década que Vovô Freddie havia falecido.

Vovó sabia exatamente o que estava fazendo.

Para onde ela estava indo.

Ela queria encontrá-lo.



Na minha quinta volta ao redor do meu quarteirão, alguém piscou suas luzes atrás de mim repetidamente, sinalizando para eu parar. Continuei andando, abraçando minha barriga.

Procurei por vovó em toda Sheridan. Eu tinha ido ao cemitério primeiro, pensando que ela fosse visitar o túmulo do vovô Freddie. Em seguida, dirigi-me para o centro da cidade, verifiquei o parque local e liguei para a Sra. Serle do supermercado para perguntar se a vovó havia feito uma visita. Eu parei por todos os nossos vizinhos e amigos. Era como se a terra tivesse aberto suas mandíbulas e engolido minha avó inteira.

Eu ouvi o motor de uma moto roncar atrás de mim. Segundos depois, West apareceu à minha esquerda, diminuindo a velocidade para acompanhar meu ritmo.

— Joguei as chaves na sua caixa de correio. — Sua voz estava abafada pelo capacete preto. Chamas vermelhas o adornavam de ambos os lados, e eu agarrei o anel no meu polegar, fazendo um desejo como minha avó tinha me ensinado.

Por favor, deixe-me encontrar você.

O ar quente queimou meus pulmões. A tentação de desabar na calçada e ignorar todos os meus problemas era forte.

— Agradeço. Tenha uma boa noite agora, St. Claire.

Ele não foi embora, examinando-me com seu jeito preguiçoso e despreocupado. — A crise ainda está em andamento?

Sua moto protestou com pequenos grunhidos no ritmo lento que West a forçou. Eram dez e meia. Eu tinha certeza de que ele tinha muitos lugares para ir e pessoas para ver. Pessoas como Tess. Divertida, descomplicada, sem as estipulações que eu tinha.

— Tenho tudo sob controle.

— Essa não foi minha pergunta.

— Ainda assim, minha resposta.

— Você é sempre tão teimosa?

— Apenas nos dias que terminam com um y[20].

Ele pisou no freio e saltou da moto como um tigre, arrancando o capacete do rosto. Seu cabelo estava úmido, grudando em todas as direções em cachos brilhantes caoticamente cortados. Parei, porque era a coisa mais cortês a fazer.

---

[20] Todos os dias da semana em Inglês terminam com Y.

Uma parte de mim pensou que talvez hoje à noite seria diferente. Talvez eu não a encontrasse afinal. Eu nunca tinha procurado por tanto tempo. Eu sempre a encontrei em algum lugar de Sheridan.

— É isso aí. Fale comigo, Texas.

— Texas?

Ele acabou de me apelidar ou eu estava oficialmente enlouquecendo?

Ele encolheu os ombros.

— Seu sotaque. Você diz coisas texanas. Cortando as palavras. Como se a nossa língua a prejudicasse pessoalmente.

— Eu saúdo o lugar de onde venho, e daí?

— Você é uma garota de cidade pequena que provavelmente tira a pele de esquilos nas horas vagas, sentada em uma cadeira de balanço na varanda da frente, mascando tabaco. Admita, Texas, você é... *Texas*.

— Não gosto do meu apelido.

— Que pena. Isso fica. Agora, me diga o que deixou você tão incomodada.

Suspirei, perdendo o fôlego. — Minha avó desapareceu esta noite. Apenas saiu pela porta e deixou sua cuidadora sem dizer onde estava indo. Ela não está muito lúcida e... —

Prestes a me causar um ataque cardíaco. — É propensa a acidentes. Estou tentando encontrá-la.

— Vê?

— O quê?

— Seu sotaque.

— Isso é tudo que você tirou do que eu acabei de dizer? — Eu estreitei meus olhos para me impedir de chorar. Eu, realmente, *realmente* estava com vontade de chorar. Estava no topo da minha lista de tarefas, na verdade, assim que encontrasse a vovó.

Ele enfiou o capacete debaixo do braço. — Onde ela poderia estar? Defina para mim.

— Hoje faz uma década da morte do meu avô, então pensei em tentar os lugares de sempre. O restaurante onde eles trabalhavam, o cemitério onde ele está enterrado, seus velhos amigos... — Eu parei, sentindo meus olhos brilharem quando a ficha caiu. — Oh.

— Oh? — Ele olhou para o meu rosto, em busca de pistas.

— O restaurante na rodovia. Ela pode ter ido lá. É onde eles se conheceram. Ela trabalhava na caixa registradora. Vovô Freddie trabalhava na grelha.

— Não sem camisa, eu suponho. — Ele estalou a língua. Mas eu estava tão consumida com minha nova ideia que

esqueci completamente a coincidência. Eu estalei meus dedos.

— O primeiro encontro deles foi lá. *Sim.* — Eu concordei. Ela me contou tudo sobre isso. Como eles ficaram depois que seu turno acabou. Como ela o arrastou para trás do balcão e o beijou sem sentido. — Vovó iria lá. Claro que ela faria.

— Melhor levar o traseiro para lá, então.

— Boa ideia.

Eu me virei, marchando em direção à minha casa para pegar meu Chevy, antes de parar, ainda de costas para o West.

— *Droga.*

— Hmm? — Eu praticamente podia ouvir o sorriso em sua voz. Ele não se moveu um centímetro, sabendo que me tinha em seu bolso.

— Fica fora dos limites de Sheridan, a cerca de dezesseis quilômetros. Eles fecharam a estrada para a feira esta noite. A única maneira de passar é pela velha estrada de terra e não posso dirigir até lá com minha caminhonete.

Meu Chevy tinha a minha idade e, assim como eu, não estava em perfeitas condições. Além disso, era mais uma trilha do que uma estrada. Eu não achava que a caminhonete caberia ali, em primeiro lugar.

Andar pelo caminho de terra também não era uma grande ideia. Estava imprensado entre campos de milho. Havia linces[21], coiotes e todos os tipos de animais perambulando.

— Vamos pegar a moto. — West reapareceu na minha periferia.

— Desde quando somos um *nós* coletivo? — Eu girei no meu calcanhar para encará-lo, levantando uma sobrancelha.

— Você sabe pilotar uma moto?

— Não.

— Isso nos faz um coletivo. Nossa, Tex, para uma garota inteligente, você com certeza é meio estúpida.

Ele enfiou o capacete em minhas mãos. Peguei a coisa pesada, mas não fiz nenhum movimento para colocá-lo sobre minha cabeça. Eu o encarei, estupefata. Eu abri minha boca para recusar sua oferta louca, embora doce, mas ele levantou a palma da mão, parando-me.

— Poupe-me dessa merda. Você não está em posição de me recusar, e definitivamente não sou cavalheiro o suficiente para insistir nisso.

— Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer com seu tempo.

---

[21] Lince é um mamífero da ordem Carnivora, família Felidae.

— Não, tenho coisas mais *divertidas* para fazer com o meu tempo. — Ele fez uma careta. — Nada se compara a ajudar uma amiga necessitada.

Uma amiga.

Algo na maneira como ele disse me desfez completamente.

Eu me senti fraca. Crua. Eu odiava ser a destinatária da sua ajuda.

Se íamos fazer isso, eu precisava dar a ele um aviso justo.

— Minha avó é... uma figura, — eu avisei com cautela.

— Obrigado, *porra*. Todo mundo nesta cidade parece ser clinicamente chato. Suba. — Ele deu um tapa no assento de couro da sua moto.

— Você tem outro capacete? Para você?

West arrancou o capacete das minhas mãos, jogou meu boné no chão e enfiou o capacete na minha cabeça em um movimento rápido. Ele o prendeu no meu queixo, puxando a fivela.

Ele subiu na moto e ergueu o queixo.

— *Suba. Porra.*

Enfiei meu boné no bolso de trás rapidamente, abaixando minha cabeça. O capacete era inesperadamente pesado e apertava minhas bochechas.

— Não quero que você ande sem capacete.

Eu não queria que ele arriscasse sua vida por mim. Entre brigas ilegais e andar de moto, ele parecia estar fazendo um bom trabalho tentando morrer sozinho. Ele não precisava da minha ajuda.

Ele ignorou minhas palavras, enroscando os dedos nas órbitas dos olhos, balançando a cabeça, claramente exasperado.

— Venha aqui antes que eu jogue sua bunda sobre a moto como um saco de batatas. Aviso justo: não serei gentil.

Dei um passo em sua direção, sentindo minha decisão se partindo.

— E cuidado com a pintura de Christina, — ele rosnou.

— Christina?

— Homenagem à Christina Hendricks. — Ele deu um tapinha no pescoço vermelho brilhante da moto com sua mão áspera. — Elas são minhas ruivas favoritas.

— Ainda bem que apenas uma é estúpida o suficiente para deixar você montá-la. E ela não tem pulso, — eu disse impassível.

Ele olhou para a minha cabeça protegida por capacete por um instante, antes de jogar a cabeça para trás e rir com alegria pura e eletrizante que zuniu em minhas veias, fazendo meu sangue borbulhar. Assistir a fileira de dentes brancos confirmou minha suspeita inicial de que ele tinha um sorriso que colocava as mulheres de joelhos.

Homens também, provavelmente.

Eu deslizei minha perna sobre o assento atrás dele. Meu corpo todo estremeceu de ansiedade e adrenalina. Nunca me senti tão assustada e viva.

— Chega para frente, — ele ordenou.

Eu fiz. O motor rugiu como um animal feroz embaixo de mim.

— Agora se pressione contra mim.

— Isso é mais um movimento de terceiro encontro para mim.

West riu novamente. Sua risada soou gutural, esfumaçada, quase estranha – como se ele não estivesse acostumado a ser feliz.

— Ou se aproxima do idiota do campus ou voa como vento como um balão esvaziando. Você decide, Tex. Vou me divertir nos dois cenários.

West St. Claire tinha a incrível habilidade de fazer coisas boas e ainda agir como um idiota completo e absoluto sobre isso.

Relutantemente, eu grudei meu peito contra suas costas, minha cabeça aninhada entre suas omoplatas. Fechei meus olhos e respirei, lembrando a mim mesma que não tinha o luxo de ser puritana agora.

— Envolva seus braços em volta de mim, bem apertado.

Passei meus braços sobre seu corpo. Eu podia sentir os sulcos individuais entre seu tanquinho e meu coração começou a bater tão rápido que eu tinha certeza que ele seria capaz de sentir através de sua camisa fina.

Cortamos o ar parado, atirando pela estrada como uma flecha. West inclinou seu corpo para frente. Eu o agarrei com mais força, chocada com a maneira como estávamos equilibrados em sua moto, mesmo quando o concreto embaixo de nós se transformou em cascalho e, eventualmente, em estrada de terra. Sua camisa balançou como uma bandeira, e a rajada cortante do vento contra minha pele me tirou o fôlego. Cada centímetro do meu corpo formigou com arrepios.

— Saia dessa cabeça, Texas. Nada de bom está acontecendo aí agora. — O vento turvou suas palavras. Felizmente, ele pilotou devagar o suficiente para que eu pudesse ouvir alguma coisa.

— Se eu apenas tivesse notado a data, vovó estaria em casa e segura, — eu murmurei em seu capacete. Fui engolfada por seu cheiro. Masculino, sabão e perigo doce e inebriante.

Eu poderia me perder naquele cheiro se me permitisse. Eu me perguntei se era assim que vovó se sentia em relação ao vovô Freddie. Se sua presença a deixava delirantemente embriagada de euforia.

— Você é sempre tão dura consigo mesma? Não responda apenas nos dias que terminam com y.

— É meu trabalho cuidar dela. Ela me criou.

— Você pode cuidar de alguém sem se culpar por todos os seus problemas.

— Claramente, você nunca cuidou de alguém.

— Claramente, você está falando pela bunda, — West rebateu, sua voz se tornando ártica e cortante. Eu obviamente acertei um nervo.

— Minha bunda ainda faz mais sentido do que sua boca, — eu rosnei.

E assim, ele voltou a rir da minha afronta. O fato de eu responder a ele.

— Não sei sobre isso, querida, mas é uma bunda ótima, então eu gosto de ouvir.

Ele era tão diferente do que eu esperava. Como se ele escondesse sua personalidade divertida e alegre em algum lugar que as pessoas não conseguiam encontrar para mantê-los à distância.

— Afaste-se, cowboy. Se é por isso que você está me ajudando, pode me deixar aqui e dar meia-volta. Não sou esse tipo de garota.

— Que tipo você seria? — Seu tom se tornou abafado, provocador.

— O tipo que se encontra abaixo de você porque você deu a ela uma migalha de sua atenção.

— Em cima de mim também funciona.

— Continue assim, e o único peso que você sentirá é a minha caminhonete sobre o seu corpo.

— Estou brincando, Texas. Eu nunca daria em cima de você. Não misturo negócios com prazer. Além disso, eu não fico por aí além de uma conexão, e sem ofensa, mas você parece dar muito trabalho. Este é um favor puro e altruísta que estou fazendo a uma amiga.

Lá estava ele novamente. *Amiga*. Era a segunda vez que ele me chamava assim.

— É?

— Honra de escoteiro. Não espero nada de volta, a não ser sua admiração sem fim.

— Por que você está sendo tão legal comigo?

Eu sabia o suficiente sobre West para deduzir que ele não era do tipo doce e prestativo, e isso não tinha nada a ver com os rumores. Ele era um homem das cavernas de cara azeda no campus.

— Legal é uma grande palavra. — Estávamos nos aproximando do cruzamento que havia sido bloqueado. Olhei para a esquerda e para a direita, tentando freneticamente localizar a vovó. — Eu simplesmente não sou um pedaço de merda completo para você. Acho que isso a desequilibra.

— As pessoas não são uma merda comigo, — protestei.

— Vamos concordar em discordar.

— Se você está falando sobre Reign e as garotas com quem esteve na outra noite, é por conta deles, não minha.

— É sobre eles serem idiotas. É sobre você que rola e se finge de morta.

— Não me lembro de você ser tão cordial também.

— Não, — ele concordou, nenhum traço de desculpas em sua voz. — Da próxima vez, você tem minha permissão para derramar raspadinha na minha cabeça e chutar Reign nas bolas.

Eu estava prestes a responder quando vi a vovó. Era difícil não notá-la em seu vestido de noite cheio de lantejoulas azuis e vermelhas, batom rosa brilhante e salto alto.

Ela tinha o cabelo ajeitado e espetado – *quanto mais alto o cabelo, mais perto de Deus* – e ela estava segurando a pequena bolsa que carregava para a igreja todos os domingos, quando ainda íamos. Ela atravessou a rua a caminho da lanchonete.

— Pare! — Eu gritei.

Ele o fez, parando sem desacelerar. Lama espirrou ao nosso redor e eu cambaleei para frente, meu peito colidindo com suas costas. West passou um braço em volta de mim sem jeito, segurando-me pela cintura.

— Encontrei ela, — eu disse sem fôlego, desmontando da moto. Minhas pernas tremiam. — Obrigada. Ela é aquela com o vestido de Diana Ross do outro lado da rua. Vou levá-la para casa imediatamente. — Tirei o capacete, sabendo que devo ter deixado vestígios de base dentro dele, e o coloquei em suas mãos. Enrosquei meu boné de volta na cabeça. — Tenha uma boa noite agora, West.

Eu corri pela estrada, quase derrubando vovó no chão. Ela girou lentamente com as batidas dos meus pés, o sorriso em seu rosto se transformando em uma carranca quando ela viu minha figura se aproximando.

— Bem, eu serei amaldiçoada. O que você está fazendo aqui, Gracie-Mae? Você deveria estar na cama. Amanhã é dia de aula.

Vovó bateu com a bolsa na coxa.

Sua testa estava úmida da longa caminhada na estrada de terra, seus sapatos sujos de lama.

Quantos anos ela pensa que eu tenho?

— Só queria ir junto. — Eu parei, um sorriso angelical estampado em meu rosto.

— Docinho, eu tenho um encontro com seu avô. Não podemos fazer algo amanhã?

Eu balancei minha cabeça violentamente. O sorriso no meu rosto era tão doloroso quanto uma ferida e tão tenso quanto. Ela achava que o vovô ainda estava vivo.

— Por favor. Eu *realmente* quero me juntar a você, vovó.

Ela abriu a boca, prestes a me repreender novamente, quando seus olhos se arregalaram, iluminando-se com algo atrás de mim. Eu girei no meu calcanhar. Meu rosto caiu imediatamente.

Por favor, Senhor, não.

— Boa noite, Sra. Shaw. Como estamos esta noite? — West cambaleou em nossa direção, um bastão doce preso entre seus dentes perfeitos, seu sorriso bastardo em plena exibição. Os vincos atrás de seus olhos de trevo me lembraram de Scott Eastwood.

Eu me perguntei qual era o problema com os doces da moda antiga. Ele sempre escolhia o mesmo sabor de maçã verde. — Bom tempo, não?

— Encantador. — Ela afofou o cabelo espetado, que permaneceu rígido como uma rocha. — Eu não acredito que já nos conhecemos?

Vovó Savvy estendeu o braço na direção de West. Ele o agarrou, inclinando a cabeça e roçando os nós dos dedos dela com os lábios, removendo temporariamente o doce de sua boca.

— Não conhecemos, para minha consternação. West St. Claire. Eu trabalho com Grace.

— Ora, ela não mencionou você, infelizmente.

O olhar que ele me lançou quase me fez rir. Ele parecia genuinamente surpreso. Tive a sensação de que esta era a primeira vez que uma mulher que ele conhecia não fazia dele o centro de seu universo.

— É mesmo? — Ele estreitou os olhos para mim, enfiando o doce de volta na boca, mordendo-o até que partisse. Dei de ombros.

— Você e Gracie-Mae gostariam de se juntar a mim e Freddie para comer? — Vovó perguntou.

Eram onze e meia e ela parecia uma bagunça. Seus pés devem doer muito; ela não estava acostumada a andar tanto. Além disso, eu realmente não queria que o pior bad boy da Sheridan University passasse um tempo cara a cara com minha caótica avó, não importa o quão superficial e ingrata isso me fizesse parecer.

— Não! — Eu gritei ao mesmo tempo que West disse facilmente: — Agora, isso é um plano.

Vovó olhou entre nós, levantando uma sobrancelha.

— Vocês, crianças, precisam de um minuto para decidir?

Minhas bochechas estavam tão quentes que fiquei surpresa por minha cabeça não entrar em combustão. Morrer de vergonha seria cruel, mas também bem-vindo neste momento.

— West acabou de sair de um turno. Tenho certeza que ele quer ir para casa.

— West pode pensar por si mesmo, e o que ele quer é um bife e uma boa companhia. — West me empurrou rudemente, rolando o bastão doce em sua boca sedutoramente, exibindo um sorriso malicioso e bem treinado na direção da minha avó.

— Onde estão suas maneiras, Gracie-Mae? O homem está com fome e está pedindo para acompanhá-lo, simpático e decente. Eu a criei melhor do que isso, eu juro.

— Não duvidei por um segundo, senhora.

West abriu a porta do restaurante para nós. Vovó desfilou primeiro. Ele balançou as sobrancelhas para mim, um sorriso zombeteiro em seu rosto.

— Damas primeiro.

— O que há de errado com você? — Eu disse entredentes.

Ele deixou escapar um longo suspiro de sofrimento.

— Quanto tempo você tem, cara?

Eu soquei seu braço, enquanto arrastei meus pés pela porta.

Ele riu.

Ele realmente *riu*.

Como se a ideia de eu infligir qualquer tipo de dano a ele fosse ridícula.

— Você perdeu uma aposta? — Eu sussurrei, enquanto começamos a andar juntos.

— Você perdeu a porra da cabeça? — Ele rebateu, fervilhando em um perigoso silêncio, que não conseguia entender como a vovó não percebeu. — É só uma refeição, e sua bunda nem está no cardápio.

— Não me diga que não é estranho que você queira passar um tempo comigo e com minha avó.

Eu era Tostada, a garota estúpida e louca. Todo mundo sabia disso. Mesmo se ele não soubesse, os últimos dez minutos o deixaram atualizado, com certeza. Por que ele estava saindo de seu caminho para ser meu amigo?

— Nem tudo é sobre você, Texas. Na verdade, muitas poucas coisas são. É uma bênção e uma maldição, realmente. O mundo não gira em torno de sua bunda atrevida. Às vezes, um cara só quer um bife.

— Eu...

Ele me cortou rapidamente. — Com fome. Saia do meu caminho. *Agora*. — Ele sacudiu a cabeça, sinalizando para eu seguir em frente.

Vovó deslizou para uma cabine vermelha em forma de ferradura e nós seguimos o exemplo. Uma garçonete de meia-idade se materializou para anotar nossos pedidos. Ela usava um uniforme rosa com um colarinho xadrez preto e branco e cabelos descoloridos.

O Ronda's Roost era um estabelecimento aberto 24 horas, atendendo principalmente aos caminhoneiros que passavam por ali. Havia apenas um punhado de clientes bebendo café de filtro e torta. Vovó pediu chá gelado e chili[22], enquanto West foi para o clube Rajun Cajun[23]com batatas fritas duplas, milk-shake e um bife mal passado que eu descobri mais tarde ter sido extraído de metade de uma vaca. Pedi uma Pepsi Diet e um *milagre*. A garçonete estalou o chiclete, gargalhando da minha piada.

— Noite difícil, garota?

---

[22]Chili ou também conhecido como chili com carne, é um ensopado picante que contém pimenta, carne e, muitas vezes, tomates e feijões.
[23]Comida tipica da Luisiania.

— Você poderia dizer isso, — eu murmurei, estreitando meus olhos para West do outro lado da mesa. Ele sorriu facilmente, o brilho teimoso em seus olhos me assegurando que ele não se importava nem um pouco com minha hostilidade.

Era como se ele tivesse feito um transplante de personalidade durante a noite. Talvez ele estivesse tendo um colapso mental ou algo assim, porque ele não se parecia com o cara que eu tinha visto no campus nos últimos dois anos.

Ranzinza, quieto e sério. Com uma corrente de escuridão subjacente. Ele caminhava pelos corredores, o Sindicato dos Estudantes, a biblioteca e a Greek Row[24] como se fosse um homem esperando que um raio o atingisse.

Aquele cara valentão, violento, quieto e fervendo de raiva? O West na minha frente nem mesmo estava *relacionado* a ele.

Vovó não agia como se o vovô Freddie estivesse lá com a gente, então imaginei que *consegui* meu pequeno milagre, afinal. Ela se inclinou para frente, jogando uma moeda na jukebox e escolhendo "At Last" de Etta James. Ela estava claramente gostando da atenção masculina, contando a West sobre seu tempo trabalhando neste restaurante.

[24] Nome de uma avenida.

— Deixe-me dizer a você, nada acontecia por aqui naqueles dias. Ainda assim, não mudaria por nada no mundo. Foi onde conheci meu marido.

— Ele deve ter sido especial. — West sorriu de volta para ela, e eu tentei me lembrar de vê-lo sorrir na escola. Temos mídia mista[25] juntos, então eu o tinha visto bastante. Não conseguia me lembrar de uma única vez, o que me assustou.

— Rapaz... — Ela se inclinou para frente, dando um tapinha nas costas da mão dele. — Ele era tão inteligente, perigoso como o Diabo e duas vezes mais bonito.

Vê-la feliz *me* deixou feliz, então, eventualmente, eu relaxei no assento de vinil que rangia e os deixei socializarem.

— Então, Sr. St. Claire, você está cortejando minha pequena Gracie-Mae? — ela perguntou depois de um tempo, abaixando o queixo para examiná-lo através de seus óculos de leitura.

Engasguei com meu refrigerante, borrifando-o sobre a mesa.

West sorriu, inclinando-se na mesa em frente a nós para que ele e a vovó estivessem quase nariz com nariz, sua voz caindo para um sussurro. — Posso ser honesto?

— Honestidade é a melhor política.

---

[25]A expressão em inglês –mixed media-remete à variedade de recursos que serão utilizados em uma única peça de arte. É literalmente uma mistura de técnicas aplicadas para criar efeitos únicos.

— Eu não sou um cara muito comprometido, Sra. Shaw. Grace merece muito melhor, então esse é um rabo que não vou perseguir. Além disso, sua filha não é exatamente minha fã número um.

— Filha? — Vovó colocou a mão no peito, rindo. — Meu querido, você entendeu tudo errado. Sou a *avó* de Grace.

— Por que... — Ele me lançou um sorriso brincalhão. Eu queria matá-lo. Ele *sabia* que ela era minha avó. — Não posso acreditar. Você se parece com a irmã de Grace.

— Irmãzinha, eu suponho, — eu murmurei, chupando meu canudo. Ele riu, amavelmente.

O homem estava tornando isso tão íntimo que imaginei que ele pudesse fazer minha maquiagem.

Vovó e West comeram e tiveram uma conversa fácil novamente.

Eles falaram sobre o tempo no Maine (de acordo com ele, era uma merda), a comida no Maine (o mesmo, exceto pelos frutos do mar), sua família (West tinha mais sutileza do que dizer que *eram* péssimos, mas por suas respostas caladas, achei que ele não era próximo de seus pais). Quando terminamos, West prometeu levar a vovó ao restaurante novamente em breve, e ela jurou que faria para ele uma de suas famosas tortas. Como não fiz parte da conversa, pedi licença e fui ao banheiro para reaplicar a base. Quando voltei para a mesa, vi que West tinha cuidado da conta e estava se

levantando para sair. Vovó foi pega em uma conversa animada com nossa garçonete, contando a ela sobre seus dias no restaurante.

Eu estremeci. — Você não deveria ter pago. Obrigada.

Ele enfiou a carteira na parte de trás da calça jeans, puxando o elo da corrente presa a ela. Ambos os seus pratos estavam completamente limpos, e ele também tinha acabado com as sobras da vovó. Ele devia estar morrendo de fome.

— Eu pedi um táxi para vocês. — Ele ignorou minha gratidão, seu comportamento mudando de volta para o rude áspero. — Tranque a porta da frente e coloque a chave em algum lugar onde ela não consiga encontrar.

— Ela tem permissão para andar pela casa, — eu rebati,só por uma questão de protestar. Eu não gostei que ele me dissesse o que fazer, mesmo se eu soubesse que ele estava certo.

Ele me lançou um olhar. — Esconda onde ninguém gostaria de visitar.

— Onde seria isso? — Cruzei os braços sobre o peito, lançando um olhar fixo.

— Que tal, sua cama?

Ele pegou o capacete de seu assento, colocando-o debaixo do braço. Ele deu um beijo de despedida na bochecha da vovó e saiu correndo, sem me dar um olhar. Eu

o observei pelas janelas de vidro. Ele içou uma perna por cima da moto, acelerando. Vovó apareceu ao meu lado. Nós observamos enquanto a luz vermelha de sua moto ficava cada vez menor, até desaparecer em um ponto na escuridão.

— Tenha cuidado com aquele, amor. Ele é mais selvagem do que quilômetros e quilômetros de cobras. — Ela enrolou seu braço em volta do meu, acariciando meu antebraço. Ela estava sendo normal, a doce vovó Savvy de novo, e eu gostaria de poder tê-la um pouco mais para que pudesse contar a ela tudo sobre minha vida, minhas lutas, meus relacionamentos.

Para que eu pudesse obter a opinião dela, uma mulher sulista independente.

Pensei nas meninas que frequentavam a janela do nosso food truck. Sobre a regra de ligação única de West. Sobre sua reputação e nós dos dedos quebrados, os sorrisos astutos e diabólicos olhos verdes sem fundo que ficavam cuidadosamente achatados sempre que ele os mirava em outra pessoa.

Vovó estava certa.

Meu coração não podia se abrir para West St. Claire.

Eu iria me certificar de que o resto do meu corpo iria ouvi-lo.



Seis

West

— West, meu homem, o que está acontecendo?

Max lutou para alcançar meus passos, enquanto eu entrava no café. Ele ofegava como um daqueles cães com cara de rato que não conseguiam correr da cozinha para a sala de jantar. Ele era um cara baixo e robusto, com uma constelação de acne emoldurando sua mandíbula e cachos ruivos e ásperos que ele insistia em tentar domar com produtos para cabelo.

A combinação o tornava pouco atraente para qualquer pessoa com um par de olhos ativos, o que, infelizmente para ele, era noventa e oito por cento da população do campus.

O idiota era mais conhecido por agendar as lutas no Sheridan Plaza – e um colecionador ansioso de todas as que East, Reign e eu não queríamos no departamento feminino durante as noites de luta. Max lucrava uma boa parte orquestrando meu show no depósito Reservoir Dog. Ele fazia o trabalho de campo; eu fazia o trabalho de punho.

Ele trazia todos os seus amigos da fraternidade de Pike, Beta Theta Pi e Sig Ep para a arena toda semana e os fazia desembolsar dinheiro para as apostas, ingressos e cerveja. Funcionava para mim, já que era eu quem ganhava muito dinheiro no final de cada noite.

— Vá direto ao ponto, Max. Não estamos atirando merda aqui, — eu rebati.

Eu estava indo para o refeitório, prestes a encontrar East. Meu telefone vibrou no meu bolso, como fazia com frequência. Eu ignorei. Não precisei olhar para ver quem era – mamãe – e o que ela queria de mim – mais dinheiro.

Max bateu palmas, praticamente pulando. Ele usava um vintage Jordan Airs[26], um cinto de grife e produtos para o cabelo o suficiente para esculpir a porra de uma criança de seis anos. Eu fiquei chapado somente com o cheiro que vinha de seu cabelo.

— Certo. Curto e grosso, entendi, — gritou ele. Entrei na cafeteria, ele me seguindo como um peido. — Eu tenho um novo trabalho para você. Algo exclusivo que não aparece todos os dias. Lucrativo como o inferno, mas super de última hora.

— Você vai cuspir isso? — Procurei por East no local. Meu melhor amigo fazia sanduíches para mim todas as manhãs, como uma garotinha apaixonada com estrelas nos

---

[26] Modelo de tênis de cano alto da marca Nike.

olhos, e os trazia com ele. Suspeitei que ele estava preocupado que eu morresse de fome se não cuidasse de mim. Talvez porque ele me conhecesse bem o suficiente para saber que sempre haveria um pequeno lado de mim que não se importaria de morrer.

Isso teria dado uma inexistência pós-morte louvável. Evidentemente, eu não fazia uma tentativa ativa de me manter vivo com meus hábitos atuais.

— Então, já ouviu falar de Kade Appleton? — Max perguntou.

Appleton era um lutador profissional de MMA e nativo de Sheridan, ele se mudou para Vegas cerca de cinco anos atrás. Ele era conhecido por ser frequentemente suspenso por lutar sujo no ringue. O consenso geral era que ele merecia levar um soco no rosto como meio de vida. Cada residente Sheridan que o conheceu enquanto crescia, tinha uma história violenta sobre um animal que ele matou, uma espingarda que ele apontou para alguém ou um soco que o fez enviar algum pobre coitado para o pronto-socorro.

No que diz respeito aos caipiras, Kade Appleton era o garoto propaganda. Eu ficaria surpreso se ele possuísse um par de sapatos.

— Acontece que ele está na cidade, e está disposto a lutar com você esta noite se você quiser. Ainda temos o cara da Penn State alinhado, mas podemos colocá-lo em banho-maria por um tempo. As probabilidades estão contra você se

a sua escolha for a luta de Appleton. Já fiz uma planilha. — Max pegou seu telefone, jogando uma tabela de Excel na minha cara. Parei no meio do caminho, assobiando baixinho quando vi os números.

Um dos principais problemas que tenho enfrentado desde que comecei a deixar as pessoas inconscientes como profissão, era que derrotava todo mundo com quem lutava. Mesmo quando eu deixava que eles dessem um ou dois socos para manter o público interessado, eu era competitivo o suficiente para nunca perder de propósito e ainda tinha alguma integridade em mim. Isso representava uma probabilidade bastante ruim, e o dinheiro estava secando, já que todos sabiam que eu iria ganhar.

Kade Appleton era um lutador treinado profissionalmente, com alguns campeonatos em seu currículo. Isso fazia dele uma oportunidade de ouro para ganhar muito dinheiro.

Uma banana ricocheteou no ar, batendo no peito de Max e caindo aos meus pés. Eu olhei do telefone de Max para a direção de onde ela veio, percebendo East e Reign do outro lado do refeitório, curvados sobre uma mesa. Eles acenaram para mim.

Comecei a ir na direção deles.

— Bem? — Max seguiu. — O que você diz?

— Eu topo.

Eu deslizei para o banco na frente de East, que me entregou um sanduíche de ovo encharcado. Espero que suas paqueras sejam tão molhadas quanto suas omeletes. Ele precisava dispensar o óleo.

— Topa? — East ergueu uma sobrancelha. Reign estava ao telefone, de costas para nós. — Topa o quê?

— Ele está lutando contra Kade Appleton esta noite, — Max respondeu, estrelas em seus olhos.

East balançou a cabeça, suas sobrancelhas contraindo-se.

— Porra, não. Aquele idiota luta sujo e todo mundo sabe disso. Toda a sua comitiva gosta de porcarias. Não vale a pena, Westie.

Eu odiava que ele me chamasse assim. *Westie*. Mas também estava ciente de que East era uma das únicas pessoas no planeta Terra que eu podia suportar, e mais importante – *me suportar*. Viemos juntos para Sher U da nossa pequena cidade no Maine. Separar depois de tudo que passamos parecia errado.

Morávamos juntos. Compartilhávamos tudo: Passado. Presente. Futuro.

Não havia como nos separar neste ponto.

Sempre fomos East e West[27] – filhos maravilhosos.

Até eu deixar de ser um.

Eu ignorei East, dando uma mordida no meu sanduíche e apontando na direção de Max. — Marque a luta.

— Mano. — Os olhos de East se arregalaram. Reign desligou, jogando o telefone sobre a mesa e arrancando um pedaço de queijo grelhado com os dentes.

— Boa tarde, senhoras. Posso perguntar o que deixou seus espartilhos tão apertados?

— West vai lutar com Kade Appleton esta noite. — East apontou o polegar em minha direção, em um movimento *olhe só para este idiota*.

As sobrancelhas de Reign saltaram para a testa. — Puta merda. Pessoalmente, se eu fosse suicida, me afogar em drogas psicodélicas seria a minha morte preferida, mas o que quer que você goste, cara.

— Se você mudar de ideia, ficarei feliz em ajudá-lo. — Dei outra mordida no meu sanduíche de omelete oleoso, tentando não sentir falta da comida italiana da minha mãe. Apesar de todos os seus defeitos, ela sabia cozinhar uma refeição boa *pra* caralho. Além do incidente do jantar esta semana, eu não comia uma refeição caseira há anos.

---

[27] Aqui ele faz referência aos nomes deles terem o mesmo significado. Os dois possuem nomes de pontos cardeais. East e West, Leste e Oeste.

— West não é suicida, — disse East, mais para si mesmo do que para qualquer outra pessoa à mesa. Ele me lançou um olhar. Eu balancei minha cabeça. Eu não tinha planos de me matar, mas se morresse, bem, isso não seria uma reviravolta indesejada na história.

Reign riu. — Sério, no entanto, você está realmente pensando em entrar no ringue com Appleton? Posso ficar com seus AirPods[28]? O meu tem cera de ouvido suficiente para encher um pote de mostarda.

East o chutou por baixo da mesa, em seguida, começou a esmagar minha canela com o pé.

— East – eu não quero ouvir isso. Reign – eu não quero ouvir *você*. Max – dá o fora. Eu estarei lá esta noite. Espalhe a notícia. Faça valer a pena.

— Foi o que ela disse, — brincou Reign.

Agora tanto East quanto eu socamos seu braço.

Quando aceitei o emprego no food truck, disse à Karlie que as sextas-feiras seriam de folga. Ela sabia o motivo. Ela era uma das únicas garotas em Sher U, junto com Texas, a não aparecer para noites de luta. Eu gostava que pudesse manter meu show no food truck separado do meu show de quebrar narizes.

---

[28] Fones de ouvido da Apple.

Max saiu correndo. A mesa ficou em silêncio antes de Reign pigarrear.

— Brincadeiras à parte, há uma razão pela qual Appleton está atualmente suspenso da liga MAF. Ele foi preso no ano passado por agredir sua namorada. A mãe de seu filho. As fotos do rosto dela depois do fato não são algo que você gostaria de ver enquanto come. Apenas desabafando.

— E seu empresário é famoso por organizar brigas de cães. Ele foi para a prisão por isso, tipo, por três anos, — East interrompeu.

— Está certo. Shaun Picker. Entre os dois, eles têm uma ficha criminal mais longa do que *Guerra e Paz*. — Reign apontou o dedo para mim com a mão que segurava seu queijo grelhado. — Que, só para constar, eu nunca li, mas ouvi dizer que, como eu, é grosso *pra* caralho e não é fácil de engolir.

— Eu não vou me casar com a bunda dele, vou chutá-la no ringue. — Eu fiz uma careta. — Olha, essa merda está resolvida, então vocês podem muito bem mudar de assunto. — Perdi o interesse neles e olhei ao redor do refeitório, procurando o que, eu não tinha certeza, exatamente.

Eu precisava do dinheiro.

Desesperadamente.

Era o tipo mais cruel de ironia.

Crescendo, eu sempre prometi a mim mesmo que não seria aquele idiota que vivia para trabalhar versus trabalhava para viver. Por outro lado, nunca fui muito bom em cumprir promessas.

Eu cresci, estraguei tudo, cometi erros e tive que pagar por eles.

Hoje em dia, eu estava perseguindo meu salário como todo idiota de quem tive pena quando criança, e nem mesmo ganhava o dinheiro para mim.

Appleton era uma luta que eu não podia recusar. Eu iria vencer. Mesmo se eu tivesse que matar o bastardo para conseguir um bom dinheiro.

Meu telefone vibrou no bolso pela centésima vez hoje. Eu tirei, desliguei e mandei uma mensagem para minha mãe.

West: Envio mais dinheiro na segunda-feira. Me deixa em paz.

Uma notificação de mensagem de voz apareceu na tela. Eu apaguei antes de ficar tentado a ouvi-la. Eu olhei para cima, entre Reign e East. Um lampejo de preocupação marcou seus rostos.

— *Esqueça isso,* — frisei.

— Você vai para o ringue com Appleton, você pode estar arrastando todos ao seu redor para uma confusão, — alertou Easton. — O homem é basicamente um membro de gangue. Ele opera como a máfia.

— Se der merda, você sabe onde fica a porta. — Eu encontrei o olhar de Easton de forma constante, minha mandíbula apertando com raiva mal contida. — De qualquer maneira, vou lutar.

Reign se levantou, espreguiçando lentamente.

— Tudo bem, estou saindo. East, vejo você no treino. West – foi bom conhecer você. Eu vou deixar algumas flores em seu túmulo e confortar suas amigas que podem precisar de um aquecimento na cama à noite. — Ele abaixou a cabeça, agarrou sua mochila e saiu correndo.

East observou as costas de Reign antes de fixar seu olhar em mim.

— As coisas estão tão ruins em casa?

Ele sabia exatamente por que eu aparecia no ringue toda sexta-feira, e não era pelo orgulho ou glória. Sim, eu era muito competitivo – corria no meu sangue. Sempre que via um desafio, eu o vencia, mas lutar nunca teria sido meu caminho na vida se não fosse pelo que aconteceu.

Enfiei o resto do meu sanduíche na boca.

— Você conhece meu pai. Ele não pode gerenciar um negócio para salvar sua vida. Não posso deixá-los perder a fazenda. Eles não terão mais nada.

East assentiu. — Estou aqui se precisar de mim.

Apesar de ser o clichê mais falso que eu já ouvi, eu sabia que ele realmente quis dizer isso, e apesar de saber que ele *não poderia* me ajudar, isso realmente me fez sentir um pouco melhor.

— Onde você estava ontem à noite? — Ele mudou de assunto.

— Essa garota, Grace, do food truck, teve um problema. Ela saiu mais cedo, então eu precisava fechar a loja.

Eu não ia compartilhar os negócios de Texas com East. Não porque eu tivesse um osso decente em meu corpo, Deus me livre, mas porque estava acima das fofocas da cidade. Além disso, se eu estivesse no lugar dela e alguém despejasse tudo sobre minha avó, eu os rasgaria e usaria o que sobrou como enfeite para uma árvore de Natal.

Com certeza não era fácil para Texas.

— Tente novamente. Você voltou à uma e meia. Eu ainda estava acordado. — East tamborilou na mesa, dando-me o olhar *te peguei*.

— Fui jantar depois. Não percebi que você queria ficar de conchinha.

— Você não come fora. Você é muito pão-duro para comprar um maldito par de meias.

Isso era verdade *pra* caralho. Comprar tacos e raspadinhas para todos algumas semanas atrás foi algo único. Uma das garotas que nos acompanhava, é a irmã de um cara que mandei para a UTI depois de uma noite de luta. Ele estava ameaçando me processar, e eu precisava bajulá-la para convencê-lo a desistir do caso. Ele fez.

— Digamos que eu saí com a garota Shaw. — Eu bocejei provocativamente. — E daí? Eu comi um bife, não sua boceta.

— Você nunca come boceta, — East observou.

Isso também era verdade. Comer as partes íntimas de uma estranha parecia o mesmo que lamber um banheiro público. Eu não tinha ideia de onde suas bocetas estiveram, mas considerando que esta era a faculdade, e não muito boa, meu palpite era: em *todos os lugares*.

— Você também nunca convida alguém, — East disparou, inclinando-se para frente, indo para a matança. — Jantar soa *muito* como um encontro.

— Eu não a convidei. Eu a *ajudei*.

— Engraçado, não me lembro de você ter um complexo de Superman.

— Uma vez em cada lua cheia eu me sinto caridoso. Me processe, Braun.

— Besteira, St. Claire. Você está de olho nessa garota, e nós dois sabemos por quê.

Isso realmente funcionou. Eu bati meu punho contra a mesa.

— Você tem um ponto? Se sim, por favor, vamos a isso neste século.

Foi apenas uma merda de refeição. Texas gastou mais da metade do tempo atirando punhais em mim com seus olhos azuis árticos e rezando silenciosamente para que uma bomba caísse diretamente sobre a lanchonete.

— Acho que você está interessado. — Ele exibiu seu sorriso de comedor de merda. — Diga-me que ela não te atrai.

— Ela não me atrai, — eu disse casualmente. — Mesmo se ela fizesse, eu nunca a tocaria.

Texas era atraente, mas oitenta por cento das garotas do campus também eram. E elas vinham sem drama, complicações e autoestima detonada. Ponto bônus: elas não funcionaram comigo. Ficar com alguém que eu tinha que ver quatro vezes por semana era um grande não.

Para não mencionar, ela provavelmente deve ser terrível na cama.

— Isso é o que me preocupa. — East coçou o queixo liso. — Não alimente suas esperanças, então observe-as quebrando e queimando. Se você começar a dar a ela um tratamento especial, ela terá ideias. Você me entende?

Texas estava muito perturbada com suas cicatrizes para considerar transar. Isso era óbvio. Ele não tinha nada com o que se preocupar. Ela era a única mulher com quem eu não conseguiria dormir no campus, e apesar da minha natureza competitiva, eu estava bem com isso.

Essa era a questão de estar em cima do muro com toda a situação de vida. Parei de me preocupar e de buscar coisas que, do contrário, teria desejado e cuidado. A vida não tinha mais sabor, pulsação e cores.Nada mais fazia sentido, e o prazer e a dor foram substituídos por uma dormência geral.

— Está tudo sob controle. — Limpei minha boca com as costas do braço. — Ela não é meu tipo.

— Você não tem um tipo. Você odeia todo mundo. — East enrolou seu embrulho de sanduíche e jogou na minha cara. Eu peguei no ar. *Instintos assassinos.* Eu joguei de volta nele, olhando-o nos olhos.

— *Exatamente.*



— St. Claire. Espere, — uma pequena voz soou atrás de mim.

Passos femininos ecoaram nas minhas costas. Não parei de andar ou me virei para ver quem era, em meu caminho para o ginásio do campus. Eu nunca tive minha bunda chutada no ringue, e planejava manter meu recorde incontestado intacto.

Apesar do voto de desconfiança de East e Reign, eu treinava duramente e era totalmente capaz de aniquilar Appleton com um braço amarrado nas costas.

— Nossa, o que há com você? — a voz atrás de mim bufou.

Texas nunca tinha me procurado no campus antes. Ela não era do tipo que tentava passar um tempo juntos só porque trabalhávamos um com o outro, e era novidade ter uma garota que não se deslumbrava com meu status, cicatrizes de batalha ou problemas de raiva.

Ela caminhou comigo, seus punhos enfiados nos bolsos do moletom. Seu traje de inverno parecia deslocado no cenário de shorts e saias curtas. Ela usava o mesmo boné cinza esfarrapado, seus longos cabelos loiros caindo em cascata até a parte inferior das costas.

— Você está me ignorando. — Ela apertou os olhos.

Eu não respondi, ainda andando. Era importante discernir que não éramos melhores amigos. Só porque eu tinha feito uma boa ação noite passada não significava que me importava. Eu estava disposto a dar uma mão quando ela precisou de ajuda, mas não íamos cantar "Kumbaya[29]" juntos à fogueira ou comprar pulseiras da Taylor Swift combinando. East estava certo. Eu precisava ter certeza de que ela sabia que eu não estava interessado, no caso improvável de que ela tivesse outras ideias.

— Quer parar de andar? — Ela jogou os braços para o alto.

— Eventualmente, — eu disse com um tom mordaz. — Quando eu chegar ao meu destino.

— Para onde? Inferno? Estou esperançosa.

— Por que ir para o inferno quando posso desfrutar do mesmo bom tempo no food truck, com um bônus adicional da sua bunda resmungona? — Eu me perguntei em voz alta.

O ar-condicionado que eu levei não fez muita diferença, mas parei de trabalhar sem camisa, porque Texas não conseguia olhar para mim quando estava sem ela, e eu estava cansado dela falar com as minhas botas sempre que se dirigia a mim.

---

[29] Kumbaya é um spiritual cantado para doar à comunidade uma música que faça sentido para ela e possa revigorá-la; para inspirar aquele que necessita de ajuda; para invocar o sentido da união em um mundo tão confuso e desafiador.A palavra Kumbaya representa um chamado a Deus, um pedido de ajuda: Deus, venha aqui!
A canção Kumbaya, my Lord é universalmente famosa, tendo sido transformada em um ícone cultural.

Provocar não era algo do qual eu estava acostumado, especialmente com garotas – *especialmente* com garotas que eu não tinha interesse em assistir levando meu pau em suas bocas – mas, por algum motivo, essa garota tirou o garoto do ensino médio de mim.

Ela nunca foi além de um comentário imaturo e sarcástico, sempre disposta a alguns golpes verbais, e eu imaginei que nós dois não nos importávamos em impressionar um ao outro.

— Porque você seria um convidado de honra lá, — ela sibilou.

Vê? Sarcástica com S maiúsculo.

Então, do nada, um cotovelo pontudo se cravou em minhas costelas, exatamente onde eu tinha um machucado da última luta de sexta-feira. Eu instintivamente parei, não porque doesse – embora, droga, realmente doeu – mas porque eu percebi que ela sabia exatamente o que estava fazendo, e isso foi um movimento idiota. Especialmente depois que eu salvei sua bunda ontem.

Ela me deu um soco nos rins, onde *também* sabia que eu estava com uma contusão. Então ela se jogou na minha frente, bloqueando meu caminho.

— Que porra é essa? — Eu perguntei sem rodeios, olhando para ela como se ela fosse algo que eu tinha que

jogar na lata de reciclagem, mas estava com preguiça de pegar.

Ela apertou os lábios, carrancuda. Ela parecia uma criança de cinco anos tentando ser durona. Eu meio que desejei que ela tirasse o boné feio e mostrasse o rosto.

Quão ruim pode ser?

Muito ruim se eles a chamavam de Tostada.

Ela examinou meu torso por cima da camisa, então foi para o meu braço, socando-o.

— Pare com isso.

Ela socou meu outro braço.

Então, meu abdômen.

A merdinha estava tentando *lutar* comigo.

No meio do campus, com pessoas espalhadas nos bancos e no gramado, olhando. Todos no Union Building[30] estavam nos olhando pela janela do chão ao teto.

Ela deu um tapa no meu peito e estômago. Sarcástica *e* insana. Este último era uma nova e indesejável descoberta.

Eu a peguei pelas costas do moletom, como um rato pelo rabo, até que seus pés estivessem acima do solo. Ela era leve como uma pena e tão ameaçadora quanto. Ela chutou o ar,

---

[30]O Union Building é um prédio da Universidade do Texas, no campus de Austin, que serve como um "centro comunitário independente da faculdade" ou "sala de estar" para os estudantes.

tentando – e falhando – socar meu rosto. Foi cômico, vê-la me atacando com tudo que tinha e ainda sem conseguir me acertar.

Um público curioso se aglomerou ao nosso redor como uma mancha pré-gozo na cueca de um adolescente. Eu odiava ser observado. Só tolerava isso se as pessoas pagassem pelo prazer de me ver no ringue. Mas ela acabou de se certificar de que seríamos o evento principal da tarde de sexta-feira.

Eu peguei tudo de bom que eu pensei sobre Texas de volta.

Ela era um grande pé no saco.

— Me deixe no chão, — ela sussurrou, seus punhos cerrados balançando no meu rosto.

— Se eu fizer isso, você se comportará como uma dama e não como um animal raivoso? — Eu arqueei uma sobrancelha, falando lenta e condescendentemente para irritá-la ainda mais.

— Seu arrogante! — ela balbuciou.

— Resposta errada.

— Você é um idiota!

— Bzzz. Errado de novo.

— Foda-se!

Eu estava ficando impaciente e entediado. — Isso é uma oferta, Texas? Não havia necessidade de ser tão agressiva. Tudo que você precisava fazer era pedir, — eu disse lentamente.

Texas era como a cidade de Tróia. Suas paredes eram altas, grossas, protegidas e não valiam a conquista. Abortar não era uma opção, e lutar para atravessar seus muros só para transar, ia contra minhas intenções em relação às mulheres.

— Você *nunca* me terá, St. Claire.

— Espere, vou tentar superar o desgosto. — Eu levantei um dedo e deixei uma batida de silêncio passar entre nós. — Feito. Agora, se eu colocar sua bunda no chão, você explicará eloquentemente por que está agindo como um texugo sob efeito de metanfetamina?

Ela cruzou os braços sobre o peito, mas assentiu. Eu a soltei. Todo mundo estava olhando para nós a uma distância respeitável. Eles sabiam melhor do que chegar perto e escutar abertamente. Evitei apontar que éramos o centro das atenções. Se eu odiava uma audiência, Texas abominava.

Razão pela qual parecia totalmente insano para ela se formar em teatro e artes.

De qualquer forma, eu não poderia correr o risco de ela desmaiar. Algo me disse que eu não resistiria à vontade de

passar por cima dela e caminhar rapidamente para o ginásio sem olhar para trás.

— Ouça. — Ela soltou um suspiro. — Não quero parecer ingrata...

— Mas você está prestes a ser...

Ela rosnou na minha direção. — Eu juro por Deus, St. Claire, se você contar a alguém sobre a noite passada... sobre a vovó Savvy...

— Não diga mais nada, — cortei suas palavras novamente. — Eu não vou.

Ela me olhou com ceticismo. — Promete?

— Eu não prometo nada. Nunca. Isso é um princípio, — eu disse com firmeza. — Não tenho planos de lavar sua roupa suja. Mas eu não vou esculpir isso na minha testa para acalmar sua bunda.

— É um visual legal. — Ela mordiscou o lado do lábio inferior. — Tem certeza que não está aberto a isso?

Eu segurei um sorriso. Ela era uma esquisita. Uma curiosamente irritante por sinal. Com uma bunda digna de um poema de um dos melhores poetas do século XXI, Lil' Wayne.[31]

— Seu segredo está seguro comigo.

---

[31]Lil' Wayne, é, na verdade, um rapper americano. Aqui, ele usa da ironia ao mencioná-lo, já que geralmente, as letras de rap fazem referências acerca do corpo das mulheres e práticas sexuais.

Houve silêncio. O tipo inquietante. Eu olhei ao redor, pronto para encerrar a conversa. — Você ainda está aqui. Por quê?

Ela respirou fundo, inclinando o queixo para cima. O sol estava diretamente em seu rosto, sua silhueta queimando como um incêndio contra o pôr do sol, e eu tive a chance de ver o máximo que pude de sua cicatriz. Não era apenas porque sua pele era mais escura em torno da área – em algum lugar entre roxo e rosa – mas a tez era diferente também. Cru e acidentado. A carne se esticava levemente sobre seus ossos, lutando para mantê-la toda junta.

Ela estava certa. Essa parte dela não era bonita.

— Sou todo ouvidos. — Eu inclinei um ombro contra o prédio de tijolos vermelhos do edifício de Artes e da biblioteca.

— Pare de me ajudar. Eu não quero sua pena.

— Você não tem minha pena, — eu cortei.

— Não há nenhuma outra razão para você sair do seu caminho para ser legal comigo.

— Mais uma vez, não estou sendo *legal* com você. O que a faz pensar que eu agiria de forma diferente se Tess, Hailey ou Lara estivessem na sua situação ontem à noite?

Posso ter inventado os últimos dois nomes.

Eu não conhecia Hailey ou Lara, embora tivesse certeza de que muitas garotas com esses nomes frequentavam a Sher U.

Lembrar das garotas que rolei entre os lençóis pelo nome não era minha virtude. Rosto, talvez. Bunda, provavelmente.

— Você é terrível para todo mundo. — Seus olhos queimaram intensamente. — Eu quero que você seja horrível para mim também. Caso contrário, não me sinto como sua igual.

Parecia que ela havia beliscado minha garganta. Não que eu não fosse horrível com as pessoas – eu sei que era – mas seu constante desejo de ser normal me pegou desprevenido.

Naquele momento, eu desejei poder colocar algum bom senso nela. Infelizmente, era uma linha vermelha firme que eu nunca me permitiria cruzar. Porque Grace Shaw com certeza merecia algumas boas palmadas.

Eu me inclinei em seu rosto, dando meu melhor sorriso de *veja se eu dou a mínima.*

— Enfie na sua cabeça, Texas: eu não sou um cara bom. Não estou aqui para te salvar. Não estou em nenhuma missão para fazer você sair da sua concha e sair dessa experiência como uma pessoa mais forte ou alguma outra

merda do Dr. Phil[32]. Só porque eu não te chuto quando você está para baixo, não significa que eu sou um cara íntegro, e você deve se lembrar disso. Isso é terrível o suficiente para você?

Ela olhou para mim, seu rosto marcado com repulsa.

Nada que eu não tivesse visto nos rostos dos meus pais mil vezes antes. Apenas outra sexta-feira. O que me lembrou – eu tinha uma luta hoje e precisava colocar minha bunda em movimento. Eu a agarrei pelos braços, peguei-a, afastei-a do meu caminho como se ela fosse um cone de trânsito e marchei para o ginásio.

— Você é um monstro! — Ela gritou atrás de mim, sua voz tensa de raiva.

Empurrei a porta do ginásio, ignorando-a.

Ela não estava errada.



Kade Appleton não era uma porra de um passeio no parque, isso era certo.

---

[32]Phil McGraw é um psicólogo dos Estados Unidos que tornou-se conhecido do grande público ao participar nos programas de Oprah Winfrey como consultor de comportamento e relações humanas. É conhecido por Dr. Phil.

A menos que aquele parque fosse em Chernobyl.

Ele quebrou continuamente as poucas regras que tínhamos no ringue em sua busca para não ter sua bunda entregue a ele, o que resultou em eu ser mais espancado do que jamais fui durante os três anos inteiros que fiz este show.

Eu estaria mentindo se dissesse que me importo. O piso estava abarrotado de pessoas amontoadas, como minhocas saindo de carne podre. Cerveja espirrava de copos vermelhos Solo por todo o concreto pegajoso, que estava imundo com sangue, poeira e sucos sexuais. O lugar não ficava tão lotado desde que comecei a frequentar a Sher U. Houve aplausos, gritos e assobios. Garotas sentadas nos ombros dos caras para ter uma visão melhor.

Em algum momento, os caras que venderam os ingressos ficaram sem tinta de carimbo para marcar aqueles que pagaram. Eles tiveram que rabiscar nas mãos das pessoas com canetas. Max estava nas nuvens. Eu podia praticamente ver as fotos dele em um manto Hugh Hefner[33] passando por seu cérebro infestado de Pornhub[34].

Foi um banho de sangue no ringue. Eu estalei o nariz de Kade nos primeiros dez segundos com um gancho de direita para deixar as pessoas agitadas, então dei uma joelhada em seu rosto para fazer todos os vasos sanguíneos em sua boca jorrarem como uma fonte de fondue. Ele conseguiu estourar

---

[33]Fundador e editor-chefe da mais famosa revista erótica do mundo, a Playboy,
[34]É um website destinado ao compartilhamento de conteúdo pornográfico.

meu lábio e minha sobrancelha ao acertar dois socos sólidos no meu rosto minutos depois. O tapete embaixo de nós estava escorregadio, rangendo a cada movimento que fazíamos.

Reign e East estavam atrás de mim, gritando conselhos não solicitados. Meus olhos ardiam de sangue e suor, e eu tinha certeza de que cuspi um dente em dez minutos de luta. Eu cambaleei, colidindo com uma das caixas de papelão que marcavam o ringue.

Kade e eu circulamos um ao outro. Estávamos entrando em nosso quinto round. Eu nunca tinha tido um quinto round em minha carreira de lutador amador, mas Appleton não era um jovenzinho. Não achei seu tamanho ou técnica desafiadores. Eu era tão bom lutador e boxeador quanto ele, e ele percebeu isso quando quebrei sua costela antes mesmo de terminarmos o primeiro round com um chute que o fez voar como uma pipa.

Razão pela qual ele enfiou os dedos nos meus olhos, me aplicou um golpe baixo e tentou outras besteiras da terceira série para me atrasar.

Ferido ou não, eu ainda poderia massacrar o filho da puta.

— *St. Claire! St. Claire! St. Claire!*

Os cantos vibraram nas esteiras sob meus pés. Kade se concentrou em meu rosto, seus olhos já exibiam duas

olheiras. Ele tinha um rosto que nem mesmo uma mãe poderia amar (a menos que ela fosse cega), com um nariz quebrado, olhos esbugalhados e lábios inexistentes. Seu pescoço era tão largo quanto algumas ruas.

Estávamos em lados opostos do ringue improvisado.

Max soprou o apito. — Quinto round! Façam valer a pena, senhores.

Nós nos aproximamos em posições cautelosas. Eu me esquivei de alguns golpes fáceis, esquivando-me e quicando na ponta dos pés, antes de entrar para a matança. Eu mandei um gancho de direita perfeito para o lado de sua cabeça, nocauteando-o. Eu o observei cair no colchão que Max roubou do ginásio da faculdade, seu corpo quicando em cima dele.

Ele ficou lá, olhos fechados, inconsciente. A multidão explodiu. Eu girei no meu calcanhar, deslizando a mão sobre meu peito nu para limpar o suor e o sangue. Reign segurou minhas bochechas, gritando em meu rosto em êxtase.

Max cambaleou para dentro do ringue e pegou meu braço, lançando meu punho no ar.

Rugidos. Aplausos. Mais assobios. Eu já estava na metade do caminho para fora do ringue quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Isso é besteira! — O gerente de Kade, um idiota chamado Shaun, apareceu entre as caixas, apontando para mim. — Kade não estava preparado.

— Não me diga. — Peguei uma garrafa de água de uma garota aleatória que a ofereceu para mim, tomando um gole e espirrando o resto no meu rosto. — Da próxima vez, mandarei um e-mail para ele com a minha estratégia.

Easton me deu uma cotovelada.

— O quinto round não começou antes de você dar a última tacada! — Shaun berrou, chutando algo entre nós para fora do caminho. Seu hálito de fumante escapou para minhas narinas quando ele cutucou o peito de Max com o dedo. — Pippy das Meias Altas[35]aqui não assobiou.

— Umm, mano, eu apitei. — Max se posicionou entre nós. — E Kade fez um movimento em West primeiro. Ele tentou dar pelo menos alguns socos antes do nocaute acontecer.

Shaun não estava aceitando. Nem Kade. Assim que Appleton se pôs de pé, ele começou a gritar na minha cara, alegando que tinha sido enganado. Que Max não tinha soado o apito, que era uma cilada. Jogando desculpas, vendo qual delas daria certo.

---

[35]Píppi Meialonga ou Pipi das Meias Altas é uma personagem literária e também o nome de um livro da escritora sueca Astrid Lindgren.

Uma multidão interessada formou-se em torno de nós, ansiosa para ver se estávamos prestes a começar uma segunda luta gratuita.

Em vez de ficar por aí discutindo até a morte com esses idiotas, disse a Max que o encontraria em seu “escritório”no andar de cima e sugeri cordialmente que Kade fosse para o inferno, onde ele pertencia, e pegasse um aparelho auditivo e um par de óculos em seu caminho para lá, se ele realmente acreditasse em alguma coisa sobre a luta não ter sido justa.

O escritório de Max era o que deveria ser o andar da administração do shopping que nunca existiu.

— Você não vai escapar dessa. — Appleton fez um movimento de corte na garganta. — Considere-se um homem morto caminhando, St. Claire.

— Morto ou vivo, eu ainda montei sua bunda esta noite, e não sou eu quem sai mancando daqui.

Eu cortei a massa de pessoas torcendo e batendo nas minhas costas. A garota aleatória que me entregou água acenou para mim, sorrindo e batendo os cílios. Ela tinha longos cabelos loiros, quase até a bunda, e sua pequenez me lembrava uma certa caipira irritante.

— De maior? — Eu passei por ela sem parar. Suas amigas a empurraram na minha direção, rindo em suas mãos.

— Prestes a fazer vinte anos no dia 6 de agosto!

Não há necessidade de ser específica. Minha bunda não vai comprar flores para você.

Eu empurrei minha cabeça escada acima.

— Sério? — Ela guinchou.

— Sem falar.

— OK. Certo. Totalmente.

Essas foram três palavras de merda, mas deixei passar.

— Isso acaba aqui, — avisei.

— Eu sei. Você é West St. Claire. Dã. Meu nome é...

Eu dei a ela um olhar cortante. Ela não estava entendendo.

— Putz. OK.

Meia hora depois, Max subiu as escadas, balançando a cabeça e se desculpando. Eu mandei a loira de volta. Eu estava quase fora de mim durante o sexo, embora me lembre de ter seguido o fluxo, mostrando a ela um bom tempo.

Minha mente vagou para outras coisas. O chamado implacável de meus pais, Texas sendo impossível e difícil sem motivo algum, e Appleton sendo um desmancha-prazeres e um péssimo perdedor.

Max explicou que Kade, Shaun e alguns outros caras de sua comitiva o encurralaram depois da luta, fazendo um grande alvoroço por sua derrota.

Ele disse que os tirou das suas costas entregando parte do seu lucro para resolver o mal-entendido. Era Besteira com B maiúsculo. Todos naquela sala sabiam que Max havia soado o apito, incluindo o próprio Max. Mas se ele queria pagar-lhes dinheiro para calarem a boca, era problema dele, não meu.

Max me entregou minha parte. Era o que eu normalmente faria em dois meses de luta. Ele me elogiou pela minha performance e bom gosto para mulheres *(Melanie, hein? Ela é ótima.*) E me mandou embora. Fiquei feliz por acabar logo com a noite. Já era tarde, eu estava dolorido de todos os golpes ilegais que Kade tinha conseguido lançar, e amanhã eu tinha um turno da manhã na feira livre.

Eu não tinha ideia em que humor encontraria Texas, mas se ela pensava que eu toleraria suas merdas só porque outras pessoas sentiam pena dela, ela estava gravemente enganada.

Voltei para a Ducati, que estava estacionada do outro lado do shopping, escondida da multidão que entrava pela entrada principal. Eu aprendi cedo que Christina atraía as garotas e alunos do ensino médio que queriam pular sobre ela e tirar fotos.

Christina era o meu único luxo, eu a eliminava como uma despesa, visto que eu desempenhava o papel de alguém que tinha sua merda junta. Eu não podia permitir que as pessoas investigassem quem era minha família, descobrissem a sujeira da minha vida e que eu estava quebrado como um cavalo de pau. Então, fingi ser outra pessoa.

Alguém a temer.Alguém que tinha uma montaria louca e um gosto sinistro para a luta.Ironicamente, fingir ser alguém que não era só me deixou ainda mais cansado de viver do que já estava.

Enquanto caminhava para minha moto, ouvi um farfalhar vindo dos arbustos atrás de mim. Eu parei, torcendo minha cabeça. O farfalhar parou. Voltei-me para Christina.

O farfalhar recomeçou. Parecia que as pessoas estavam sussurrando e gritando por trás das roupas. Eu me virei completamente agora, levantando uma sobrancelha.

— Se você tem algo a dizer, venha e diga, porra. Veja se você tem algum dente sobrando até o final do seu discurso.

Silêncio.

— Sim, foi o que pensei.

Decidindo que não era meu trabalho persuadir quem esperava por mim nos arbustos para outra briga, peguei minha moto e parti.

Assim que cheguei em casa, arrastei-me para o meu quarto e desabei na minha cama sem tomar banho. Eu levantei meu travesseiro, tirei uma foto de debaixo dele e a beijei, esfregando meu polegar sobre a pessoa impressa nela.

— Boa noite, A. Durma bem. — Eu dei um beijo na foto.

Coloquei a foto de volta sob meu travesseiro, odiando que ainda estivesse respirando, vivendo, lutando, *fodendo*.

Ela não respondeu.

Ela nunca fez.



Sete

Grace

— Meu Deus, só porque sou desajeitada, não significa que tenho Alzheimer. — Vovó balançou os pés no ar, empoleirada na cama do hospital. Ela agia como uma criança punida, olhando carrancuda para a médica como se *ela* fosse a única que precisava verificar sua cabeça.

A médica que a atendeu, uma mulher de meia-idade com cabelos castanhos curtos e um piercing no nariz, rabiscou algo em sua prancheta, franzindo a testa para o prontuário à sua frente.

— Ninguém está tentando sugerir isso, Sra. Shaw. Mas, como você já está aqui e sua neta indicou que você faltou às duas últimas consultas, acho que uma tomografia rápida não vai doer. Seremos capazes de obter os resultados mais rápido do que se você os agendar separados depois.

— Você está gritando no poço[36], doutora. — Vovó balançou a cabeça, seu doce sotaque sulista se acentuando. Ela olhou ferozmente entre nós duas, estreitando os olhos

[36] Referência a ela gritar para si mesma, já que o poço emite eco.

com suspeita. — Eu não vou fazer isso. Eu queimei minha mão no fogão. É um erro comum que qualquer pessoa pode cometer. Vocês podem me tratar como uma inválida, mas esse plano não vai funcionar. Não há nada de errado com minha cabeça. Nada! — Ela bateu na têmpora com o punho, como se isso fosse uma prova sólida de que ela estava sã.

A médica e eu trocamos olhares. Havia tanta coisa que eu queria dizer à Dra. Diffie. Coisas que provariam que a vovó exibia sinais avançados de Alzheimer. Mas vovó Savvy não permitiu uma tomografia e eu não pude forçá-la.

Não importava que vovó tivesse queimado a mão tocando o fogão quente – não por uma fração de segundo, mas por, pelo menos, meio minuto – até que eu irrompi na cozinha, sentindo o cheiro familiar demais de pele queimada, percebi o que ela estava fazendo e puxei-a para fora dali, chutando e gritando.

Também não importava que sua palma estivesse carbonizada, vermelha e inchada, sua pele descascando e com bolhas sob as ataduras.

E definitivamente, não importava que a vovó tivesse apagado da sua memória a noite com West na lanchonete, e quando eu toquei no assunto na manhã seguinte, ela pensou que eu estivesse inventando um namorado imaginário.

— *Você é uma garota ótima e inteligente, Gracie-Mae,* — ela me disse, dando uma beliscada e uma sacudida na minha

bochecha. — *Você deveria encontrar um garoto eventualmente. Você não tem que inventar um.*

Marla me disse que ouvia a vovó chorando em seu quarto quando eu não estava em casa. Que as coisas estavam ficando insuportavelmente ruins. Eu me sentia tão perdida que gostaria de poder contar a história inteira à Dra. Diffie e implorar que ela me dissesse o que fazer.

Em vez disso, verifiquei a hora no meu telefone. Eram quase nove horas. Eu ia me atrasar para o meu turno no dia da feira livre. Porcaria. Eu mandei uma mensagem para Marla, pedindo-lhe para assumir o pronto-socorro, mas também liguei para Karlie e solicitei o número de West.

Grace: É Grace. Provavelmente estarei vinte minutos atrasada e não conseguirei preparar. Eu vou compensar você. Desculpe.

Ele não respondeu.

Mas é claro que não.

Ele era um filho da mãe grosseiro e rude.

Embora você tenha pedido para tratá-la tão horrivelmente como ele faz com todo mundo, depois que ele a ajudou e até mesmo a chamou de amiga várias vezes.

Esqueça isso. Eu sabia que tinha feito a coisa certa. West e eu não éramos amigos. Ele tinha pena de mim e me aproximar dele foi uma péssima ideia. Isso era o melhor.

Eu só gostaria que ele não soubesse como minha vida familiar era péssima, além de ter visto aquela cicatriz feia.

Marla correu para o quarto do hospital dez minutos depois. Os tufos de seu cabelo loiro-oxigenado ainda estavam enrolados, pendurados em sua cabeça desordenadamente. Ela parecia exausta. Eu não poderia culpá-la. Vovó estava se deteriorando ao longo dos dois anos de emprego de Marla em alta velocidade. Marla estava se aproximando dos sessenta e poucos anos e não havia se inscrito para ajudar mulheres com necessidades especiais.

Eu pulei da cama em frente à vovó e me joguei na cuidadora.

— Graças a Deus você está aqui.

— Vim assim que pude, docinho. O que o velho morcego fez agora?

— Eu posso te ouvir! — Vovó Savvy apontou o dedo para Marla.

— Eu a encontrei pressionando a mão no fogão escaldante esta manhã. Eu tive que tirá-la da cozinha chutando e gritando. Ela não vai concordar com uma tomografia agora. — Abaixei minha voz para um sussurro, olhando para o chão, — O que eu faço, Marl?

— Ora, acho que nós duas sabemos a resposta para essa pergunta, — disse Marla suavemente, apertando meu braço. Ela e Karlie estavam tentando enfiar em meu cérebro que vovó precisava ir para uma clínica. Eu pensei que se fizesse um esforço, seria capaz de manter sua qualidade de vida sem mandá-la embora.

Ela merecia passar o resto de sua vida na casa que construiu com o vovô Freddie, onde criou Courtney e eu. Na cidade em que ela cresceu.

— Eu vou assumir a partir daqui. Você vai trabalhar. — Marla deslizou um copo de café de isopor na minha mão.

Eu balancei a cabeça, tomando um gole e saudando a xícara em sua direção. — Obrigada. Não sei o que faria sem você.

— Praticamente a mesma coisa que você está fazendo agora, mas com muito menos eficiência. Agora vá.

Vinte e cinco minutos depois, estacionei a caminhonete perto da minha casa e corri pela estrada em direção ao food truck.

Quando cheguei ao trabalho, uma camada de suor fazia minhas roupas grudarem na pele. West estava operando nossas duas estações quando entrei tropeçando. Havia uma fila de quinze pessoas perto da janela e dois clientes se mexendo nas laterais, reclamando de um pedido que West errara.

Delirando de calor e pânico, tirei meu moletom do corpo e joguei no banco da frente do truck, saboreando o ar em minha pele úmida do meu decote em V branco de mangas curtas. Eu empurrei West para fora do caminho da janela com minha bunda, assumindo.

— Eu devo uma a você, — eu baixei minha voz para um sussurro.

— *Duas.*

— O quê?

— Duas vezes eu salvei sua bunda, e não faz nem um mês. Seus favores estão se acumulando bem rápido, Texas, e vou lucrar com eles. Em breve. — Ele virou o peixe na grelha, rolando um bastão doce de maçã verde na boca. Isso sempre o deixava com um cheiro delicioso. Como o cheiro da fruta e inverno.

— Alguma chance de você parar de ser um idiota hoje? — Eu rosnei, subindo as luvas de plástico em meus dedos.

— Nem um pouco, — disse ele com indiferença, mas pensei ter detectado algo mais por trás de sua postura relaxada. Uma exaustão latente. O mesmo menino que vi no estacionamento, olhando para o nada, esperando o dia acabar.

— Boa conversa.

— A comunicação é a chave, baby.

— Eu não sou sua baby.

— Isso é um alívio. Você me faria um pai ausente, apesar dos meus bons princípios.

Princípios? *Ha.*

Felizmente, não tivemos tempo para brigar nas próximas quatro horas. Trabalhamos sem parar antes de esgotarmos tudo. West St. Claire pode ser um bad boy, mas era muito bom para os negócios.

Quando a fila interminável de clientes finalmente foi atendida, respirei fundo, virando-me e agarrando a borda do balcão atrás de mim.

Assim que olhei para ele – *realmente* olhei para ele – o ar deixou meus pulmões.

— Puta merda. O que aconteceu com o seu rosto?

Seu rosto inteiro estava cortado, como se alguém tivesse pegado uma tesoura e tentado cortá-lo em tiras. Os arranhões sob os olhos indicavam que alguém também havia tentado arrancá-los. Ele tinha horríveis hematomas vermelhos, roxos e amarelos em todo o pescoço, como se tivesse sido sufocado, e seu lábio inferior tinha o dobro do tamanho normal. Meu palpite é que ele sangrou baldes ontem à noite.

Ele pertencia ao pronto-socorro tanto quanto a vovó.

— Caí da escada, — ele disse severamente. Sarcasticamente. Por que eu pensei que obteria uma resposta séria desse cara?

— Qual é a sua desculpa? — Seus olhos velados foram para o meu braço ferido. Inclinei minha cabeça para o lado, sem ter certeza do que ele queria dizer, antes de perceber que estava ali com uma camisa de manga curta e que ele podia ver meu braço roxo *inteiro*.

Soltei um grito frenético, correndo para o banco do passageiro para agarrar meu moletom. Bati em algumas panelas e espátulas no caminho e tropecei em uma embalagem vazia de refrigerante. Eu me atrapalhei com o moletom, tentando colocá-lo em mim o mais rápido possível, mas quanto mais eu tentava descobrir se ele estava de cabeça para baixo ou não, mais nervosa eu ficava.

Finalmente, West arrancou o moletom de minhas mãos, virou-o do lado certo e puxou-o pela minha cabeça, seu movimento frívolo, quase preguiçoso.

— Aí. — Ele puxou meu moletom para baixo, dando um puxão final, como se estivesse vestindo uma criança. — Nada como uma parka[37] legal no meio da porra de um verão texano.

— Não é uma parka. — Eu envolvi minhas mãos em volta da minha cintura, tremendo.

---

[37]É um casaco mais largo e impermeável, é usado para proteger das condições climáticas. A parka é usada tanto por esportistas ao ar livre como parte do uniforme militar.

Eu não conseguia respirar.

Ele viu minhas cicatrizes.

Ele viu minhas cicatrizes.

Ele viu minhas cicatrizes horríveis e estúpidas.

Chocantes, vermelhas e irregulares, era difícil não notá-las, e eu me perguntei se algum de nossos clientes havia perdido o apetite enquanto eu os servia.

Fiquei surpresa por não ter vomitado no colo de West assim que ele chamou minha atenção. Talvez porque ele parecia tão imperturbável sobre isso e já sabia muito sobre mim, não foi totalmente chocante.

— Texas. — Seu tom era baixo. Calmo.

— Eu... eu... eu tenho que ir, — eu murmurei, virando-me, preparando-me para pular para fora do truck.

Ele me agarrou pelo braço, puxando-me para trás sem esforço. Eu estremeci e chorei, desesperada para ir embora, para nunca mais encará-lo, mas ele apertou meu braço com força, quase a ponto de machucar.

Ele me empurrou para dentro do truck, até que eu não tive escolha a não ser aceitar que eu não sairia de lá antes que conversássemos sobre isso.

Novamente, eu me encontrei tentando chutá-lo e socá-lo.

Novamente, eu *falhei*.

Ele agora estava me apertando tão perto que sua respiração soprou em meu rosto, enquanto ele falava. Comecei a gritar do topo dos meus pulmões. Como se ele tivesse me estuprado. Como se ele estivesse me machucando de volta.

— Acalme-se, porra. — Ele me segurou, minhas costas contra a geladeira. Ele não parecia menos composto. — Ou você não vai me deixar nenhuma escolha a não ser tirar a histeria de você.

Eu me calei imediatamente. Eu não pensei que ele colocaria as mãos em mim – eu já deduzi que ele não era esse tipo de cara – mas eu não deixei passar que ele poderia me punir de alguma outra forma.

Eu fingi inspirar e expirar. Quanto mais cedo tirarmos isso do caminho, mais cedo eu poderei sair.

— Você enlouqueceu? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Certo. Totalmente zen, — eu mordi, engolindo respirações gananciosas. — Posso ter um pouco do meu espaço pessoal de volta agora?

West deu um passo para trás, deixando um espaço entre nós. Ele se encostou no balcão, cruzando os braços. — Então.

— Então? — Eu bufei.

— Você arranjou uma bela cicatriz.

Ele disse isso. Ele realmente foi e *pronunciou* em voz alta. Ninguém havia apontado a existência de minhas cicatrizes antes. Não para mim, pelo menos. As pessoas geralmente ignoravam. Fingindo que não haviam notado. O que era de alguma forma ainda mais desconfortável para mim.

— Qual é o problema em encobrir isso? Todos nós temos cicatrizes. A sua está apenas visível.

— É horrível. — Eu virei meu olhar para o teto, evitando seu olhar. Recusei-me a chorar pela segunda vez em uma semana e definitivamente não iria deixá-lo ver isso.

— Quem disse? — ele pressionou.

— Todo mundo. Especialmente quando todos ao meu redor me conheciam como outra pessoa.

Como alguém bonita.

— Parece uma festa da piedade para mim. Devo levar alguma coisa? Lanches? Cerveja? Bonecas sexuais infláveis?

— Quem disse que você foi convidado? — Eu ainda estava me concentrando no teto do truck.

Ele bufou uma risada, passando um pano sobre o joelho na minha visão periférica.

Percebi que West ria muito quando estávamos perto um do outro, mas nunca na escola.

Também percebi que ele era aparentemente louco, porque não parecia nem um pouco incomodado com seu próprio estado terrível.

— Você está fazendo um grande negócio à toa. É apenas tecido cicatricial.

— Não é atraente.

— Não é desagradável o suficiente para me impedir de querer bater em sua bunda.

Minha boca caiu e eu pisquei rapidamente, tentando descobrir como, exatamente, eu iria responder a ele.

Ele estava lançando a ideia de que me achava atraente às vezes.

Eu ainda achava que ele disse isso sarcasticamente ou porque queria que a pobre Tostada se sentisse melhor consigo mesma. Pelo menos parei de pensar que foi De La Salle quem o enviou para criar uma esperança infundada em mim. West não parecia o tipo de responder a alguém, muito menos aceitar orientações e ordens de outros.

— Essa foi sua ideia de um elogio? — Eu assobiei.

— Não, — ele falou lentamente, bastante sério. — É minha ideia da maldita verdade. O que há de errado com você?

Algo eufórico e quente agarrou meu peito. Foi a primeira vez que brinquei com a ideia de que ele estava dizendo a verdade. Olhamos um para o outro sem palavras. Esperei que ele explicasse porque parecia ter sido atacado por uma matilha de lobos. Quando ele não o fez, levantei uma sobrancelha.

— Falando em não parecer muito sexy...

Ele agarrou seu coração, zombando da minha opinião negativa sobre sua aparência hoje. — Você me feriu.

— Aparentemente, eu não sou a única. Você lutou ontem?

West virou duas caixas vazias, uma do meu lado do truck e outra do lado dele, e sentou. Eu segui o exemplo. De várias maneiras, o food truck parecia nossa bolha. Uma cabine de confissão confortável.

As regras eram diferentes no truck. Como se trocássemos nossa pele primária, nosso estigma, reputação e status social. Aqui éramos simplesmente... *nós*.

— Eu luto todas as sextas-feiras. — Ele estalou os nós dos dedos. Seus bíceps flexionaram sob a curta Henley.

Eu desviei o olhar, limpando minha garganta. — Sem ofensa, mas você não pode me dizer que as pessoas vêm te ver às sextas-feiras durante a temporada de futebol.

— As pessoas vão direto do campo de futebol para o Plaza, embebedam-se e depois despertam para o futebol universitário. Vocês, texanos, sabem que existem outros esportes além do futebol, certo?

— Procuramos não incentivar outros esportes, pois eles costumam atrapalhar os canais esportivos e amenizar o futebol. Você sempre luta? Até nas férias?

— Mesmo se eu tiver pneumonia e uma costela quebrada.

Isso não soou como uma figura de linguagem. Parecia algo que realmente acontecera no passado. Ele realmente precisava do dinheiro. Ou talvez, ele não se importasse em cair morto. Tive a terrível sensação de que era uma combinação dos dois.

— Você normalmente não parece tão detonado. — Mordisquei meu lábio inferior, minha frequência cardíaca diminuindo conforme os minutos passavam.

Então, ele viu minhas cicatrizes e sabia sobre a vovó. Grande negócio maldito.

— Eu normalmente luto com pessoas sãs. Desta vez, meu oponente era um covarde idiota que fez de tudo, menos puxar uma arma. Kade Appleton, cara. — Ele balançou sua cabeça. — Um idiota do inferno.

— Você lutou contra Kade Appleton? — Minha respiração engatou.

Todo mundo conhecia Kade Appleton perto de Sheridan. Eu nunca o conheci, mas ouvi inúmeras histórias. Ele foi um valentão durante toda a escola, desistiu aos dezesseis anos, fez as malas e mudou-se para Las Vegas para lutar. Diziam que ele se juntou a uma gangue enquanto estava lá. — Que diabos está errado com você? Ele é chamado de ovelha negra nesta região. Você *quer* morrer?

— Não ativamente, mas certamente não será a pior coisa do mundo. Todas as crianças legais estão fazendo isso. Kurt Cobain, Abraham Lincoln, Dr. Seuss...

— West! — Eu gritei, batendo na minha coxa.

— Bem. Estou mudando o Dr. Seuss[38] para Buddy Holly[39], mas apenas porque você está torcendo meu braço aqui.

Quando eu lancei a ele um olhar penetrante que mostrou que eu não achava nada disso engraçado, ele empurrou o queixo em minha direção.

— Por que você estava atrasada hoje?

— Vovó, — eu resmunguei, surpresa com a naturalidade com que a verdade saltou da minha boca. É libertador falar abertamente com alguém sobre ela.

---

[38]Theodor Seuss Geisel foi um escritor e cartunista norte-americano, mais conhecido por seu pseudônimo, Dr. Seuss. Publicou mais de 60 livros infantis, dentre eles "Horton Choca um Ovo", “Lorax”, "Como Grinch Roubou o Natal" e “O Gato da Cartola.”

[39]Charles Hardin Holley, mais conhecido como Buddy Holly, foi um influente guitarrista, cantor e compositor estadunidense e pioneiro do rock and roll.

— Ela se queimou no fogão esta manhã. Foi ruim. Eu estava com ela no pronto-socorro até que Marla, sua cuidadora, assumiu.

— Ela foi diagnosticada?

Eu balancei minha cabeça. — Não da última vez que a levei para fazer um exame, mas isso foi há alguns anos. Ela se recusa a fazer outra tomografia, e as coisas estão ficando muito ruins.

— Ela deve ser medicada.

— Eu sei.

Não só isso, mas ela deveria fazer mais exercícios, tomar sol e ter atividades programadas. Marla não podia fazer muito por ela e, quando chegava em casa todas as noites depois da escola e do trabalho, estava exausta demais para dar à vovó tudo que ela merecia.

West se levantou e fez raspadinhas de margarita para nós dois. Ele colocou ursinhos extras de goma em cada uma delas e me entregou uma. Nós saudamos ao mesmo tempo, estranhamente em sincronia, tomando goles gananciosos de nossas bebidas enquanto ele se sentava.

— De volta à coisa da cicatriz. — Ele apontou para o próprio rosto com a mão. — É por isso que você não sobe no palco? Porque você não gosta da sua aparência?

Ele estava se referindo à época em que me viu no ensaio, balbuciando todas as palavras, mas ficando longe dos holofotes.

Senti as pontas das minhas orelhas ficarem vermelhas. — É mais complicado do que isso.

— Eu sou um cara inteligente. Lance isso em mim.

— Nem sempre fui assim. Eu era uma espécie de Miss Popular. Lutei muito para chegar onde estava. Minha mãe era uma viciada que morreu quando eu era uma criança, e meu pai... bem, eu nem sei quem ele é. A única coisa que sempre tive a meu favor era minha aparência, por mais superficial que pareça. — Eu ri nervosamente. — Eu era líder de torcida. Eu fazia teatro. Eu era *aquela* garota, você sabe. Com o lindo vestido de igreja de domingo e sorriso com covinhas, sempre pronta para a câmera. Aprendi desde cedo como jogar com as cartas que recebi. Achei que já tinha resolvido o jogo. Mas então...

— Alguém virou a mesa de cabeça para baixo no meio da rodada e todas as regras mudaram. — West mastigou o canudo, contemplando. — O mesmo aconteceu comigo, então eu sei em primeira mão o quão ruim é essa merda.

— Oh, sim? — Eu sorri, sentindo-me perigosamente confortável perto dele. É estúpido. Como um gatinho pensando que poderia fazer amizade com um tigre porque eles eram vagamente da mesma família. — Você descartou o sonho de sua vida de se tornar um ator porque, passou por

uma tragédia traumática na infância que o fez parecer desfigurado e irreparável?

Ele usou a ponta da bota para empurrar minha caixa de volta. Ele coçou a têmpora com o dedo médio. Eu ri.

— O que quero dizer é que as regras também mudaram para mim no meio do jogo, — ele esclareceu.

— Eu não vejo como. Você ainda é popular.

— Eu era o popular Easton Braun. Quarterback. Rei do baile. Arrogante, saudável, perfeito, *o tipo de cara Tom Brady* que as pessoas discretamente suspeitam ser *secretamente um assassino em série*.

Corri meus olhos sobre seu corpo ferido. Eu nunca teria imaginado que West jogava bola. Que ele tinha um lado doce e puritano.

— O que fez você mudar para o lado negro?

— Tornei-me o único provedor da minha família. Bem, meus pais trabalham agora, mas eles estão principalmente perseguindo contas.

— Oh.

Eu acabei de dizer oh? De todas as palavras do idioma inglês, eu escolhi essa? Realmente? Faça melhor!

— Isso é... difícil.

Ele encolheu os ombros. — É o que é.

— Você tem algum irmão?

Ele balançou sua cabeça. — Só eu, meus pais e uma montanha de empréstimos não pagos que não param de crescer. Você?

— Só eu, vovó, e minha autoestima na sarjeta. — Eu sorri com cansaço. — Viva nós.

Batemos nossas bebidas juntos.

O silêncio se estendeu entre nós como bola de chiclete, esticando-se, à beira de estalar. West foi o primeiro a colocar uma agulha nela. Ele deu um tapa na coxa dura como pedra.

— Agora que estamos quites, vamos limpar e dar o fora daqui. Eu tenho coisas para fazer. — Ele se levantou, jogando sua raspadinha no lixo.

Ele desligou a grelha, preparando-se para esfregá-la. Eu olhei para ele, pasma.

— O que diabos isso quer dizer?

— Você não conseguia me olhar nos olhos desde que vi seu braço, e eu precisava contra-atacar para que você se sentisse a mesma novamente. Então, eu concordei com você. Compartilhei um segredo que ninguém, exceto East, sabe. Mas East não conta; crescemos na mesma cidade e nascemos com dois dias de diferença. Ele é praticamente meu irmão gêmeo. Minha família está falida pra caramba, e eu luto não por causa das vantagens ou de boceta. Preciso manter um

teto sobre as cabeças dos meus pais. Minha mãe precisa de seus medicamentos antidepressivos e, como você deve saber, os cuidados de saúde são muito caros.

Eu engoli e olhei para baixo. Eu me senti tão patética na frente dele, com a avó acometida de demência e a cicatriz estúpida. Mas agora que eu sabia que sua família era pobre e sua mãe estava lutando contra a depressão, sua vida não parecia mais algo para invejar. Ele não era intocável, inalcançável ou protegido por um brilho invisível.

— Seus pais devem estar muito orgulhosos de você, — resmunguei.

— Nem um pouco. — Ele soltou uma risada sem humor, jogando um pano em minhas mãos, sinalizando para eu levantar minha bunda e ajudar. — Mas isso é outra história, e você terá que mostrar muito mais do que tecido cicatricial para eu negociar *esse* segredo, Tex.



Quando voltei para casa, Marla tinha posto a vovó para dormir. Ela estava exausta com a viagem de hoje ao pronto-socorro. Ela não estava mais acostumada a passar tanto tempo fora de casa.

Tomei um banho rápido, enquanto Marla se arrumava. Então, eu a abracei na porta, segurando-a com força extra. — Obrigada, Marl. Você é uma patrulheira.

— Não mencione isso. Agora me diga, o que você vai fazer, docinho?

— Provavelmente assistir Netflix e relaxar.

— Não se faça de boba comigo, querida. Quero dizer sobre o morcego velho. A longo prazo. Isso não é sustentável, querida. Você deve saber disso. Você não pode mais cuidar dela. Agradeço que tenha feito isso durante o ensino médio, mas sua avó precisa de cuidados constantes. Ela é um perigo para si mesma. E para outros, — Marla disse incisivamente, levantando uma sobrancelha, enquanto seu olhar se desviou para o lado esquerdo do meu rosto.

Abaixei minha cabeça, esfregando minha nuca.

— Vou pensar sobre isso, — menti.

Eu não ia pensar nisso. Não havia nada em que pensar. Vovó Savvy me criou. Ela me enfiava na cama todas as noites e beijava meus machucados para que melhorassem. Costurou uma réplica do vestido de baile que eu queria, porque o original custava muito caro. Ela dedicou toda a sua vida a mim, e eu não iria desistir dela quando as coisas ficassem difíceis.

Eu só tinha que melhorar meu jogo. Passar mais tempo com ela, dar-lhe mais atenção.

Eu estava fechando a porta atrás de Marla quando um pé foi enfiado no vão. A pessoa do outro lado soltou um grunhido de dor, mas não tirou o pé entre a porta e o batente. Meu coração deu um salto no meu peito.

A primeira coisa que me preocupou foi não estar usando maquiagem.

Ao contrário de, você sabe, ter um assassino com um machado invadindo minha casa sem ser anunciado.

— Quem é? — Eu exigi. A lacuna era estreita demais para que eu pudesse ver.

— Karlie. Código secreto: Ryan Phillippe. Abra.

Não *tínhamos* um código secreto, mas parecia o que teríamos se escolhêssemos um. Meu coração com o tema dos anos noventa gaguejou. Eu bufei, abrindo a porta. Minha melhor amiga balançou as sobrancelhas com um sorriso sensual, um saco cheio de comida para viagem em sua mão levantada. Já que nossa cidade só oferecia lanchonete, food truck e pizzaria, meu palpite era que iríamos comer comida italiana.

Karlie sabia que eu tive uma manhã difícil por causa da nossa troca de mensagens quando pedi o número de West, então ela apareceu.

Eu a puxei para dentro, sufocando-a com um abraço. Ela deu um tapinha nas minhas costas sem jeito.

— Alguém já te disse que você é uma amiga incrível? — Eu baguncei seus cachos grossos e escuros com minha respiração.

— Todos, e frequentemente. Eu venho trazendo ofertas. Macarrão, vinho barato e fofoca. Começaremos com a comida. Parece bom?

— Parece *perfeito.*

Uma hora depois, estávamos deitadas no sofá da minha sala em um avançado estado de coma alimentar, com a TV piscando ao fundo.

Eu dei um tapinha no meu estômago, olhando para sua forma arredondada. Eu era esbelta e pequena, e às vezes, quando eu tinha uma barriga de bebê comida, e meu estômago ficava todo curvado, eu o embalava na frente do espelho e me imaginava como Demi Moore na capa da *Vanity Fair* (outra pérola favorita dos anos noventa). Normalmente, isso me fazia rir. Mas esta noite, um pouco tonta por causa do vinho e muito preocupada com minha avó, não pude deixar de me perguntar se algum dia *estaria* grávida. Se eu conheceria alguém e construiria uma vida com ele.

Geralmente, eu empurrava esse tipo de coisa para a gaveta de trás em minha mente. Mas desde que West invadiu minha vida com seu corpo agredido e alma quebrada, ele abriu aquela gaveta e arremessou fora todo o seu conteúdo.

Luxúria.

Romance.

Anseio.

E o mais perigoso de tudo – *esperança.*

Não tinha certeza se o que ele provocava em mim era bom e esperançoso ou desastroso e devastador. De qualquer forma, colocar minha fé em alguém que absolutamente não queria nenhum tipo de relacionamento e não exibia muito interesse em permanecer *vivo,* era estúpido e arriscado.

— O que era aquela fofoca que você queria me dizer? — Cutuquei o ombro de Karlie com meu pé, lembrando de repente.

Karlie balançou a cabeça do outro lado do sofá, seu cabelo escuro batendo em seu rosto em formato de coração. — Ok, então, você conhece Melanie Bush? Pequena? Loira? Olhos azuis?

— Você literalmente descreveu sessenta por cento do corpo discente de Sheridan. — Eu ri. — O que tem ela?

— Então, minha amiga Michelle abandonou nosso grupo de estudo nesta sexta-feira para ir à luta de West contra Kade Appleton. Aparentemente, foi brutal. Os tatames estavam tão encharcados de sangue que eles tiveram que queimá-los no ferro-velho depois. Enfim, uma luta quase começou *depois* da luta. Alguns dos funcionários de Appleton foram para o West, e ele basicamente os abandonou, sem dar a mínima. Mas adivinhe o que ele fez ao sair?

— O quê? — Tentei manter meu tom leve, mas minha espinha se enrijeceu e senti a comida que acabara de consumir subindo pela minha garganta. Não era preciso ser um gênio para saber que direção essa história estava tomando.

— Ele basicamente arrastou Mel escada acima, sangue escorrendo pelo queixo, jogou-a contra o banco vazio do elevador e a deixou sem sentido. Ele estava tão fora de si, que Michelle disse que Mel nem tinha certeza se ele estava, tipo, consciente. Mel disse a ela que foi insano, carnal e quente como o inferno. Mas que ele nem mesmo olhou para o rosto dela enquanto deu-lhe dois orgasmos.

— Uau.

Eu tinha que dizer algo, então optei por uma palavra que significava absolutamente tudo e absolutamente nada. *Uau* pode ser bom ou ruim. Chocado ou sarcástico. *Uau,* também, foi como me senti quando meu coração foi esmagado em minúsculos flocos empoeirados.

— Escuta isso - aparentemente, ele é uma pessoa estranha. Mel disse que ele continuou tocando seu cabelo enquanto batia nela, e que ele ficava falando sobre Texas. — Karlie torceu o nariz. — O que você acha que nosso garoto tem contra o Estado da Estrela Solitária? Nós inventamos o Dr. Pepper, os cachorros-quentes e os implantes mamários de silicone. Isso nos torna, sem dúvida, o melhor estado do país.

— Certo. Tão estranho, — eu murmurei.

Isso é tudo que eu era capaz. Qualquer outra coisa, e minha voz teria quebrado.

Texas.

Ele falou sobre Texas.

Mas não era o estado ao qual ele estava se referindo, eu sabia, e uma mistura nauseante de ciúme, inveja e euforia tomou conta do meu corpo.

— Ei, por acaso você não tem sorvete, tem?

— Deixe-me verificar, — eu ofereci, aliviada por ter uma desculpa para ir para a cozinha e regular meu batimento cardíaco.

Eu sabia que estava com ciúme, mas também sabia que não devia ter.

West não era meu namorado. Nada em seu comportamento, brincadeira ou personalidade me fez acreditar que ele me convidaria para sair. Na verdade, ele me disse categoricamente que nunca flertaria comigo, mesmo que me achasse atraente.

A única coisa que essa história provou, foi que ele queria entrar nas minhas calças – não no coração – e seria sensato lembrar em qual parte de mim ele estava interessado.

Senhor, eu precisava superar essa paixão estúpida. Rápido.

Tirei um balde de sorvete do freezer, tirando duas colheres do armário de utensílios. Eu cavei o sorvete com uma colher, sentindo um grito obstruindo minha garganta.

Minha própria tolice me enfureceu. E daí se West não fosse um idiota comigo? Isso não significa que ele não era um idiota. Ele foi para Melanie. Eu só precisava me lembrar de ficar longe dele e dar um passo para trás.

Texas.

O homem teve coragem de dizer meu apelido enquanto estava dentro de outra pessoa.

Eu queria matá-lo. Estrangulá-lo...

— Shaw! O que foi? Você foi fazer o sorvete do zero? — Karlie gritou da sala de estar. Eu olhei para baixo e percebi que o sorvete não era mais tão branco. Estava salpicado de gotas de sangue escarlate. *Meu* sangue.

Estava ficando rosa, deslizando pelas encostas dos montes de baunilha. Eu olhei para minha mão. Minha boca afrouxou. Não usei colher. Eu peguei uma maldita faca da gaveta.

Rapidamente, peguei todo o sorvete contaminado, joguei no lixo e tirei colheres limpas.

— Já estou indo.

Porcaria. Porcaria. Porcaria.

Voltei para o sofá com um band-aid que Karlie não percebeu. Ela enfiou uma colher de sorvete na boca, fechando os olhos e gemendo.

— Você sabe o que devemos fazer?

Um boneco vodu de West e matá-lo com facadas?

— Outro questionário *esta ou aquela* sobre os anos noventa? — Eu perguntei com falsa ansiedade. Ela abriu os olhos, lançando-me um olhar cético. Eu não era conhecida por meu entusiasmo.

— Dã, mas sempre fazemos isso. Devíamos ir para uma das lutas de West. Próxima sexta. É o turno da mamãe e do Victor, de qualquer maneira. Seria bom sair. Nós nunca mais fizemos isso.

Nós não. Karlie estava envolvida em seus trabalhos escolares e estágios, e eu estava trabalhando ou passando tempo com a vovó. Mas ir ver West em ação era a pior coisa que poderíamos fazer juntas.

— Eu passo. — Enfiei sorvete na boca, sem sentir o gosto. A noite toda foi manchada por imagens de West transando com Melanie Bush contra um elevador, e eu nem sabia como ela era. — Clubes de luta não são realmente minha praia.

— Homens sexys sem camisa batendo uns nos outros é, certo? A menos que você seja assexuada. Ou uma lésbica.

— Acho que sou assexuada.

As mulheres realmente não faziam isso por mim.

— Vamos. Eu te conheci antes de *você-sabe-o-quê*, e você era louca por garotos assim como o resto de nós. Tucker, lembra?

Eh, sim. Tucker. Uma das razões pelas quais eu rejeitei os homens em primeiro lugar. A maneira como ele me descartou no minuto em que perdi minha beleza, ainda queimava, muito depois que as feridas de fogo cicatrizaram.

Karlie e eu decidimos que eu usaria um martelo como cotonete para limpar a cera do ouvido antes de ir a uma luta clandestina. Minha amiga voltou para casa, que ficava bem em frente à minha.

Eu deslizei para debaixo das cobertas, enfiando as chaves da casa debaixo do colchão – como o estúpido West tinha sugerido uma noite na lanchonete – para que vovó não pudesse fugir, enquanto eu dormia. Até agora, tinha funcionado.

A última coisa que pensei quando minha cabeça bateu no travesseiro foi em um lutador que tinha desistido de si mesmo.



Oito

West

No domingo, ganhei um dos milhões de favores que Texas me devia e cheguei atrasado para o meu turno. Houve uma festa de fraternidade na noite anterior. Festas eram minha ideia do inferno, mas às vezes, eu ia junto quando East atormentava minha bunda por ser antissocial. Ele tinha a noção incorreta de que eu entraria em depressão como minha mãe. Às vezes, eu pensava que ele também sabia que eu estava brincando com a ideia de atirar minha moto direto em uma árvore ou me jogar em um reservatório de água. Fiquei sozinho durante toda a noite, segurando uma garrafa de Moonshine[40] e oferecendo minha cara de *preferia-beber-direto-do-vaso* sempre que as pessoas tentavam puxar conversa. O ponto mais baixo da noite foi ser recriminado por uma garota por perguntar quem ela era quando se aproximou de mim em uma das casas da fraternidade.

Aparentemente, fizemos sexo na sexta-feira.

---

[40]Moonshine é o termo usado para descrever bebidas alcoólicas destiladas de alto teor que são geralmente produzidas de forma ilícita.

E, aparentemente, ela achou apropriado contar a todos, exceto ao presidente, que tínhamos ficado.

— *Melanie!* — Ela gritou. — *Meu nome é Melanie. Você se lembraria se me deixasse apresentar adequadamente, em primeiro lugar.*

Melanie lamentou sobre como ela não se achava tão esquecível. Isso me surpreendeu, já que fazia questão de não perguntar o nome das meninas.

— *E outra coisa, eu nem sou do Texas, como você disse. Eu sou de Oklahoma!*

O que eu poderia dizer? Garotas eram um rio de mistério sem fim no qual eu não queria mergulhar a porra do dedo do pé.

Eu a ignorei, batendo na mesa de sinuca com alguns caras, falando sobre NFL, enquanto ela choramingava. Em algum momento, Tess marchou em nossa direção e puxou Melanie (ou seria Melody?) para o lado, consolando-a pela morte prematura do que era obviamente uma história de amor única na vida entre nós.

No domingo, Texas estava surpreendentemente silenciosa e seca, considerando que o sábado foi gasto derramando nossas tripas no chão do food truck. Eu estava com muita ressaca para descobrir o que a deixou aborrecida desta vez. Ela parecia sempre encontrar um motivo para me odiar. Não havíamos trocado mais de cinco frases, e isso

estava bom para mim. Seus jogos quentes e frios estavam me dando nos nervos.

Na segunda-feira, no entanto, minha paciência com o universo se esgotou e a necessidade de socar qualquer um que estivesse à vista era insuportável.

East não só acordou de manhã e encontrou as dezessete cartas sem resposta que minha mãe me mandou atoladas no fundo da nossa lata de lixo *(Que diabos, cara? Responda à sua mãe!), m*as, todos ainda pareciam estar na onda alcoólica do fim de semana e apareceram no campus chapados. As festas da fraternidade foram até domingo e segunda-feira, o que significava que metade dos alunos usavam togas e sandálias J-Lo.[41]

Pareciam deuses gregos, se eles viessem da costa de Jersey e carregassem quilos extras de um bufê das férias no Olimpo. Era tudo besteira, de qualquer maneira. Metade daqueles filhos da puta não encontrariam a Grécia no mapa se ela fosse destacada com cinco tons de canetinhas diferentes. Eu fiz meu caminho para minha primeira palestra, determinado a não matar ninguém hoje.

As más vibrações do fim de semana ainda persistiam no meu humor.

---

[41] Aqui ele faz referência a todo mundo que foi a festa da fraternidade ainda estarem usando as mesmas roupas. Neste caso, fantasias gregas e sandálias gladiadoras.

Passei por Reign, seus amigos Sig Ep, Tess, a garota loira louca de Oklahoma – Melt-Down-Nie,[42] como Reign a apelidou depois de sábado – e algumas outras garotas. Eles estavam todos encolhidos juntos, de olhos vermelhos, fofocando no corredor. Eu estava prestes a dobrar o corredor e entrar na aula de Addams quando ouvi Reign uivando atrás de mim.

— Ei, Tostada! Você caiu do céu? Porque seu rosto com certeza está fodido.

O corredor inteiro explodiu em gargalhadas reverberantes.

Eu parei de andar, minhas mãos se fechando em punhos.

— Só brincando. Você está quente, baby!

Outra onda de risadas. Texas não respondeu. Levou tudo em mim para não me virar e olhar para o rosto dela.

Não se mexa, porra. Ela não quer sua piedade.

— Vamos, agora, Tostada. Não estou apenas te bajulando. Sexo comigo vai colocar você em chamas.

Mais risadas.

---

[42] Referência a ela ter feito uma cena sobre o West não se lembrar dela ou do seu nome. A expressão significa não explodir, não ter um ataque, não entrar em colapso. Não fazia sentido traduzido, então, preferi deixar no original.

E flash das câmeras do telefone, enquanto as fotos eram tiradas.

Risadinhas, bocas em concha, telefones celulares em mãos.

Algo dentro de mim estalou.

Desculpe, Texas. Não posso fazer isso.

Eu me virei e corri em direção ao Reign. Ele ainda estava usando sua toga idiota e o que parecia ser um ninho cagado em cima, mas deveria ser uma coroa de flores. Seu sorriso idiota desmoronou como uma torre Jenga[43] quando ele percebeu que eu estava indo atrás de sua bunda. Não verifiquei onde estava Texas. Se ela estava por perto. Eu agarrei Reign com meu ombro, batendo-o contra a parede, prendendo sua toga em meu punho. O tecido se desfez, acumulando em seus tornozelos, deixando uma tira de pano branco dobrada sobre o peito. Ele estava parado no corredor vestindo apenas sua boxer. Eu agarrei sua garganta e o levantei até que seus pés não tocassem mais o chão. Minha mandíbula pulsou com tanta força que pensei que meus dentes fossem sair da minha boca um por um.

— Jesus, cara! — Seu grito foi abafado quando minha palma esmagou seu tubo de ar. Ele ergueu as mãos e tentou

---



43

afastar meus dedos de seu pescoço, os nós dos dedos ficando brancos.

— Éummmapiaaada! — Ele balbuciou, espumando pela boca.

Eu mostrei meus dentes com um rosnado feroz. Eu queria assustá-lo até a morte. Para certificar de que ele sabia que da próxima vez que desse um golpe em Texas, ele estaria em um mundo de dor.

— Trabalhe no seu material, cara engraçado.

— Ela nem *liga*! — Seus olhos estavam esbugalhados, enquanto eu colocava mais pressão em sua garganta. Senti os ossos delicados de seu pescoço quebrando, enquanto eu pressionava com mais força neles.

— Bem, eu ligo, — eu disse calmamente.

Eu poderia matá-lo. Eu sabia. Já fazia algum tempo que eu estava ciente da minha habilidade de matar pessoas. Ele nem seria a primeira pessoa a acabar em um saco de cadáver por minha causa.

Mas esse era um segredo que eu não tinha pressa em compartilhar com o mundo.

Eu entrei na cara dele. — Desafio você a desrespeitá-la novamente, Reign. Vou quebrar você em pedaços minúsculos e jogá-lo no vaso sanitário. Uma parte de mim deseja que

você seja burro o suficiente para importuná-la, apenas para que eu possa finalmente acabar com você.

— Mano, você está sufocando-o, — alguém murmurou à minha esquerda.

— Ele está ficando roxo! — Isso veio da minha direita.

— Rápido, alguém faça alguma coisa!

Os gritos saltaram ao meu redor, mas nunca deslizaram por minha pele. Eu observei ele mudar de cor, enquanto seu agito diminuía sob minhas mãos e a compreensão de que ele poderia não sair dessa com vida cruzou seu rosto.

Alguns pares de mãos me puxaram pelas costas da minha camisa. East, Grayson e Bradley me jogaram contra a parede oposta, longe de Reign. Eu lancei um olhar assassino para East e o empurrei, lançando-me contra Reign novamente.

East me empurrou com mais força. — Você quase o sufocou até a morte. O que há de errado com você, cara? — East ofegou, prendendo-me na parede pelos ombros.

Lancei um olhar frio para Reign. Ele estava caído no chão, com falta de ar e esfregando o pescoço, que estava roxo escuro, uma mancha semelhante a um laço se formando em torno de seu pomo de adão.

A multidão ao nosso redor aumentou, o zumbido de murmúrios enchendo meus ouvidos. Texas estava na parte de trás, segurando as alças de sua mochila com tema de fênix.

Ela me olhou como se eu fosse um traidor.

Eu estava farto.

Dela.

Da minha família.

Do mundo.

Eu girei no meu calcanhar, marchando na direção oposta. Ela não valia a pena.

Eu fiz o melhor que pude para ajudá-la, mas estava oficialmente feito. Eu não podia dar-me o luxo de ter uma amiga como Grace Shaw, mesmo que estivesse interessado em sua companhia.

O que, só para constar, eu não estava. Não mais.

Muito drama. Não, obrigado.

Eu caminhei até a aula de Addams. Uma parte de mim tinha certeza de que Texas correria atrás de mim. Para me agradecer. Para pedir desculpas por ser irracional.

Implorar e se encolher como todo mundo fazia.

Buscar minhas afeições inacessíveis.

Quando eu estava na porta, olhei para o corredor, esperando ver seu rosto novamente.

Ela se foi.



— O que você está pensando? — Reign cutucou meu ombro com o pé mais tarde naquela noite. Ele se sentou ao meu lado na piscina em forma de rim, dando uma tragada em seu baseado, a fumaça saindo de suas narinas em dois fluxos grossos.

Acho que era a versão dele de um pedido de desculpas pelo que aconteceu no corredor esta manhã.

Tomei um gole da minha cerveja, balançando os pés na água morna. Um olhar para o pescoço dele e eu sabia que tinha que confessar minha parte no show de merda também.

Sim, ele foi um idiota, mas eu também quase o matei hoje. Por uma garota que nem queria ser salva.

Maldita seja, Texas.

— Eu estou pensando que tenho dedos muito peludos, — eu disse honestamente, olhando para meus pés estreitos e longos.

Os ombros de Reign estremeceram de tanto rir. Ele balançou a cabeça, chutando meu pé com o seu na água. — *Putz*, cara. Você tem.

Houve um momento de silêncio. Eu ainda estava vendo vermelho toda vez que pensava nele mexendo com Texas. Eu nem tinha certeza do porquê. Ela já havia estabelecido que não éramos amigos e eu disse a mim mesmo que não a tocaria.

Não era a primeira vez que Reign era um fungo infectado com fermento para outras pessoas, mas era definitivamente o mais persistente que ele fora.

— Eu gostaria de poder me safar sendo como você. — Ele desenhou círculos na água com os dedos dos pés, que eu percebi, também precisavam ser aparados. — Você é o tipo forte e silencioso. Você não tem que abrir a boca para ser notado. Eu preciso entreter. As pessoas esperam que eu fale merda.

— Se você está dando uma desculpa por hoje, é melhor você se virar e ir embora antes que eu afogue seu traseiro. — Eu tomei outro gole da minha cerveja.

Estávamos em uma festa de aniversário na piscina para a qual East me arrastou. A aniversariante, que morava perto da Sheridan, implorou que viéssemos, tanto em seu rosto quanto em sua festa. Papai *senhor do petróleo*. Pais fora da cidade. Era uma festa da fraternidade com esteróides. Todos trouxeram brinquedos infláveis e dançaram à beira da

piscina. A música explodia em um sistema surround que causava tremores. Havia barras de gelo e cascatas de shots.

A aniversariante vestia um biquíni rosa e branco, salto alto e uma faixa *Querido-Vinte-e-Um.* Eu vim aqui para me livrar um pouco do estresse com uma transa rápida, mas assim que minha bunda passou pelo portão de ferro forjado, percebi que preferia sentar à beira da piscina e encarar meus dedos peludos do que bater em alguma garota sem nome e sem rosto que reclamaria disso mais tarde.

Os contras superavam os prós quando se tratava de paquerar hoje em dia.

— Você não vai me perguntar por que fiz isso com Cachinhos Dourados? — Reign perguntou.

Quando ele percebeu que uma resposta não estava nas cartas, ele continuou.

— Fiz isso porque sabia que você gosta da Tostada. Inferno, meu *cachorro* sabe que você gosta dela, e ele mora em Indiana. É por isso que você escolheu Melanie, certo? Ela basicamente se parece com Tostada por trás.

Se ele a chamasse de Tostada mais uma vez, eu iria esmurrá-lo tão profundamente que ele reapareceria na China.

— Cabelo longo e loiro. Bunda redonda bonita. — Ele contou suas semelhanças nos dedos. — Você é muito transparente, St. Claire. Acho que só queria dar a você uma amostra do seu próprio remédio.

Bebi minha cerveja. Ele estava chapado se achava que eu gostava da Texas. Ela era insuportável, exceto pelas poucas vezes que ela me fazia rir.

East desabou do meu outro lado, arrancando o baseado dos dedos de Reign.

— Estamos em uma conversa franca? Reign, você finalmente está vindo? — East sorriu para Reign, que deu um tapa na nuca, rindo.

— Eu estava apenas dizendo a ele que provoquei Tostada porque ele trepou com Tess.

— Sério? — Eu levantei meus punhos em seu rosto. Reign se encolheu, contraindo as costas com uma careta.

— Merda, desculpe. Velhos hábitos são difíceis de morrer.

— Você vai morrer *facilmente* se continuar com essa merda.

— Ah, eu odeio quando mamãe e papai brigam. — East deu uma tragada, devolvendo-o a De La Salle. — Sério, no entanto. Essa bobagem de Tostada foi tão terceira série, Reign. Provoque-a mais uma vez e eu irei pessoalmente garantir que o treinador saiba. Ele vai acabar com sua bunda mais rápido do que merda depois de uma festa laxante.

— Eu já disse a West que cansei de brincar com ela, — Reign amuou. — Meu mal, ok? Estou passando por uma fase difícil aqui.

— Então, Westie sabe que você gosta da Tess?

— Ele sabe agora. Obrigado pelo spoiler. — Reign revirou os olhos.

Era sobre isso? A porra da Tess Davis?

— Tess é toda sua. — Terminei minha bebida assim que uma caloura se inclinou em nossa direção, seus seios derramando sobre nossos rostos através de seu maiô vermelho Baywatch[44], oferecendo-nos uma bandeja cheia de doses. East pegou três, distribuindo-as entre nós.

— Nada está atrapalhando seu caminho. Além da sua cara feia e do seu cérebro de merda, — encorajei Reign do meu jeito invertido.

Reign abanou a cabeça.

— Não é tão simples agora. Eu gostaria que você não tivesse quebrado o código dos manos.

Nós brindamos e bebemos as doses de tequila. Não me lembrava de Reign ter dito nada sobre querer Tess, mas acreditei nele, porque normalmente não prestava muita atenção em nada que alguém dizia. E para que conste, Reign

---

[44]É um filme americano, baseado em série com o mesmo nome. Onde os personagens femininos, que são salva-vidas, usam maiô vermelho.

tinha fodido com cerca de sessenta por cento da população do campus apenas neste mês, então declarar que o que ele tinha por Tess era amor, era quase o mesmo que aquela garota Melanie ficando emburrada quando descobriu que eu não imprimi nossos convites de casamento.

— Por que isso? — East perguntou a Reign.

— Ela está na bunda dele agora. — Reign apontou com o queixo em minha direção.

— Bem, minha bunda não gosta de ninguém, então isso não vai ser um problema.

— Você quer me dizer que realmente não gosta da garota do Taco Truck? — East cutucou minha costela. Alguém disparou na piscina, espirrando água em nós. Uma garota. Ela puxou nossos dedos do pé de forma divertida antes de vir à superfície, aparecendo como uma ninfa vadia. Reign salpicou suas costas. *Apaixonado, minha bunda.* Ele não reconheceria o amor se isso lhe desse uma chuva dourada[45] e destruísse seu Alfa Romeo[46], arremessando-o de uma ponte.

East e eu ainda estávamos conversando.

— O nome dela é Grace, — eu disse secamente, porque de alguma forma, era importante para mim que esses

---

[45]Fetiche de urinar na frente de um parceiro(a) ou sobre ele(a).
[46] Modelo de carro esportivo.

bastardos parassem de se referir a ela por sua cicatriz ou por seu trabalho. — E não, eu não a quero.

Especialmente depois que ela me deu gelo no food truck durante nosso último turno e me esnobou na frente de toda a escola quando eu arrisquei meu pescoço por ela.

East considerou isso.

— É só que você não tem sido o seu eu de *quero-morrer-agora-alguém-me-passe-a-arma* desde...

— Desde? — Eu perguntei.

— Desde que você a conheceu.

Meu melhor amigo era um boceta e eu que queria calá-lo com uma lata de Friskies[47]. Eu ri guturalmente. Essa foi boa. Eu. Um homem mudado. Por causa de uma garota.

— Pela última vez, não tenho interesse em Grace Shaw.

— Sério?

Mais meninas mergulharam para fazer cócegas em nossos pés, tentando chamar nossa atenção. Nós as ignoramos.

— Quantas vezes mais eu preciso dizer isso? — Eu olhei com raiva para o meu melhor amigo. — Posso expressar isso em uma dança tribal, ou código Morse, ou talvez chutando sua bunda.

---

[47] Marca de comida úmida e seca para gatos.

— Então você não se importaria se eu a convidasse para sair? — East me estudou cuidadosamente. Eu senti minha mandíbula se contrair. De todas as garotas da Sher U, ele queria foder com quem eu estava trabalhando. Notei que Reign parou de espirrar água na garota na piscina, observando minha reação.

Eu levantei um ombro. — Vai fundo. Não se esqueça de colocar uma camisinha. Ela parece o tipo que te tranca no casamento com um bebê.

Que importância tinha isso? Texas não sairia com ele, nem se ele fosse o único homem que restasse no planeta Terra. Ela provavelmente era virgem. Ela não namorava e estava preocupada com a equipe de futebol. Especialmente depois que Reign exibiu suas maneiras preconceituosas quando se tratava dela.

— Então, deixe-me ver se entendi. — Reign sorriu, apreciando imensamente a discussão. — Você mataria qualquer um que a desrespeitasse, mas não vai sair com ela?

Eu me joguei na piscina, espirrando água no rosto.

— Esse é um bom garoto. Quer seu biscoito agora? — Eu rosnei.

— Parece verdade, — disse Reign sarcasticamente.

East juntou-se a mim na piscina. Eu estava farto de discutir sobre Grace Shaw. Ela monopolizou o suficiente do meu tempo, minha vida, meus *pensamentos*.

— Então, Max disse que Appleton está falando uma merda louca sobre você. — East apertou os olhos sob o sol. Isso era novidade para mim. Então, novamente, eu quase não acompanhava o que as pessoas diziam.

— Ele faria isso na minha cara, mas então ele não teria dentes para falar sobre mim.

— Aposto que Max vai tentar arranjar uma segunda luta. — Reign se juntou a nós, mergulhando na piscina e saindo da água, balançando a cabeça como um cachorro. — Você iria para uma revanche se fosse possível?

— De jeito nenhum, — East avisou, me lançando um olhar.

— Pelo preço certo, eu mataria Appleton, seu gerente idiota e o próprio Max.

Ambos os meus amigos riram.

Eu ri também.

O que eles não sabiam, é que eu nem estava brincando.



Nove

Grace

Dizem que quando chove, dá tempestade.[48]

No meu caso, minha semana foi uma tempestade envolta em um tornado.

Ele destruiu tudo em minha vida, e tudo que eu podia fazer era vê-lo girar ao redor, enquanto eu caía nas entranhas profundas e escuras de minha própria catástrofe pessoal.

— Docinho, eu sinto muito. Eu sei que é o pior momento possível para você, mas por favor, considere esta minha demissão oficial. — Marla me informou no final da semana.

Eu estava sem combustível neste momento. West e eu não conversávamos durante nossos turnos, a vovó fez uma estranha greve de fome, ainda furiosa com a tomografia computadorizada que nunca aconteceu, e a vida na faculdade era um desastre de sussurros abafados e olhares simpáticos desde que West St. Claire praticamente declarou que eu estava sob sua proteção.

---

[48] É um ditado americano usado em situações que em sua maioria, são ruins. Tem o mesmo sentido do nosso ditado popular: desgraça pouca é bobagem.

Todo mundo sabia que West e eu não éramos amigos, então eles convenientemente deduziram que ele estava com pena da Tostada, sua mais nova colega, e queria ter certeza de que ela não se mataria.

Ele é quem odeia a vida, eu queria gritar na cara deles.

Ele é quem quer morrer. Eu não. Eu só quero ficar sozinha.

— Você está desistindo? — Pisquei para Marla, tentando manter meu tom neutro. Marla assentiu, juntando minhas mãos em suas palmas oleosas e inchadas, levando-as aos lábios.

— *Aposentando-me.* Estou indo embora. Pete encontrou um ótimo condomínio na Flórida, nos arredores de Miami. Muito bom e elegante, e muito barato para o que estamos conseguindo. Estaremos perto de minha filha Joanne e de seus pequenos fedorentos. Faz muito tempo. Eu não sou mais jovem. Quero curtir meus netos, fazer caminhadas e engordar com meu marido.

Nada sobre o que ela disse era novidade para mim. Ainda assim, eu estava irracionalmente chateada. Não com Marla, é claro. Eu dificilmente poderia culpá-la por querer melhorar sua própria situação. Mas com o mundo. Eu dependia da Marla, que a essa altura se tornou mais uma família e menos uma funcionária. Ela sempre fazia horas extras e estava de plantão 24 horas por dia, sete dias por semana. Vovó se dava bem com ela na maior parte do tempo,

e Marl nunca aceitava nenhuma de suas besteiras. Encontrar outra pessoa seria uma luta. Marla era uma moradora de Sheridan, mas poucas pessoas queriam vir para minha pequena cidade para trabalhar, e aqueles que estavam dispostos, exigiam uma compensação financeira, consequentemente.

Embora eu tivesse algum dinheiro guardado para as contas médicas da vovó, e seus pagamentos do plano de aposentadoria nos mantinham confortáveis, eu não estava exatamente nas nuvens.

— Oh, Marla, isso é maravilhoso. — Eu me levantei, engolindo meu pânico, puxando-a para um abraço. Eu saboreei o pequeno momento agridoce em seus braços, sentindo a pontada de dor atrás dos meus olhos. — Você merece isso. Você trabalhou duro por tantos anos. Estou muito feliz por você e Pete.

Ela ergueu a cabeça para trás, acariciando minhas bochechas para se certificar de que estavam secas. Eu estremeci quando ela tocou o tecido da cicatriz. Ainda parecia cru. A pele era mais fina do que no meu lado direito saudável.

— Não se preocupe, Gracie-Mae. Estou te dando um aviso prévio de dois meses. Muito tempo para encontrar uma substituta.

Eu soltei um suspiro. Dois meses *era* uma boa quantidade de tempo.

— Obrigada. Vou começar a pesquisar imediatamente.

— Embora você saiba onde estou em termos do que deve acontecer a seguir. — Sua boca se contraiu, como se ela estivesse lutando contra as palavras que queriam sair dela.

— Eu sei. Especialmente com a greve de fome. — Eu me arrepiei. Marla riu.

— Sim. Sobre isso. Ela está colocando torresmos em seu quarto quando pensa que eu não estou olhando. E, bem, — sua risada ficou mais alta, — eu finjo que não estou olhando para que ela coma.

Balançando minha cabeça, deixei escapar uma risada aliviada. — Ela é impossível. O que vou fazer com ela?

— Mande-a para a casa dela! — Marla bufou. — Ela vai agradecer.

Sentindo um grande e suculento momento, vovó entrou na cozinha em seu vestido de chita e chinelos de coelho.

— O que é toda essa confusão? — Ela foi direto para a gaveta de utensílios, tentando abri-la. Ela não se mexeu. No início da semana, instalei ímãs em todas as gavetas que continham qualquer coisa que pudesse ser usada como arma, as coisas que você usava quando tinha crianças. Eu não podia arriscar. Não depois do incidente do fogão.

— Vovó, Marla acabou de me dizer que nos deixará em alguns meses. Ela está se mudando para a Flórida para ficar

mais perto de Joanne e seus netos. — Eu me virei para encarar a vovó. Ela ainda estava de costas para mim.

— Ora! O que é isso? — Ela balançou a maçaneta da gaveta, bufando. — Não consigo abrir!

— Vovó, você me ouviu? — Eu perguntei.

— O que em nome... — ela murmurou, ignorando a notícia e eu, ainda puxando.

— O que você precisa? — Corri para ela, ansiosa para fazer as pazes após o incidente do pronto-socorro. — Vou pegar para você.

— O que eu preciso é saber porque, não consigo abrir minhas próprias gavetas, na minha maldita casa, para pegar uma colher para o meu chá! — Ela girou nos calcanhares para me encarar, acenando com a mão na direção da gaveta. — Isso faz parte do seu esquema, Courtney? Para convencer as pessoas de que tenho Deus sabe quais doenças? Que não consigo nem abrir uma gaveta? Você quer me colocar em uma instituição mental? É isso?

Desta vez, eu não queria mais bancar a filha morta. Doía muito.

— Vovó, não é Courtney. Sou eu, Gracie-Mae, e não quero colocá-la em uma instituição mental.

— Você quer que eu morra lá para que possa levar todo o meu dinheiro e minha casa. Então você pode ficar drogada

sem que ninguém a interrompa. Eu vejo através de você, jovem. Você só se importa com aqueles garotos e as drogas.

— Eu só quero que você melhore, — eu cerrei. Eu estava ficando cansada desse tango.

— Sim, me diagnosticando com algo que eu não tenho e me colocando em um monte de medicamentos. Nem todo mundo quer ser sedado. Só porque você gosta de drogas, não significa que eu também.

— Vovó. — Eu coloquei minha mão em seu ombro. — É *Grace*.

Ela me empurrou. Duro. Eu tropecei na cozinha, minhas costas batendo na parede. Uma foto minha e da minha mãe – a única que tínhamos nesta casa de nós duas – caiu no chão, o vidro quebrando.

Isso picou mais do que doeu.

A humilhação.

A raiva.

Meu desamparo nesta situação.

Coloquei meu anel de chamas quebradas em meus lábios e sussurrei meus desejos, enquanto Marla se levantava de sua cadeira, avançando em direção a minha avó.

— Savannah! — A acidez em seu tom fez com que o cabelo minúsculo em meus braços se arrepiasse. — Você não reconhece sua neta?

Vovó virou a cabeça em direção à Marla, sua carranca derretendo em um sorriso doce.

— O quê? Não seja boba. Eu sei exatamente quem ela é.

— Você disse Courtney, — Marla rebateu.

— Quieta! — Vovó ergueu a voz. — Pare de desafiar cada passo meu, vocês duas.

Marla se aproximou de mim. — Vá para a escola, docinho. Trabalharei algumas horas extras hoje. Eu prometi à sua avó que ajudaria a reorganizar o armário dela. Tudo bem?

Eu encarei a vovó, mas concordei.

Peguei minha mochila, chaves e carteira e saí correndo. Esperei até entrar no carro antes de deixar a primeira lágrima cair.

Pensei em *A Streetcar Named Desire.*

Da solidão cortante de Blanche que escoou tão profundo que ela nem mesmo sabia que estava sozinha mais. Blanche – como a vovó – ficava em casa o dia todo, seus demônios frequentemente sua única companhia.

Pensei na crueldade de dar liberdade a alguém com a qual não sabia o que fazer.

Vovó Savvy sempre dizia, *se você não está com medo, você não é corajoso.*

Agora, eu era um dos dois, mas para ela, eu precisava ser os dois.



Sentei-me na última fila do teatro, observando enquanto Tess e Lauren massacravam os papéis de Stella e Blanche, respectivamente, durante o ensaio.

Tess não era ruim, mas continuava exagerando para compensar sua perda para Lauren pelo papel de Blanche.

Ela também reclamava disso com frequência.

— Blanche tem muito mais carne! Stella é mansa e tímida.

— Cresça, Tess. Aprenda a ser graciosa na derrota. **— Lauren bufou.**

— *Eu nunca perco,*— Tess respondeu, seu tom assumindo um tom que eu nunca tinha ouvido antes.

Lauren sacudiu o cabelo e sorriu serenamente para ela. — *É mesmo? Então como é que você não está nos braços de West St. Claire agora?*

Aiden, que interpretava Stanley, não era excepcionalmente ruim também, mas ele precisava moderar sua carranca e olhar furioso. Ele parecia estar com prisão de ventre e fiquei preocupada que as pessoas jogassem Pepto-Bismol[49] no palco em vez de flores no final do show.

No meio do ensaio, alguém deslizou para o assento ao meu lado. Peculiar, visto que todos os outros assentos estavam vazios. Mesmo sem me virar para olhar para ele, eu sabia exatamente quem era. Assustou-me que o reconheci tão rapidamente.

Seu cheiro de inverno, doce de maçã e macho alfa. Selvagem e único.

Eu equilibrei meus pés na parte de trás do assento à minha frente, tentando me concentrar nos atores no palco. Eu ainda estava brava com West. Principalmente porque ele trepou com outra pessoa na sexta-feira passada, enquanto murmurava meu apelido. Mas o motivo oficial era ele me envergonhando infinitamente, fazendo uma grande cena de

[49]É um antiácido que proporciona alívio da má digestão (azia ou hiperacidez) e da náusea.

como Reign tinha me tratado. Eu percorria pela faculdade ignorando as provocações. Reign De La Salle era um dos muitos idiotas que aprendi a ignorar. West havia redirecionado os holofotes para o meu rosto novamente, e agora todo mundo estava falando sobre mim – minha história, meu rosto, meu futuro sem esperança.

Era como o ensino médio de novo.

West colocou seu braço musculoso sobre meu encosto de cabeça. Sua linguagem corporal era indiferente, gotejando confiança; ele tirou algo do bolso da frente – uma pequena agenda – e colocou no meu colo.

— Circule a data.

Eu o ignorei, ainda olhando para o palco.

— De quando você está me deixando sair da casinha do cachorro, — ele explicou.

Eu pressionei meus lábios, resistindo a um sorriso fraco, derramando lava metafórica sobre as borboletas girando em meu estômago, alçando voo até meu peito.

Elas eram exatamente o motivo pelo qual manter minha distância dele era uma boa ideia.

O homem tinha coração partido escrito sobre ele todo.

— Não posso fazer isso. Esta agenda não vai além do meio do próximo ano, — eu disse lentamente, meus olhos ainda treinados no palco. Não precisei olhar para saber se os

planejadores não iam além de doze meses. Tess jogou a cabeça para trás durante uma cena, tentando roubar os holofotes de Lauren.

A cena foi cortada devido ao fato de Lauren ter tropeçado em todas as suas falas.

— Que droga! Ela me tirou o foco. — Lauren pisou forte, sufocando o manuscrito em sua mão.

Tess colocou os punhos na cintura, estufando as bochechas.

— Nada deve te confundir quando você está na zona. Sou uma atriz metódica, Lauren. Intocável assim que entro no personagem. Há semanas que digo ao professor McGraw que deveria ser Blanche. Eu nasci para o papel.

Segura em sua postura, ela foi tirada do papel, enquanto Lauren tentava memorizar suas próximas frases, os olhos felinos de Tess começaram a vagar pelas fileiras. Eles pararam e se alargaram, um brilho de excitação zunindo por eles quando ela nos notou. Ela acenou para nós.

— West! Grace! Olá!

Eu acenei de volta. West empurrou o queixo para frente, um olá quase imperceptível, e voltou seu olhar para mim.

— E quanto à liberdade condicional? — Ele perguntou. — É o meu primeiro crime.

Eu balancei minha cabeça. — Terceiro. Você está me dando nos nervos desde o primeiro dia.

— Maldita seja, mulher, você acha que trabalhar com você é um piquenique? — Ele se irritou.

— Tenho certeza de que não é, mas não me intrometo em seus negócios e chamo atenção indesejada para você, — apontei.

— Do que estou sendo acusado exatamente? — Ele endireitou seu corpo gigantesco em sua cadeira, todo o seu corpo inclinado em direção ao meu agora.

— Você fez uma cena enorme com o que De La Salle disse, e agora eu sou essa patética garota emo que está à sua mercê. Você me fez parecer indefesa. Fraca. Um caso de caridade. — Virei minha cabeça, encontrando seus olhos.

A pontada no meu peito tornou-se um puxão total.

— Então, você está com raiva de mim por defendê-la? — Suas sobrancelhas se juntaram.

— Eu posso lutar minhas próprias guerras.

— Besteira. Você nunca apareceu para a batalha.

— Isso não é da sua conta.

— Você *é* da minha conta. — Ele me examinou, gostando muito da maneira como todo o meu rosto ficou rosa sob a minha maquiagem.

— Percebi que sou. Eu só me pergunto por que isso. Você precisava de um animal de estimação? Achei que você já tinha muito com que se preocupar.

— Porque você é minha *amiga*. — Seus olhos se estreitaram em duas fendas de resolução sombria. Era isso. Eu era sua amiga e não tinha nada a dizer sobre isso. — Quando alguém desrespeita meus amigos, eles me desrespeitam. E *ninguém* me desrespeita. Estamos claros sobre isso?

Virei minha cabeça para o palco, mas apenas porque não confiava em mim mesma para não me lançar nele em um abraço. Eu nunca tive ninguém invadindo minha vida, chutando a porta em seu caminho, e ficando por perto depois de perceber o quão verdadeiramente quebrada eu estava.

West foi a primeira pessoa a insistir em ser meu amigo, quer eu estivesse interessada ou não. Era um território desconhecido para mim. Meus instintos me disseram para afastá-lo antes que ele me despejasse, mas cada célula do meu corpo gritou para deixá-lo entrar.

Ele jogou os braços para o alto, exasperado. — Bem. Você quer que eu recue? Você conseguiu. De qualquer forma, o idiota não vai incomodar mais você, então é isso.

— U-hu. Obrigada, Capitão St. Claire. — Eu bati o punho no ar zombando. Agora, eu tinha a palavra de West que ele não iria se intrometer na minha vida. Mas eu ainda não estava satisfeita. Na verdade, depois da alegria inicial de

West me procurando publicamente no auditório, eu estava ainda mais furiosa do que antes.

Eu sabia exatamente por quê – Melanie – mas não podia dizer isso a ele.

— Você percebe que está sendo uma vadia, certo? Você não pode não saber disso.

Eu sabia que estava sendo impossível, e me matava não poder parar. Meu botão de autodestruição vermelho brilhante foi ligado e eu queria bater no bastardo uma e outra vez com meu punho, até que não houvesse mais nada de nossa amizade, para que eu pudesse voltar a ficar sozinha, invisível e segura em minha bolha de nada.

Seu telefone vibrou em sua mão. Ele desligou antes que eu pudesse ver o nome na tela.

Melanie pedindo uma segunda rodada? Você disse a ela que você é o tipo de cara de uma noite só?

— Do que se trata realmente, Texas? — Ele passou os olhos pelo meu rosto.

Cruz Finlay, o diretor da peça, ergueu os olhos do lado do palco e acenou com o roteiro em nossa direção. — Com licença, vocês se importam? Vocês estão distraindo meus atores.

— Seus atores estão nos perturbando, — murmurei baixinho. West bufou ao meu lado.

— Grace. West! — Tess gesticulou para nós novamente. — O que está acontecendo? Vocês estão aqui por mim?

Tess era ótima, mas tinha a tendência de pensar que o mundo girava em torno dela. Acho que isso me irritou porque eu costumava ser exatamente como ela.

Meu estômago deu um nó. Se eu escolhesse ficar irritada toda vez que West recebesse atenção feminina, teria um colapso mental três vezes por dia.

West se levantou, puxando meu braço, forçando-me a ficar de pé.

— Estou aqui por Texas. Agora que a peguei, vou sair da sua frente.

Ele saudou uma Tess chocada e me arrastou para fora das portas como um homem das cavernas. Eu não queria causar uma cena, então me abstive de bater na mão dele. Assim que saímos do auditório, ele me prendeu contra a parede, prendendo-me com os braços de cada lado do meu corpo. Seu telefone tocou novamente. Ele ignorou, inclinando o rosto para baixo para que seus lábios estivessem perigosamente perto dos meus.

O perfume masculino e terroso dele infiltrou-se no meu sistema. Meu coração bateu tão forte que quase vomitei.

— Vamos tentar de novo. Por que você está com raiva de mim, Texas? Não me dê a desculpa de Reign. Eu não nasci ontem.

— As pessoas vão falar, agora que você veio ao auditório e me chamou de Texas na frente de todos. Espero que você esteja feliz.

Ele encolheu os ombros, imperturbável. — A quantidade de trepadas que dou é igual à quantidade de merdas que dou. Que é zero, caso você esteja se perguntando. Não mude de assunto.

— Você não se importa se as pessoas pensam que você está se relacionando com alguém abaixo do seu nível? — Eu provoquei.

— Eu não me importo se as pessoas pensam que estou ficando com um rebanho. E você não está abaixo do meu nível. Agora, vou lhe perguntar isso pela terceira e última vez – por que você está brava? Responda com cuidado. Não haverá uma quarta chance. Vou virar você de cabeça para baixo e arrancar a resposta de você.

— Você não faria isso. — Eu zombei.

Suas sobrancelhas arquearam, um sorriso malicioso curvando seus lábios.

Merda, ele totalmente faria. Eu murchei. — Eu não estou brava com você. Eu só quero que você pare de agir como se eu fosse um caso de caridade. Tenho me saído bem por conta própria e não quero a atenção que você traz para mim.

Ele me examinou, procurando por rachaduras na minha fachada.

Finalmente, ele cedeu, afastando-se da parede. Eu senti a perda dele em todos os lugares.

— Se eu parar de chamar a atenção para a sua bunda, você vai voltar a ser relativamente sã?

— Eu *sou* sã.

— Discutível.

— Diga-me uma coisa que é insana sobre mim.

— Você usa moletom quando está quarenta e cinco graus lá fora, você está alimentando uma obsessão doentia com os anos 90, você acha que não é atraente, você...

— OK. Tudo bem, eu entendi. Eu disse *uma*.

Ele enfiou um bastão doce entre os dentes retos, sorrindo como o Diabo.

— Eu sou um bastardo competitivo. Depois que começo, é difícil parar. Trégua? — Ele me ofereceu seu dedo mindinho.

Tudo que eu conseguia pensar era nele beijando Melanie rudemente, enquanto desabotoava seu jeans, meu apelido caindo de seus lábios. Meus próprios lábios doeram, mas eu enrolei meu dedo mindinho no dele, quase rindo do quão

grande seu dedo era contra o meu. Era a segunda vez que fazíamos isso. Eu gostei de termos uma coisa.

— Pronta para fugir? — Ele me cutucou.

— Fugir para onde?

— Austin. Acabei de receber uma mensagem de Karlie dizendo que o truck quebrou e não temos turno. Minha agenda está aberta.

Eu fiz uma careta e verifiquei meu telefone. Com certeza, eu tinha o mesmo texto. Ainda assim, passar um tempo com West fora do trabalho? Isso seria um grande não com nunca e jamais no topo.

— Não posso. Eu tenho ensaios consecutivos.

— Não sei como te dizer, mas nada vai salvar esta peça. É a pior coisa que aconteceu ao Texas desde os Jonas Brothers. — West fez uma cara adorável, uma mistura genuinamente triste e sarcástica.

— Não ouse odiar os Jonas Brothers. Eles são um tesouro nacional. — Eu balancei meu dedo para ele, uma risada borbulhando da minha garganta.

— Isso é uma reviravolta na história. — Ele agarrou meu dedo, puxando-me em sua direção. — Eu pensei que você fosse o tipo de garota do My Bloody Valentine[50].

---

[50]My Bloody Valentine é uma banda de rock alternativo formada em Dublin em 1983.

— Eu conheço bandas que foram formadas depois dos anos 90, — protestei.

— Prove. Mas antes disso, vamos pegar a estrada.

Com tudo que está acontecendo, seria bom relaxar e tirar o dia de folga. Além disso, eu já tinha decidido que não iria me apaixonar por West St. Claire, e tive um enorme sucesso em não gostar nem remotamente de caras antes dele.

Qual seria o mal em uma curta viagem à cidade?

— Você está torcendo meu braço aqui[51]. — Suspirei.

— Sou conhecido por ajudar as mulheres a descobrir sua flexibilidade.

Eu torci meu nariz e o empurrei, saboreando a dureza de seu peito contra minha palma.

— Bruto. Vou pegar minha mochila.

— Hã, hã. Não confio que você vai voltar, e Cruz Finlay está a uma distração de um derrame. Eu vou buscar.

Ele marchou para o auditório, voltando com minha mochila. Ele a pendurou no ombro, enquanto girava o chaveiro no dedo. Eu saltei na ponta dos pés, acompanhando seus longos passos.

---

[51] Do original twisting my arm, significa pressionar, obrigar alguém a fazer algo. Deixei no original para não perder o contexto do diálogo

— Saltitando. Se eu não soubesse melhor, pensaria que você está aquela palavra com A. — Ele sorriu.

— Alta? — Eu perguntei, ainda pulando para meu desagrado.

Simplesmente, pare. Você está se envergonhando.

Ele riu, inclinando o olhar para o lado, me observando. — Não, idiota. Animada.

— Não estou animada.

— O sorriso de merda em seu rosto discorda. — Ele sacudiu meu queixo.

— Você é rude.

— Você está brilhando.

Joguei meu cabelo por cima do ombro, sentindo-me inesperadamente bonita. Meu coração inchou, como se estivesse encharcado de água, e todo o meu corpo formigou.

— *Poooooorra,* — ele pronunciou lentamente. — A pura alegria. Quem é você mesmo? Eu fui enganado? — Ele parou, me levantando do chão e me virando de lado. Ele franziu a testa, fingindo ler algo nas minhas costas. Instruções ou um manual. Ele assobiou. Eu chutei o ar até que ele me soltou, minhas risadas saindo da minha boca incontrolavelmente.

Estávamos nos tocando muito – houve mais toques do que nos últimos quatro anos, na verdade – e as borboletas no meu estômago estavam girando e girando sem parar.

— Sim. Você é a verdadeira Texas. Eu tenho a versão 2.0. Você é resistente à água?

— Não agora.

— Vergonha. Aposto que você é um espetáculo de biquíni.

— Você está prestes a ser cortado em vinte pedaços se continuar assim.

Eu me senti como se fosse o meu antigo eu de novo, e não sabia porquê, mas pensei que ele sentia o mesmo por si mesmo também.

Por alguma razão, trouxemos um no outro as pessoas que éramos antes e sentimos terrivelmente falta.

Paramos em sua Ducati. Ele tirou dois capacetes, colocando um em minhas mãos. Desta vez, eu me virei, tirei meu boné e coloquei-o obedientemente.

— Dois capacetes? — Eu me virei para encará-lo quando meu capacete estava colocado.

Ele encolheu os ombros. — Sabia que eu ia descongelar sua bunda gelada.

— Você é sempre tão confiante?

— Cada segundo do dia. — Ele cuspiu o doce de maçã na boca, colocando o capacete. — Você é sempre tão intrometida?

— Quando estou interessada em algo o suficiente para explorá-lo. — Eu levantei um ombro. — Já que estamos falando sobre eu ser intrometida – o que há com o doce de maçã? Um pouco antiquado, não é?

— Não para mim. Você não tem algo que é nostálgico para você? Um pedaço de sua história que está perto do seu coração?

Sem querer, escovei meus dedos sobre meu anel de chamas, sentindo minha garganta contrair.

— Eu tenho, na verdade. Este anel de chamas, — levantei minha mão, — pertencia à minha mãe.

— É... — Ele pegou minha mão pequena e macia na sua grande e áspera, examinando-a. — *Horrível*. De qualquer forma, o bastão de maçã é o meu.

Sentindo-me brincalhona, peguei um deles do bolso de trás, onde eu sabia que ele os escondia, e coloquei na minha boca sob o capacete.

— É... sem gosto.

Tão sem sabor, na verdade, que me perguntei o que o fez voltar a esse doce específico, uma e outra vez. Claro, se ele

quisesse que eu soubesse, ele forneceria a informação voluntariamente.

West sorriu, balançando a cabeça preguiçosamente.

Esperei que ele montasse na moto, então pulei atrás dele. Ele trouxe meus braços para apertar seus peitorais. O motor rugiu para vida. Atravessamos a rodovia, evitando um engarrafamento, o vento e o deserto lambendo nossos corpos. Eu pressionei contra ele, inalando-o o máximo que consegui. Adorei usar capacete. Ele cobriu meu rosto completamente, dando a ilusão de que eu poderia ser qualquer um. Quando eu estava assim, envolta em um cara lindo, meu longo cabelo loiro girando, e tudo que as pessoas podiam ver era meu corpo, parecia que eu era normal. Apenas outra garota passando o dia.

Ninguém poderia imaginar que meu corpo e rosto tinham cicatrizes.

Que minha avó estava doente.

Que eu iria reprovar no meu semestre este ano.

O tempo todo, o celular de West vibrou em seu bolso. Eu podia sentir isso contra a minha coxa. Mas eu não queria arriscar estragar o momento perguntando quem era.

Chegamos ao 2º Street District[52], pegamos um café gelado e caminhamos um pouco. As ruas estavam lotadas,

[52] Avenida em Austin, Texas.

fervilhando de universitários, compradores e vasos de flores florescendo; árvores decoradas com luz alinhadas por toda parte. Os cafés encheram-se de jovens tagarelas. Conversamos sobre a escola, as lutas de sexta à noite e sobre minha atuação quando West parou na calçada e puxou a manga do meu capuz, causando um congestionamento humano atrás de nós.

— *Sorte. Porra.*

Eu olhei para o letreiro na nossa frente. Era uma loja de bonés. Eu reorganizei meu boné cinza desbotado conscientemente. Eu só o tirei quando usei o capacete de West ou estava em casa. Ele agarrou minha mão, levando-me para dentro.

— Se você vai esconder seu rosto embaixo dessa coisa por toda a eternidade, pelo menos não me sobrecarregue com o mesmo velho logotipo da Nike. Mantenha as coisas frescas para mim, Tex. Essa é a receita para um bom relacionamento.

— Tudo bem, mas você terá que se virar quando eu prová-los. Devo proteger minha virtude. — Eu mantive leve, empurrando meus punhos de volta nos bolsos do meu moletom. Caminhamos entre fileiras de bonés. Ao contrário da rua, o lugar estava silencioso. Além de um vendedor no final da adolescência cuidando do caixa, éramos apenas nós dois.

— Não ser vista é realmente muito importante para você, hein? — West passou a mão em uma dúzia de bonés.

Folheei alguns com temas universitários, encolhendo os ombros.

— Gosto da minha privacidade.

— Você gosta de ser invisível.

— Qual é o problema com isso?

— Que você *não* é. — Ele parou de andar, esfregando os nós dos dedos contra a mandíbula esculpida. — Vamos fazer um acordo – vou fechar meus olhos toda vez que você experimentar um boné e os abrirei quando estiver pronta. Confia em mim?

— Por que você se importa? — Parei ao lado dele, olhando um boné rosa bebê com uma cereja impressa nele. Eu era uma garota feminina e demonstrava isso antes do *incêndio*. Achei que o boné ficaria super fofo e me perguntei por que não havia pensado em comprar um novo antes. Mas a resposta era óbvia – não achei que alguém estivesse olhando para mim e, quando olhavam, era claramente pelos motivos errados.

— Texas, eu não posso nem começar a te dizer. O interior deste boné deve cheirar a fio dental usado. Quero que você tenha, pelo menos, uma dúzia de bonés para que possa alternar. Bonés para casamentos, funerais, festas, trabalho, escola... — Seus olhos encontraram o rosa bebê que eu

estava segurando. Ele o agarrou da minha mão e bateu contra meu esterno.

— Tente.

— Feche seus olhos.

— Se eu fizer isso, você não pode se virar.

— Ei, isso não fazia parte do acordo! — Eu protestei.

— Você era uma líder de torcida, certo?

— Sim. Antes...

— Qual é a primeira coisa que eles fazem nos treinos, antes de você chegar à equipe?

Eu fiz uma careta, tentando lembrar. — Uh, confiar uns nos outros?

— Exatamente. Isto somos nós confiando. Acredite, eu não vou abrir meus olhos.

— Você me disse que confiar nas pessoas é colocar seu otimismo no lugar errado, — eu apontei.

Ele torceu o rosto. — Não dê ouvidos à minha bunda. Eu sou apenas um cara estúpido que só é bom com os nós dos dedos.

— Mas...

Ele colocou o dedo nos meus lábios. Seus olhos enrugados nas laterais com um sorriso. Eu poderia dizer que

isso significava algo para ele. Que eu colocasse minha confiança nele. Mesmo que eu não soubesse porquê.

— Não vou deixar você cair, Tex, — disse ele calmamente.

— Promete?

— Eu não prometo. Eu nunca prometo. — Ele fez uma careta. Não era isso que ele estava fazendo? Eu me perguntei o que o fez tão determinado em nunca prometer nem mesmo as coisas mais pequenas e triviais. — Experimenta.

O ar estava pesado com o silêncio, enquanto eu considerava seu pedido. Ele fechou os olhos com força. Tirei meu boné cinza lentamente, a adrenalina correndo em minhas veias. Eu o encarei em choque, saboreando o pequeno momento de libertação. Eu podia praticamente sentir seus braços, enquanto figurativamente caía para trás neles.

Como ele me pegou.

Como ele manteve sua palavra e não deu uma espiada.

Peguei o boné rosa. Não estava dobrado nas laterais, então quando eu o coloquei, West ainda podia ver um pouco mais do meu rosto do que eu estava confortável. Eu o prendi na minha cabeça, respirei fundo e toquei no ombro de West para sinalizar que ele poderia abrir os olhos.

— Decente? — Ele brincou.

— Não pelos meus padrões, — eu murmurei.

Seus olhos se abriram.

— O que você acha? — Mesmo sendo apenas um boné, fiz um gesto para todo o meu corpo, posando à la Carrie Bradshaw em *Sex and the City*. Era idiota, mas parecia que estava experimentando um vestido de noiva.

Ele me lançou um sorriso torto em meia-lua que fez meus joelhos fraquejarem e assobiou.

West pegou o boné e meu coração disparou. Por um segundo, pude sentir meu corpo batendo no chão quando ele me soltou. Mas não. Ele não o tirou. Ele o dobrou do jeito que eu gostava, de modo que protegia os dois lados do meu rosto.

— Você é linda, — disse ele, sua voz baixando. — O boné ficou bom também.

— Obrigada. — A suavidade em minha voz me abalou. — E não seja legal, cara. Se você dobrar, você compra.

— Isso é notícia falsa. Pergunte a qualquer garota com quem eu tenha ficado.

Eu ri estupidamente. Não achei graça no fato de ele ser conhecido por dormir por aí.

— Além disso, vamos levar, — disse ele categoricamente.

Eu me virei para colocar meu boné velho e verifiquei o preço, então comecei a bufar.

— Por trezentos reais? Você está brincando comigo.

— Por minha conta.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Você já me pagou o jantar uma vez. Não podemos fazer disso um hábito.

Mas ele estava andando para o caixa, girando o boné rosa de cereja com o dedo no caminho até lá, sem prestar atenção em mim. Eu o segui, gemendo. Eu sabia que ele faria o que quisesse.

— Não é um hábito. É uma troca. Comprei algo que pensei que você precisava, agora é a sua vez de me dar algo. Que tal aquelas maçãs? — Ele puxou a corrente da carteira (que meu coração dos anos noventa notou que estava em sincronia com minha época favorita) e a tirou, deixando algumas notas no balcão na frente do vendedor.

— Hey. Você é West St. Claire. Sher U, certo? — O rosto do cara se iluminou.

Eles fizeram uma sacudida de irmão.

— Vi sua luta com Williams no ano passado. Você o espancou. Ele ainda está vivo?

— Não apostaria nisso. — West enfiou um bastão de maçã verde na boca, voltando a ser arrogante e idiota.

— Você deveria ser profissional. Você é o melhor lutador que já vi. Você *vai* lá.

— Você é um bom garoto, — disse West.

— Você vai assinar meu boné?

Ele fez, e concordou em tirar uma foto com o cara. Saímos da loja animados.

— Então, o que você acha que eu preciso? — Ele estava se referindo à nossa troca.

Eu bati em meus lábios, fingindo refletir sobre isso. — Um protetor genital.

Ele riu. — Você é engraçadinha, Texas.

— Ei, não fui eu que deixei sapatilhas de balé antes mesmo de saber seu nome.

West colocou a carteira de volta no bolso, entregando-me a sacola com meu boné novo. — Você nunca reconheceu isso. Eu me perguntei se havia realmente acontecido. Estava começando a questionar minha própria sanidade.

— Você deve questionar independentemente disso. Mas não, eu as peguei. Ainda as tenho em casa. Não tenho certeza do que fazer com elas ainda, mas meu complexo de garota pobre não me permitiria jogá-las fora, — eu admiti, rindo. — Você as quer de volta?

— Fique com elas. Não tenho certeza se o balé é a minha praia. Eu sou meio que uma garota crescida. — Ele fingiu timidez e eu bufei, imaginando-o em um tutu.

Depois de uma rápida troca de boné em um beco, voltei com o boné rosa. Ele assobiou e eu passei por ele, balançando minha bunda como se fosse algum tipo de mulher fatal.

Seu telefone vibrou novamente. Ele o rejeitou.

— Você não vai aceitar isso em algum momento? — Eu me virei e caminhei para trás, meus olhos nele. — Tudo bem se você tiver coisas melhores para fazer.

— Eu não tenho coisas melhores para fazer, — ele cortou, seu humor mudando de volta para sombrio.

— Quem está ligando pode ter algo importante para lhe dizer.

Quanto mais eu pensava nisso, mais percebia que uma garota qualquer não insistiria dezenas de vezes por dia. A preocupação se estabeleceu em meu intestino. Era mais sério do que isso.

— Eu serei o juiz disso. Sua vez, Tex, — ele gritou para mim, enquanto eu avançava. — Para onde?

— Já comeu uma *torta de frito*[53], Maine?

Seu rosto se abriu no sorriso mais bobo e doce que eu já vi. Seus olhos brilharam como jóias requintadas. Certa vez, assisti a um documentário sobre a queda do Muro de Berlim.

---

[53]Torta de frito, do original, Frito Pie, é um prato popular no Centro-Oeste e no Sudoeste dos Estados Unidos, cujos ingredientes básicos são pimenta, queijo e salgadinhos de milho. As adições podem incluir salsa, feijão frito, creme de leite, cebola, arroz ou jalapeños.

Vi milhares de pessoas trazendo martelos batendo-os contra ele, demolindo-o com as mãos nuas, resplandecendo com triunfo, cheios de dor profunda e escura. Isso foi o que eu senti que aconteceu com minhas paredes de defesa no momento em que ele realmente me lançou um sorriso genuíno. Estavam desmoronando, tijolo por tijolo, enquanto milhares de pequenos Wests batiam com os punhos nele, fazendo-o desabar.

— Não posso dizer que sim. — West inclinou a cabeça para o lado.

— Vamos pegar Christina, então. Temos lugares para ver. Tortas de frito para comer. — Ele inclinou a cabeça, assim que o último tijolo da minha parede se espatifou.

— Lidere o caminho.



— É... *estranho*. — West recostou-se na cadeira, largando o garfo diretamente na torta de frito. Eu bati a mão no meu coração, ofegante.

— Você está falando sério agora?

Ele acenou com a cabeça, pegando o garfo, dissecando a torta com uma carranca.

— O que há nessa coisa, afinal? Carne, feijão, queijo, molho de enchilada, salgadinhos de tortilhas, creme de leite, milho, noz-pecã... — Ele começou a nomear todos os ingredientes. — Isso me lembra daquela vez que Rachel do *Friends* tinha duas páginas de receitas coladas e fazia aquela torta de bolo de carne de morango nojenta. Você joga mais coisa nisso do que na pia da cozinha.

— Oh. — Eu sorri alegremente. — A pia da cozinha está toda aí, certo. Bem no fundo. Uma camada de distância da crosta.

Ele começou a rir. Eu pedi a conta e paguei. — Além disso, para que você saiba, Joey gostou muito daquela torta.

— Joey gostava de comer de tudo. Essa foi a piada.

— Acho que você é um comedor exigente.

— Na verdade, não. Merda nojenta é onde eu traço o limite. — Ele coçou o queixo quadrado, pensando um pouco. — E boceta. Eu também não como boceta.

Engasguei com minha Pepsi Diet, cuspindo um pouco de volta no meu copo. — Desculpe?

— Você perguntou sobre meus hábitos alimentares. Pensei em ser cooperativo.

— Por que você não... — Eu deixei a pergunta inacabada. Nunca conversei com caras sobre sexo. Na verdade, nunca conversei com Karlie ou vovó sobre isso

também. Marla também estava fora de questão por motivos óbvios. Não que eu nunca tivesse feito isso. Eu tinha. Quando eu tinha dezesseis anos, com meu ex-namorado, Tucker. Mas nunca tínhamos realmente discutido isso, e a experiência foi medíocre, para dizer o mínimo.

— Come boceta? — Ele completou a pergunta para mim, gostando da minha inquietação. — Parece uma coisa íntima de se fazer. Não tenho nada contra bocetas. Alguns dos meus momentos favoritos foram passados dentro delas. Só não quero ficar muito familiarizado com aquelas que estão por aí. Se eu tivesse uma estável, bem, seria uma história diferente.

— Já teve uma trepada estável?

Ele assentiu.

— No ensino médio. Comia-a no café da manhã, almoço e jantar. E você?

— Sim.

— Ele comia você? — ele perguntou, insultantemente casual. Senti as pontas das minhas orelhas ficando incrivelmente quentes.

— Sim.

— Você retribuiu?

— Claro. Igualdade para todos, certo?

West recostou-se na cadeira, o queixo latejando.

— Já ouviu falar de discriminação positiva[54]? O que aconteceu com o feminismo?

Mordi meu lábio, tentando não rir. Ele estava realmente com *ciúmes*?

— Eu estou supondo que sua regra de sexo oral não se aplica a quem recebe? — Eu levantei uma sobrancelha. Ele sorriu para mim, como se estivesse orgulhoso por eu estar levando a conversa sem queimar em mil pedaços de constrangimento.

— Correto. Nunca conheci um boquete de que não gostasse.

— Isso não é muito feminista.

— Ei, você tem ideia de quantos sutiãs eu arruinei na minha vida?

— E eles dizem que o romance está morto. — Eu revirei meus olhos. Ele puxou meu boné para baixo. Nós dois estávamos incrivelmente à vontade.

— Para onde vamos agora, Tex?

— Outra escavação mexicana, — eu disse sem perder o ritmo.

— *Outra* torta? — Seus olhos brilharam em falso horror. — Você vai me fazer passar por isso de novo?

---

[54]É, literalmente, tratar desigualmente os desiguais em situação desfavorecida.

— Claro que vou. Até você admitir que as tortas de frito são a melhor coisa que aconteceu à humanidade desde a agricultura e a fala.

— As tortas de frito são a melhor coisa que já aconteceu à humanidade desde a agricultura e a fala, — disse ele.

Eu ri. — Boa tentativa.

Saímos do restaurante e entramos no próximo a ele. Ele também não gostou da torta de frito lá. Depois do terceiro que fiz com que ele tentasse, ele se levantou e balançou a cabeça.

— Chega de tortas de frito. É contra meus direitos humanos.

— Vamos, não seja tão ignorante, — provoquei, acompanhando seus passos. Meu rosto doía de tanto rir, e me perguntei se era porque nos divertimos tanto ou porque eu não estava mais acostumada a rir. — Estávamos apenas aquecendo.

— Estou vetando a torta. — Ele balançou a cabeça, virando as chaves em seu dedo indicador.

— *Maine*, — eu choraminguei.

— *Texas*.

Eu sacudi sua mão, mas ele não se mexeu, marchando em direção à sua Ducati.

— Por favor, com uma cereja no topo, — meu ronronar tornou-se sedutor – rouco, até – quando Grace, de dezesseis anos, tomou as rédeas sobre minha boca.

— Claro que haveria uma cereja no topo. Você coloca todo o resto nesta torta.

Meu coração, inchado de alegria e encharcado de tanto rir, começou a murchar. Era quase fim de tarde. A verdade era que eu também não queria muito outra torta de frito. Eu só não queria ir embora. Voltar para Sheridan. Deixar a bolha de West e Grace estourar. Queria continuar sendo descuidada e feliz. Me sentir bonita - ou pelo menos, não horrível - por mais algumas horas.

West parou na Ducati, entregando-me meu capacete. Eu rapidamente troquei meu boné pelo capacete, empurrando meus dois bonés dentro da sacola que o vendedor me deu.

Voltamos para Sheridan em silêncio, meu cabelo chicoteando meu pescoço e ombros. Quando alcançamos os limites de Sheridan, West fez uma curva em direção ao centro, para a Main Street.

— Hoje é meu aniversário, — disse ele do nada.

— O quê?! — Eu gritei em seu ouvido. Minha voz foi abafada pelo vento e pelo capacete. — É?

Ele resmungou: — Sim.

— Quantos anos?

— Vinte e dois anos de juventude.

— Puta merda.

— Que maneira de me fazer sentir bem, Tex.

— Você me comprou um presente no seu aniversário. Isso está tudo errado. Pare. Pare agora.

Ele parou no supermercado Albertsons. Corri para dentro sem tirar o capacete, depois voltei com uma garrafa de tequila embrulhada em um saco de papel marrom e algumas velas de aniversário. Elas eram do tipo mais barato, mas melhores do que nada. Eu pulei de volta, envolvendo meus braços ao redor dele.

— Para o Sheridan Plaza, — eu instruí.

— Você começou a beber sem mim? Por que eu faria isso? — Ele virou a cabeça, seus olhos tempestuosos focalizando os meus através de seu capacete.

— Eu nunca estive lá, — eu admiti roucamente.

Ele arrancou o capacete da cabeça, o motor ainda funcionando, e fez uma careta. Eu tive sorte de ainda estar com meu capacete, porque o rosto de West St. Claire tão perto do meu, seus lábios a um sopro da minha boca, era a definição de sedução. Uma camada de suor fez seu cabelo castanho dourado e despenteado grudar nas têmporas e na testa, e as maçãs do rosto esculpidas brilharem sob o sol.

— Você está me zoando.

Eu balancei minha cabeça.

— Você cresceu em Sheridan e nunca foi ao Plaza?

Eu concordei.

— Certo. Mas você não tem permissão para ir lá sozinha. Prometa.

— *Sem promessas*. — Eu mexi minhas sobrancelhas, jogando sua regra de volta em seu rosto. — Olho por olho. Por que você não quer que eu vá lá?

— O lugar é uma lixeira de porra.

— Não é onde você fica com todas as suas amigas? — Eu mantive meu tom leve.

— Por isso é uma lixeira de porra. Não é lugar para uma dama. — Ele colocou o capacete de volta e chutou o pé para frente, voltando para a estrada.

Quando chegamos ao Sheridan Plaza, West estacionou na parte de trás, levando-me para dentro. O andar térreo estava vazio, exceto por alguns colchões encharcados, bitucas de cigarro e copos Solo vermelhos espalhadas. Pegamos as escadas de concreto até o segundo andar. A ala esquerda, que provavelmente deveria ser uma praça de alimentação, era vasta e vazia. Havia esteiras de ginástica espalhadas, emolduradas por caixotes e caixas para criar um anel, com espaço suficiente ao redor para conter pelo menos cem pessoas. A ala direita do andar consistia em pequenos

cômodos que deveriam ser as lojas, onde havia ainda mais colchões em cada pequena alcova. Como quartos individuais imundos de motel. Não admira que as pessoas gostassem de vir aqui. O lugar era um bordel improvisado.

West me mostrou ao redor rapidamente, segurando minha mão em um aperto punitivo, como se as vibrações neste lugar pudessem sugar minha alma direto para o inferno. Ele segurou o saco de papel com a garrafa de tequila na mão livre.

— É basicamente isso. O terceiro andar é a administração. É onde nossos escritórios estão, — ele disse, sem um traço de sarcasmo em sua voz. Eu bufei.

— Você trabalha das nove às cinco?

— Mais como sessenta e nove. — Pegamos a escada para o terceiro andar.

No minuto em que vi o elevador à minha frente, meu sorriso sumiu. Ele não podia ver isso, já que estava de costas para mim.

Então, era aí que ele pegava todas as suas paqueras.

Onde ele e Melanie se fundiram em um só.

Eu precisava dizer algo para mudar de assunto, rápido.

— O que você quer fazer? Quando você se formar este ano? — Eu girei para encará-lo, limpando minha garganta.

Ele passou a mão pelo cabelo, a tatuagem *A* em seu bíceps interno flexionado me provocando, lembrando-me o quão pouco eu sabia sobre ele.

— Mudança brusca de assunto. Acho que não pensei sobre isso.

— Você não tem nenhuma preferência? Ideias? Aspirações?

— Não, não e não. — Ele parou, deu as costas para mim e ergueu os braços no ar. — Não quero falar do futuro. Confie na queda, Tex. *Pegue.*

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, seu corpo girou em direção ao meu. Soltei um pequeno suspiro, abrindo meus braços para tentar agarrá-lo. *Merda.* Eu precisava de mais tempo para me preparar. Ele era pesado. *Muito* pesado. Eu caí junto com ele, esmagada por seu peso, e estremeci, preparando-me para o concreto frio atrás de mim. Mas quando ele caiu em cima de mim, todo o seu corpo pressionado sobre o meu, percebi que havia um colchão atrás de mim que bloqueava a queda.

É por isso que ele fez isso.

Ele sabia que eu não tinha tempo de segurá-lo, mas também que nós dois cairíamos em algo macio. Ele só queria ver se eu *tentaria* pegá-lo.

Maldito seja este homem.

Eu gargalhei, empurrando-o de cima de mim. Ele rolou, abrindo a garrafa de tequila. Ele estava prestes a tomar um gole, mas eu o arranquei de sua mão antes que ele pudesse.

— Não tão rápido, aniversariante. Eu gostaria de fazer um brinde.

Ele se sentou, ouvindo atentamente. Seriamente. Ele parecia um garoto curioso de repente, prestes a receber uma palestra muito importante sobre seu assunto favorito.

Quebrou meu coração vê-lo faminto por minhas palavras, porque estava claro que ele não queria comemorar seu aniversário. Ele não fez nada com seus amigos e não se preocupou em me contar sobre isso até mais tarde hoje.

Na verdade, ele planejava trabalhar um turno no food truck.

Por alguma razão, West St. Claire não estava muito feliz por ele ter nascido, e saber disso quase desfez minha alma, quebrando-a em pedaços.

— Gostaria de fazer um brinde a um amigo muito especial que, apesar de ser teimoso e, às vezes difícil, está sempre disponível para mim. — Tentei manter meu tom casual, mas estava muito emocionada, percebendo que todas as coisas que disse não eram um exagero da verdade.

West revirou os olhos. — Vá para a parte em que você fala sobre mim, sua merdinha.

Eu golpeei seu ombro. — Eu não me importo com o que o universo inteiro diz sobre você, West St. Claire. Não me importo que você seja um lutador e monte um monstro chamado Christina e que seja um prostituto. Para mim, você é apenas um cara legal que sempre faz a coisa certa, e isso é o suficiente. Não. — Eu me senti corando. — É mais do que suficiente. É tudo. Feliz aniversário, idiota.

Eu inclinei minha cabeça para trás, tomei um gole da tequila e passei para ele, abraçando a sensação de queimação deslizando pela minha garganta. Ficamos duas horas naquele colchão, bebendo e conversando. A conversa estava em todo lugar, desde nossa infância ao futebol, programas de TV e música, então livros. Quanto mais bebíamos, menos fazíamos sentido, até que ambos tivéssemos duas conversas completamente separadas ao mesmo tempo.

Quando terminamos a garrafa, já estava escuro lá fora. O Plaza ficou surpreendentemente frio. Estávamos ambos empoleirados no colchão, nossos braços se roçando, olhando para o teto.

— Sabe o que eu sinto vontade de fazer? — Eu perguntei.

— Me empurrar para longe por nenhuma razão além do seu senso de autopreservação? — Ele perguntou secamente. Eu ri. Touché.

— Uma verdadeira comida mexicana para absorver todo o álcool.

Ele pegou a garrafa de tequila vazia, fechando um olho com força, enquanto olhava para o fundo dela. — Você quer dizer tacos de peixe e batatas fritas de tortilhas?

— Exatamente.

— Não sei onde podemos encontrar algo assim por aqui.

Trocamos sorrisos conhecedores. Não era legal e não estava certo, mas fazia todo o sentido. Inferno, nós quebramos tantas regras hoje, mais uma não nos mataria.

E realmente, a Sra. Contreras nunca iria descobrir.

— Você está pensando o que eu estou pensando, aniversariante? — Meu sorriso se alargou.

— Estou pensando que Texas acabou de se tornar muito mais divertida.



Entramos cambaleando no truck, trancando-o atrás de nós e mantendo a janela fechada. Eu me virei e pressionei meu indicador na minha boca.

— *Shhh!*

— Nós dois estamos quietos, idiota. — Ele apertou meu pescoço, rindo enquanto passava por mim.

West acendeu a luz e ligou a grelha, enquanto eu cortava os legumes. Preparei tacos moles, coloquei as velas de aniversário neles e acendi. Já que o caminhão havia voltado da loja, estávamos com poucos ingredientes, como creme de leite e guacamole, mas estávamos bêbados demais para nos importar.

Eu destruí a música "Feliz Aniversário" de alguma forma perdendo todas as notas, e deixei West soprar as velas.

— O que você pediu? — Esfreguei seu braço, colocando meu queixo em seu ombro, enquanto ambos observamos a fina trilha de fumaça saindo das velas.

— Se eu te contar, você promete não se aprofundar no assunto?

— Certo.

— Falo sério, Tex. Não quero que você fique toda pegajosa na minha bunda. A única razão de estarmos aqui é porque você *não* é essa pessoa.

— Derrame isso, garoto. — Eu ri.

— Pedi para nunca mais querer morrer.

Minha garganta travou e tudo ficou quieto, mas mantive minha palavra, sem insistir no assunto. — Então, eu desejo isso também, — eu disse suavemente.

Sentamos no chão e comemos tacos quebrados e estragados, enquanto eu fazia as perguntas *esta ou aquela* dos anos noventa. Decidi não investigar mais porque West fez amizade comigo. Em vez disso, correria com o que tínhamos em andamento e veria aonde isso nos levaria.

Eu não era tão feliz há anos, e isso tinha que contar para alguma coisa.

West estava me explicando por que as pochetes eram assassinas de tesão quando alguém bateu na janela do lado de fora do truck.

— Olá? Alguém aí?

Nós dois ficamos em silêncio, olhando um para o outro com olhos arregalados, em meio as mordidas. Eu apertei meus lábios, sufocando uma risada. Eu raramente fico bêbada, e esqueci como fico risonha quando isso acontece.

— Ei, as luzes estão acesas, — disse o homem do lado de fora do truck. O cascalho rangia sob seus sapatos, enquanto ele contornava a caminhonete. Ele provavelmente estava tentando espiar pelas frestas da janela. — Reabram, pessoal.

Eu coloquei a mão na minha boca, tentando conter minha risada, mas um pequeno bufo horrível escapou do meu nariz. Os olhos de West se arregalaram e ele sorriu amplamente.

Cobri meu rosto, mortificada por ele ter ouvido, meu corpo inteiro tremendo com uma risada silenciosa.

— Olhe para o truck, — disse uma das duas pessoas do lado de fora, abafada. — Está tremendo. Você está pensando o que eu estou pensando?

— Estou pensando que se o que você está pensando é verdade, eles definitivamente não vão abrir para nós, Rick, e eu também não vou comer nada de lá.

Eles pensaram que estávamos fazendo sexo! Oh, senhor. Soltei um segundo bufo descontrolado, incapaz de segurá-lo, tombando para trás. West se lançou sobre mim, prendendo-me no chão, montando minha cintura e pressionando a mão sobre a minha boca para me silenciar.

Nossos tacos foram descartados ao nosso redor, e todo o ar deixou meus pulmões, enquanto eu o observava em cima de mim, sua virilha pressionada contra minha barriga. Nada sobre o que ele fez era para ser sexual. Ele só queria que eu calasse a boca para que não tivéssemos problemas. Não devíamos estar aqui, e se a Sra. Contreras descobrisse, ela provavelmente demitiria nós dois, seu afeto por mim que se danasse.

Ainda assim, todo o meu corpo ganhou vida, e um pequeno gemido me escapou quando seu peso delicioso empurrou contra mim. Senti meus mamilos enrugando contra meu sutiã. A fricção contra o tecido toda vez que eu me movia me deixava com água na boca. Suas coxas eram

tão fortes e musculosas que eu queria que ele subisse, abrisse o zíper e colocasse seu pau na minha boca.

West enrolou os dedos em meus lábios. Eu resisti à vontade de lamber sua palma. Eu podia sentir sua pele, áspera e salgada, contra minha boca. Ele se inclinou mais fundo em mim, envolvendo-me em todos os lugares, tão pesado que eu mal conseguia respirar. Seus olhos estavam fixos nos meus. Eu não estava mais rindo. As pessoas do lado de fora continuavam tentando olhar para dentro do truck, piscando as lanternas de seus telefones por dentro, decorando o rosto de West com raios de luz suaves.

Nossos corações batiam descontroladamente, tão rápido que eu podia ouvi-los, quase ver suas marcas através de nossas camisas.

O barulho ficou mais baixo e o som dos grilos do lado de fora do truck aumentou. Eles estavam indo embora.

West se inclinou totalmente para baixo, apoiando meu boné de lado, descansando sua testa sobre a minha. Nossos peitos se chocavam com cada respiração violenta. Ele fechou os olhos. As pontas de nossos narizes se tocaram. Uma sensação inebriante e estranha me dominou. Algo me disse que eu iria repetir esse momento em minha cabeça por muitos anos.

Ele tirou a mão da minha boca e puxou um cabo elétrico próximo a nós, desligando as luzes.

Tum, tum. Tum, tum. Tum, tum.

Era meu coração.

— Texas. — Seu sussurro me cobriu, fazendo-me sentir confusa e quente.

— Maine. — Minha voz estava grossa, estranha. Não parecia minha.

A caminhonete estava tão escura que eu não conseguia ver nada. Meus olhos estavam grudados no que imaginei ser a curva de seus lábios e, embora meu cérebro me dissesse que um beijo era a pior coisa possível que poderia acontecer com nossa amizade, o resto de mim se rebelou, desesperada para sentir sua boca na minha.

— Hoje não foi uma merda. — Sua respiração fez cócegas em meu rosto.

Eu engoli, perdendo minha habilidade de falar. — Não, não foi. — Meus lábios se afastaram um pouco dos dele.

— Meus aniversários costumam ser uma merda, — explicou ele.

— Oh.

Eu tinha oficialmente parado de mostrar qualquer sinal de inteligência. Eu culpei sua proximidade. Isso me deixou mais bêbada do que a tequila real.

— Texas, — ele disse novamente.

— Maine? — Eu tremi com antecipação.

— Permissão para fazer algo realmente estúpido, mas extremamente necessário agora?

Meu coração deu um salto no meu peito. Eu nem tinha certeza do que ele estava perguntando, mas tinha certeza de qual seria minha resposta.

— Concedido.

— Feliz aniversário para mim. — Sua boca desceu sobre a minha na escuridão.

Cada célula do meu corpo floresceu e cantou. Eu arqueei minhas costas, minha boca aberta para acomodar sua língua. O roçar de seus lábios contra os meus enviou um arrepio pela minha espinha, e eu rosnei, o sangue em minhas veias era doce e pegajoso.

O telefone de West vibrou novamente. Ele se afastou rapidamente, quebrando o transe em que estávamos. Ele ficou de pé, acendendo a luz, e eu segui o exemplo, juntando os pedaços de taco descartados, enquanto ele virava de costas para mim e finalmente atendia a chamada.

— Sim? — Ele parecia sem fôlego. Aturdido. Ele estava andando agora.

Eu me ocupei, jogando os tacos quebrados no lixo, meus olhos vagando discretamente para seu jeans, detectando o contorno de sua ereção. Era longa, grossa e convidativa. Era

bom saber que ele estava me deixando louca, mas que eu era capaz de fazer o mesmo com ele.

Alheio aos meus pensamentos pervertidos, West se virou e passou a mão pelo cabelo bagunçado, dando-me as costas mais uma vez.

— Tenho estado ocupado.

Pausa.

— Só estou saindo com uma amiga.

Pausa.

— Sim, ela.

Pausa.

— Porque não há nada para contar. Ela é apenas uma amiga. Como mencionei na porra da minha frase anterior. Você deveria fazer mais quebra-cabeças de memória, mãe. Dê ao seu cérebro um pouco de treino.

Ai.

— Parece o mesmo do ano passado. — Ele soltou uma risada fria e impessoal. — De qualquer forma, tenho que ir. Diga oi para o papai por mim. Tchau.

Ele enfiou o telefone no bolso de trás e se virou, sua expressão fria e controlada fazendo-me sentir como se eu fosse uma completa estranha. Como se o dia inteiro não tivesse acontecido.

— Pronta para pegar a estrada? Não sei se estou bem para dirigir, mas vou acompanhá-la até sua casa. — Seus olhos de jade estavam duros como diamantes, e não havia nem mesmo uma sugestão do calor que nadou neles um segundo atrás.

— Era sua mãe?

Acho que nunca tinha ouvido alguém falando com sua mãe de forma tão impessoal. Como alguém que cresceu sem mãe, sempre observei com atenção as interações que meus amigos mantinham com as deles. A briga, a exasperação, a veia de amor correndo entre eles em um cordão invisível.

A proximidade variava, mas sempre havia essa familiaridade subjacente e embutida que não existia entre West e sua mãe.

— Sim. — Ele me ajudou a limpar o chão, fazendo tudo com rapidez e eficiência, evitando meu olhar. O que quer que aquele telefonema tenha significado, deixou-o perturbado. — Meus amigos sabem que não devem tentar comemorar meu aniversário, mas minha mãe ainda tenta.

Por que ele não comemorava seus aniversários?

E por que ele escolheu compartilhar este *comigo*?

Eu sabia que não obteria nenhuma resposta. Não essa noite.

Esfreguei seu braço com um sorriso. — Quer dizer oi para a vovó?

— Você está de brincadeira? — Ele zombou. — A única razão de eu sair com sua bunda é para me aproximar da Sra. S.



West

E o Prêmio Idiota da Década vai para...

Eu.

Estava indo direto para a porra dos meus braços abertos.

Beijar Texas foi de longe a coisa mais louca que eu fiz desde que me mudei para... bem, *Texas.*

Ela estava bêbada o suficiente para deixar isso acontecer, e eu fui burro o suficiente para mijar nas minhas regras.

Minha improvável salvadora foi minha mãe. No segundo em que ouvi meu telefone tocar, eu me lembrei.

Lembrei por que eu estava aqui.

Por que eu nunca voltaria para o Maine.

Por que eu não tinha namoradas ou relacionamentos sérios, ou um plano para o futuro.

East estava certo – eu gostava de Grace Shaw, e se eu não mantivesse minhas mãos para mim mesmo, eu estava prestes a arrastar nós dois para uma confusão que ela não merecia e eu não tinha ideia de como sair.

Sem promessas, sem decepções.

Esse era o meu lema na vida.

Grace e eu caminhamos lado a lado. Ela ainda estava tonta, pulando e falando animadamente. Ela era fofa com seu boné rosa e cabelo loiro. Uma parte de mim, mal podia esperar pelo momento em que ela veria além de suas próprias inseguranças e se abriria. Os caras começariam a convidá-la para sair no minuto em que ela parasse de dar sinais de *não se aproxime*. A outra parte, queria esfolar cada um daqueles filhos da puta e fazer kits de bateria para órfãos de sua carne. Eles não a mereciam. Eu não sabia quem 'eles' eram em si. Apenas caras sem rosto e, com sorte, sem pau.

— ...disse que ela não poderia me deixar passar neste semestre. O que é realmente assustador. Mas não posso entrar no palco. Eu sei que há uma boa maquiagem de efeitos especiais, mas qual é o sentido disso? Todos estariam tentando fazer um furo na minha maquiagem com os olhos

para ver meu novo rosto. A peça ficaria no banco de trás, e meu novo rosto estranho seria o assunto da cidade. Não, eu não posso entrar no palco. Não sem o boné. O que, vamos admitir, não é realmente uma opção, — ouvi Grace explicando no fundo e, porra, eu apaguei novamente, desta vez pensando em como teria sido terminar aquele beijo. Ter mais do que um selinho rápido que tínhamos conseguido dar antes que eu recebesse um telefonema.

— Quem? — Eu perguntei quando chegamos à sua porta.

— Professora McGraw. — Ela parou no portão baixo que dava para sua casa. — Você se distraiu, não é? — Ela estendeu a mão para acariciar meu cabelo para um lado, tentando fazer com que parecesse algo elegante. Eu só cortava a cada poucos meses, e mesmo isso só acontecia quando East literalmente sentava minha bunda e colocava uma tesoura nele.

Eu gemi, desviando o olhar. As meninas me tocavam, constantemente. Dando-me um boquete, beijando, apalpando, montando. Mas tinha sido um tempinho desde que alguém havia me tocado desse jeito. Com cuidado em vez de luxúria. Ninguém desde Whitley tinha, de qualquer maneira.

A porta se abriu e uma mulher mais velha saiu, balançando a bolsa sobre o ombro. — Docinho, eu vi as luzes da varanda acendendo. Deixei um pouco de comida para você

no micro-ondas, se o velho morcego ainda não pegou. Desculpe, não tenho tempo para esperar até você tomar seu banho. Pete está chegando com alguma coisa. Não há tempo a perder. Ligue se precisar de mim.

— Obrigada, Mar. — Texas ficou na ponta dos pés para abraçar a mulher. Nós dois caminhamos até sua varanda. Marla bateu no meu ombro em seu caminho para o carro em um olá.

— Trate-a bem, garoto, ou eu irei te familiarizar com minha espingarda.

Porra do Texas.

— Vou entreter a Sra. S, enquanto você toma banho, — ofereci a Grace, enquanto Marla decolava em seu Dodge. A observação da espingarda passou por ela como se Marla tivesse me oferecido chá.

— Oh, tudo bem. Realmente. — Ela corou sob a maquiagem.

— Isso é uma declaração, não uma oferta. Mova-se. — Pressionei a mão contra sua parte inferior das costas, perto o suficiente de sua bunda para fazer minha mente rolar. Meu pau ficou tenso dentro da minha calça jeans, e eu mal podia esperar para chegar em casa e bater uma.

Texas disparou escada acima para o chuveiro, e eu entrei na sala de estar, sentindo-me em casa. Parecia antiga, mas a base ao redor era bem nova, o que me disse tudo que

eu precisava saber. Houve um incêndio aqui e partes da casa foram remodeladas.

Savannah estava sentada em uma poltrona em frente à TV, tricotando algo que parecia um lenço sem fim. Seus olhos estavam vazios, sua boca pressionada em uma linha fina de descontentamento.

Eu me sentei na frente dela. — Ei, Sra. Shaw. Lembra de mim?

Ela ergueu os olhos do cachecol de três metros e meio, acima da borda dos óculos, depois voltou a olhar para o tricô.

— Claro que sim, — ela disse, sua expressão tensa relaxando. — Você é meu marido, Freddie.



Dez minutos depois, Texas tinha saído do banho e eu tinha cem por cento de certeza de que sua avó tinha demência. A Sra. S passou o tempo que eu estava cuidando dela perguntando sobre pessoas que eu não conhecia e aparentemente trabalhava, recitou conversas inteiras que não tivemos e me tratou como se eu fosse seu marido morto. Isso não era uma atuação. Ela não tinha ideia de quem eu era.

Grace desceu as escadas, pulando de dois em dois degraus, vestindo uma camisa de mangas compridas enorme que usava como pijama. Suas pernas estavam nuas e meus olhos as lamberam avidamente. Suas pernas eram perfeitas. Bronzeadas, longas e atléticas. Eu poderia facilmente visualizá-las enroladas em minha cintura.

Mas eu não fiz.

Porque éramos APENAS FODIDOS AMIGOS, como eu sempre esquecia. Talvez eu precisasse colar um post-it no interior das minhas pálpebras. *Somente* e *Amigos*.

Minhas pupilas finalmente deslizaram para o resto dela. Ela estava usando o boné e seu rosto estava cheio de maquiagem recém-aplicada.

Estamos jogando assim, hein, Tex?

Eu levantei-me.

— Muito obrigada por fazer isso. Eu realmente apreciei. — Grace jogou seus braços em volta de mim quando ela alcançou o patamar, dando-me um aperto. Seus seios pressionados contra meus peitorais. Ela não estava usando sutiã. West Júnior fez uma nota mental para fazer mais favores se ela nos retribuísse com abraços. Ela me levou de volta para a porta da frente, seu jeito educado de me dizer para dar o fora.

— O que há com a maquiagem?

— O que há com esse relacionamento problemático com seus pais? — Ela rebateu de volta, abrindo a porta para mim.

Touché.

Eu balancei a parte de trás de sua orelha. — Para uma sinceridade total, se você me prender amanhã na escola, vou jogar sua bunda na fonte e limpar cada centímetro desse rosto para limpar a maquiagem.

Ela sorriu. — Eu não vou mais fazer isso. Promessa de mindinho. — Ela me deu seu dedo mindinho. Eu envolvi seu dedo mindinho no meu e puxei-a para o meu corpo, beijando sua bochecha sem marcas. Ela engasgou. Eu recuei, sorrindo de volta antes que ela tivesse a chance de surtar.

Desci as escadas da varanda, sentindo-me surpreendentemente leve, embora fosse meu aniversário, e meus aniversários eram os piores dias da minha vida.

Parei no último degrau estridente, virando-me, sabendo que ela ainda estava na porta.

— Ei, Texas?

Ela encostou a testa na porta, sorrindo para mim, sonolenta.

— Você deveria se abrir um pouco.

— Você também deveria.

— Eu acho que estou.

Foi o primeiro aniversário nos últimos cinco anos em que eu realmente abri um sorriso. O que era uma loucura, se parar para pensar. Isso me fez sentir culpado como o inferno. Não admira que mamãe, papai e East tenham me ligado o dia todo. Eles provavelmente pensaram que eu finalmente tinha me matado.

Que desta vez, tive um momento de veado na estrada que consegui aproveitar.

Grace mordeu o lábio inferior cheio de uma forma que me disse que ela estava lutando contra um de seus sorrisos de *abalar-o-mundo.*

— Eu também acho que estou.



Dez

Grace

Eu estava limpando o auditório, fazendo meu trabalho como assistente de palco, na noite em que minha primeira pena de fênix finalmente apareceu de suas cinzas.

Foi no dia seguinte ao meu quase beijo com West. Tess e Lauren foram as últimas a sair, depois de ficar até tarde e ensaiar algumas de suas cenas juntas. Lauren ainda estava lutando para acertar todas as suas falas. Ela culpou o rompimento recente com seu namorado Mario. Tess estava trabalhando no ângulo de persuadi-la de forma passiva-agressiva a convencer a professora McGraw a trocar os papéis. Ela argumentou que Stella não tinha tantas falas e seu papel não era tão desgastante emocionalmente.

— Sério, Lor, apenas diga a Finlay e McGraw que você tem muito o que fazer. Mude para Stella. Você obterá um A + e terá que memorizar apenas metade das falas.

Eu limpei em torno delas, movendo o esfregão em torno de seus pés. As duas acenaram para mim em despedida, com os olhos de Tess demorando em mim por um momento a

mais, como se percebesse minha existência pela primeira vez. Eu não tinha dúvidas de que tinha tudo a ver com West me arrancando do auditório no outro dia.

Depois que terminei de limpar, reorganizei todos os adereços nos bastidores, pendurando as fantasias nas prateleiras.

Cantarolando "No Me Queda Más" de Selena para mim mesma (porque: os anos 90 e Selena eram vitória em *dobro*), meus pensamentos vagaram para o West. Especificamente, para seu relacionamento com seus pais. Ele estava com raiva, isso era certo. Ele tinha sido cauteloso com eles, mas pelo que eu reuni, eles estavam lutando financeiramente, e ele estava se esforçando para tentar ajudá-los.

Prestes a desligar as luzes, parei no limiar entre o palco e os bastidores, espiando pelas cortinas cor de vinho. Eu amava o chão do palco. Era meu favorito. Estava cheio de arranhões e amassados, de atores e dançarinos que o usaram ao longo dos anos.

Batido e quebrado, ele ainda era capaz de criar a maior magia.

Sem realmente querer, peguei-me dando um passo em direção ao centro do palco, engolindo em seco.

— *Você precisa se abrir.*

As palavras de West fizeram cócegas na minha barriga.

Outro passo.

— *Não role e se finja de morta.*

O próximo era da minha avó.

— *Se você não está com medo, não está sendo corajosa.*

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, meus pés correram pelo palco.

Passo. Passo. Passo.

Meu coração acelerou, minha boca secou e minha respiração engasgou na minha garganta.

Eu parei e fiquei lá, no meio do palco.

Sozinha.

Valente.

Assustada.

Mas invencível.

Tirei meu boné rosa, respirei fundo e soltei um grito de tremer a terra que atravessou as paredes e fez todo o lugar balançar. Durou longos segundos antes de diminuir, seus últimos ecos ainda dançando em meus pulmões.

Eu sorri e me curvei para as fileiras e mais fileiras de assentos de veludo vermelho vazios.

Imaginei o auditório cheio de gente. Eles estavam aplaudindo e torcendo por mim, levantando-se em uma ovação de pé.

Eu senti uma pequena parte da minha fênix surgindo das cinzas.

Não uma asa inteira, mas uma pena perfeita e solitária.

Era vermelha. A cor da minha cicatriz.

Isso me lembrou de mim mesma.



— Há uma luta nesta sexta-feira. Achei que talvez você tivesse mudado de ideia sobre vir. — Karlie estava jogada na cama ao meu lado, o nariz enfiado em um livro didático.

Eu franzi meu nariz, abraçando seu travesseiro no meu peito, enquanto me inclinava contra sua cabeceira. — Por que eu mudaria de ideia?

— Por um lado, os rumores viajam rápido, e Tess tem dito a todo mundo que o maldito West St. Claire levou você para longe do auditório na semana passada. As pessoas pensam que vocês dois têm um caso agora. A única coisa interessante que já aconteceu conosco em, tipo, cinco anos, e

você se esquece de me contar sobre isso. — Ela revirou os olhos, virando uma página de seu livro e passando um marcador em um parágrafo inteiro. — Estou a cinco segundos de acabar com sua bunda, Shaw. Você é uma péssima melhor amiga.

Eu ri, jogando o travesseiro na cara dela. — Não há nada para contar. Nós somos apenas amigos.

— Ceeeeeerto. E a negação é apenas um rio no Egito[55].

— Eu não estou em negação.

— Nem um pouquinho? — Karl deixou cair o livro no colo, apertando os dedos dela, olhando para mim através do espaço entre eles com um sorriso travesso. Não adiantava contar a ela sobre um beijo que não havia acontecido e foi prontamente marcado como um erro por West antes que ele desistisse.

— Eu juro, é totalmente platônico. Ele tem medo de compromissos e adora variedade. Eu seria uma idiota se me apaixonasse por um cara assim.

Eu sou a idiota que está no meio do caminho.

— Você não escolhe por quem se apaixona.

— Talvez, mas você escolhe como agir sobre as coisas, — eu rebati.

---

[55] Expressão americana para insinuar que alguém está em negação.

Karlie reorganizou seus membros, sentando-se cruzada em seu edredom branco, encostada em sua parede cheia de pôsteres. Pearl Jam e Third Eye Blind e Green Day. Seu quarto era um santuário dos anos 90, incluindo um discman[56] em sua mesa de cabeceira, Beanie Babies[57] em sua cama e um telefone transparente à moda antiga.

Karlie nasceu no final de 1999. O último dia do ano para ser exata. 31 de dezembro, às onze e cinquenta e oito da noite. Isso a deixava obcecada pela época e tudo o que Karlie gostava – eu amava. Era uma coisa natural e cortês que fiz para juntar-me à sua obsessão por apoio moral.

— Olha, estou estudando como me tornar um repórter e chame isso de talento investigativo, mas não estou comprando o que você está vendendo, Shaw. A realidade é que vocês dois são solteiros, gostosos e passam *muito* tempo juntos. — Ela estourou seu chiclete de melancia na minha cara.

— Ele também passa muito tempo dentro de outras garotas, como Melanie e Tess, — murmurei.

— Verdade, mas eu nunca o vi saindo com elas cara a cara. — Karlie pegou seu livro, colocando-o de volta no colo e destacando a surpresa em seu rosto, com os olhos grudados na página. — E já faz um tempo desde Tess. Lembre-se do que eu disse, Shaw. Ele pode ser bom, mas é um problema.

---

[56]Leitor de CDs portátil, bastante conhecido pela sua praticidade.
[57]É uma linha de brinquedos de pelúcia.

— Na verdade... — Sentei-me ereta, sentindo-me estranhamente protetora em relação a West. — Ele não é problema nenhum. Ele é muito legal. Outro dia, ele notou que Marla foi para casa antes que eu tivesse a chance de tomar banho e cuidou da vovó por mim por alguns minutos.

— É por isso que estou reabrindo o convite para ir à luta dele na sexta-feira. — Ela virou outra página de seu livro.

— Porque ele é bom para mim? — Eu pisquei, confusa.

— Não, porque ele está usando uma fachada. Ele está se comportando bem no food truck porque é um ambiente diferente, mas ele ainda é uma fera.

Ela revirou os olhos quando eu não respondi.

— Olha, você não está curiosa para ver se sua amizade é apenas uma coisa do food truck ou vai além disso?

Curiosa? Eu estava *louca* para descobrir. Minha comunicação com West na escola era inexistente. Ele atendeu meu pedido para não chamar atenção para mim e nem mesmo me reconheceu quando nos cruzamos.

Era como se eu não existisse para ele.

Uma parte de mim não queria descobrir o que éramos fora da nossa bolha, mas uma outra grande parte, percebeu que eu tinha que descobrir se eu era uma amiga conveniente que ele mantinha em segredo e tinha vergonha, ou uma pessoa que ele considerava seu igual.

— Tudo bem, — eu soltei. — Eu vou para a luta.

— Sim! — Karlie ergueu o punho no ar. — Essa é minha garota. Agora, vamos pegar algumas roupas sacanas para distraí-lo.

— Espere, você não disse que namorar com ele é uma ideia terrível?

— Namorar? Sim. Provocar? Não. Já é hora de você perceber que é sexy *pra* caralho, Shaw. E se West St. Claire é o cara que faz você perceber isso, eu sou totalmente a favor.

Peguei um de seus travesseiros, pressionando-o sobre meu rosto e gritando em uma mistura de horror e excitação.

— Rápido. Se você pudesse trazer algo dos anos noventa, o que seria – Blockbuster[58] ou Keanu Reeves gostoso? — Karlie bateu no meu joelho.

Joguei o travesseiro no chão, meus olhos quase saltando das órbitas. — Com licença! Keanu Reeves ainda é gostoso.

Karlie jogou a cabeça para trás, rindo. — Ding, ding, ding. Isso foi um teste. E você acabou de passar com louvor.



[58]Foi a maior rede de Locadora de vídeos de filmes e videogames no mundo. Sua sede ficava na cidade de Englewood, Colorado nos Estados Unidos. Em 2011, foi vendida para a DISH Network após falência.

Eu me encarei no espelho, incapaz de me impedir de sorrir como uma louca.

Dez toneladas de base? Ok.

Delineador felino? Ok.

Cabelo seco? Ok.

Brilho labial rosa cintilante e um boné combinando? Ok.

Minivestido preto de mangas compridas e tão minúsculo que exibia minhas pernas? Ok três vezes.

As buzinas de Karlie explodiram pela janela do meu quarto, sinalizando sua chegada. Corri escada abaixo, meu coração batendo desesperadamente como asas. Vovó estava sentada na sala de estar, tricotando e ouvindo um disco do Johnny Cash. Ela estava em um bom dia, graças a Deus, mas eu ainda pedi ao nosso vizinho, Harold, para ver como ela estava algumas vezes esta noite.

— Eu já vou vovó! — Eu gritei, enquanto pegava minha pequena bolsa. Eu estava vestida para um clube chique ou um restaurante, não um ringue de luta, mas não pude evitar. É a primeira noite que eu saio desde que desisti de ter uma vida social, e é muito importante para mim.

Vovó acenou com a mão no ar sem tirar os olhos do tricô.

— Tenha cuidado, Gracie-Mae. E se você beber, por favor, me ligue. Eu vou te buscar.

Eu parei na frente da porta. Ela falava como a velha vovó. A coerente. Minha garganta queimou com lágrimas.

— Obrigada, — eu disse suavemente. — Karlie é a motorista designada. Ela terá uma noite seca e eu também.

— O sangue Contreras corre fiel. Karlie puxou a sua mãe. Ela é uma criança muito boa. — Vovó acenou com a cabeça em aprovação, tomando um gole de chá.

Por que ela não podia ser assim o tempo todo?

Karlie buzinou de novo e eu quase pulei do chão.

— Tudo certo! Estou saindo!

— Ok. Ok. Ah, e Gracie-Mae?

— Sim? — Fiz uma pausa, na metade do caminho para fora da porta.

— Volte para casa quando o primeiro poste de luz acender. O toque de recolher é às seis e meia, mocinha.

Já eram nove. Meu sorriso sumiu e a dor surda em meu peito voltou.

Afinal, não completamente lúcida.

— Eu vou ter certeza de fazer isso, vovó.

Chegamos ao Sheridan Plaza com dez minutos de atraso e passamos quinze minutos dirigindo procurando uma vaga para estacionar. Karlie teve que dirigir muito devagar porque havia grupos de pessoas marchando em direção ao Plaza, rindo, bebendo e beijando. Eu não tinha percebido que o ringue de luta era um grande evento em Sheridan. Friday Night Lights[59] não tinha nada sobre isso.

Eu sabia que West não era o único cara que lutava – havia cerca de cinco lutas todas as sextas-feiras – mas ele sempre era o evento principal e a razão pela qual os ingressos eram vendidos como panquecas.

Em nossa quarta rodada tentando encontrar uma vaga para estacionar, um atleta sênior sinalizou para Karlie baixar a janela. Ela fez.

— Vocês vão ficar sem gasolina se continuarem circulando pelo estacionamento. Estacione onde puder; eles não dão multas por aqui, boneca.

Karlie me lançou um olhar de desaprovação.

— Eu não sabia que seu garoto era *tão* popular.

— Pare de chamá-lo de meu garoto, — eu meio que pedi, meio que implorei. Eu não podia me permitir acreditar nisso.

— Você está certa. Se você sair com ele, vou socar seu peito. Seu coração é bom demais para esse cara, Shaw.

---

[59]É uma série de televisão norte-americana.

Estacionamos e apunhalamos as dunas com nossos saltos altos, subindo em direção ao Plaza. Pagamos na entrada – vinte dólares cada, de forma alguma uma saída à noite barata – e entramos.

Havia dezenas de pessoas amontoadas no segundo andar. Multidão em idade universitária, mas também alguns aleatórios que estavam claramente no ensino médio ou com mais de vinte e cinco anos. Todo mundo estava segurando copos Solo vermelhos, conversando e rindo, enquanto dois caras sem camisa lutavam no ringue. Eles eram claramente apenas o ato de aquecimento, porque ninguém prestava muita atenção.

Não havia sinal de West ou de seus amigos.

— Vou pegar cerveja para nós. — Karlie inclinou a cabeça em direção a um cara que estava atrás de algumas caixas, despejando cerveja em copos.

Eu concordei. — Eu vou encontrar West, desejar-lhe boa sorte.

— Sem agarração. — Ela acenou com o dedo em minha direção.

Eu a saudei antes de vagar, procurando seu rosto. Percebendo que ele não estava em nenhum lugar perto do ringue, caminhei em direção aos pequenos quartos vazios com os colchões. No início, espiei cada um deles, tentando localizar West. Mas depois de encontrar um cara se

masturbando, meio vestido, enquanto duas líderes de torcida se lambiam, eu passei por eles rapidamente, sem olhar para os lados.

Gemidos e grunhidos subiam dos colchões nos cômodos. Eu odiava esse lugar. Desprezava absolutamente. E a cada segundo que passava, a possibilidade de encontrar West com outra pessoa se tornava cada vez mais real. Eu queria ficar doente. Por que achei uma boa ideia vir aqui?

Ele te avisou para não fazer isso. Chamou de lixeira de porra. Você nem mesmo é bem-vinda aqui.

Eu estava prestes a me virar e correr para salvar minha vida quando sua voz rouca veio de trás de uma das paredes de concreto.

— Você precisa dar um tempo, — West rosnou.

— A questão é: você dá um tempo a Tess? — Outra voz – Easton, presumi por seu tom neutro e sensato, rebateu. — Você sabe, entre as rodadas.

Houve uma explosão de risadas masculinas e o som de latas de cerveja se abrindo.

— Não me diga que você ainda está batendo na bunda dela?

Isso era *definitivamente* Reign De La Salle falando. Meu estômago embrulhou e torceu. O cara era um idiota total.

— Relaxe, idiota. Você sabe que nunca bato duas vezes. Embora, eu não me oponha a transar com ela de todas as maneiras, se você continuar me dando nos nervos.

— Isso é uma ameaça? — Reign guinchou.

— Não, é uma promessa.

— Você não faz promessas, — apontou Easton. Isso era verdade.

— Para uma bunda como a de Tess, estou disposto a abrir uma exceção.

Eu tropecei para trás antes de ficar nauseada e vomitar. Uma pontada aguda de ciúme me abriu e eu sangrei sentimentos sombrios, minha cabeça estava girando.

Desconfiança. Descrença. Desgosto.

Senhor, por que parecia que meu coração tinha ido para os ares? Ele nem tinha me beijado, e eu já era assustadoramente possessiva com ele.

Correndo de volta para o ringue, olhei por trás do ombro para me certificar de que eles não me viram.

— Shaw! Aí está você! — Karlie apareceu na minha visão, segurando dois copos Solo nas mãos. Ela empurrou um na minha palma.

— Fiz questão de que o cara abrisse uma cerveja novinha em folha e a despejasse na minha frente, para que

não fosse batizada ou aguada. Bem? Você encontrou o garanhão?

— Eu fiz, — eu assobiei. — E sem entrar em detalhes, o garanhão adora fazer sexo com Tess, então acho que agora sabemos onde estou.

Ela engasgou, um brilho de curiosidade iluminando seus olhos. — Você os pegou juntos?

— Não, eu o ouvi declarando suas intenções em relação a ela.

— Eu disse que ele era uma má notícia.

— Você também me disse para vir aqui. — Suspirei.

— Verdade. — Ela encolheu os ombros. — Nunca fizemos isso antes e eu realmente queria ver do que se tratava todo esse alarido.

Abri caminho até a primeira fila de visualizadores, enquanto Karlie se arrastava atrás de mim, mudando o assunto para sua carga de trabalho escolar. Tentei dizer a mim mesma que era melhor assim. West não era meu. Seu corpo pertencia a todas as outras, e seu coração era inalcançável para qualquer pessoa no planeta, incluindo ele mesmo.

A nossa luta chegou ao fim.

Em seguida, vieram os tambores.

Max Riviera pisou em uma caixa de concreto e segurou os lados da boca.

— E agora, senhoras e senhores, ao nosso evento principal. Knox Mason contra o primeiro e único. O homem, a lenda, o disseminador de calcinhas que dá uma corrida ao Rei Davi[60] pelo seu dinheiro, — ele permitiu uma pausa cômica na qual as pessoas riam, — W*EST. ST. CLAIRE!*

As pessoas ergueram os punhos no ar quando os dois homens entraram no ringue. O ombro de West roçou no meu, o cheiro familiar de inverno e masculino escorrendo em minhas narinas, mas ele não me notou. Eu agarrei meu copo Solo no meu coração.

Karlie me deu uma cotovelada. — Bem, se nada mais, vai ser divertido vê-lo levando uma bofetada uma ou duas vezes.

— West vai aniquilar o pobre coitado.

Mas eu estava errada.

West não aniquilou Knox.

Ele quase o matou.

Cada vez que Knox tentava dar um soco, West se esquivava e contra-atacava com algo para nocautear seu oponente por cinco a oito segundos. Um chute. Um soco. Às

---

[60] Referência à fama de mulherengo do Rei Davi.

vezes ele agarrava o cara – e havia *muito* desse cara – e o jogava no tatame no estilo WWE, por diversão.

Lutar não era um esporte para West. Não era nem um hobby. Era semelhante a ele trocar os lençóis ou escovar os dentes. Apenas mais um ato mundano que não exigia nenhum esforço especial. Sua linguagem corporal era entediada, lânguida. Em algum momento, quando Knox estava no tapete, dobrado sobre si mesmo, segurando o estômago e tremendo de dor, West se virou e caminhou em minha direção. Seus olhos percorreram a plateia como se estivesse procurando por algo – provavelmente sua aventura noturna – e parou em mim.

Tudo parou.

A sala ficou em silêncio.

Ou talvez não, mas eu certamente bloqueei todo o ruído de fundo quando seus olhos se arregalaram, primeiro em choque – e então com raiva. Suas sobrancelhas se juntaram. Todos os músculos de seu corpo se contraíram.

Agora ele parecia estar pronto para uma luta.

— Que porra você está fazendo... — Ele começou com um sibilo baixo e grave, tão escuro e depravado que me arrepiou na espinha, mas ele nunca conseguiu terminar a frase. Knox aproveitou a oportunidade e jogou um gancho na nuca de West. Ele estalou para o lado com o impacto, e o sangue começou a escorrer de sua boca. Eu gritei. West girou

nos calcanhares e, com um chute rápido no fígado, seguido por um soco no lado do rosto, enviou Knox para o outro lado do ringue. O lutador acertou algumas caixas, rolando várias vezes antes de cair de cabeça no tapete, sem dúvida nocauteado.

A multidão explodiu em gritos e assobios, enquanto Max corria em direção a Knox e se agachava, contando até dez.

West não se incomodou em permanecer no ringue para ser anunciado como o vencedor. Ele avançou em minha direção como um morcego saindo do inferno. Eu tropecei para trás, esbarrando nas pessoas, enquanto tentava recuar. Um cara sem camisa atrás de mim arrotou, empurrando-me nos braços de West descuidadamente.

— Droga, St. Claire está com tesão esta noite. Normalmente, ele espera até dividir o dinheiro com Riviera.

— Uau, — Karlie sussurrou, seus olhos ficando impossivelmente grandes.

Eu agora estava aninhada firmemente nos braços de West, cortesia do cara bêbado. West me empurrou para trás com desgosto aberto, olhando para mim como se eu tivesse cometido o pior crime do planeta Terra.

— Quem a deixou entrar? — Ele soltou um rugido que cortou o ar e fez todos darem um passo coletivo para trás.

Cautelosamente, o cara que nos vendeu os ingressos deu um passo à frente, levantando o braço. — Eu... eu fiz, mano. Eu as reconheci de Sher U?

Os olhos de West ainda estavam em mim quando ele falou. — Você está demitido.

— Mas eu...

— *Demitido*, — West repetiu com veneno gelado.

Meus olhos ardiam de humilhação e meu rosto inteiro estava tão quente que me senti tonta de raiva.

— Você prometeu não chamar atenção para mim, — eu cerrei os dentes, quase um sussurro.

West me lançou um olhar impessoal, *estalando a língua.* — Eu não prometo. Eu disse para você não vir aqui. No momento em que você pisou no meu terreno, você pediu atenção, porra, e agora vai receber o tipo errado.

— Você é inacreditável.

— Você não é bem-vinda, porra.

— Pena que você não é o dono deste lugar. — Eu dei de ombros, tentando parecer indiferente e odiando os olhos em mim. — Vou ficar. Na verdade, vou encher minha bebida. Então, se você me der licença...

Pegando metaforicamente os restos de meu orgulho, virei-me e comecei a marchar para o outro lado da pista, sabendo que Karlie me seguiria.

Acho que obtive minha resposta. West e eu não éramos amigos. Nem mesmo perto.

A multidão se separou para mim, olhares hipnotizados seguindo meus movimentos, quando fui agarrada e levantada no ar por trás.

— Você é um grande pé no saco.

West me pegou no colo, como um bombeiro, jogando-me contra seu ombro, enquanto subia correndo as escadas para o terceiro andar. — Gerência, — como ele chamou.

— Para onde você a está levando? — Alguém na multidão gritou, rindo.

— Vou dar ela uma boa surra e, em seguida, atirá-la pela janela.

A raiva pulsou em minha corrente sanguínea. Ele não estava apenas transando com outras pessoas semanalmente, mas também pensava que, de alguma forma, era meu dono. Pegando-me, dando ordens, fazendo-me sentir como uma rejeitada publicamente.

Bati punhos em suas costas e ombros.

— Me solta, seu idiota.

Ele me ignorou, subindo as escadas. Isso me assustou, o quão leve eu era para ele. Ele se agitou, como se eu não fosse nada mais do que um pacote de seis cervejas.

Eu ouvi Karlie gritando meu nome e vi Reign e Easton bloqueando seu caminho com sorrisos educados. Parecia muito mais sequestro do que realmente era, e, sabendo que West e eu não faríamos muito mais do que lutar, eu me senti inclinada a dar à minha melhor amiga um polegar para cima em segredo, indicando que eu não morreria em suas mãos.

— Karlie vai chamar a polícia, — eu disse mesmo assim, puxando seu cabelo agora.

Senhor. Eu estava me comportando como um animal selvagem. Ao mesmo tempo, não queria ficar sozinha com ele. Eu sabia que cederia à tentação. Aceitar tudo o que ele me oferecer.

— Cale a boca, — ele estalou.

— Não até você me colocar no chão[61].

— Não, obrigado. Muitas pessoas já fizeram isso na sua vida.

— Quem diabos é você para julgar?

— A única pessoa a notar a sua existência.

— Eu não quero que você faça isso!

---

[61] Do original let me down, que também pode ser me decepcionar, me desapontar, me desiludir.

— Você não tem a porra de escolha nesse assunto e, infelizmente, nem eu.

Ele me colocou no chão, com minhas costas apoiadas na parede. Ele colocou o que parecia ser seu cotovelo deslocado de volta no lugar com perícia, o som de osso estalando de volta no lugar enchendo o ar. Eu estremeci. Ele agiu como se não fosse grande coisa.

— Existem duas maneiras de você sair daqui. Pela escada ou pela janela. Só depende de como você vai cooperar nos próximos minutos. Portanto, sugiro que você responda às minhas perguntas e guarde seus comentários atrevidos para alguém que os aprecie. Pergunta um – o que diabos você está fazendo aqui, Tex?

Ele mostrou os dentes como uma besta.

Cruzei meus braços sobre o peito, tentando esconder meus nervos em carne viva com um sorriso. — Aproveitando a luta. Arranjando um cara, se eu encontrar alguém interessante. Por que? Com o que você se importa? Não somos nada um para o outro.

— Errado. — Ele entrou na minha cara. Tive a sensação de que nem ele tinha ideia do porquê, exatamente, estava tão furioso comigo. — Somos algo. Você é minha amiga, e eu disse que não quero você perto deste lugar de lixo.

— Este lugar de lixo é *seu*.

— Eu *sou* um lixo. Você não é. Não jogamos pelas mesmas regras.

Joguei minha cabeça para trás e ri, jogando meus braços no ar para garantir. — Você não pode ditar as regras para mim. Minha vida é assunto meu, não seu. Eu queria estar aqui. E adivinha? — Eu me sentia vingativa e completamente fora de controle. A adrenalina estava bombeando em minhas veias, com força. Tudo o que eu queria naquele momento era machucá-lo da mesma forma que ele me machucou. Além do reparo. Arrancar seu coração do seu peito e vê-lo sangrar em meu punho. — Eu posso ir e encontrar alguém esta noite. Acho que já é hora. Há tantas pessoas para escolher aqui. Eu entendo porque você gosta do Plaza. — Eu assobiei, dando um show ao olhar ao meu redor. — É um ótimo lugar para transar.

Sua mandíbula ficou tensa, suas sobrancelhas se juntando, enquanto seus olhos se estreitaram para mim.

— Se você acha que vai entrar no meu clube e ser fodida por alguém que não seja eu, você tem outra coisa vindo.

— Por que não? Você faz isso o tempo todo. O que aconteceu com sua veia feminista?

— Eu não pego garotas aqui.

— Claro que não. — Eu sorri.

Ele correu os dedos pelos cabelos, deixando escapar um suspiro. — Não recentemente.

— Defina recentemente, West.

— Monitorando?

— As pessoas falam. Então, Melanie não era recente? — Eu não pude evitar, mesmo odiando o quão patética eu soei.

Seus lábios se estreitaram. — Melanie foi antes do meu pau e eu termos uma conversa estranha em que ele me disse que estava decidido por você.

— E quanto a Tess?

— O que tem ela? — Ele pareceu momentaneamente confuso.

— Ela foi antes ou depois de você e seu pau se sentarem para uma grande conversa? Você disse que não se opunha a fazer sexo com ela novamente esta noite.

Senhor. Eu estava admitindo ter escutado ele. O rosto de West não mudou. Ainda era uma máscara de pedra e brutalidade. Ele estava se esforçando para não explodir.

— Sua... sua *idiota*. — Ele fechou os olhos, exasperado, esfregando a testa. — Eu queria irritar Reign. Ele tem tesão por ela, e ainda estou chateado com a maneira como ele tratou você.

— Não. *Você é* o idiota, — eu gritei na cara dele, não me importando se as pessoas nos ouvissem. Eu esfaqueei seu peito com meu dedo. — Você está com raiva de mim e nem sabe porquê. Pelo menos eu sei porque odeio suas entranhas.

Você continua me dando sinais confusos. Me beijando, mas não indo até o fim. Por que isso, West? Essa coisa de Grace é bonita apenas uma atuação? Para ajudar a minha autoestima? — Eu ri amargamente, mas havia lágrimas cobrindo meus olhos. Eu podia senti-las.

Agora, foi a vez dele soltar uma risada sombria.

— Você acha que eu me preocupo com sua autoestima? Dá um tempo, Tex. Você não é tão importante para mim.

Nem me incomodei em ficar ofendida, porque sabia que tudo o que saía de sua boca era mentira. Tudo o que sentíamos um pelo outro – bom e ruim – transformou-se em algo que era maior do que nós.

Ele deu um passo para trás, dando-me um olhar silencioso. Eu sabia que estava com a melhor aparência do mundo desde que ele me conheceu, mas sua expressão não denunciava nada.

— O que você quer ouvir? Que eu sonho em abaixar sua linda cabeça loira dentro do truck, tirar as calças e fazer você se engasgar com a garganta profunda? Ajudaria se eu admitisse que não quero nada mais do que transar com você de seis maneiras diferentes? Que eu iria devorar sua bunda em um piscar de olhos, se não fosse pelo fato de que nós dois estamos totalmente fodidos – desculpe, Tex, é a verdade – e eu vou sair dessa merda assim que conseguir meu diploma, e eu não tenho relacionamentos sérios? Porque você parece saber de tudo isso. Você *sabe* por quê eu não te beijei.

— Tess, Mel, aquelas garotas... elas conhecem as regras. Eu não conheço elas. Eu não me *importo com elas*. O resultado, uma vez que meu pau esteja fora de seus buracos, não é da minha conta. Eu não posso beijar você, Grace. — Ele balançou a cabeça tristemente, dando mais um passo para trás. — Eu mal consigo *olhar* para você, porra.

Eu estava perdendo-o. Eu sabia. E pela primeira vez em muito tempo, eu queria lutar. A fênix em mim empurrou a areia, lutando contra seu peso, revelando mais de suas magníficas penas. Esfreguei o anel de chamas quebrado em meu dedo, levantei meu queixo e dei o sorriso mais sedutor em meu arsenal.

— Está tudo bem estar com medo.

Sua mandíbula travou, seu pomo de Adão balançando com um gole.

— Não estou com medo, — disse ele secamente. Mas eu o conhecia bem o suficiente para sentir a corrente de raiva subindo à superfície, escurecendo seus olhos verdes.

— Claro que não. — Peguei minha pequena bolsa que havia caído de minha mão enquanto estávamos lutando, içando-a sobre meu ombro, preparando-me para sair. — E eu entendo o que você está dizendo. Realmente é uma má ideia se envolver. Mas isso não significa que vou ser uma santa. Muito covarde para começar algo comigo? Sem problemas. Eu vou descer e encontrar um bom garoto sulista procurando um compromisso. Aquele que não vai ficar com medo quando

as coisas ficarem sérias. Alguém que ficaria feliz em fazer as promessas das quais você tem tanto medo. Um cara que...

Ele se lançou sobre mim como uma pantera, fazendo com que minhas costas se chocassem contra a parede. Soltei um grito, mas ele me calou com os lábios, enquanto sua boca se chocou contra a minha com uma força punitiva. Ele agarrou o boné rosa que havia comprado para mim e o jogou no chão. Eu balancei minha cabeça em protesto, mas ele me segurou mesmo assim, seus dedos fortes segurando minha mandíbula em um aperto contundente.

— Que tal você me deixar dar uma boa olhada em você, Texas? Você arma um grande jogo, mas quando chega a hora de aparecer, você é muito indecisa para o meu gosto. Quer uma trepada suja com o filho da puta favorito da cidade? Você realizou seu desejo. Agora, abra. — Foi uma exigência cruel, não um pedido.

Apertei meus lábios, olhando para ele sob meus cílios, esperando seu próximo movimento. Eu me sentia nua sem meu boné e odiava que ele me observasse com tanta atenção, devorando-me com os olhos.

Fiquei me lembrando que estava com muita maquiagem e que estava muito escuro. Ele não conseguia ver muito. Eu balancei dentro de seus braços como uma folha, mas encontrei seu olhar.

— Mudando de ideia? — Tentei insultar, meu tom era frágil, dilacerado.

Ele sorriu sinistramente, parecendo o próprio Satanás. — Eu não sou como você, Texas. Depois de me decidir, é um negócio fechado.

Ele lançou sua língua para fora, traçando a costura do meu lábio inferior muito lentamente. Sua língua quente e úmida parecia veludo esmagado, deixando calafrios em seu rastro. Todo o meu corpo tremia, cada centímetro da minha pele se transformando em arrepios que começaram a se espalhar no topo da minha cabeça, escorrendo para a ponta dos meus pés. Cada terminação nervosa do meu corpo estava em chamas.

Eu estava pegando fogo.

E desta vez, eu queria morrer em seus braços.

— Quem é covarde agora? — Ele sussurrou em minha boca, provocativamente persuadindo-me a abrir com sua língua experiente. Eu fechei minhas pálpebras. Sua boca era demais. Muito quente. Muito convidativa. Perfeita demais. O cheiro dele – doce de maçã e suor e macho alfa – me fez pressionar minhas coxas juntas. Senti um ponto úmido de necessidade se estabelecer na minha calcinha. Eu estava tão molhada que queria chorar.

— Você vai quebrar por mim, como sempre faz, então você pode muito bem fazer isso com um pouco do seu orgulho intacto, — ele murmurou em meus lábios. — Porque uma vez que eu decidir beijar você, nada vai me impedir. Muito menos sua bunda.

A coragem desse cara.

Meus lábios ainda estavam travados. Eu deixei meus olhos se abrirem, meu azul desafiando seus verdes.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus ao lado de nossos corpos, seu polegar esfregando meu anel de chama, conscientemente. Ele trouxe o anel aos lábios e sussurrou nele, seus olhos ainda nos meus.

— Eu queria que Gracie-Mae me deixasse beijá-la bobamente.

Ele percebeu.

Percebi que sussurrei desejos no ringue. Notei que as pequenas joias de chamas quebradas eram minha própria maçã doce.

Eu me perguntei o que ele achava que aconteceu com meu rosto. Fiquei chocada por ele não ter perguntado nenhuma vez desde que nos tornamos próximos.

— Agora, se você não se abrir e me deixar te beijar até a morte nos próximos três segundos, Tex, eu nunca vou tentar novamente. Como disse, nunca volto atrás na minha palavra. Três. Dois. U...

Eu abri para ele.

Sua língua encontrou a minha imediatamente, acariciando-a avidamente. Foi meu primeiro beijo desde

Tucker. Este beijo tinha gosto de cerveja e Granny Smith e *West.* E West, eu percebi para meu horror, tinha gosto de lar.

Eu sabia, com uma clareza que fez meu estômago embrulhar-se mil vezes, que nada nem ninguém teria o gosto dele.

Ele empurrou seu peito contra o meu, e nós dois gememos, surpresos com a força do beijo. West apoiou o joelho entre minhas pernas, vergonhosamente esfregando seu pau duro na minha barriga. Ele estava latejando, empurrando-se atrás da calça jeans.

Foi um beijo derretido e apaixonado. Algo que eu nunca tinha experimentado antes. Uma mistura de selvagem e cru.

Eu não poderia dizer exatamente quando nossos lábios se desconectaram um do outro, mas suas mãos ainda estavam em minhas bochechas depois que aconteceu. Ele roçou o nariz no meu, para cima e para baixo, de uma forma que achei incrivelmente calmante. Tentei tomar uma respiração irregular, mas descobri que meu peito estava tão apertado com as emoções que era difícil puxar oxigênio para meus pulmões.

— Estamos brincando com fogo, — ele resmungou.

Eu balancei a cabeça, meus olhos caindo de seu olhar para sua boca. Eu queria mais. Não me senti feia em seus braços, mesmo quando sua mão tocou minha cicatriz.

— Já passei pelo fogo antes, então sei no que estou me metendo. — Minha voz tremeu em torno das minhas palavras, mas cada uma delas tinha gosto de redenção e mudança. Como *renascimento.* — Estou disposta a pagar o preço.

Ele fechou os olhos, respirando fundo, como se doesse ouvir isso. — Eu deveria ir embora, — disse ele, principalmente para si mesmo.

— Não tenho muito orgulho para seguir, — admiti.

— Se formos por esse caminho, tem que ser casual, Texas. Tem que ser. Eu não posso fazer promessas. Ou relacionamentos. Estou tão longe de ser um namorado quanto humanamente possível.

— Você não sabe disso, — argumentei.

Ele sorriu tristemente para mim. — Confie em mim, baby, eu sei.

Algo em seus olhos me disse que ele tinha um bom motivo para fazer essa declaração. Eu agarrei sua mão e a virei para que seu bíceps interno estivesse para mim.

— Quem é *A*?

Eu já estava com ciúme dela. Eu queria ser *A*. Eu queria sua devoção eterna e seu coração partido. Eu queria ter o poder de inflamar a turbulência celestial que ela o fez passar. Ele deu um passo para trás, colocando espaço entre nós.

— Ela é a única, não é?

Ele desviou o olhar para o chão. — Sem promessas, — ele avisou friamente. Parecia que ele havia cortado minhas veias e estava me observando sangrar. — É casual ou nada.

Peguei meu boné, deslizando-o pela cabeça. Eu coloquei minha bolsa sobre meu ombro novamente. — Eu preciso pensar sobre isso, — eu disse honestamente, começando a descer as escadas.

Ele agarrou meu pulso, parando-me. — Pense nisso amanhã. Esteja comigo esta noite. *Por favor*.

Eu olhei para ele. Ele rosnou, balançando a cabeça, exasperado com nós dois.

— Olha, eu prome... — Ele se interrompeu, limpando a garganta. — Dou-lhe minha palavra de que vou manter as teias de aranha em sua boceta intactas. Mas você está toda arrumada, sexy, e é provavelmente a primeira noite que você sai em muito tempo. Vamos ficar um pouco sujos.

Eu olhei para seus dedos bronzeados enrolados em volta do meu pulso. Grande, mas gentil. Eu não poderia recusar. Eu não poderia recusar se o mundo pegasse fogo – o que, para mim, aconteceu. Não tinha desculpa para o que disse a seguir.

Eu sabia que estava pegando o veneno, tomando um gole generoso.

— Eu vou te dar esta noite, — eu disse baixinho, sabendo que ele já tinha levado muito mais do que nós dois esperávamos.



Corremos escada abaixo para o segundo andar. Além de nossos amigos, todo mundo tinha ido embora.

Karlie estava conversando com um garoto bonito da fraternidade, com cabelo ruivo e feições nórdicas chamado Miles perto da estação de cerveja. Reign estava flertando com Tess no canto, embora seus olhos passaram rapidamente por seu ombro, na nossa direção, assim que aparecemos.

Max estava empoleirado em sua caixa de concreto, contando dinheiro, e Easton estava mexendo em seu telefone.

West foi diretamente para Max, enquanto eu puxava o vestido de Karlie, dizendo a ela que eu iria me separar e sair com West.

O sorriso que Miles colocou no rosto de Karlie evaporou em um registro supersônico. — O que aconteceu com *apenas* amigos? — Ela franziu o cenho. — Eu estava muito preocupada sobre você. Fiquei me perguntando se imaginei o seu polegar para cima ou não.

Mudei o peso entre as minhas pernas. — Você não imaginou. E eu prometo, é apenas casual, então...

— Você não faz casual.

— Eu *posso* fazer casual. Não sou alérgica a isso. Só não tentei antes, — argumentei.

— E que pessoa melhor para fazer isso do que o homem mais famoso e popular do campus, que quebra narizes para viver? Não vejo complicações em potencial. — Ela me lançou um olhar cético que deveria me trazer de volta aos meus sentidos.

Claramente, eu fiz um bom trabalho escondendo o quão longe eu estava por esse cara.

— Karl, *por favor*. — Eu a puxei para um abraço, tentando derreter suas reservas. — É só diversão. Sem sentimentos envolvidos. Não foi você quem me disse que os fins justificam os meios?

— Acho que a amante não é mais só a Tess, — ela resmungou, dando tapinhas nas minhas costas sem muito entusiasmo, mas começando a aceitar a ideia. Deus abençoe a Sra. Contreras por criar este ser humano supremo. Não pensei que pudesse sobreviver um segundo sem Karlie em minha vida.

— Nós esclarecemos isso.

— Hã. É assim que vocês chamam isso hoje em dia? — Ela se afastou de mim, dando-me um olhar severo e maternal.

Eu ri.

— Estou meio preocupada, meio morbidamente curiosa. É melhor você me ligar com todos os detalhes.

Eu me senti corando.

West reapareceu ao meu lado, parecendo frio e apático. — Pronta, Grace? — Ele enfiou uma pilha grossa de dinheiro no bolso da frente.

Grace. Não Texas ou Tex. Eu balancei a cabeça.

West apontou com o queixo para Karlie, Miles, Reign, Tess e Easton em despedida.

— Para onde vocês estão indo? — Tess gritou, esticando o quadril.

— Dando uma carona para Grace em casa, — West mentiu sem rodeios.

— Quer sair depois? — Tess sorriu abertamente.

— Eu estou bem.

Atravessamos a estrada para o truck em silêncio. Houve um acordo tácito sobre para onde íamos. Parecia certo. That Truck Taco era nosso porto seguro.

Eu destranquei a porta e empurrei, entrando primeiro. West trancou a porta, encostado nela, com as mãos atrás das costas, dando-me um sorriso malicioso.

— Oh, como os poderosos caíram. — Eu me encostei na parede oposta do truck, sorrindo de volta. — E pensar que suas primeiras famosas palavras foram que você nunca iria me tocar.

— Bem, Tex, eu não estou certo de que *estarei* tocando em você, — ele brincou. — Mas você ainda vai gozar com tanta força que não será capaz de andar reto amanhã.

Eu deslizei pela parede. Ele deslizou porta abaixo. Estávamos um de frente para o outro, em lados opostos do truck. Talvez não nos tocarmos fosse uma boa ideia. Eu já estava muito envolvida.

— Bela calcinha, — ele comentou, seu olhar faminto mergulhando provocadoramente entre minhas pernas. Eu mostrei o dedo do meio para ele. Minhas pernas estavam pressionadas uma contra a outra e eu estava abraçando meus joelhos.

— Boa tentativa. Você não pode ver minha calcinha.

— Algodão preto. Uma pequena pérola branca no centro. Simbolismo interessante. — Ele lambeu os lábios, seus olhos treinados entre as minhas pernas. Eu engasguei, forçando meus joelhos abertos e inclinando-me para frente para

verificar. Eu me lembrava de usar calcinha preta, mas não a pérola...

— Ei... — Eu me senti franzindo a testa.

West começou a rir. Sua voz gutural reverberou no truck, na minha cabeça, no meu *peito.* — Achei que você combinaria.

— Você me deve um pequeno show. — Eu olhei de volta para ele, empurrando meu lábio inferior em um beicinho. Meu coração batia forte como um maníaco.

— Seu desejo é uma ordem. — Ele desabotoou a calça jeans, seus olhos fixos nos meus. Ele queria ver se eu iria surtar. Se eu o chutaria para fora do truck. Eu não fiz nada disso.

Ele empurrou a calça jeans para baixo de sua bunda, mas apenas o suficiente para que sua cueca cinza espiasse. Eu pude ver que ele estava totalmente ereto sob o cós. Seu pênis era tão grosso que eu podia ver as veias serpenteando por seu comprimento.

Ele acariciou-se através do tecido de sua cueca.

— Sua vez, — sua voz estava tensa. — Trilhe os lábios da sua boceta com o dedo para mim, Tex.

Eu momentaneamente saí da minha ansiedade, focada exclusivamente na maneira como suas mãos acariciavam sua masculinidade. Ele tinha ótimas mãos. Grandes e ásperas.

Correndo meu indicador sobre a costura do meu sexo através da minha calcinha, eu ofeguei. Abaixei minha cabeça contra a parede, deixando-a balançar para frente e para trás.

— Empurre um dedo em você através do tecido, — ele instruiu, olhando-me atentamente. Havia algo extremamente quente em assistir West me observando fazer isso comigo mesma. Eu fiz o que ele pediu. Ele resmungou, fechando os olhos, agora puxando e puxando a si mesmo através da cueca.

— Tire, — eu disse.

Houve uma pausa.

— Tem certeza disso?

— Sim.

Ele deixou seu pau se soltar de sua boxer. Parecia uma sanguessuga gigante e furiosa pressionando seu estômago. Eu tinha esquecido como eram os pênis. Não que eu tivesse visto mais de um na vida real.

— Puxe sua calcinha para o lado para que eu possa ver sua linda boceta. — Ele puxou seu próprio comprimento duramente. Gostei da maneira como ele disse a palavra *boceta*. Parecia sujo o suficiente, sem ser degradante de alguma forma.

Eu mordi meu lábio. — Eu não estou... pronta para a câmera lá embaixo.

Ele deu uma risadinha. — Um pouco selvagem, cowgirl?

Senhor.

— Eu não estava esperando uma sessão de fotos.

Por que eu estava incentivando essa metáfora a continuar? Sua risada dançou dentro do meu estômago, mas sua alegria não o impediu de ficar ainda mais inchado e duro dentro de sua palma. Seu pênis era muito maior que o de Tucker. Tess e companhia deveriam receber algum tipo de prêmio por acomodá-lo. Ou talvez cuidados médicos. Possivelmente ambos.

— Aposto que é lindo, — ele murmurou.

— Como você saberia? — Minha boca praticamente estava aberta.

— Está ligado a você.

— Os genitais não são frequentemente descritos como lindos.

— Seu jogo de conversa suja é fraco, Tex. Menos conversa, mais me mostrando sua pegada.

Eu empurrei minha calcinha de lado, sabendo muito bem que o que ele estava vendo não era uma vagina digna de pornografia. Havia uma nuvem de cabelo loiro cobrindo minha abertura. Ele era cortado, mas não completamente removido. Eu me abri com meus dedos, expondo meu interior rosa.

— Oh, foda-se. — Ele fechou os olhos, bombeando com mais força antes de se concentrar em mim novamente. — Esfregue seu clitóris para mim, baby.

Não precisei ser sugerida duas vezes. Especialmente, porque parecia que ele estava gostando do que estava vendo. Muito. Eu agitei meu clitóris em círculos, observando uma gota de pré-sêmen enfeitando a coroa de seu pênis. Minha língua bateu no meu lábio inferior. Por que isso foi a coisa mais quente que eu já fiz com um cara, embora eu tivesse ido até o fim com Tucker?

Porque você nunca quis Tucker a metade do que deseja West.

— Texas. — Sua voz estava rouca. Como se ele mal pudesse conter tudo isso. Eu sabia exatamente o que ele estava sentindo. Meu orgasmo se apoderou de mim como uma onda gigante rolando na praia.

— Hmm?

— Posso chegar mais perto?

— Sim.

Ele arrastou sua bunda pelo chão. Estávamos agora nos esfregando, seu pênis direcionado a mim, nossas mãos e braços se roçando a cada carícia superficial, nossos joelhos batendo um no outro. Era tão sujo e divertido. Era tudo o que eu deveria ter feito durante meus anos de faculdade e perdi.

West passou o polegar sobre seu pré-sêmen e o usou para se lubrificar, enquanto ia ainda mais rápido. Sua testa caiu para a minha. Estávamos mais perto do que nunca e agora minha mão batia em seu pau toda vez que eu me esfregava.

— Gozando. — Seus lábios se moveram sobre os meus. O prazer que tomou conta do meu corpo me fez delirar. Eu tremi por inteira.

— Eu também.

Eu assisti enquanto jorros quentes de sêmen branco disparavam de seu pau, bem quando cada músculo do meu corpo se contraiu. Nós gozamos juntos, mas continuamos esfregando, puxando e gemendo.

Um minuto inteiro depois, ainda tínhamos nossas testas pressionadas uma contra a outra. Nossos lábios um no outro. Nossos braços pendurados no chão como se tivessem caído de nossos corpos. Nós sorrimos na boca um do outro. Tudo ao nosso redor estava pegajoso e úmido e cheirava a sexo.

— Isso foi... — Eu respirei fundo. — *Tão* longe de ser higiênico. Muito pior do que trabalhar sem camisa. Se a saúde e a segurança aparecessem, eles nos chutariam.

Ele caiu para trás, rindo pra caramba.

— Se a Sra. Contreras estivesse aqui, ela nos enforcaria na praça da cidade, — ele concordou.

— Não temos uma praça na cidade, — indiquei.

— Ela teria feito uma. — Ele se inclinou na minha direção. — Tanto faz, eu tive uma boa corrida.

— Uma curta.

— Não foi muito curta para mim. — Seus olhos brilharam.

Deslizei meu olhar para baixo, alcancei seu pau semi duro e passei um dedo sobre a coroa. Ele estremeceu e assobiou ao meu toque. Eu coloquei minha língua para fora, toquei meu dedo cheio de porra nela, dando uma lambida completa.

— Hmm. — Fechei os olhos, cobrindo todo o dedo com a boca.

Ele gemeu, puxando-me para seu abraço. Nós nos abraçamos, minha cabeça enfiada sob seu queixo. Ele desenhou círculos nas minhas costas com a ponta dos dedos.

Eu não tinha ideia do que éramos neste momento, mas era definitivamente mais do que amigos. Havia intimidade ali, não importa o quanto ele tentasse negar. Mas forçá-lo a fazer algo que ele claramente não estava interessado não era justo para ele ou para mim.

— Promete que não vai se arrepender amanhã de manhã, — ele sussurrou.

Fechei os olhos, sentindo uma lágrima gorda e quente escorrendo do meu olho direito.

— Sem promessas.



Onze

West

Teimosos raios de sol passando pelas rachaduras da janela do truck, fizeram minhas pálpebras tremularem. Eu protegi meu rosto do sol e rolei no chão. Quando não esbarrei em um corpo pequeno, abri os olhos.

Sem Texas.

Eu me sentei direito. O cheiro de Clorox ao meu redor me disse tudo que eu precisava saber – Grace tinha limpado e esfregado o truck durante a noite anterior, enquanto eu estava desmaiado. A pergunta era – ela o apagou da memória também?

Eu não poderia culpá-la se ela tiver feito isso. Eu basicamente dei a ela meu velho truque sem compromisso. Percorrendo todo o caminho até o meu acordo verbal de merda e assinando nas entrelinhas, ela concordou em nunca pedir nada além de uma trepada suja. A parte trágica era que eu nem mesmo tive coragem de transar com ela. Mesmo que, com toda probabilidade, eu pudesse.

Mas eu sabia que transar com ela iria atrapalhar minha decisão de deixá-la em paz.

E eu realmente, *realmente,* precisava deixá-la sozinha.

Meu fascínio por essa garota tinha ido longe demais e era hora de recuar. A menos, é claro, que ela tivesse concordado em fazer isso casualmente, então foda-se minha lógica e foda-se minhas promessas para mim mesmo. Eu a teria de qualquer maneira que pudesse.

Eu me levantei do chão, olhando ao meu redor. O cheiro de café fumegante e croissants recém assadosencheu minhas narinas. Eu os localizei imediatamente no balcão, ao lado de uma nota.

Peguei a nota primeiro – já é um mau sinal. Noventa e nove por cento dos homens pegariam a comida primeiro.

Eu tive que ir cuidar da vovó (é fim de semana e Marla está de folga).

Se cuida. Aumentei o alarme do seu telefone para meia hora antes de Karlie e Victor começarem o turno.

Texas

Eu sorri para mim mesmo como um idiota. Eu não tinha nenhuma indicação de que parecia um idiota, mas com certeza me sentia como um.

Enfiando a nota dela no bolso de trás, eu peguei a massa e o café ao sair do truck. Eu estava feliz por não ter um turno hoje. Tudo o que eu queria era tomar um banho, dormir mais e talvez ligar para Tex mais tarde, ver se ela queria sair. Gastava muito dinheiro quando saíamos, em merdas estúpidas como bonés de marca e tortas de frito, mas sempre valia a pena. Isso me recarregava. Tornava as sextas-feiras um pouco mais suportáveis. Ou devo dizer – um pouco *menos* infernal.

O que me lembrou – eu precisava enviar uma mensagem de texto para todos que trabalhavam no Plaza, avisando que Grace Shaw estava banida para sempre da nossa excelente instituição. Um problema a menos para me preocupar.

Eu assobiei no meu caminho para a Ducati e passei a volta para casa repetindo o momento em que ela lambeu meu esperma de seu dedo até que minha fita mental emperrou. Meu pau se mexeu contra o assento de couro duro, o que era lamentável e desagradável *pra* caralho, mas não pensar sobre isso era um desperdício de uma boa memória.

Eu tinha certeza que mesmo se morresse na idade madura de cem anos, colhendo muitas memórias ao longo do caminho, este ainda seria o momento que passaria diante dos meus olhos antes de finalmente chutar o balde.

Estacionei em frente à casa decadente que East e eu alugamos, tirando o capacete e caminhando em direção à varanda da frente. Eu parei assim que a vi.

O que diabos *ela* estava fazendo aqui?

Meu sangue ferveu em minhas veias, ameaçando derreter todo o meu corpo em uma poça de raiva. Meus molares estavam a um nanossegundo de se transformarem em pó, e eu podia sentir minha mandíbula ficando dura. Coloquei um bastão de maçã entre os dentes, sem me preocupar em tirar os óculos escuros. — Caroline.

Normalmente, eu a chamaria de mãe, mas estava muito chateado para isso. Ela parecia uma bagunça. A calça jeans e a blusa amarela antiquada estavam amarrotadas. Seu cabelo estava completamente grisalho agora, e ela nem era tão velha.

Eu passei por ela. Ela disparou da escada da frente da minha varanda, seguindo-me como um cachorrinho. Eu me odiava por tratá-la dessa maneira. Mas eu também a odiava por me colocar nessa posição.

— O que te traz aqui? — Eu balancei a chave na fechadura, de costas para ela.

— Você não respondeu nenhuma das minhas ligações recentemente.

Eu podia vê-la torcendo os dedos na minha visão periférica, olhando para baixo, como uma criança punida. Minha mãe era a maior abraçadora do mundo. Ainda mais do

que Texas, que notei abraçar sua amiga Karlie, e sua avó, e sabe-se lá quem. Encontrar forças para não abraçar o próprio filho depois de cinco anos deve tê-la matado.

— Enfim, seu pai me disse que eu deveria pegar um voo e verificar se você está bem. Seu bem-estar é mais importante do que o dinheiro, obviamente.

— Estou bem. Você pode ir agora. — Empurrei a porta com o ombro. Ela rangeu em protesto. Eu entrei. Ela me seguiu hesitante, sabendo que eu não estava disposto a expulsá-la. Ela não tinha mala. *Bom.* Pelo menos ela não planejava ficar muito tempo.

Ela olhou ao redor do local. Realmente não havia muito para ver. Era uma casa de dois quartos, pequena e que precisava desesperadamente de reforma. A sala consistia em um sofá e uma TV. A cozinha tinha uma mesa laranja retrô com quatro cadeiras de plástico. O papel de parede amarelo-acinzentado estava descascando, rasgado nas bordas. Isso era o que você conseguia pelo lugar mais barato disponível em Sheridan. E aquele pobre bastardo de East veio também. Ele não podia me ver fazendo isso comigo mesmo sem ficar ao meu lado.

Falando de...

Eu me virei e fiz uma carranca para minha mãe. Ela sabia exatamente o que eu estava perguntando. Ela ergueu as palmas das mãos.

— Claro que tentei verificar se ele está em casa. Acho que ele ficou fora ontem à noite.

Tradução: East pegou algum rabo e não se preocupou em puxar seu traseiro de volta para casa.

— Surpreso que você arrastou sua majestosa bunda aqui. East mantém você atualizada da minha merda.

Evitei meus pais com tanta frequência, que East recorreu a ligar para eles semanalmente, apenas para que soubessem que eu ainda estava vivo. Ele dava a eles uma versão tutorada de minhas atividades, eliminando as lutas clandestinas, trepadas sujas e rixas públicas com professores.

— Eu não quero incomodá-lo muito. — Mamãe tentou consertar minha gola.

Eu golpeei sua mão.

— Pena que você não estenda essa cortesia para mim.

Entrei na cozinha e peguei leite na geladeira, bebendo direto da caixa. Mamãe se sentou à mesa, tentando se encolher e ocupar o mínimo de espaço possível.

— Você não voltou para casa desde que começou a estudar aqui.

— Você não está me dizendo nada que eu não saiba. — Limpei meu bigode de leite com as costas da mão, empurrando a caixa de volta na geladeira e batendo-a com

força. Sentei-me em frente a ela. Ela não iria embora antes de grelhar minha bunda. É melhor acabar com isso.

Mamãe colocou as mãos sobre a mesa, olhando para elas, não para mim. — Você gosta daqui?

— Eu gosto.

— Muito promissor, não é? Boa cidade.

— Adorável *pra* caralho.

— Acha que quer ficar aqui depois de se formar?

— Eu não penso além do que eu quero comer no jantar.

Tive o cuidado de não perguntar nada sobre como estavam as coisas em casa. Parecia uma ladeira escorregadia que poderia levar a uma conversa real.

— Sentimos sua falta e te amamos muito.

— Aposto que você ama a mesada semanal ainda mais. — Eu levantei uma sobrancelha.

Seu grande olhar castanho saltou de suas mãos, em seguida, correu para o papel de parede descascado. Seus olhos estavam cobertos por uma espessa camada de lágrimas.

Suspirei, esparramado na cadeira, cruzando os braços sobre o peito e olhando para o teto.

— O que há com você, afinal? — Eu resmunguei.

— Estou bem, obrigada por perguntar. Melhor, em todas as fachadas. Ainda tomando remédios. Ainda trabalhando no Walmart. Fui promovida no mês passado. Agora sou caixa. É um ambiente agradável e posso sair, conversar com as pessoas.

Seus dedos estavam avançando para tocar os meus. Eu queria vomitar.

— Eu ganho meu próprio dinheiro agora. — Ela estufou o peito, ganhando mais confiança. — As coisas não são tão sombrias quanto parecem, Westie. Sairemos dessa bagunça logo. Mas nunca esperamos que você nos ajudasse financeiramente. Não é sua culpa.

Só que *era* por minha causa. Era minha culpa que eles estivessem nessa situação em primeiro lugar. Mamãe finalmente colocou a mão na minha, inclinando-se na minha direção.

— Vamos sair para o centro. Quero comprar sabonete, xampu e camisetas novas. Talvez consiga um bom corte de cabelo. Quero ver a cidade em que você mora. Fazer todas as coisas de mãe que não tive a chance de fazer quando você se mudou para cá. Por favor, Westie?

Suas unhas arranharam minha pele, tão desesperadamente que quase produziram sangue.

Ela desperdiçou o dinheiro suado que lhe enviei ao reservar um voo surpresa para si mesma. Então, sugeriu que fôssemos fazer compras.

Minha reação instintiva foi chamar sua atenção sobre isso, mas eu sabia que se eu a expulsasse, isso iria me morder na bunda na forma de East me dando um inferno. Além disso, eu me sentiria culpado.

Passar um tempo com minha mãe estava tão baixo na minha lista de tarefas que você não conseguiria encontrar a menos que lesse toda aquela merda. Ainda assim, mesmo eu reconheci que levá-la para sair seria menos devastador do que me sentar aqui com ela, cara a cara, e enfrentar a artilharia de perguntas e tentativas de abraços que ela sem dúvida jogaria em minha direção.

— O que você diz? — Um sorriso hesitante e sintético se espalhou em seu rosto. Parecia errado. Como um quadro torto em uma parede nua. Eu sabia como ela ficava quando sorria de verdade.

Eu ainda me lembrava, mesmo que vagamente.

Eu apertei sua mão na minha e senti a pressão se dissipando de seu corpo, de uma só vez, enquanto ela me puxava para um abraço.

— Tanto faz.



Uma hora depois, estávamos na cidade, carregando aproximadamente mil sacolas de náilon cheias de meias, camisas, produtos de higiene e mantimentos. Meu cabelo foi aparado em um corte real. Rente nas laterais, mais longo no topo.

Eu me sentia rico, de um jeito ferrado de pobre garoto.

Eu não estava acostumado a receber merdas novas. Minhas meias estavam tão furadas que parei de usá-las há cerca de seis meses, e quando minhas camisas ficaram desbotadas demais para ter uma cor distinta, resolvi o problema usando-as do avesso.

Sabonete e pasta de dentes eu realmente uso (a vida já era ruim o suficiente sem impedir-me ativamente de transar), mas eu sempre fui para a porcaria barata que você poderia comprar em embalagens na loja de conveniências, ou melhor ainda, ir a uma festa ou duas durante o fim de semana e invadir o banheiro como se fosse o mercado.

Mamãe não gastou muito dinheiro com o esforço da imaginação, e cem por cento desse dinheiro veio de *mim*. Ainda assim, as novas camisas e cuecas me fizeram sentir como uma daquelas garotas nerds de filmes, que tiveram uma reforma que consistia em um guarda-roupa totalmente

novo e um implante de personalidade, enquanto elas faziam isso.

Quem diabos sou eu?

O que diabos havia de errado comigo?

A resposta era claramente tudo. Tudo estava errado comigo. Porque eu comecei a imaginar Tex colocando seus olhos azuis de anjo em minhas novas cuecas, admirando o quão imaculadamente brancas elas eram. Ontem, seu olhar inocente me fez sentir como se estivéssemos fazendo algo sujo. E sujo era um reino no qual eu havia prosperado.

Então, me lembrei que ficarmos novamente, provavelmente, não estava nas cartas para nós.

Eu disse a ela que só podia ser casual, mas ela não era o tipo de garota casual. Ela disse que pensaria sobre isso, mas realmente, fui um acéfalo. Não podia culpá-la. Ela merecia muito mais do que minha bunda delinquente tinha a oferecer.

— Que tal eu fazer o jantar? — Mamãe enlaçou o braço no meu quando abrimos a porta, na minha casa.

— Tenho certeza de que nenhum de nós pode pagar uma refeição no restaurante depois disso, então vá em frente, — eu murmurei.

East estava lá, deitado no sofá de cueca, mandando mensagens de texto. Ele nos acolheu com um peido alto.

— Jantei muito caranguejo.

— Easton Liam Braun! — Minha mãe gritou, e eu soltei uma risada genuína pela primeira vez hoje. Quando East a ouviu gritar, ele pulou do sofá tão rápido que quase fez um amassado no teto.

— Sra. St. Claire. — Ele abriu seu sorriso de bom menino, correndo para seu quarto. Ele saltou de volta para a sala com uma perna em sua calça de moletom, a outra ainda fora, e cambaleou na direção dela. Ela o sugou com um aperto que deveria ser um abraço, salpicando suas bochechas com beijos molhados e maternal. Eu olhei para sua virilha. Ele tinha uma semi ereção. Ele provavelmente estava fazendo sexo com alguém. Nojento, porra. Eu fiz uma anotação para socá-lo no rosto até que seu nariz se curvasse para fora de sua cabeça por tocar minha mãe, enquanto ele estava excitado.

— Você está maravilhoso, Easton. Você está fazendo um bom trabalho aqui. Sua mãe está muito orgulhosa. — Ela beliscou as duas bochechas dele e tentou fazê-las oscilar, mas a gordura de bebê de East havia sumido.

Agora seria uma boa hora para parar de tocar neste pervertido, mãe.

O pensamento era tão natural e engraçado, como o velho West, ao contrário da versão mais recente e miserável, uma pontada de nostalgia me atingiu.

— Claro que estou tentando. — Ele baixou a cabeça em falsa modéstia.

Mamãe deu-lhe um último beijo na bochecha. — Bem, você está tendo sucesso. Estou fazendo macarrão e almôndegas. Vocês, meninos, serão meus pequenos ajudantes.

— Sim, senhora. — Ele me deu um sorriso ansioso. E assim, era como quando éramos crianças de novo.

Para ele, pelo menos.

Mamãe fazia as melhores almôndegas e macarrão do universo, um fato que eu defenderia até o último suspiro, não importa o quão fodido fosse o meu relacionamento com ela.

Eu era meio francês do lado do meu pai, meio italiano do lado da minha mãe. Minha altura e tamanho eram da família da minha mãe – os homens Bozzelli, tinham altura de 1,85m em média e eram construídos como tanques. Eu também peguei a pele verde-oliva dela. Mas eu tinha o cabelo do papai e olhos verdes claros.

A mistura definitivamente funcionou a meu favor quando eu ainda estava no negócio de conquistar mulheres como esporte olímpico.

— Vou deixar vocês dois conversarem na cozinha. — East bateu em nossas costas, já recuando para seu quarto. Ele não era apenas um idiota, mas também um traidor – deixando-me com ela, sabendo que eu a evitava a todo custo.

— Vou comprar um pouco de vinho e pão. Dê-me um grito quando o jantar estiver pronto.



Preso na cozinha com mamãe sem nenhum lugar para se esconder, ouvi suas fofocas de cidade pequena. Quando percebeu que estava falando há vinte minutos sem obter qualquer tipo de resposta, ela parou, ainda mexendo o tomate, o manjericão e o molho de alho na panela.

— Mas chega de falar sobre mim. Quem era aquela *amiga* com quem você passou seu aniversário?

Eu estava sentado à mesa da cozinha, cortando alface em pedaços minúsculos para a salada. — Só uma garota.

— Ela deve ser especial para conquistar sua amizade.

Eu odiava quando ela fazia isso. Agia como se ela desse a mínima. Minha mãe queria que eu conhecesse alguém. Tornar-me problema de outra pessoa. Acho que foi inconveniente para ela me checar diariamente para ver que eu não tinha me suicidado / matado alguém / iniciado um culto.

Aos olhos dela, eu não estava acima de fazer os três.

— É apenas alguém do trabalho.

— Ela tem um nome?

— Sim, — eu disse lentamente. — Não conheço muitas pessoas sem nome.

Até eu tinha um. Não importa que meus pais tenham me batizado com o nome de uma maldita direção cardeal.

Minimizar meu relacionamento com Grace não era mentir em si, mas também não parecia certo. De qualquer forma que eu olhasse, estávamos juntos. Definitivamente, mais próximos do que eu era com Reign, ou Max, ou qualquer outro desperdiçador de oxigênio no campus que pensasse que eu era seu amigo. O fato de que eu não teria medo de montar na bunda de Texas como um cowboy, não ajudava nas coisas.

Eu estava pensando em abandonar o show do food truck para evitá-la completamente.

Mamãe reprimiu o sorriso, alegria infantil irradiando dela.

Meia hora depois, a comida estava pronta: salada, espaguete com almôndegas, pão de alho e vinho tinto. Os dois últimos foram cortesia de Easton. Nós três nos reunimos ao redor da mesa que rangia. Mamãe apressou a parte da oração para que pudéssemos comer, e finalmente fui capaz de relaxar um pouco.

A campainha tocou.

Todos nós olhamos um para o outro. East sabia melhor do que convidar as pessoas quando eu estava por perto. Eu era notoriamente misantrópico.

— Quem poderia ser? — Mamãe perguntou com um pouco de macarrão.

— Só há uma maneira de descobrir, — eu murmurei, empurrando minha cadeira para trás e caminhando até a porta. Nosso olho mágico não estava funcionando. Alguns imbecis o encheram de cera antes de nos mudarmos. Não tive escolha a não ser abrir a porta e confiar que não era um assassino enviado por Kade Appleton. Recentemente, tive a estranha sensação de que estava sendo seguido.

Não era.

A pessoa que estava na porta era muito menos bem-vinda do que um assassino em série.

Grace.

O que ela estava fazendo aqui?

Ela usava uma camisa listrada de mangas compridas, jeans colado ao corpo e seus FILAs atemporais. Seu boné estava colocado no topo de sua cabeça, abaixado, servindo como sua capa de invisibilidade.

— Ei. — Ela sorriu aos seus pés. Tanto meu pau quanto eu, demos a seu sorriso uma ovação de pé. Eu me perguntei

quantas células cerebrais eu teria quando essa garota terminasse de me mostrar todas as suas expressões faciais mundanas.

— E aí? — Eu cortei.

— Você esqueceu sua carteira no truck. Você não estava atendendo ao telefone, então Karlie ligou para me avisar. Pensei em passar por aqui e devolvê-la.

Ela tirou minha carteira do bolso de trás, entregando-a para mim.

— Ela me perguntou por que estávamos lá em primeiro lugar, por que cheirava a produtos de limpeza. Eu disse a ela que entramos para pegar raspadinhas e derramamos algumas. Acho que ela acreditou.

Então, acho que ela é uma idiota.

Além disso: *droga.* Como não percebi que minha carteira estava faltando antes? Oh, isso mesmo. Eu estava bêbado demais assistindo Grace se masturbando para me importar onde meus malditos membros estavam, muito menos minha carteira. Então minha mãe me deu roupas e mantimentos (embora com o dinheiro que transferi para ela no início deste mês). Eu não tive que tirar minha carteira uma vez hoje.

Eu a arranquei de sua mão e me movi para fechar a porta em seu rosto.

— Obrigado. Te vejo mais tarde, Tex.

— Westie? — Mamãe gritou atrás do meu ombro, espiando para fora para ver quem era. Ela pousou a mão no meu ombro. — Você não vai me apresentar à sua amiga?

Foda. Minha. Vida.

As duas mulheres se mediram da mesma forma que as mulheres fazem, sorrindo simultaneamente, como se desenterrassem algum segredo raro. Grace fez um pequeno aceno. Quase esqueci que por trás da atrevida sarcástica que eu queria calar a boca com o meu órgão reprodutor estava uma bela sulista educada, pronta para explodir ao primeiro sinal de uma mãe preocupada.

— Olá, senhora. Sou Grace Shaw.

— Caroline St. Claire, mãe do West. É um prazer. — Mamãe abandonou qualquer tentativa de agir como um humano civilizado e pulou nos ossos de Grace em um abraço sufocante. Texas, é claro, devolveu o favor, apertando-a de volta.

Eu abri a porta totalmente, embora se dependesse de mim, eu preferiria bater na cara de ambas.

— Ora, você deve se juntar a nós para jantar! — Mamãe exclamou. Não era preciso ser um gênio para fazer as contas. Texas foi a escolhida com quem passei meu aniversário.

Ela era minha suposta redenção.

Antídoto para meu veneno.

Aquela por quem mamãe estava orando.

— Oh, eu não gostaria de impor. — Grace corou, batendo os cílios e abaixando o queixo. Ela estava escondendo sua cicatriz. Garota esperta. Se a mamãe visse seu rosto corretamente, o trem de merda oficialmente sairia dos trilhos e cairia direto do penhasco.

Minha mãe e Grace na mesma sala era minha ideia de pesadelo, por muitos motivos para contar.

— Absurdo! Nós amaríamos ter você. Westie não tem muitos amigos e estou morrendo de vontade de ouvir mais sobre sua vida no campus.

Mamãe agora estava puxando Grace para dentro de casa, mesmo quando ela bateu os calcanhares na porta como um gato se aproximando de uma banheira cheia. Caroline St. Claire trancaria a pobre garota em uma sala de vidro, se isso significasse ter certeza de que ela jantaria conosco.

Texas me lançou um olhar de *pena.* Era a primeira vez que ela estava aqui. Ela olhou em volta, seus olhos água grandes e exploradores. Normalmente não me sentia envergonhado de onde morava. E não era que a casa de Grace fosse chegar à *MTV Cribs*[62] tão cedo. Ainda assim, eu odiava que minha situação, minha *pobreza,* estivesse bem em seu rosto.

---

[62] É um programa transmitido pela MTV que consiste numa visita às casas e mansões das celebridades. O primeiro programa estreou em setembro de 2000, e desde então o MTV Cribs tem visitado casas de músicos, atores e atletas.

Quando Grace entrou na cozinha, Easton se levantou e a cumprimentou, enquanto mamãe tirava outro prato e outros utensílios. Todos nós nos sentamos e nos acomodamos. Evitei contato visual e todas as tentativas de conversa.

Minha mãe, é claro, estava totalmente no modo da Inquisição Espanhola.

— Então você trabalha com Westie? — ela perguntou antes de Texas dar sua primeira mordida.

— Sim, senhora. Em um food truck próximo daqui.

— Você também estuda na Sheridan University?

— Eu faço. Eu me especializo em teatro e artes.

— Então você deve conhecer bem o nosso Easton.

— Claro que sim. Ele tem uma fama que o persegue. — Grace acenou com a cabeça, e eu queria apunhalar meu próprio peito com um garfo. — West também. — Ela me lançou um sorriso de desculpas.

— Realmente? — As sobrancelhas da mamãe franziram em incredulidade. — Ele é conhecido por alguma coisa no campus?

Fazer as pessoas sangrarem.

Texas nem mesmo vacilou.

— Ele é bastante popular entre as mulheres.

— Sempre foi. Ora, querida, você pode tirar esse boné agora.

Sendo muito útil, mamãe se encarregou de remover o boné de Grace, jogando-o no balcão atrás de seu ombro. — Eu quero dar uma olhada em seu lindo ros...

Ela nunca conseguiu terminar a frase, porque Grace soltou um guincho que soou como se um animal ferido estivesse preso em sua garganta.

Então, houve silêncio.

Um monte disso.

Utensílios desordenados nos pratos. Easton prendeu a respiração. A pele vermelha, raivosa e irregular sob a maquiagem de Texas contava uma história de terror que não era apropriada para uma mesa de jantar.

Não que o rosto da Texas ainda não estivesse coberto de maquiagem suficiente para abrir uma Sephora[63], mas mesmo através dela, você podia ver a tez de Freddy Krueger que ela desesperadamente tentava esconder.

Grace e eu saltamos de nossos assentos em uníssono, pegando o boné. Ela o apalpou primeiro, batendo na cabeça com dedos trêmulos.

---

[63]É uma rede mundial de lojas de cosméticos fundada em 1973 por Dominique Mandonnaud na cidade de Paris. A empresa possui mais de 1750 lojas em 30 países.

Mamãe limpou a garganta, segurando suas pérolas falsas. Easton olhou para baixo.

Tentei bloquear o fato perturbador de que Grace Shaw era deslumbrante. Porque ela era absolutamente fodida. Com o boné para baixo e o rosto à vista, a magnificência dela era como um soco no estômago.

— Eu sinto muito. Como você…

Eu conhecia Grace Shaw há meses e me abstive de perguntar sobre sua cicatriz. Minha mãe a conhecia há menos de quinze minutos e já se sentia confortável para começar.

— Quero dizer, quando isso aconteceu? — Mamãe terminou.

— Isso não é da sua conta, e você não tem o direito de perguntar isso a ela, — eu rugi, batendo meu punho contra a mesa. Cada coisa nela saltou no ar, e minha mãe soltou um grito.

Easton deu um pulo da cadeira e pediu a Grace para ajudá-lo a abrir outra garrafa de vinho, embora a que estava sobre a mesa estivesse pela metade.

Ambos desapareceram para a sala de estar, enquanto eu perfurei minha mãe com um olhar mortal.

— Que porra você está pensando? — Eu assobiei, minha raiva mal contida.

— Eu... — Sua voz tremeu, e ela olhou para mim como se eu estivesse prestes a machucá-la. — Eu não pensei.

— É claro que você não fez.

— Westie, eu juro, eu nunca...

Easton e Grace deslizaram de volta para a cozinha. Ele arrastou sua cadeira para mais perto de Grace. Mamãe estava lançando olhares preocupados em sua direção, os olhos arregalados e cheios de emoção.

— Ora, — mamãe disse trêmula, para injetar algumas palavras no silêncio constrangedor, — Eu gostaria de ter uma sobremesa para oferecer a você, Grace. Que tal um pouco de café?

— Ela não quer café, — rebati, levantando-me da cadeira. A última coisa que eu queria era que minha mãe falasse com Texas. Eu não podia permitir que mamãe contasse meu grande segredo a Grace. Minha razão de *isso-é-por-que-ele-está-tão-fodido.* — Grace está saindo.

Eu levantei uma sobrancelha e fiz uma careta para Texas de forma significativa.

Seus olhos eram duas piscinas de choque, mas não me permiti desviar o olhar.

Machucá-la me machucou e eu merecia toda a dor do universo.

— Certamente, — ouvi Grace dizer com firmeza. Ela se levantou, estendendo a mão para abraçar minha mãe. — Foi um prazer conhecê-la, Sra. St. Claire.

— Você também querida. E, novamente, sinto muito.

— Deixe-me acompanhar você. — Easton fez uma careta.

Eu sabia que parecia um idiota de classe mundial, mas imaginei que qualquer bagunça que eu criei poderia ser recuperada com Grace. Se eu pedisse desculpas e me explicasse, ainda poderíamos sair e trabalhar juntos.

Se ela descobrisse a verdade sobre mim por meio de minha mãe, entretanto, não seria capaz de olhar para mim novamente.

East e Grace foram até a porta. Minha mãe girou em minha direção, seu rosto se contorcendo de horror. — Pobre garota.

— Foi você quem tirou o boné dela, — eu disse categoricamente.

— Você a expulsou. Eu não sabia que você é tão cruel.

Você já me conheceu, mãe?

— Sabe o que mais é cruel? Você aparecendo aqui. Entrando na minha merda como se não fôssemos estranhos nos últimos cinco anos. Fazer macarrão e almôndegas para mim pela primeira vez em meia década, não compensa todo o

tempo que você não mostrou sua cara, Caroline. E antes que você me dê a merda *que eu me distanciei de você*, — levantei a mão para impedi-la, porque sabia o que estava por vir; sua boca já estava aberta, pronta para responder, — v*ocê* deveria ser o adulto responsável entre nós. *Você* deveria me alcançar. Eu mando dinheiro para você toda semana. Faça-me a porra de um favor e pague-me de volta nunca mais me procurando.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Seu lábio inferior tremeu.

— Sim, — ela respirou. — Está certo. Você está nos ajudando financeiramente. Fazendo o quê, exatamente? Você pode me lembrar? Monitoramento, certo?

Eu poderia dizer que ela estava queimando à beira da histeria.

Eu disse aos meus pais que estava trabalhando como monitor, ganhando dinheiro fazendo algumas aulas particulares. Eles acreditaram porque eu tinha um dom natural para matemática e estatística, mas com o passar do tempo e o dinheiro ficando *tão* bom, eles devem ter tido suas dúvidas.

— Não sabia que isso dava tanto dinheiro, — disse a mãe.

Eu dei a ela um sorriso paternalista. — Você saberia se tivesse ido para a faculdade.

— Eu não tive essa oportunidade. — Algo escuro e depravado que me lembrou de mim mesmo cruzou seu rosto. — Você sabe disso.

— Está certo. — Eu estalei meus dedos. — Você engravidou de mim aos dezessete, certo? Ótimas escolhas de vida. Por favor, me dê mais conselhos sobre como administrar minhas coisas.

Passei por ela e fui para o meu quarto. Ela me perseguiu, com um grito de raiva saindo de sua garganta. Easton ainda estava lá fora. O idiota provavelmente usou a oportunidade de *levar* Grace para casa, agora que ele finalmente tomou conhecimento do fato de que ela era bonita.

E você deu a ele permissão para convidá-la para sair. Muito bem, idiota.

— West! Por favor! — Mamãe estava no meu calcanhar. Eu bati a porta na cara dela. Em seguida, abri novamente, percebendo que não tive a chance de desferir o golpe verbal final.

— Saia da minha casa. — Eu apontei para a porta. — Você não tinha o direito de usar o dinheiro suado que mando todas as semanas para comprar uma passagem de avião. Comprar coisas para mim com meu próprio dinheiro também não é considerado uma boa educação.

Peguei uma das sacolas de compras do chão, virando-a de cabeça para baixo e esvaziando-a aos pés dela. Camisas e

meias choveram em uma pilha de tecido barato. Eu corri em direção à porta, abrindo para ela, apontando.

— W*est*. — Mamãe ainda estava parada no corredor, com os joelhos dobrados. Ela mandou a mão para a parede para se endireitar. Ela parecia indefesa, pequena e indisposta. O problema era que ela *sempre* estava desesperada. Por anos, ela recebeu ajuda, nunca retribuindo. Durante anos, meus pais não me deram nada e eu dei tudo a eles.

Mas mesmo tudo, eu vim a entender, não era suficiente.

Eu estava farto de viver como um mendigo, entrando em uma armadilha mortal com moldura de papelão todas as sextas-feiras e nem mesmo tendo um pouco de privacidade. Eu não estava apenas entregando meu dinheiro a eles, mas agora também precisava dar a eles a confirmação de que tudo estava ótimo.

— *Fora*, — eu rugi, sentindo meus pulmões tremendo no meu peito, enquanto eu destruía o andar de baixo.

Ela saiu correndo da minha casa como um rato tímido. Eu a observei do meu lugar na soleira, ofegante como se tivesse acabado de correr um percurso de dezesseis quilômetros. Ela correu todo o caminho até o topo da rua, então virou à direita, em direção à única estação de ônibus nesta cidade fantasma.

Eu bati a porta, dando um soco maldito na parede ao meu lado.

Talvez tenha sido melhor que tudo com Grace tenha dado errado.

Ela estava com cicatrizes.

Mas eu? Eu estava *ferrado*.



Doze

Grace

Easton me deu uma carona de volta depois que West me expulsou, já que eu tinha caminhado para a casa de West.

Ele estava tentando falar sobre futebol e faculdade o tempo todo, mas tudo que fiz foi mover minha boca sobre o meu anel de chamas, fazendo desejos, como vovó Savvy tinha me ensinado quando eu estava estressada.

A pior parte era que eu nem sabia o que tinha feito de errado. Eu apareci para deixar a carteira de West e avisá-lo de que Karlie sabia que estávamos no truck na noite anterior. Eu menti para minha melhor amiga para manter nossas bundas longe de problemas.

Acho que sua mãe apareceu sem avisar, já que ele não havia mencionado isso, e também porque ele parecia mais do que feliz em se atirar de um penhasco. Tentei torná-lo o mais indolor possível, respondendo a todas as perguntas de Caroline St. Claire. Até tentei não fazer barulho com o incidente do boné, embora pudesse sentir minha ansiedade

sugando o ar de mim, afundando seus dentes letais no lado macio da minha garganta.

Foi minha cicatriz que o envergonhou?

Foi minha falta de graça? O anel quebrado, o boné e as mangas compridas? Minha estranheza se espalhou em Sheridan, Texas, como uma stripper em um convento.

Ou West estava simplesmente em um de seus humores perigosos e eu era apenas uma de suas muitas vítimas?

Fosse o que fosse, insistir nisso não me daria nenhuma resposta. West St. Claire não merecia minha simpatia, e ponto final.

Easton desligou o motor quando chegamos ao truck, virando o rosto para mim. — Westie gosta de você.

— Ele tem uma maneira esquisita de mostrar isso, — consegui murmurar, olhando para a frente.

— Ele faz, — Easton concordou facilmente. — É um território desconhecido para ele. Ele odeia as pessoas ou é indiferente a elas. Você o confunde profundamente.

— Ele me confunde mais, — retruquei.

— Você sabe o que precisamos fazer?

— Matá-lo com fogo? — Eu murmurei.

Braun riu, inclinando a cabeça, enquanto me examinava de uma maneira diferente. Não apenas uma história triste, mas uma pessoa totalmente formada.

— Engraçado, ele sempre vai para as amáveis. Você é um pouco lutadora, não é, Shaw?

Eu revirei meus olhos. Eu estava ficando cansada de ouvir como West sempre gostava de garotas que eram exatamente o oposto de mim. Eu não precisava do lembrete.

— Você estava dizendo? — Eu perguntei. — Sobre nós precisarmos fazer algo?

— Oh sim. — Ele estalou os dedos. — Pressione-o onde dói mais.

— E onde seria isso? — Finalmente me virei para encará-lo também.

O sorriso em seu rosto me assustou.

— Seu coração.



Eu tinha visto West uma vez no campus depois *do* jantar. Tínhamos nos ignorado obedientemente. Ele passou por mim, permanecendo comprometido com sua política de

Grace-Shaw-Não-Existe, enquanto eu fingia que também não o tinha visto. Ele ficou quieto e curto em nossos dois turnos juntos. Pensei em confrontá-lo, então percebi que, se ele não estava com pressa de se desculpar, não havia necessidade desesperada de resolver as coisas também.

Então, dei a West o tratamento frio de volta.

Não era como se eu tivesse tempo para sentar e refletir sobre coisas de garotos, de qualquer maneira. No dia seguinte ao jantar com Caroline St. Claire, o canal de notícias local anunciou que a única estação de ônibus de Sheridan fecharia no final do mês.

O que significava que cuidadores em potencial da vovó teriam que chegar aqui de carro.

O que significava que eu também tinha que pagar a eles o dinheiro do combustível.

Que era dinheiro que eu certamente não tinha.

Era nisso que eu estava me concentrando para tirar minha mente de West: procurar brechas e maneiras de contratar um cuidador para a vovó que pudesse se deslocar até aqui o mais barato possível.

Eu estava curvada na frente do meu notebook no meu quarto quando Marla bateu na minha porta, enfiando o rosto no espaço entre a porta e a moldura.

— Querida? O que você está fazendo?

Cliquei no botão X no site que estava navegando - *Care4You*[64] - e recostei -me.

Ela torceu o nariz. — Sem sorte, hein?

Eu estalei meus dedos, balançando minha cabeça. Não havia sentido em mentir. Suponho que Marla sabia que não era fácil encontrar seu substituto, mas eu não estava pronta para outra palestra *Encontre um Lar de Idosos*.

— Não se preocupe. Eu vou encontrar.

Ela acenou com a cabeça, entrando no meu quarto e fechando a porta atrás dela. Hmmm. Isso não podia ser bom. Justamente quando a vovó estava começando a comer regularmente de novo, depois de descobrir que ela não poderia levar torresmos para seu quarto por toda a eternidade.

— Há algo que preciso lhe dizer. — Ela se sentou desajeitadamente na beira da minha cama.

— Sim?

— O morcego velho tem se recusado a sair em nossas caminhadas. Ela não está fazendo nenhuma atividade física. Acho que ela está deprimida.

— Deprimida? — Eu ecoei.

---

[64] Clínica Médica.

— Você sabe, para baixo. O que quer que aqueles psiquiatras chamem. Não acho que seja uma fase. Este caminho difícil não vai embora, querida. Já vi isso acontecer várias vezes, cuidando de gente da idade dela. Ela precisa ser medicada. Devidamente.

Não brinca, eu queria gritar até minha garganta secar. *Não posso arrastar sua bunda para o consultório médico.*

Mas eu apenas sorri, como sempre fazia, balançando a cabeça.

— Obrigada, Marla. Eu cuido disso.



Poucos dias depois, a professora McGraw me chamou em seu escritório novamente.

— Vou fazer isso rápido. — Ela entrou no quarto aconchegante, seu cheiro característico de incenso e mel flutuando atrás dela. Ela se sentou na minha frente, entrelaçando os dedos.

— Eu decidi não dar a você uma prorrogação na parte de desempenho do seu exame neste semestre, Srta. Shaw. O que significa que você terá que encontrar uma maneira de entrar na peça *A Streetcar Named Desire* e realmente entrar

no palco, ou você será reprovada na minha classe neste semestre. O Sr. Finlay está bem ciente da situação. Nós conversamos e ele disse que está ansioso para resolver isso com você. Sinto muito, Grace, mas considere isso um favor meu para você. Você deve enfrentar seus medos e seguir em frente. Subir nesse palco a libertará. O que quer que tenha acontecido com você... — Ela balançou a cabeça, fechando os olhos. — Você não pode deixar isso definir você. Ou parar você. Não mais. A ansiedade é uma fera faminta. Alimente-a e ela crescerá. Mate-a de fome e ela morrerá. Esta é minha decisão final. Eu sinto muito.



Mais tarde naquele dia, tive um turno com West. Trabalhar ao lado dele não era o ideal, mas para evitar turnos com ele, eu teria que contar à Karlie tudo sobre o que havia acontecido no jantar, e não estava preparada para recitar a cena humilhante em voz alta.

West estava agindo de forma estranha durante o turno. Olhando para mim de vez em quando, afastando-se, abrindo a boca para dizer algo, em seguida, pensando melhor. Eu me mantive em silêncio, quebrado apenas por pedidos monossilábicos relacionados ao trabalho. Sempre que havia uma calmaria entre o tráfego humano, eu pegava meu

telefone e procurava cuidadores para a vovó. Havia também uma mensagem digitada esperando para ser enviada a Cruz Finlay.

Oi. É Grace Shaw. Alguma chance de conseguir um papel de última hora na peça? ☺

Finalmente, West cuspiu. — Olha, eu sinto muito, porra, ok? Jesus Cristo. — Ele rosnou como se eu o tivesse enchido de acusações sem palavras. — Apesar de tudo, acho que talvez seja melhor não ficarmos mais.

Eu nem mesmo tirei os olhos do meu telefone.

Ele passou a semana inteira me ignorando, apenas para me dar um pedido de desculpas pela metade, enfiado em uma frase clichê de término?

— Ficar com você de novo nunca esteve no menu, — eu menti, meus olhos ainda no meu telefone.

— Bem. OK. Bom.

Ele acenou com a cabeça para si mesmo. Pela primeira vez desde que o conheci, ele parecia um pouco fora de controle. Meio infeliz, na verdade. Ele me ofereceu seu dedo mindinho, bloqueando minha visão do meu telefone.

— Trégua?

Eu me virei, dando-lhe minhas costas e sem me preocupar em pegar seu dedo mindinho no meu.

Uma guerra fria ainda era uma guerra.



West

A semana seguinte à visita da mamãe, escorregou como um monstro de ficção científica nojento para fora de um esgoto.

Assim que minha mãe voltou ao Maine, ela retomou seus telefonemas de hora em hora, enviando-me dois e-mails por dia em média. Ela se desculpou mil vezes. Por me surpreender, por tirar o boné de Grace, por fazer muitas perguntas e enviar muitos e-mails. Ela admitiu tudo o que aconteceu entre nós desde que eu tinha dezessete anos. Tentei explicar. Nada disso importava. O estrago estava feito. Continuei enviando dinheiro, mas evitei suas ligações.

As coisas foram de mal a pior. Antes de ver seu rosto, eu poderia fingir que estávamos bem. Mas depois da explosão do jantar, não havia como negar que o que restou da minha

família estava morto pela raiz. Apodrecendo, sujo e irreparável.

A cereja do bolo de merda era a situação de Texas.

A garota, não o estado.

Embora, droga, o estado ficou muito quente, muito rápido.

Eu estraguei tudo com Grace, não apenas no dia em que a chutei para fora, mas nos dias seguintes quando eu não conseguia olhar para o rosto dela. Eu estava tão envergonhado.

Quando reuni coragem para falar com ela, já era tarde demais. Ela me tratou como se eu fosse o ar. Ela ficou tão boa em me ignorar naquela semana que, às vezes, eu questionava minha própria existência.

Então vesti minhas calças de menino, admiti meu comportamento e me desculpei.

E o que ela fez? Olhou para o outro lado.

Em nosso terceiro turno trabalhando juntos desde o jantar desastroso, Karma finalmente empinou seu vibrador pontudo e decidiu enfiá-lo na minha bunda – sem lubrificante.

Eu estava cuidando da minha própria vida, jogando peixe na grelha, discretamente invejando-os pelo estado do

seu nada, quando ouvi algo caindo no cascalho perto da janela.

— Oh, ei, — a voz de Grace ronronou.

Não me virei para ver quem era o cliente, ainda preso em minha bolha de raiva silenciosa.

— Oi, — Easton respondeu de volta.

— Você quer falar com West? — Ela perguntou.

— Não. Vim por você.

Minha cabeça voou para cima e eu virei por cima do ombro, minha guarda subindo quase quatro metros. East estava lá, recém-saído do banho depois do treino de futebol. Seu cabelo loiro e úmido se projetava em diferentes direções de propósito. Ele usava uma camisa de surfista sem mangas que exibia seus braços volumosos.

O que diabos ele estava fazendo aqui?

East encontrou meus olhos por trás do ombro de Grace. Ele deu de ombros, como se dissesse: *Você disse que estaria tudo bem se eu acertasse isso. Lembra*?

Voltei-me para a grelha, respirando fundo.

— *Eu*? — Texas perguntou.

— Sim.

— Ok, e aí?

— Percebi que esqueci de fazer algo quando te dei uma carona para casa outro dia.

Conseguir alguma lealdade na drogaria mais próxima, idiota?

— E o que foi isso? — Grace perguntou, sua voz ficando suspeita. Gostei que ela não caísse aos pés dele. Ela era imune aos encantos dos homens em geral.

— Esqueci de pedir seu número.

Filho da puta...

— Por que você precisa do meu número?

Eu não pude deixar de sorrir para mim mesmo. Ela não era uma de suas fãs adolescentes. Fé na humanidade: parcialmente restaurada.

— Para que eu possa convidar você para sair.

— Me convidar para sair?

Convidá-la para sair?

— Sim. Já faz algumas semanas que pretendia fazer isso, mas o treinador está no nosso pé como um sargento. Jogos amistosos, sabe. Pensei que gostaria de comer alguma coisa ou algo assim? Ir ao cinema? Há um novo filme da Kate Hudson saindo neste fim de semana.

— E você gosta dos filmes de Kate Hudson porquê...? — Ela deixou a questão pairando no ar. Ainda estava de costas

para eles. Eu estava dividido entre querer rir de sua indiferença ao flerte persistente de East e bater a cabeça de meu melhor amigo (risca isso "*ex*" melhor amigo) contra o cascalho.

— Eu não gosto dos filmes da Kate Hudson, Grace. Mas eu gosto de *você*. E você é uma mulher. E as mulheres tendem a gostar dela, por qualquer motivo. Isso está claro o suficiente? — East perguntou.

Eu balancei minha cabeça novamente, olhando para ele. Ele não olhou mais para mim. Seus olhos estavam focados em Texas. O que o idiota estava tentando provar, exatamente? Que ele poderia namorar alguém em quem eu estava interessado? Que eu gostava dela?

Mesmo se eu fizesse, eu não namorava, e ele sabia muito bem disso.

Grace tamborilou os dedos sobre o balcão de ingredientes. — Não seria um problema para o seu colega de quarto, vendo que trabalhamos juntos?

— Não. Eu perguntei a ele. Três vezes, na verdade.

— E ele não se importa? — Ela não pareceu surpresa.

Vire-se e olhe para mim, droga. Então, você verá que prefiro ver minhas bolas comidas por um tigre do que ver você sair com alguém que não seja eu.

— Sim. Pergunte a ele você mesma.

— Não há necessidade, não estamos realmente nos falando no momento. — Ela fez uma pausa. — Eu aceito.

Ah. Aposto que doeu. Pena que ele não ouviu quando eu disse que ela não...

Espere.

Ela aceita?

Abri minha boca para dizer algo, mas não saiu nada. Eu não tinha nenhum argumento contra o que estava acontecendo aqui e nenhum motivo para impedi-los de namorar. Tecnicamente, eu disse a Easton que não estava interessado em Grace. E, também, tecnicamente, os dois eram solteiros. Eu não tinha influência sobre nenhum deles.

E isso me deixou louco.

Eles trocaram números, enquanto eu fumegava silenciosamente. Então ele teve a audácia de ficar por perto e bater um papo. Dez minutos em sua história fascinante sobre como Reign quase torceu seu tornozelo na vitória, dançando após um touchdown algumas semanas atrás, eu caminhei até a janela, estacionando meus cotovelos no parapeito, empurrando Grace para o lado.

— Desculpe, amigo, este truck não é o Bumble[65]. Importa-se de sair antes de conseguirmos mais clientes? — Meu tom era casual. Entediado.

Easton encolheu os ombros. — Foi mal, cara.

— Não volte a menos que queira comprar algo.

— Devidamente anotado. Vejo você em casa?

— Para onde mais posso ir depois do trabalho?

— Caramba. Alguém está sensível.

— Dê o fora daqui.

Ele fez. Eu me esgueirei de volta para a grelha, sabendo muito bem que o olhar ardente de Grace era um buraco escaldante nas minhas costas.

Minha autocontenção durou três minutos, depois dos quais ofereci minha opinião não solicitada.

— Merda, Tex, não achei que você fosse do tipo ingênua. — Soltei uma risada irônica. — Easton Braun só faz casual, caso você não saiba.

— Quem disse que eu não faço casual? — Ela baixou a janela, fechando a loja. Já era tão tarde? Acho que o tempo

---

[65]É um aplicativo social baseado em localização que facilita a comunicação entre usuários interessados. O grande diferencial desse aplicativo de relacionamento é que o primeiro passo parte da mulher. Funciona assim: após o match cabe a ela, em até 24 horas, enviar uma mensagem ao crush –e ele terá também um dia para responder.

voava quando você fantasiava sobre maneiras novas e criativas de como matar seu amigo de infância.

Ela ainda estava de costas para mim. — Fui casual com você e, veja só, estou viva e intacta.

— *Texas*, — eu avisei.

Ela se virou, o olhar ferido em seu rosto me destruindo como um gancho enferrujado.

— Não me chame assim. Não se atreva a agir como se estivéssemos bem um com o outro.

— Diga-me o que seria necessário para mudar isso.

Não pude acreditar nas palavras que saíram da minha boca. Eu não deveria me importar. Importar não estava mais no menu.

Não com meus pais, minhas trepadas, meus chamados amigos...

— Ser um humano decente? — Ela ofereceu sarcasticamente.

— Algo dentro das minhas capacidades? — Eu brinquei, testando meu terreno. Ela bateu as mãos enluvadas sobre o balcão de ingredientes, começando a limpar cada recipiente individual.

— Por que você disse sim? — Eu perguntei. Eu deveria apenas tê-la deixado ficar para um café quando mamãe

estava aqui. Enfrentar a situação. Meu segredo seria revelado. Então, passaria o resto da minha vida tentando ganhar sua aprovação de volta quando ela percebesse o que eu tinha feito.

— Por que não? — ela bufou.

— Você não gosta do Easton.

— Eu também não gostava de você. Então eu fiz, por um tempo. As opiniões mudam. *Constantemente*.

Algo estranho e indesejável aconteceu no meu peito quando ela disse isso.

Doce de maça embebido em veneno.

Boas notícias: ela gostava de mim.

Más notícias: eu estraguei tudo.

— Você vai se arrepender, — eu avisei. Mas eu não sabia disso. East poderia avançar desta vez e levá-la a sério. Então, o quê? Eu não poderia assisti-los juntos. Eu não conseguia nem a imaginar de mãos dadas com outra pessoa.

— Talvez. — Ela me contornou, segurando um recipiente de prata, enquanto se dirigia para o lixo. — Mas, também me arrependi de ter conhecido você, e sabe de uma coisa? Eu ainda sobrevivi.



Treze

West

— Está confirmado. Appleton quer uma revanche. — Max se jogou na minha frente no refeitório, segurando seu almoço com os dedos gordurosos.

Eu estava tentando descobrir o que diabos havia no sanduíche que comprei cinco minutos antes na cantina. Eu passei uma boa parte do meu tempo na terra odiando os sanduíches de omelete encharcados de Easton; eu não tinha considerado que a comida do refeitório era muito pior.

Mas os sanduíches de Easton não estavam mais no menu para mim. Para tê-los, seria necessário falar com Easton e, nos últimos três dias, estávamos oficialmente brigados.

No começo, meu ex-melhor amigo teve a audácia de agir como se nada tivesse acontecido.

Ele tentou falar comigo sobre futebol, depois sobre alguns rumores no campus, depois sobre como Tess andava dizendo às pessoas que lia suas cartas de tarô e,

aparentemente, disseram que ela se casaria com um cara do Maine.

Adotei a estratégia de Grace e o tratei como se ele fosse o ar.

Eu viveria de lama e unhas encravadas antes de falar com o traidor. Mesmo quando ele apontou que eu lhe dei permissão explícita para namorar Tex, não cedi. Ele obviamente a perseguiu para me irritar.

Missão cumprida – eu estava tentado a decapitá-lo.

— Uma revanche? — Eu levantei uma sobrancelha, examinando Max como se precisasse limpá-lo da sola das minhas botas. — Da última vez que brigamos, ele e seus amigos chantagearam você, se não me engano.

Eu *nunca* me enganava.

Max riu, despenteando sua juba de cabelo ruivo felpudo, o que me lembrou daquelas pastilhas de metal que as pessoas usavam para limpar frigideiras industriais.

— Quero dizer, sim, mas ainda ganhei três vezes mais do que em uma noite normal. Às vezes você ganha, às vezes você perde, certo?

Eu afundei meu sanduíche no lixo, optando por arrancar um saco de Cheetos da mão do Max. Ele não fez nenhum movimento para reivindicá-lo. Eu o abri e joguei um em minha boca, olhando para ele.

— O idiota tentou arrancar meus olhos.

— Sim, ele estava um pouco desesperado para vencer. Tinha algo a provar. — Max acariciou seu queixo cheio de espinhas. — Mas o pagamento seria, pelo menos, o dobro desta vez. As emoções estavam altas da última vez. Apenas o boca a boca nos permitiria aumentar nossa cobrança nos ingressos, e isso sem concessões.

Eu fiz a matemática na minha cabeça. O número me deu água na boca. Era alto o suficiente para eu ser capaz de pagar o empréstimo dos meus pais, que atualmente os estava sufocando.

Eu finalmente os tiraria de minhas costas e daria a eles o que sempre quiseram – dinheiro suficiente para começar de novo. Pontos bônus? Eu estaria fora de suas vidas para sempre.

Claro, Kade Appleton era tão honrado quanto um fio dental usado, e eu tinha certeza de que ele estava me seguindo pela cidade, ou, pelo menos, mandando outra pessoa para fazer o trabalho sujo para ele, mas eu derrubei caras três vezes seu tamanho, enquanto eu estava em vários níveis de intoxicação.

— Ouvi dizer que ele está falando mal de mim, — eu disse.

— Não posso dizer que não. Desde que perdeu o show em Vegas, ele tem estado um pouco amargo. Lutar é tudo o que ele realmente sabe fazer.

Ele era muito bom em choramingar também.

— O que ele ganha com isso? — Eu empurrei meu queixo em direção ao meu agente de apostas.

— Seu orgulho, — Max gritou, jogando os braços para o ar. — Você o aniquilou. Nocauteou ele por trinta segundos seguidos. Então, ele discutiu e exagerou como um maricas.

O 'como' não tinha nada a ver com essa frase. Ele *era* um maricas. Fim da história.

Terminei o Cheetos de Max e abri sua lata de Coca, tomando um gole e passando a língua nos dentes.

— Vou ter que definir algumas regras básicas.

— Tais como?

— Grave tudo, para que o idiota não dê desculpas quando eu o destruir.

— Isso é justo. Vou passar a mensagem.

— E o vencedor leva tudo.

— Todo o dinheiro?

Eu esmaguei a lata de Coca vazia em meu punho, jogando-a no lixo sem mirar. — Você terá sua parte de agenciador.

Eu tinha feito algumas pesquisas depois da minha luta com Appleton e descobri o quão idiota ele era. Chantagem, brigas de cães, perseguições e agressões domésticas consumiram uma grande parte de sua presença na Internet. Mas o dinheiro era bom demais para deixar passar. Não me importei em quebrar uma ou duas costelas. Inferno, morrer não seria tão terrível também. Não era como se alguém por perto realmente desse a mínima.

— Uma última coisa. Nada de gracinhas dessa vez. Se eu pegá-lo tentando enfiar os dedos em minhas órbitas, boca ou bunda, vou quebrar todos os ossos de seu corpo. Sem exceções. — Eu apontei para Max.

Ele acenou com a cabeça, sua língua quase babando. Um cachorro raivoso atrás de um osso carnudo.

— Certo. Então, posso dizer a Shaun que está combinado?

Shaun. Lembrei-me do saco inútil de músculos. Ele parecia com todos os assassinos de um filme dos anos oitenta. Um flashback do momento em que saí do Plaza e ouvi murmúrios vindos dos arbustos assaltaram minha memória. Eu o afastei.

E daí se eu estivesse sendo seguido? O resultado da luta não fez muita diferença para mim. Se eles me matarem antes da luta, azar. Se não, pelo menos, eu seria capaz de detonar a bunda dele, pegar o dinheiro, dar aos meus pais e expulsá-los da minha vida para sempre.

— Faça acontecer. — Bati na mesa entre nós, levantando-me para sair.

Tive a sensação de que isso implodiria.

Felizmente, não me importei.



Eu apareci para trabalhar quinze minutos mais cedo. Karlie estava lá, parada na estação da Texas, enchendo o bar com creme de leite, guacamole e fajitas[66]. Eu me afastei da minha mochila, carrancudo para sua bunda.

— O que você está fazendo aqui?

O que eu queria perguntar era *onde, em nome de Deus, estava Texas?* Ela tinha parado de fazer turnos comigo agora?

---

[66]Fajita é um termo genérico utilizado na culinária Tex-Mex, que se refere à carne grelhada servida em uma tortilha de milho ou farinha.

Eu me desculpei. O que mais ela precisava? Chocolate e flores?

Chocolate e flores. Meu cérebro havia oficialmente deixado o local. Meu pau, no entanto, estava presente e daria todas as ordens. Eu não compraria chocolate para ninguém. Ou flores. Ou anéis de pureza combinando, droga. Tex era apenas uma amiga. Tudo que eu queria era tê-la de volta como uma e, se possível, não ser convidado por Easton para ser o padrinho de seu casamento. A menos que ele quisesse que sua noiva fosse roubada.

Karlie ergueu os olhos do creme de leite que estava servindo, passando seus olhos inteligentes sobre mim. — Grace tirou o dia de folga.

— Eu posso ver isso. Por quê?

Ela colocou o recipiente vazio de creme de leite de lado, limpando as mãos no avental turquesa do *That Taco Truck*.

— Sinto muito, como isso é da sua conta? — Ela ergueu uma sobrancelha bem cuidada. Essa é uma boa pergunta. Eu não tinha certeza de como responder a isso. Eu simplesmente sabia que *era*.

— Acho que ela compartilhou detalhes sobre nosso último encontro com você, — brinquei.

— Você está adivinhando corretamente. Alguns dias depois, mas agora estou por dentro.

— E suponho que você não esteja profundamente impressionada comigo no momento.

— Também correto. Uau. É seu dia de sorte. Você deveria comprar bilhetes de loteria agora mesmo. — Ela soprou no ar.

— Você é muito hilária, Contreras.

— E você é um babaca do caralho, — ela brincou de volta.

— Diga-me algo que eu não sei.

— Você tem certeza? — Ela sorriu provocativamente. — Porque tenho algumas coisas que sei que podem ser do seu interesse e vão estragar o seu humor.

Eu imediatamente vi o que ela queria dizer.

Eu me virei, tranquei a porta, cruzei os braços e me inclinei contra ela, olhando para ela.

— Isso deveria me assustar?

— Só se você não me disser onde ela está.

Tive a sensação de que Grace tinha saído com Easton. Eu também tive a sensação de que Easton seria assassinado esta noite por minhas próprias mãos.

— Fique confortável. Porque eu não vou fazer isso.

— Vou te dar ingressos grátis para a luta na próxima sexta-feira.

— Ah, meu Deus, sério? — Karlie colocou as mãos no coração, chiando. Seu sorriso caiu imediatamente. — Eu passo. A cerveja é nojenta e você não é tão importante.

Esforcei-me para descobrir o que uma garota como Karlie poderia querer em troca de informações. A resposta era óbvia. *Pau.* Ela queria trepar, como todo mundo na faculdade. Ela estava com o pessoal da Texas. Ou seja, ela andava com virgens fanáticas pela Bíblia que tratavam o outro sexo como se fossem criaturas míticas, apenas para serem admiradas de longe.

Claro. Uma garota que usava a Bíblia iria atrás do cara mais branco e de classe média do campus. Lembrei-me da noite em que Karlie e Grace vieram me ver lutar.

— Vou dar uma boa palavra a Miles Covington.

— Você não *conhece* Miles Covington.

— Ele é meu garoto de recados.

Ele não era, mas eu o conhecia bem o suficiente para fazê-lo sair com ela, se necessário. Diabos, pelo preço certo, faria com que ele se casasse com a Pequena Einstein.

Ela revirou os olhos, seus ombros caindo com um suspiro.

— Bem, não é realmente um segredo, de qualquer maneira. Eu só queria mexer com você. — Ela se desculpou.

Inclinei-me para frente, dando-lhe toda a atenção.

— Ela foi ao cinema. — Karlie projetou o queixo para fora. — Com Easton Braun.

Havia apenas um cinema nesta cidade esquecida por Deus.

Eu me virei e saí correndo, desistindo do meu turno.

— Ei! Onde você vai? — Ela gritou atrás de mim. — Eu não posso fazer isso sozinha!

— Tenha um pouco de fé, — gritei de volta.

Eu ia pegar a porra da garota.

Quer eu a mereça ou não.



Quando o adolescente com aparelho nos dentes e corpo de pai me perguntou que filme eu queria ver, atrás do vidro da bilheteria, apontei para aquele com Kate Hudson no pôster.

— M... Mona Lisa e... e a Lua de Sangue? — Ele gaguejou, empurrando seus óculos grossos até a ponte de seu nariz.

— Algum problema? — Eu disse lentamente.

O garoto balançou a cabeça, seus ombros tremendo com uma risada contida. Ele estava prestes a conseguir um lugar na primeira fila para *Como Perder um olho em dez segundos,* se não fosse cuidadoso.

Peguei o ingresso e entrei no cinema quarenta minutos depois do início do filme. Era o início da tarde. Quem levava uma garota ao cinema ao meio-dia? Um merdinha pretensioso como Easton, era a resposta. Ele provavelmente prometeu tê-la de volta em casa antes do toque de recolher.

Subi as escadas, examinando os assentos quase vazios. Eu os localizei em uma das fileiras de trás, amontoados, compartilhando pipoca.

Subi as escadas pesadamente, sentando-me ao lado de Grace, essencialmente imprensando-a entre Easton e eu. Seus olhos não vacilaram do filme. Punição colateral pelo meu comportamento de merda.

Eu praticamente podia ouvir East rindo baixinho no meu ouvido.

— Está aqui para marcar o time da Loira?

Ele nem tinha dito isso, e meus dedos se enrolaram em torno dos apoios de braço, quase quebrando as malditas coisas.

Nada sobre isso era um território familiar para mim.

Eu nunca tive problemas com garotas antes.

Minha filosofia era a seguinte: se eles queriam ficar juntos – ótimo; se não – sem problemas. Os dois relacionamentos que tive no colégio foram fáceis. Minhas amigas eram fisicamente agradáveis e legais de se conviver. Mas nunca senti que pudesse matar alguém que olhasse em suas direções. E estava começando a sentir que, no caso de Grace Shaw, eu tinha a tendência de ficar com muito ciúme e muito possessivo sempre que alguém respirava em seu caminho.

— Eu fui um idiota, — eu saltei finalmente, minha voz áspera.

Grace colocou dois grãos de pipoca na boca rosa, piscando para a tela sob o boné.

— Bem. H*m*. Eu *sou* um idiota, feliz?

— Aumente, cara. — Easton estalou o nariz, rindo com o punho cheio de pipoca. — Eu não estou ouvindo você confessar isso. Eu quero ver você suar. Talvez incluir uma citação de *Diário de Uma Paixão*.

De repente, eu sabia exatamente o que era. Meu melhor amigo queria provar um ponto. Para me mostrar que me importava com essa garota.

East empurrou, e ele empurrou longe, não porque ele queria pegar a bunda da Grace, mas porque ele queria colocar a minha bunda em ação. Eu estava mentindo para mim mesmo desde o dia em que conheci essa garota.

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Texas. Eles eram um belo par de lábios. Pálidos e carnudos, o inferior mais gordo do que o superior.

— Ele está certo, — ela brincou. — Uma citação de *Diário de Uma Paixão* tornaria tudo melhor.

— Shh! — Alguém algumas fileiras abaixo rosnou.

Diário de Uma Paixão, eles disseram? Eu assisti isso mil vezes com... *deixa* para lá.

Minha mandíbula tremeu e ignorei as pulsações rápidas em minha pálpebra. — Você tem um gosto pela humilhação? — Eu a examinei friamente.

— Olho por olho, — ela resmungou. — Você me humilhou. É justo que eu testemunhe você se contorcer.

Condene essa garota para o inferno. Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Eu poderia ser o que você quiser. Apenas me diga o que você quer, e eu me tornarei isso, — eu disse calmamente.

Pode não ter sido literal, mas estava bem perto. Ela estremeceu em seu assento. Easton jogou a cabeça para trás, seu corpo inteiro tremendo com uma risada silenciosa. Ele não ia ficar tão feliz quando eu voltasse para casa mais tarde hoje à noite para arrancar as unhas dos seus pés com uma pinça, enquanto ele observava.

— Desculpe-me por ter te empurrado porta afora outro dia. Foi uma merda, rude e fora de controle. Não era porque eu não queria você lá. Minha mãe e eu não nos damos bem – como você pode dizer por eu a ignorar constantemente – e eu não queria que ela dissesse algo que pudesse ofendê-la. O que, ironicamente, explodiu na minha cara.

Na minha visão periférica, o corpo de Easton agora estava praticamente tremendo em sua cadeira de tanto rir. Ele se levantou. Eu cuspi o bastão doce de maçã na minha boca no porta-copo entre nós antes que se partisse em dois.

— Vou deixar vocês dois pombinhos com isso. Westie, não seja... uh, *você*, basicamente. — Easton se desculpou, batendo no meu ombro ao sair. Ele desceu as escadas correndo, alegre como um drogado em uma farmácia.

Grace se virou para mim. Mais uma vez, vi-me amaldiçoando o babaca que inventou os bonés. Eu mal conseguia ver seu rosto.

Peguei seu dedo mindinho no meu e apertei. Ela permitiu. Ela ergueu o queixo. Aqueles malditos olhos de céu de verão seriam minha ruína. Eu sempre fui um cara idiota,

mas aqueles olhos fizeram ao meu pau o que nenhuma bunda no planeta Terra faria.

— Tex.

— Te odeio.

— Eu sei. Tex?

— Da próxima vez que você for um idiota, não vou ser tão tolerante.

— Devidamente anotado. *Tex*?

— Podemos ser amigos de novo, mas esta é sua última chance.

— Tex!

— *O quê*!

— Foda-se a amizade. Eu sinto falta de seus lábios.

Seus ombros relaxaram, como se ela tivesse liberado a respiração que estava prendendo. — Eles sentiram sua falta também. — Pausa. — O resto de você, nem tanto.

Esta menina se doava o melhor que conseguia.

E ela recebeu um monte de merda do mundo.

Peguei seu boné e joguei para trás, enquanto mergulhava para um beijo. Mesmo através da camada de sal da pipoca, ela tinha um gosto quente, doce e macia. Sempre tão macia *pra* caralho. Chupei seu lábio inferior em minha

boca, mordiscando-o até que ela gemeu e engasgou, agarrando minha camisa.

Meus olhos estavam com as pálpebras tão pesadas que eu mal conseguia mantê-los abertos, mas ainda não os fechei totalmente. Ela estava linda assim, no escuro, as luzes azuis da tela dançando em seu rosto. Eu queria gravar esse momento na memória, porque sabia que *acabaria* estragando tudo.

Eu iria perdê-la.

Mas, pelo menos, eu a *teria* primeiro.

Isso seria temporário.

E doloroso.

E valeria a pena.

A única coisa que mudou entre hoje e ontem, foi minha aceitação de que o desastre de trem havia deixado a estação e agora estava indo em direção a uma pilha de explosivos em alta velocidade.

Eu queria Grace 'Texas' Shaw.

A queria em sua calcinha.

Em sua boca.

Em todos os buracos que ela possuía (exceto na uretra, talvez).

Eu queria suas piadas maldosas, coração puro e olhos deslumbrantes, e aquela cicatriz saliente que parecia seda sob a ponta dos meus dedos.

Sua pele era um continente de explorações que eu queria desvendar, beijar e mordiscar. Para aprender suas histórias – seus medos – traçando meus lábios ao longo de todos os lugares dela que doeram alguma vez.

Ela deslizou os dedos no meu cabelo, produzindo pequenos ruídos guturais que fizeram todo o meu sangue correr para baixo. Nosso beijo foi selvagem e profundo, nossas línguas girando juntas. Nunca gostei tanto de beijar. Normalmente, era apenas uma parada no meu caminho para meu destino final – Vila do Sexo.

Mas eu poderia beijar Texas até o esquecimento e de volta, sem levantar para respirar. Meus pensamentos pareciam um cartão de namoro festivo, mas isso não os tornava menos verdadeiros. Ou, qualquer coisa menos perturbadora, para falar a verdade.

Sua mão deslizou pelo meu peito, pelo meu tanquinho, seus dedos se curvando sobre o primeiro botão do meu jeans.

— Quer sair daqui? — Seus lábios traçaram os meus, enquanto ela falava.

Eu desviei minha boca da dela, estudando seu rosto. Ela parecia sóbria e eu tinha cem por cento de certeza de que ela

não queria ir até o posto de concessão para comprar mais pipoca velha.

— Eu só tenho uma condição, — ela avisou.

Era a lua que ela queria que eu lhe desse? Eu estava aberto a isso. Eu daria a ela o sol também. Só precisava de um pouco de tempo e talvez de um ou dois empréstimos.

E definitivamente, um bom seguro de vida.

— Ponha isso em mim.

— Eu não quero me tornar uma de suas Tesses ou Melanies. Nenhuma regra de uma noite só para nós. — Ela balançou a cabeça. — Eu quero que você me trate com respeito e carinho. Eu sei que somos casuais, mas... — Ela prendeu a respiração, sua voz caindo junto com seu olhar. — Para mim, significa algo. Me abrir novamente. Prometa que não vai quebrar minha confiança, West.

Foi a embriaguez do momento que me levou a isso.

Esqueça meu juramento a mim mesmo. Mije na minha promessa de não fazer nenhuma promessa.

Eu só pensava em estar dentro da Grace. Para me afogar em sua pureza, esperando que um pouco disso passasse para mim.

— Prometo.

A palavra rolou da minha boca antes que eu pudesse impedir, com gosto de cinzas. Eu não poderia voltar atrás. Estava lá, entre nós. Vivo, inchando e crescendo em nano segundos, pressionando contra meu esterno, tornando difícil respirar.

Prometo.

Prometo.

Prometo.

Lembra o que aconteceu da última vez que você fez uma promessa?

Fazendo uma careta por minha própria estupidez, peguei sua mão.

— Vamos nessa.



Doze minutos depois (sim, eu contei), estávamos na frente da casa da Texas. Marla tinha acabado de terminar seu turno, descendo os degraus da varanda, enfiando um cigarro na boca e acendendo-o.

— Isso é tudo por hoje, crianças. Divirtam-se e mantenham suas mãos para si mesmos. Você especialmente, St. Claire.

Grace estava no primeiro degrau que levava à sua porta. O pôr do sol manchava o céu em rosa e laranja ao redor dela, fazendo-a parecer um anjo caído. Aparentemente, eu estava agora tomando nota da porra do cenário *e* ficando poético. Eu queria minhas bolas de volta, mas eu as queria batendo contra a boceta de Grace ainda mais.

— Você quer vir para dentro[67]? — Ela apontou o polegar para trás do ombro depois que Marla saiu.

— Qualquer homem que diga algo diferente está comprando preservativos a graneis vencidos. — Eu me inclinei contra Christina casualmente, tentando fingir que não me importava, quando eu já tinha provado estar tão perdido por essa garota que eu nem estava mais no mesmo CEP da porra do meu cérebro.

Tex levou um segundo para entender.

Ela torceu o nariz. — Sem a granel para você, em?

Dei de ombros. — Pode me chamar de antiquado, mas eu gosto de dar às minhas companheiras um bom tempo que não inclui passeios com segundas intenções ou viagens inesperadas à farmácia.

---

[67] No Inglês, *to come*, pode significar vir, chegar, e também, gozar. No contexto acima, o sentido da frase na língua inglesa seria: Você gostaria de gozar dentro?

— Um cavalheiro tão bom.

— Foi o que me disseram.

— E pensar que sempre achei você um idiota mal-humorado.

— Eu sou.

— Não comigo.

Ela não estava errada. Talvez fosse por isso que eu não conseguia ficar longe dela, mesmo quando todos os ossos do meu corpo (exceto o meu pau duro) implorassem.

— Você me lembra de como eu era antes. — Eu fingi limpar a poeira invisível da minha Ducati para fazer algo com minha mão.

— Antes do que?

— Antes de tudo.

Olhamos um para o outro. O sino da igreja tocou ao longe. Ela tirou o boné, segurando-o entre os dedos no colo. Mesmo que nenhuma palavra tenha sido dita, eu sabia que ela estava me convidando para entrar.

Eu dei um passo. Em seguida, outro. Ela não me impediu.

Quando cheguei perto dela, meus dedos tocando os dela através de nossos sapatos, estávamos ambos sem fôlego.

— Não sei o que estamos fazendo, — ela resmungou, erguendo o rosto. Foi o máximo que eu já vi de seu rosto. Ainda cheio de maquiagem, mas sem o boné, o sol afundando suas garras em sua pele.

Peguei suas mãos nas minhas.

— Vamos descobrir juntos.



Era a primeira vez que entrava no quarto da Grace. Sua avó estava sentada na frente da TV, meio cochilando, meio xingando o VH1[68] por suas escolhas ruins de videoclipes. Ela parecia tão estática quanto o som vindo do monitor, mas apontar isso para Grace parecia contraproducente. Não apenas pela *salsicha* cheia de sangue entre minhas pernas, mas também porque Tex parecia inflexível em não enviar a Sra. Shaw para uma casa de repouso.

O quarto da Texas era exatamente o que eu esperava de Grace Shaw antes de suas cicatrizes: paredes cor de pêssego cheias de fotos dela com a avó e grupos de amigos sorridentes e saudáveis. Linho branco integrado, pompons e ingressos para peças e filmes que ela assistiu pregados em um quadro

[68]Canal de televisão por assinatura americano de música e entretenimento.

junto com cartas manuscritas. Não me escapou que seu quarto estava em boas condições e provavelmente refeito depois do incêndio.

Ela queria continuar sendo a pessoa que era antes.

Esperava que fosse esse o caso, o que tornava sua tragédia muito mais dolorosa.

Grace Shaw era exatamente o oposto de mim.

Eu rasguei tudo o que se parecia com a minha vida antes da tragédia. Ela se agarrou à dela pela sua preciosa vida, recusando-se a desistir.

Fiquei no quarto dela, esperando que ela subisse, enquanto checava a Sra. S. Ela apareceu na porta segurando dois copos de chá gelado. Eu não sabia quando ou como, mas ela conseguiu colocar ainda mais maquiagem no rosto entre a hora que voltamos para casa e agora.

Parecia que ela tinha um rosto extra, e eu não conseguia imaginar que fosse melhor do que o real. Além disso, aquele maldito boné estava de volta.

Ficamos ali, olhando um para o outro.

— Oi, — ela disse novamente, nervosa. — Maine.

— Texas.

— O que você acha do nosso clima?

De que diabos estávamos falando? Eu tinha apenas meia certeza.

Engoli. — Está muito bom.

Eu dei um passo mais perto.

Ela ficou parada.

Eu dei outro passo mais perto.

O inchaço de seus seios aumentou quando sua respiração engatou. Eu estava latejando tanto que senti a pulsação no meu pau.

Estendi a mão para ela, jogando seu boné no chão.

Eu me senti como aquela música de John Mayer que eles tocaram até a morte no rádio alguns anos atrás, “Slow Dancing in a Burning Room[69]”.Tudo era urgente, mas dolorosamente lento.

Estávamos cara a cara agora. Ela não recuou. Eu segurei seu queixo entre o polegar e o indicador, inclinando sua cabeça para cima.

— Confia em mim?

Ela assentiu com a cabeça, sua garganta balançando. Eu peguei seus lábios em um beijo intenso. Foi profundo, lento, metódico e diferente de todos os beijos que já tive. Eu

[69] Dança lenta em um quarto em chamas.

enrolei meus dedos sobre a bainha de sua camisa, puxando-a para perto, até que estivéssemos colados um no outro.

Grace me beijou de volta, ofegante, tentando recuperar o fôlego. Quando seus dedos se atrapalharam com meu zíper, levantei sua camisa, um centímetro de cada vez. Eu não estava nervoso com o que estava esperando embaixo dela. Mas eu sabia que ela não sentia o mesmo.

Quando eu levantei sua blusa até as costelas, Texas impediu minhas mãos de subirem, batendo uma das minhas mãos para longe. Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição. Ela interrompeu o beijo, dando um passo para trás.

— Desculpe. — Ela deu uma risadinha. — Talvez... — Ela abraçou a barriga, encostando timidamente a bochecha esquerda no ombro. — Talvez possamos fazer isso apenas com nossas roupas? Quero dizer, você pode tirar a sua. E vou tirar minhas calças, obviamente... — Ela fechou os olhos, ficando vermelha como uma beterraba sob a maquiagem. — Você não vai se importar, certo? Eu acho que você mal tem tempo de despir suas trepadas no Plaza...

— *Não*, — eu lati, sentindo minhas narinas dilatando. — Não tem comparação.

Ela estremeceu.

Decidindo mudar de tática, tirei minhas botas e depois as meias. Eu puxei minha calça jeans e cueca de uma vez, parando em seu quarto completamente nu da cintura para

baixo. Só eu e minha ereção furiosa, nós dois olhando incisivamente para ela.

Seus olhos se arregalaram.

— Umm, ok? Isso foi repentino...

— Tire a camisa, baby, — eu ordenei em um rosnado baixo. Um tom com o qual eu estava familiarizado. Ela estreitou os olhos para mim.

— Eu disse que isso me deixa desconfortável. Por que você insiste nisso?

— Porque você tem a impressão de que tudo o que eu vou ver será um desânimo para mim, e que melhor maneira de provar o quão enganada você está do que mostrando a você. — Eu apontei para meu pau latejante. Estava roxo e inchado. Tão ereto, que eu duvidava que ainda tivesse sangue em outras partes do meu corpo. Inferno, se eu cortasse meu pulso, provavelmente sangraria osso.

— Esse não é um experimento do qual eu gostaria de participar.

— Então, eu acho que você vai ter que se tocar para gozar. — Eu me agachei. Sim, sem minhas malditas calças, fazendo um show ao pegar meu jeans.

— Espere!

Eu congelei no meio da ação, sorrindo para mim mesmo com minha cabeça baixa.

— Você não vai...não vamos fazer isso se eu não mostrar minhas cicatrizes?

Endireitei minha coluna, lambendo meus lábios, enquanto tirava minha camisa, agora de bunda nua. Assim era melhor. Nada parecia tão afeminado do que ficar parcialmente nu na frente de alguém (embora a compra de um ingresso de exibição do meio-dia para um filme de Kate Hudson tenha chegado perto).

As coisas que essa garota me faz fazer.

— Está certo. Olho por olho. Estou nu. Você nua. Essa é a equação.

Ela olhou para o teto, balançando a cabeça. — Não é bonito. Meu lado esquerdo, de qualquer maneira.

— Cada parte de você é lambível. Nada vai mudar isso. Especialmente suas cicatrizes de batalha. Agora, fique nua antes que eu desmaie por falta de sangue.

Ela hesitou antes de tirar a camisa em um movimento rápido. Ela desabotoou o sutiã, em seguida, fechou os olhos com força, estremecendo, enquanto esperava meu veredicto, parada muito imóvel na minha frente.

Eu acariciei meu pau, bebendo cada centímetro de seu torso. Sua barriga era plana, seus seios em forma de pêra e saltitantes. Seus mamilos eram minúsculos, perfeitos para minha boca, e duros. O lado esquerdo de seu corpo estava

marcado pelo fogo. Manchas irregulares de vermelho e roxo cobriam sua pele como uma pintura.

Tudo sobre ela era doce, suave e fodível ao extremo.

Avancei em sua direção, enquanto seus olhos estavam fechados. A cada passo que eu dava, sua respiração ficava mais superficial, até que eu estava ao lado dela.

Ela parou de respirar.

Eu também.

Abaixei-me, tomando o mamilo de seu seio esquerdo marcado entre meus lábios e chupando-o profundamente em minha boca. Ela gemeu, suas mãos disparando para agarrar minha cabeça. Deixei cair minha testa contra sua clavícula, meu pau pulsando entre nós, implorando para entrar em ação.

Calma, garoto. Ainda não.

— Se você contar a alguém sobre isso, eu vou te matar. — Ela me puxou para mais perto de seu mamilo irregular. Um tom mais escuro que o direito saudável e alguns centímetros maior devido ao tecido da cicatriz. Eu dei a ele o tratamento devido. Beijei e lambi e puxei suavemente com meus dentes, passando a ponta da minha língua ao redor da aréola e soprando nela. Ela estremeceu, empurrando seus seios na minha cara. Seu corpo inteiro estava arqueado e pronto.

— Sobre o quê? Sua cicatriz ou chupar seus seios? — Mudei-me para o outro mamilo — normal. — Eu estava meio agachado e meus quadríceps estavam em chamas. Mas eu queria que ela visse o quanto ela me excitava. O que me lembrou...

Peguei sua mão livre, a que não tentava arrancar meu cabelo, e circulei ao redor do meu pau.

Ainda duro como uma rocha e igualmente inteligente, considerando que fiz uma promessa de merda que definitivamente vou quebrar.

— Ambos, — ela resmungou. — Senhor, você está tão duro.

— Você é tão bonita. E tão louca *pra* caralho, — eu murmurei para sua carne, agora alternando entre seus seios, beijando e massageando, conhecendo-os.

Nós vamos nos tornar melhores amigos, senhoras, meus beijos diziam. *E passar muito tempo juntos.*

Eu a levantei para que suas pernas enrolassem em volta da minha cintura e a carreguei pela bunda para sua cama de solteiro. Eu a coloquei no colchão, não interrompendo o beijo enquanto desabotoava seu jeans. Ela acariciou meu pau, para cima e para baixo, com as mãos inseguras, mas ansiosas. Eu me perguntei quanta experiência ela teve na cama. O fato de ela não ser virgem não significava merda nenhuma. Eu não sabia nada sobre o ex-namorado dela,

exceto o fato pouco promissor que ele não tinha ficado por perto depois do incêndio.

Ele estava – você adivinhou – na minha lista crescente de pessoas para matar se eu enlouquecesse.

Grace chutou seu jeans pelos tornozelos. Eu acariciei o contorno de sua boceta sobre sua calcinha de algodão branco, um estremecimento violento percorrendo meu corpo.

Então essa era a sensação de estar com tesão. Devo ter confundido entediado e inquieto com desejo até agora, porque nada que eu já experimentei chegou perto desse momento.

Sua mão se moveu mais rápido sobre meu pau. Eu puxei sua calcinha para o lado, mergulhando um dedo, enquanto beijava um caminho em sua garganta. *Encharcada.* Comecei a enfiar dois dedos nela, trabalhando-a, sabendo que não poderia manter as preliminares por muito mais tempo sem gozar.

Sua boca quente estava na minha mandíbula, sugando e beliscando. Minha língua estava em suas cicatrizes novamente, lambendo, mordendo. Eu fui duro. Eu estava confiante. Eu não a tratei como uma boneca de porcelana. Uma coisa preciosa e frágil para ser tratada com cuidado e piedade.

Eu a tratei como alguém que eu queria foder até que meu pau caísse.

Ela gemeu: — Mais.

Eu deslizei outro dedo dentro dela, bombeando, enquanto seus murmúrios ficavam mais altos. Mais gananciosos. Ela tirou a mão do meu pau e agarrou sua cama, empurrando o rosto em seu travesseiro para abafar um pequeno grito, seus quadris resistindo na minha mão, exigindo mais.

— West, por favor.

— Por favor, o quê? — Lambi meu caminho até seu umbigo, mergulhando minha língua em seu interior perfeito. Minha boca encheu de água quando o cheiro dela se tornou mais proeminente. Eu queria meus lábios em cada centímetro dessa garota, então da próxima vez que a visse, eu poderia olhar para ela e pensar – *eu sei qual é o gosto dela. Em toda parte.*

— Se não fizermos isso agora, posso explodir, — disse Grace.

— Vou poupar você da viagem ao pronto-socorro.

Fiquei de joelhos, tirei minha carteira do bolso de trás da calça jeans descartada no chão, peguei um preservativo e rasguei o pacote, protegendo-me, enquanto uma de minhas mãos acariciava seu seio marcado. Por alguma razão, isso me atraiu ainda mais do que seu lado branco leitoso. Isso me excitou, vendo o quanto ela tinha passado. Como ela voltou balançando, forte e agressiva. Uma sobrevivente.

Afundei de volta, meu corpo envolto em todo o seu estilo missionário, inclinando meu pau em direção ao seu centro. Eu dirigi um centímetro de cada vez, assobiando a cada fração de movimento. Ela segurou minha cintura, prendendo a respiração. Nós dois observamos enquanto eu entrava. Ela estava quente, molhada e malditamente confortável.

Juro por Deus, eu nunca quis estar em Texas mais do que naquele momento.

Foi só quando cada centímetro do meu pau estava dentro dela que olhei de volta para seu rosto e a vi mordendo o lábio inferior, sufocando uma risadinha.

O que... não era o MO[70] usual para garotas que estavam sob mim.

Eu fiz uma careta. — Algo engraçado?

— Você. — Ela balançou a cabeça, seu rosto brilhando com malícia. — Parece que você está em uma missão. Você deveria se ver. Tão focado. Tão concentrado.

Eu olhei para ela, sem saber como reagir.

— Quando eu vi sua, eh, *coisa*, no truck, eu estava noventa e nove por cento certa de que nunca o queria dentro de mim. Parecia muito grande. Muito ameaçador. Mas você me faz sentir tão confortável. Obrigada.

---

[70]Modus operandi é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

Abaixei minha cabeça em seu ombro, dando-lhe um beijo rápido. Essencialmente, ela tinha acabado de dizer que meu pau não era *tão* grande.

— Pare de falar, — eu ordenei.

— Por quê? Você é tão adorável.

Ela me chamou de adorável enquanto eu estava *dentro* dela. Eu alguma vez me recuperaria?

— Vai se foder, — eu gemi.

— Por favor, faça.

— Agora.

Comecei a me mover dentro dela. Puta merda, ela era incrível. Sexo sempre era muito bom. Mas com Texas, não era apenas melhor, era... *diferente*. Nos encaixávamos.

Com cada impulso, eu sentia minhas bolas apertando e formigando, meu pau latejando e pulsando. Ela estremeceu em meus braços, e eu sabia que ela estava perto também.

Vamos, Tex. Goze antes de mim.

Eu me perguntei desde quando eu me importava. Eu não era um idiota completo. Certificava-me de que era bastante bom para a pessoa com quem eu estava. Oral à parte, marcava todas as caixas – preliminares, dedilhando sua boceta como se fosse um violino, beijos em pontos sensíveis, etc... etc... Mas nunca me importei se elas

atingissem o grande O. Não enquanto eu soubesse que as clientes satisfeitas me recomendariam a suas amigas.

Com Texas, eu me importava.

— West. Oh. Senhor. — Ela agarrou meu rosto e abaixou minha cabeça. Eu a beijei rudemente, meus dedos encontrando seu clitóris entre nós e esfregando em círculos.

Goze, ou terei que morrer de envenenamento por esperma.

— Você está perto? — Eu gemi.

— Eu estou... — ela começou, mas então se encolheu, congelou, e todos os músculos de seu corpo ficaram tensos como se ela estivesse tendo um derrame. Ela apertou em torno de mim com tanta força que o resto do meu corpo não teve voz no que aconteceu a seguir. Senti meu esperma disparando na camisinha, enquanto experimentei o orgasmo mais intenso que já tive.

Ela teve um espasmo em volta do meu pau.

— Gozando.

Obrigado. Porra.

— Eu também, baby. Eu também.



Grace

Eu fiz sexo.

Com um cara.

Aqui estava o verdadeiro chute – eu gostei. Eu até cheguei ao clímax uma vez.

Tudo bem, duas vezes.

Tudo bem, *três vezes*.

Quem teria pensado?

Não eu, isso era certo. A necessidade carnal em mim de sentir outro corpo contra o meu, quente e vivo, explodiu como uma granada de mão no minuto em que West colocou seus lábios no meu mamilo marcado e nem mesmo pestanejou.

Fui na ponta dos pés até a sala de estar, com uma camisa grande depois de passar as últimas três horas com West. Levamos dez minutos para nos recuperar antes de nos atacarmos novamente depois daquela primeira vez. Eu suspeitava que poderíamos ter passado a noite toda se não fosse por West ficar sem preservativos.

Vovó estava dormindo no sofá, roncando baixinho, seus lábios apertados em severa desaprovação. Eu peguei a

pequena mulher como se ela fosse uma criança, carregando-a para seu quarto. Provavelmente era um visual estranho para alguém de fora, mas eu me acostumei com o passar dos anos.

Savannah Shaw tinha a qualidade infantil de não acordar quando era colocada na cama. Eu fazia isso há um tempo. Mesmo antes de a vovó começar a perder o contato com a realidade. Quando ela ainda tinha dois empregos para nos sustentar. Ela sempre adormecia no sofá. No começo, eu a acordava para que ela pudesse ir para a cama – nosso sofá era estreito, esfarrapado e coçava – mas ela sempre acordava e acabava limpando a casa, lavando a louça ou dobrando a roupa. Com o tempo, aprendi a arte de carregá-la para o quarto e colocá-la na cama.

Depois de colocar a vovó em sua cama, voltei para o meu quarto. Estava escuro, quente e úmido, o cheiro de sexo e homem pairando no ar. Os copos de chá gelado que eu trouxe horas atrás permaneceram intocados, emoldurados por pequenas poças de suor na minha mesa de cabeceira. West estava esparramado na minha cama, com os braços atrás da cabeça, os olhos treinados no meu teto, que tinha sido pintado recentemente quatro anos atrás. Ele estava sem camisa, suas partes inferiores cobertas ao acaso com meu cobertor. Tirei uma foto mental dele assim, em meu território, calmo e contente.

Meu instinto não me deixava acreditar que esse momento perfeito duraria.

Ele deu um tapinha em um espaço invisível ao lado dele. — Junte-se a mim, Tex.

— Você não está deixando muito espaço. — Corri meus olhos ao longo de sua estrutura. Um sorriso preguiçoso se espalhou por seu rosto.

— Acho que você vai ter que ficar em cima de mim, então.

Ainda era alucinante para mim que ele enxergou além das minhas cicatrizes. Claro, ele não tinha visto a verdadeira extensão de sua feiura sob minha maquiagem, mas elas ainda estavam lá, mesmo assim. Eu deslizei em cima dele, prendendo sua cintura com minhas coxas, apertando, enquanto eu esfregava sua ereção através do meu cobertor.

Ele gemeu, massageando minhas nádegas.

— Tenho certeza de que meu pau tem marcas de derrapagem neste momento. Está pronta para uma quarta rodada?

— Ficamos sem preservativos. — Eu ri.

— Eu vou sair.

— Você está louco?

— De tesão. O que deve ser tecnicamente o mesmo, porque nunca sugeri isso em toda a minha vida.

— Não vamos fazer isso.

— Por que não? Serei rápido.

— Você está realmente vendendo isso para mim. — Eu revirei meus olhos.

Ele riu. — Rápido para puxar, não para terminar.

Corri a mão sobre sua testa, bochechas e queixo, inclinando-me para beijar a ponta de seu nariz. Ele era perfeito. Cada parte dele. Sem marcas, suave e marcante.

— Faremos de novo em breve. E estaremos seguros sobre isso, — eu sussurrei.

— Prometa, — ele exigiu, cobrindo minhas mãos com as dele em seu peito para que eu não pudesse me mover. Eu pensei sobre a promessa que ele me fez mais cedo esta noite. Para nunca quebrar minha confiança.

— Prometo. — Eu sorri.

Nós nos aconchegamos depois disso. Deitei em cima dele, pele a pele, minha orelha pressionada contra seu peito, ouvindo o tamborilar constante de seu coração. Achei que ele tivesse adormecido quando o quarto escureceu.

Então, ele falou.

— Você vai me contar o que aconteceu com você? E não, não estou perguntando porque vi suas cicatrizes hoje. Estou perguntando porque você age como se nunca tivesse acontecido, mas deixa essa merda definir você. *A. Cada. Dia.*

Minha respiração ficou presa em meus pulmões. *Aqui vamos nós.*

Foi uma das razões pelas quais não me aproximei de ninguém desde o que aconteceu. Evitando as perguntas, as confissões, a verdade feia por trás das cicatrizes ainda mais feias. Mas West não merecia um pouco de honestidade depois de tudo que passamos?

Ele fez uma promessa para mim, embora tivesse jurado nunca fazer isso.

Eu abri minha boca, sem saber o que sairia dela.

— Ninguém sabe exatamente o que aconteceu na noite do incêndio.

Seu peito flexionou sob a minha cabeça, como se eu tivesse tirado o ar dele.

— Os rumores pela cidade se espalharam como um incêndio, mas nada foi confirmado, e eu gostaria de manter assim. É por isso que eu não anuncio.

Além disso, reviver a pior noite da minha vida não era exatamente meu passatempo favorito.

Girei o anel de chamas em meu dedo, observando-o atentamente e, de repente, odiando-o com paixão.

Odiar Courtney por nunca ter me dado isso pessoalmente.

Por não estar presente quando as ataduras foram retiradas.

Por não assumir a responsabilidade pelo que ela criou – *eu*.

West acariciou meu cabelo. Minhas mechas amarelas e douradas espalharam-se por sua pele bronzeada. Estava lindo. Como o pôr do sol.

Ele deveria se casar com uma loira. O pensamento veio do nada, obstruindo minha garganta. *Como quem, você?*

— Não há notícias, e não há reconhecimento de que alguma vez aconteceu. Eu te conheço há meses e você não mencionou isso, — disse West.

Eu fechei meus olhos. — O que você quer saber?

— Tudo. Eu quero saber tudo, Tex.

Mais uma pequena respiração.

Um último beijo em seu peito.

Então eu mergulhei nisso, dizendo a ele o que apenas Karlie e Marla sabiam.

— Era só mais uma noite. Uma terça-feira, na verdade. Sempre me surpreende como os dias que remodelam e mudam nossas vidas para sempre, começam tão comuns e despretensiosos. A vovó estava trabalhando em dois empregos na época. Seu trabalho diurno era em uma

lanchonete em uma escola secundária na cidade, e seu trabalho da tarde era ajudar no supermercado local. Mas ela ainda insistia em cozinhar para mim refeições caseiras e estar lá para meus shows de líder de torcida e minhas peças. Ela estava exausta. E esquecida. Todo o maldito tempo.

Respirei fundo, empurrando através dos detalhes. Foi como subir uma colina no meio de uma tempestade de neve.

— Eu tinha um namorado na época. Seu nome era Tucker. Ele era um jogador de futebol. Popular, bonito, vem de uma família boa e conhecida aqui em Sheridan. Ele passou a noite naquele dia. Ele passava a noite muitas vezes, mas quando vovó voltava para casa, ele escapava pela janela do meu quarto, então quando ela me acordava de manhã com waffles, ele não estava lá enrolado em mim. Ela o chamava de *polvo*, — lembrei, com um pequeno sorriso nos meus lábios. — Desde o dia em que ela o encontrou na minha cama, nossos membros emaranhados.

— Podemos pular as partes em que outros caras tocam em você, — West resmungou.

— A janela estava enferrujada, então fazia um som crepitante com o qual eu me acostumei.

Eu o senti assentindo, mas ele não disse nada. Meu peito doeu. Cada palavra que passava pela minha boca era como mastigar e engolir vidro.

— Eu estava dormindo quando aconteceu. Vovó voltou para casa, provavelmente tarde da noite. Ela preparou um gim-tônica para si mesma, acendeu um cigarro e sentou-se no andar de baixo. Terminou a bebida e subiu para o quarto.

— A pior parte foi que ouvi o som crepitante, depois que a brasa do cigarro pegou e se moveu pelo sofá, mas eu estava tão cansada que pensei que era o som da janela quando Tucker saiu furtivamente, sem saber que ele havia saído uma hora antes da vovó voltar para casa.

A memória era fresca e real, o cheiro do fogo assaltou minhas narinas, meus pulmões se enchendo de fumaça preta. Eu conseguia ver o que aconteceu a seguir nitidamente por trás das minhas pálpebras. Eu abri meus olhos no escuro, meu coração galopando contra o peito de West. Ele prendeu o braço nas minhas costas, pressionando-me tão profundamente contra ele que pensei que iria me fundir em seu corpo.

— Eu só percebi o que estava acontecendo quando comecei a tossir. Sentei-me na cama e olhei em volta. Algo estava errado. A fumaça saía pela fresta da porta. A sala não estava tão enevoada, mas as nuvens que se infiltravam por baixo da porta eram escuras e quentes. Pulei da cama e chamei a vovó. O quarto dela ficava no final do corredor. Saí do meu quarto e vi que o fogo atingiu o segundo andar. Estava dançando na escada de cima. Eu juro que parecia que estava me provocando, West. — Minhas palavras tropeçaram umas nas outras. Uma lágrima solitária e gorda rolou pela

minha bochecha, caindo em seu peito nu. No segundo em que atingiu sua pele, ele gemeu, quase como se tivesse sugado toda a dor de mim e sentido em seus ossos.

Seus lábios roçaram o topo da minha cabeça. — Você não tem que continuar.

Mas eu queria. Pela primeira vez, eu queria tirar isso do meu peito. Para me limpar do fardo de saber a verdade e mantê-la longe do mundo.

Eu respirei novamente, lutando.

— Eu corri para o quarto da vovó e a arrastei para fora. Não podíamos pular. Havia roseiras diretamente sob sua janela, e vovó tinha um problema no quadril. Além disso, ela estava dormindo profundamente. Eu a protegi com meu corpo, envolvi-a como um cobertor humano e depois voltei para o corredor. Quando saímos de seu quarto, o segundo andar começou a desabar, como uma pilha de cartas. Uma parte da parede caiu em cima de mim. Ela pressionou contra meu lado esquerdo. Duro. Por alguns segundos, não consegui me mover. Fomos esmagadas contra uma prancha de madeira e a prancha estava em chamas. Eu senti meu rosto, meu ombro, meu braço derretendo. Eu tinha certeza de que era isso para mim. Que eu já estava morta.

Outra lágrima caiu em seu peito. Lembro-me de pensar que morrer ainda tinha alguma vida nisso. Eu ainda podia ouvir coisas e sentir dor.

— Eu desmaiei. Provavelmente por causa da adrenalina e da dor. O que me acordou foi a vovó. Ela estava bem acordada e gritando loucamente, esmagada debaixo de mim, mas segura em meus braços. Sua voz me colocou em ação. Eu queria salvá-la, não importa o custo, como ela me salvou quando minha mãe...

Deixou-me em sua porta.

Fugiu com seus amigos drogados, nunca olhando para trás.

— Eu agarrei a vovó com o resto da minha força e tirei nós duas. Lembro o que fiz quando finalmente saímos de casa. Exatamente quando começou a dobrar-se sobre si mesma, como nos filmes, as chamas dançando tão alto que fizeram cócegas no céu. Eu rolei na grama, gritando. Estava úmido do orvalho e acalmou minha pele ardente. Àquela altura, havia algumas ambulâncias e caminhões de bombeiros estacionados em frente à nossa porta. Minha queda teve uma audiência. Todos saíram de suas casas para assistir. Incluindo a Sra. Drayton, que saiu com seu filho de três anos, Liam, agarrado em seus braços. Ele perguntou em voz alta: '*Mamãe, por que Grace cheira à torrada*?'

Fechei meus olhos novamente.

Seu peito cedeu sob mim.

Tostada.

Foi assim que o nome pegou. Eden Markovic ouviu Liam dizer isso e passou para Luke McDonald, que contou a todos os seus amigos, que contou aos pais, que contaram a todos na igreja.

Mesmo quando eles não disseram isso na minha cara, eles ainda disseram nas minhas costas. Eu sabia que cada pessoa em Sheridan ouviu a história de como eu rolei na grama como um cachorro no cio, gritando como uma louca, enquanto meu rosto derretia na frente de uma plateia.

A queda desfigurada de Grace Shaw, que quase escorregou das garras mortais do futuro ferrado que sua mãe lhe dera. *Quase*.

— Texas... — A crueza no tom de West me tirou de reviver aquele momento.

Eu balancei minha cabeça. Eu não havia terminado.

— Quer saber a pior parte? — Lambi as lágrimas salgadas em volta da minha boca.

— Eu pensei que já soubesse.

Eu sorri amargamente. Ele não tinha ideia.

— Quando a vovó acordou no hospital, ela estava muito confusa. Ela não se lembrava de nada. Nem mesmo a parte em que a tirei do fogo. Não acho que ela tivesse demência naquela época. Acho que ela apenas apagou, ou talvez tenha sido a primeira gota de chuva no que se tornaria uma

tempestade. De qualquer forma, eu estava nos aparelhos e inconsciente quando perguntaram a ela o que aconteceu... — Eu parei, me forçando a não quebrar. A não gritar.

Eu não estava lá quando ela deu a eles sua versão da história.

Eu estava ocupada lutando por minha vida, enquanto meus órgãos internos falhavam, alguns quartos abaixo do dela.

— Quando lhe perguntaram o que aconteceu, ela disse que a neta deve ter tentado fumar um dos cigarros dela e deixado sem vigilância lá embaixo. Ela não se lembrava de ter causado o incêndio. Ainda não se lembra. Ela acha que foi minha culpa. E... bem, eu a deixei pensar isso, porque não importa. Quando acordei, todos já estavam decididos e a seguradora aceitou sua versão das coisas. Era um trato feito. O incêndio foi minha culpa.

Essa foi a história que vovó contou à Sheridan, e os habitantes da cidade a engoliram.

Grace Shaw, filha de Courtney Shaw, a infame e falecida viciada, brincou com fogo e se queimou. Afinal, ela deve ter herdado o gosto da mãe para problemas.

— Realmente, foi culpa dela por experimentar os cigarros da avó. Que tipo de criança faz isso?

— Uma totalmente irresponsável. E tirou seu melhor trunfo – sua beleza!

— Experimente único trunfo. A pobre Savannah Shaw não consegue fazer uma pausa. Primeiro, sua filha. Agora, sua neta. Ela não é nada menos que uma santa, mas as duas se deram mal.

Eu ouvi tudo.

Com meu boné, minhas roupas enormes e minha cabeça baixa, eu mal era reconhecível. Completamente invisível. E difícil de perder quando você saia pela cidade, ansiosa para fofocar.

Eu morava em uma cidade que odiava, entre pessoas que desconfiavam de mim, sem chance de escapar, porque precisava cuidar da minha avó – que havia iniciado o incêndio pelo qual ela me culpou.

West segurou minhas bochechas – mesmo a manchada – e me forçou a olhar para ele.

Pisquei para afastar as lágrimas, prendendo a respiração, enquanto esperava seu veredicto.

Ele beijou minha testa, seus lábios demorando em minha pele, então disse a coisa mais estúpida, ultrajante, linda, horrível e comovente que alguém já me disse.

— Agradeço que a terça-feira tenha corrido assim. — Sua voz estava áspera. Grossa. — Porque o pior dia da sua vida me deu a melhor versão de *você.*



Quatorze

Grace

No dia seguinte, eu andei todo comprimento da Lawrence Hall[71] em direção à cafeteria, abraçando meus livros contra o meu peito. Pensei em como era estranho que tantas coisas tivessem acontecido na mesma semana.

West havia começado a trabalhar no food truck.

O ensaio de *A Streetcar Named Desire* havia começado.

E como nosso auditório da universidade estava em construção antes do grande show, cinquenta por cento das minhas aulas haviam sido transferidas para Lawrence Hall – onde West passava a maior parte do tempo – até o final do semestre.

Normalmente, eu não o teria visto com muita frequência. Estávamos em lados opostos da universidade, em diferentes edifícios, em diferentes cafeterias, até mesmo em diferentes seções dos parques.

---

[71] Edifício do Campus.

De repente, nossas vidas estavam entrelaçadas em todos os lugares.

Um braço serpenteou pela abertura estreita do banheiro masculino, puxando-me para dentro.

Minhas costas bateram na parede com um baque.

O rosto de West apareceu na minha visão. Ele me encurralou, correndo seu nariz ao longo do meu, seu hálito quente flutuando no meu rosto.

— Texas Shaw. Que bom ver você aqui.

— Bem, você *me* arrastou aqui. — Eu agarrei meus livros contra o peito com mais força, ainda sem saber se estava encantada ou irritada com seu gesto. Ontem, depois que a névoa pós-orgasmo se dissipou e West pegou suas coisas e saiu, eu me perguntei o que diabos eu estava fazendo. O que éramos?

Um casal?

Amigos com benefícios?

Um erro lindo, detestável e colossal?

Eu dei a ele acesso a tudo meu – segredos, corpo, pensamentos mais profundos e sombrios – e eu nem sabia onde estávamos. Isso me irritou. Uma parte de mim queria reivindicá-lo como meu, mas a outra me avisou que eu não estava pronta para a fofoca que vinha com isso. Para as perguntas, sussurros e dúvidas, quando o mundo, sem

dúvida, me lembraria que o melhor de Sheridan nunca se contentaria verdadeiramente com sua pior cidadã.

Os lábios de West travaram nos meus. Ele resmungou em minha boca enquanto abria meus lábios, enfiando sua língua dentro. Eu choraminguei, meus livros caindo nos ladrilhos entre nós. Uma onda quente de prazer se acumulou em meu útero. Senhor, o homem sabia usar a língua.

Quando ele se afastou, demorei alguns segundos para encontrar minha voz novamente.

— Você me deve três livros. Eu não vou pegar isso.

Ele olhou para baixo e riu, chutando-os de lado.

— Aí.

— Como posso ajudá-lo, St. Claire?

— Ora, estou feliz que você perguntou. Me chupe depois de nosso turno esta noite, — ele disse rapidamente.

— Não posso. Tenho que procurar cuidadores para a vovó.

Ele me deu um olhar que eu não gostei. Foi o mesmo olhar que Marla e Karlie me ofereceram. Aquele que me disse que eu precisava olhar a realidade nos olhos e começar a procurar casas de repouso. Eles eram mais baratos a longo prazo, elas acomodariam sua situação, forçariam ela a se medicar e ela levaria um estilo de vida mais ativo. Eu sabia

de tudo isso, mas não pude evitar o medo de que ela nunca me perdoasse.

Não era o que ela queria.

Pelo menos, não era o que ela *pensava* que queria.

— Eu vou te ajudar.

— Você irá? — Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Certo.

— Por que?

— Por que? — Ele bateu nos lábios, inclinando-se para o meu espaço pessoal, fingindo pensar sobre isso. — Porque eu quero passar um tempo com você. De preferência na horizontal.

Eu soquei seu ombro. Ele fingiu tropeçar para trás, segurando seu ombro— ferido.

— Horizontal, hein? — Eu revirei meus olhos.

— Vertical também. Como estão suas habilidades orais?

— Você não vai descobrir tão cedo. Olho por olho, lembra? — Eu mexi minhas sobrancelhas, sentindo-me tão normal que meu coração inchou. Ele cambaleou de volta para o meu lado, deslizando a mão por baixo da minha camisa e massageando meu seio esquerdo, arrastando a boca da minha clavícula até o pescoço.

— Falando em seios[72], eu senti falta delas.

— Tão romântico.

— Eu posso ser qualquer coisa que você quiser que eu seja. — Ele sorriu maliciosamente. — Além de um unicórnio. Eu não posso ser isso.

E realmente meu, pensei amargamente.

Saí cambaleando do banheiro masculino, parando no banheiro feminino para aplicar a maquiagem que ele provavelmente estragou em sua busca para mordiscar meu rosto, depois fui para o refeitório, à procura de Karlie.

Minha melhor amiga estava sentada com um monte de amigos nerds dela, agachados sobre grossos livros, discutindo acaloradamente sobre algo. West estava três mesas abaixo, com Easton, Reign e a equipe de futebol. Acho que tudo estava bem entre West e Easton, agora que o último estava fora de cena e West e eu estávamos finalmente acontecendo.

Easton levantou a mão e piscou para mim com bom humor.

Reign olhou para o outro lado, evitando meu olhar.

E West? Ele me ignorou totalmente.

---

[72] Em Inglês, Tit for Tat, significa olho por olho, mas tit também pode significar seios, tetas.

Eu me movi rapidamente, deslizando para o assento ao lado de Karlie, dando um aperto em seu braço e ignorando a pontada de decepção em meu peito. Ele nem mesmo disse oi.

— Ei, Karl! Tendo um bom dia?

Ela começou a falar, enquanto eu olhava furtivamente para West. Ele não estava olhando para mim. Ele estava conversando com Tess, que estacionou o quadril em sua mesa, batendo papo, enquanto jogava os cabelos negros.

Ele não é seu namorado, meu cérebro me lembrou.

Meu coração, porém, não quis ouvir.



West e eu rapidamente caímos em uma rotina.

Durante o dia, estaríamos na faculdade, agindo como se não existíssemos um para o outro. Tanto que as pessoas pararam de se perguntar se eu estava sob sua proteção e, a julgar pela nossa cena na noite em que apareci no clube da luta, começaram a falar sobre como éramos arqui-inimigos. Isso me tornou ainda menos popular – agora eu era, oficialmente, a idiota que ficava do lado ruim de West St. Claire – mas agora ninguém poderia acusar West por chamar a atenção para mim.

Eu sabia que era exatamente o que eu tinha pedido a ele e, ainda assim, não pude deixar de odiar quando passamos um pelo outro, treinando nossos rostos para serem frios e inexpressivos. Então, novamente, a alternativa de as pessoas saberem sobre nós, e julgar, sussurrar e falar sobre o quanto eu não merecia a grandeza que era West St. Claire, não era realmente uma opção. Eu não precisava de um lembrete para o fato de que a maioria das pessoas não achava que eu o merecia.

Nos dias em que tínhamos turnos juntos, trabalhávamos, ríamos, conversávamos e depois íamos para minha casa. Ele entretinha a vovó, enquanto eu tomava banho, reaplicava minha maquiagem, lavava a roupa e preparava o jantar. Então, nós três comeríamos juntos antes de eu colocar a vovó na cama.

Vovó Savvy adorava West. Ele era charmoso, educado e entrava em qualquer lógica que ela tivesse. Se ela falasse como se ele fosse o vovô Freddie, ele jogava junto. Se ela reconhecesse que ele era West, o amigo de Gracie-Mae do food truck, ele seria ele mesmo. Um dia ele até fingiu ser o xerife Jones. Embora eu não tenha ficado impressionada quando ele tentou continuar sua farsa de xerife quando caímos na cama e começou a me dar ordens.

Após o jantar e colocar a vovó para dormir, West e eu nos trancávamos no meu quarto e explorávamos um ao outro. Às vezes éramos lentos e vagarosos. Às vezes rápidos e desesperados. Mas sempre nos agarramos um ao outro por

um longo tempo, e cada vez que nos despedíamos, eu olhava suas costas da minha janela, sabendo que ele estava levando uma parte de mim com ele.

West não fez nenhum esforço para esconder onde ele estava sobre a vovó. Ele queria que eu a colocasse em uma casa de repouso, mas reconheceu que não teria sucesso onde Karlie e Marla falharam.

Isso não o impediu de tentar, no entanto.

Ele colocava panfletos e catálogos para asilos em Austin e arredores na minha caixa de correio e na minha mesa. Duas vezes, ele pediu para usar meu notebook e deixou a janela aberta em um site para lugares que eram altamente recomendados para pessoas na condição da vovó. Sempre que conversava com Marla e West estava na cozinha, e ela me dizia que a vovó não queria sair de casa ou visitar um médico, ele me olhava.

Eu sabia que ele estava tentando ajudar. Eu estava ficando sem tempo para encontrar um substituto para Marla.

As sextas-feiras eram as piores.

Nunca fui às lutas dele. Duvidava que eles me deixassem entrar depois que ele perdeu a paciência comigo da última vez – mas, uma vez foi o suficiente. Vê-lo sangrar não era minha praia. Eu odiei, embora entendesse por que ele fazia isso.

Sexta-feira era a única noite que passávamos separados. Compensávamos isso todos os sábados, depois do trabalho. Eu me certificaria de beijar cada hematoma e vergão, passar um tempo extra lambendo suas feridas e adorando cada centímetro de seu corpo dolorido.

Eu estava me apaixonando por este homem guerreiro que lutava para colocar sua família de volta em pé. Literalmente.

Havia apenas duas coisas que tiravam minha alegria absoluta de tê-lo só para mim.

Um – eu ainda não sabia o que éramos. Onde estávamos.

E dois – comecei a me perguntar se ele me ignorou no campus porque eu pedi ou porque estava envergonhado. Uma coisa era brincar, chupar e morder minha pele estragada em particular quando estávamos no meu quarto, correndo seus dedos sobre minha carne esburacada enquanto ele batia em mim, gotas de seu suor escorrendo pela minha carne imperfeita, e outra era me assumir publicamente como sua garota.

Tentei dizer a mim mesma que West não era o tipo de cara que dá a mínima. Ele não poderia se importar menos com sua própria popularidade e o que as pessoas pensavam dele. Mas isso nem sempre funcionou.

Mesmo que isso me deixasse louca, não saber o que éramos, eu me recusei a perguntar a ele. Eu não queria ser uma *daquelas* garotas. Os tipos necessitados e submissos que se juntavam a ele com tanta frequência. Uma das razões pelas quais West se sentiu atraído por mim, em primeiro lugar, foi porque eu me recusei a me atirar nele como todo mundo nesta cidade universitária.

Quanto a ele me ignorando na escola? Por mais que eu odiasse, não queria que mudasse. Eu ainda não queria que as pessoas falassem sobre nós. Eu ainda estava com medo do tumulto que isso poderia causar.

A primeira dica de que éramos mais do que apenas amigos com benefícios veio em uma noite de terça-feira, de todos os dias. Eu estava falando ao telefone com nossa companhia elétrica por causa de uma conta não liquidada que eu sabia que já havia pago. Eu estava enfiada na cozinha, examinando a conta com o representante do atendimento ao cliente. Vovó continuou batendo no meu ombro, dizendo que queria que eu a ajudasse a entrar no chuveiro.

— Que tipo de filha você é, Court. Sua mãe está pedindo ajuda.

— Dê-me um segundo... ah, *mamãe*. — Eu acariciei sua mão distraidamente. West estava encostado na geladeira, observando-nos com os braços cruzados sobre o peito com indiferença. Ele odiava quando eu fingia ser minha mãe,

embora fingisse ser quem a vovó pensava que ele era a qualquer momento. Ele explicou que era diferente. Que ele não foi criado por ela, não se importava se ela se lembrava dele ou não.

— O quê? Não, eu não... isso não é verdade. Tenho o número de referência da transação. Claro que eu paguei.

— *Senhor, Courtney! Eu cheiro mal!* — Vovó estrondou sobre as palavras do representante na linha. — Ajude-me.

Eu estava ficando confusa. Não podia pagar a conta duas vezes. Vovó continuou lamentando em torno de mim, ficando na minha cara. Deixei cair minha testa no balcão da cozinha, fechando os olhos e respirando fundo.

— Espere um momento... mamãe, — murmurei, mais para mim mesma do que para a vovó. — *Por favor*.

— Vamos, Savannah, deixe-me ajudar. — West entrou, e eu me virei, meu telefone ainda preso entre meu ombro e orelha, olhando para ele com força, como se perguntasse, *você está louco?*

Vovó, no entanto, parecia satisfeita com a ideia, ligando o braço ao dele.

— Você não se importa em ajudar uma velha garota, não é, West?

Ela se lembrou dele e não de mim hoje? *Divertido*.

— Senhora, seria um prazer.

— Sem espiar.

— Nem sonharia com isso, Sra. Shaw.

Eles pularam para fora da cozinha antes que eu tivesse a chance de protestar. Vovó conseguia tomar um banho na maioria dos dias – eu colocava uma cadeira de madeira sob a ducha de água e tudo que ela precisava era pegar o xampu e o sabonete – mas era vital que ela tivesse alguém no banheiro com ela, caso ela caísse.

West teria que vê-la nua. Para ajudá-la a entrar e sair do chuveiro. *Senhor*.

Dez minutos depois, paguei a conta com a companhia elétrica e subi as escadas para o segundo andar, dois de cada vez. Eu espiei no banheiro pela porta quebrada, sem anunciar minha presença.

West estava encostado na pia, de costas para o chuveiro, contando à vovó sobre uma vez quando deu um banho no gato cego de sua mãe quando ele tinha quatro anos. Atrás dele, Vovó gargalhou no chuveiro sem fôlego, sentada em sua cadeira de madeira, apreciando o fluxo mesquinho de água em suas costas, passando uma esponja no braço.

— Senhor! Você não fez. Cristo, eu teria batido na sua bunda se eu fosse sua mãe.

— Ela queria, Sra. S. Confie em mim. A única coisa que estava entre ela e minha bunda espancada era minha velocidade.

Isso a fez quase cair de tanto rir. Eu sorri, meu peito apertando, algo quente correndo por todos os vasos sanguíneos do meu corpo.

Como se sentisse minha presença, os olhos de West dispararam e encontraram os meus.

Ele sorriu, mas não comentou sobre a minha bisbilhotice.

— Tudo bem, estou pronta. Dê-me minha toalha, jovem! — Vovó girou na cadeira, desligando a água. West tirou a toalha do gancho e entregou a ela, seus olhos ainda nos meus.

Ela se secou, e quando ela prendeu sua toalha de banho em torno de si, ele a ajudou ir para seu quarto, enquanto eu deslizava de volta para o meu, deixando-os ter seu momento.

Meia hora depois, coloquei vovó na cama e voltei para o meu quarto.

Encontrei West jogado na minha cama, jogando um dos meus velhos pompons como uma bola no ar, pegando-o todas as vezes. Sentei-me em minha mesa, ligando meu notebook e entrando no site da Sheridan University para ver se a Professora McGraw tinha respondido meu último e-mail. Meu palpite era que ela não tinha. Ela tem ignorado meus apelos

desde que decidiu não me deixar passar sem participar da peça. Mas nunca consegui enviar essa mensagem de texto para Cruz Finlay. Ficar no palco era algo que a fênix em mim não era capaz. Ainda não.

— Tex? — West resmungou nas minhas costas.

O barulho do pompom voando para cima e para baixo no ar me acalmou. Era algo que Tucker poderia ter feito. De volta quando eu ainda era normal.

Todos nós nos lembramos de como isso terminou, certo, Grace? Portanto, não tenha muitas esperanças.

— Sim?

— Você vai tirar a maquiagem na minha frente?

Pisquei para a tela, forçando meu pulso a continuar batendo em um ritmo normal.

— Porque a pergunta?

— Eu vi cada centímetro do seu corpo de perto, e ainda estou aqui. Nunca vi seu rosto nu, no entanto. Você não acha isso estranho?

— Não. — Eu digitei no meu teclado. — Não me sinto confortável em mostrar meu rosto para as pessoas.

— Karlie viu. Marla também.

Eu não disse nada. Ele não era Karlie. Ele não era Marla também. Ele era o garoto que eu amava – realmente amava,

não estava apenas apaixonada – e eu não queria que ele me visse na minha forma mais feia.

A percepção de que eu o amava não me chocou, nem me assustou. No fundo da minha mente, eu sabia que era a verdade por um tempo.

Eu estava apaixonada por West St. Claire.

Loucamente. Integralmente. Obsessivamente, até.

Ele era o homem mais complexo que eu já conheci – doce, atencioso, gentil e responsável. Mas também violento, agressivo, espontâneo e cruel.

E eu não conseguia o suficiente dele. Eu tremia de medo com o pensamento de que íamos acabar em algum momento. Ele se formaria e seguiria em frente, e eu ficaria aqui e lamentaria sua perda.

— Tudo o que estou dizendo é que quero beijar seu rosto sem sentir o gosto da parede.

— Falando nisso... — Girei na cadeira, sentindo minhas paredes se erguendo. — Você não acha que é injusto você saber o que aconteceu comigo, mas você nunca me disse o que aconteceu com *você*?

Eu não tinha dúvidas de que West não estava disposto a compartilhar seu segredo mais sombrio comigo. Nada mudou nessa questão. Ele ainda não atendia o telefone sempre que

seus pais ligavam – o que era frequente – e ficava cauteloso sempre que eu mencionava sua antiga vida no Maine.

— A vida não é justa, — ele cortou.

— Ah. Hã. Isso foi o que eu pensei.

— Você não quer saber.

— Por quê? — Eu perguntei, voltando para o meu notebook, fingindo digitar no meu teclado em um esforço para parecer casual. Na verdade, eu estava totalmente envolvida na conversa. Claro que queria saber. Eu estava faminta por qualquer informação que pudesse obter dele. A única coisa que me impediu de perguntar a Easton sobre o que fazia West ser do jeito que ele é, era minha lealdade ao homem na minha cama.

— Porque você não será capaz de me olhar nos olhos depois de ouvir o que eu fiz. Tópico encerrado.

O barulho do pompom parou. Meu peito estava tenso de ansiedade. Eu já percebi que o que quer que tenha acontecido com West, era muito diferente do que aconteceu comigo.

Minhas cicatrizes de batalha eram externas, na superfície.

As dele eram internas, mas cortavam profundamente.

Ele estava desfigurado por dentro, perfeito por fora. Uma combinação letal.

— Reign vai dar uma festa neste sábado. Você vai.

Eu girei minha cabeça, acertando-o com um olhar mortal. — Reign é um idiota.

— Reign é inofensivo. E você terá que enfrentar as pessoas em algum momento. Você vai, — ele disse novamente, calmamente.

— Por que eu iria lá?

— Bebida. Dança. Seja uma garota normal da faculdade.

— Eu não sou uma garota normal da faculdade, — eu apontei. — E a única amiga que tenho nunca iria comigo. Karlie tem três grupos de estudo no fim de semana. Você é louco?

— Não que eu saiba, mas eu não descartaria completamente. Eu sou conhecido por fazer algumas merdas bem fodidas. Pego você às oito.

— Espere, você quer ir *junto*? — Inclinei minha cabeça para o lado, sentindo meus olhos se arregalarem. Nunca fizemos nada juntos fora da minha casa. Fora da minha *cama*. A menos que eu incluísse o food truck, o que realmente não poderia, porque ambos éramos pagos para estar fisicamente presentes ali ao mesmo tempo.

West me ajudou com a vovó, mas sempre pensei nisso como uma espécie de troca. Ele cuidando de mim como eu cuidava dele.

Ele se sentou. — Sim, juntos. Você não está familiarizada com o conceito?

— Eu... eu não sabia que éramos... — Tentei articular a parte que me confundia, embora, na verdade, fosse tudo isso. — *esse* tipo de juntos.

Tão eloquente, Grace.

— Você não sabia que estávamos juntos? — Ele repetiu, pasmo.

— Por que eu deveria? Você fica me dizendo que é casual.

— Merda casual ainda conta para alguma coisa.

Eu sorri amargamente. — Então, me considere ruim em matemática, porque eu acho que conta.

— Espere, eu sou seu estimulante? — Um brilho arrogante brilhou em seus olhos.

— *Estimulante?* — Eu gaguejei.

— Você sabe, a pessoa que masturbam as estrelas pornôs ou lhes dá uma chupada para que fiquem excitadas antes da filmagem. Alguém que fode com os problemas para você, de modo que, quando o Príncipe Encantado chegar à cidade, você esteja pronta para ele?

Ele disse isso com um sorriso, mas percebi que não estava brincando. Fiquei surpresa por ele ter sugerido isso,

considerando que foi ele quem falou sem parar sobre sua regra sem compromisso.

Eu empurrei meu corpo para trás, estreitando meus olhos para ele. — Não, você não é meu estimulante. Mas você disse que só transa por uma noite.

— No entanto, aqui está você, dezenas de noites, ainda completamente fodida, — ele brincou, como se eu fosse estúpida.

— Você me ignora na escola.

— Você quer dizer, como você me pediu explicitamente?

Estávamos discutindo ou declarando nossos sentimentos um pelo outro? Eu estava confusa.

— Eu sei. Mas ainda me faz sentir estranha, — eu admiti. — Talvez você deva parar de me ignorar.

— Talvez eu deva. Vamos começar comigo levando sua bunda para a festa de Reign neste sábado.

— Bem. Mas eu me recuso a socializar.

— Idem. — Ele se inclinou, batendo com os punhos em mim. — É por isso que estou levando você. Pelo menos vou conseguir uns amassos. East está me pressionando muito sobre mostrar meu rosto em público.

Então, era por isso que ele estava indo para uma festa. Easton o estava importunando para sair dali. West tinha a

reputação de ser alguém que geralmente estava acima dos encontros sociais.

Ele pegou o pompom que ele descartou na minha cama, jogando-o para o teto novamente, uma mão enfiada atrás da cabeça, sorrindo.

— Merda, Texas. Parece que você e eu vamos sair.



Quinze

Grace

— Não é um encontro, — insisti com Karlie no dia seguinte, enquanto ambas saíamos da sala de aula, indo em direção à minha caminhonete. — Easton está o forçando a sair. Provavelmente vamos ficar em um canto, e ficar de mau humor juntos.

Mas, mesmo quando disse isso, eu realmente não acreditei. Eu não queria fazer minha melhor amiga se sentir excluída. West St. Claire e Karlie Contreras não andavam com o mesmo público, e a última coisa que eu queria era que ela pensasse que eu a estava dispensando pelos garotos legais, embora, com toda probabilidade, ela estivesse estudando ou trabalhando sábado e não seria capaz de ir de qualquer maneira.

Karlie me examinou com ceticismo. Ela sabia que West e eu estávamos fazendo sexo. Por um lado, eu poderia dizer que ela estava animada por eu finalmente sair da minha concha. Já por outro, também pude ver porquê ela estava preocupada que eu me machucasse. West não gritava material de namorado estável. Caramba, ele nem mesmo sussurrava.

Karlie parou na minha caminhonete, equilibrando a capa do notebook contra a cintura.

— Não beba nada, a menos que você mesma sirva e mantenha seu telefone com você o tempo todo. Apenas fique segura, ok? — Parecia mais um aviso do que um pedido.

— O que você quer dizer? — Eu olhei para ela.

Ela desviou o olhar de lado, como se seus olhos revelassem algo que ela não queria que eu soubesse.

— Lembra-se do dia em que você teve um encontro falso com Easton Braun e eu disse a West onde você estava?

Lembrava-me. Eu sabia que Easton só tinha me levado para colocar West em seu lugar. Eu joguei junto, porque não queria perder West como amigo. Se isso era o que ele precisava para se encaixar no lugar – um lembrete de que eu não era descartável – eu estava pronta para provar a ele.

— Sim?

— Bem, West disse que me colocaria em contato com Miles Covington se eu contasse tudo sobre o seu paradeiro. Não foi por isso que contei a ele, é claro; eu sabia que você queria que ele soubesse. Eu só queria vê-lo suar. Eu esqueci tudo sobre o acordo de West comigo. Mas então, Miles *realmente* me chamou para sair.

— Não é incrível? — Eu pisquei para ela, não entendendo. — Miles é um cara ótimo, e você parecia gostar dele quando estávamos no Plaza.

As sobrancelhas de Karlie franziram. Ela olhou para mim como se não estivesse *me* entendendo.

— Você sabe que eu não tenho chance com o cara. Ele só me convidou para sair porque West pediu a ele. Miles disse que não queria ficar do lado ruim do West. Seu precioso namorado é o valentão do campus de quem sempre evitamos quando éramos crianças. Ele está brincando com todos como um mestre das marionetes. Não sei, Shaw. Ele parece ter muito poder por aqui.

— Karlie, ele só queria que você conhecesse um garoto le...

— Não é apenas sobre Miles. Ouvi dizer que West está mexendo com a turma errada. Lutas com pessoas duvidosas, misturando-se com criminosos. Coisas assim. Há muitos rumores circulando, e não quero dizer nada que não seja verdade, mas não acho que percebi que tipo de problema ele era quando o contratei.

Os papéis agora estavam oficialmente invertidos. Eu era totalmente a favor de West e Karlie achava que devíamos ser cautelosas com ele.

— Não seja cautelosa comigo, Karl. O que você sabe? — Eu perguntei.

Ela roeu o lado da unha, dividida entre querer me contar e evitar uma briga. — Ouvi dizer que ele arranjou uma segunda luta com Kade Appleton. Conhece o cara? Ele é um local. Supostamente espancou sua namorada grávida e foi expulso da liga de MMA por isso. Saiu em todos os noticiários.

West me disse que Appleton não jogava limpo. Eu balancei a cabeça fracamente. Meu coração de papel se enrugou em uma bola de tristeza. Ele me diria, não é? West me contava tudo.

Com exceção do que importa.

— Vou perguntar a ele sobre isso.

— Diga a ele para não fazer isso. Se ele mexe com as pessoas erradas, e você está associada a ele, você pode ter problemas também.

— West é mais inteligente do que mexer com criminosos e nunca me colocou em perigo.

— West não tem medo, e a estupidez é a amante da bravura. A imprudência é sua esposa, outra coisa que ele tem em abundância.

Ela estava, é claro, certa. Eu sabia. Eu abri a porta do motorista.

— Não se preocupe. West é uma boa maçã.

Uma maçã verde cristalizada.

E possivelmente venenosa também.



— Você concordou em uma segunda luta com Kade Appleton? — Perguntei a West quando estávamos na Ducati, a caminho da festa de Reign. O vento quente agitou meu cabelo amarelo. Usei outro minivestido de mangas compridas. Branco, com pontos rosa, combinado com saltos rosa choque. Corri o risco de usar mangas rendadas. Se as pessoas prestassem muita atenção, elas poderiam ver algumas das cicatrizes em meu braço esquerdo. Mas eu me sentia selvagem e linda perto de West. Uma fênix completa, estendendo suas asas douradas, voando em direção ao sol, com cintilantes pontos de fogo em suas asas.

West virou a cabeça na minha direção, mas tudo que eu podia ver através de seu capacete eram aqueles olhos fumegantes e terríveis que brilhavam como faróis no escuro.

— Onde você ouviu isso?

— Não importa. É verdade ou não? Eu não quero que você tenha problemas.

Ele assobiou baixo, fingindo que minimizava a coisa toda. — Você parece minha mãe.

Pareço sua namorada, seu bruto sem esperança.

Atravessamos a variedade de lojas na Main Street. A mercearia, o pequeno café e a pizzaria Albertsons. Não havia uma alma à vista. Todo mundo que valia a pena conhecer estava atualmente na casa da fraternidade de Reign. Karlie estava certa. Esta, definitivamente, não era nossa cena.

— Basta responder à pergunta, West.

— E se eu for?

— Então, eu terei que pedir a você que gentilmente se retire da luta, com base que ele quase matou você da última vez.

— Eu ganhei a partida.

— Meio morto, — eu brinquei, tentando manter meu temperamento sob controle. — Como você espera que eu durma à noite sabendo que você vai lutar contra um bastardo que bateu em sua namorada grávida?

— Eu não espero que você durma. Espero que você espere por mim com uma cerveja até eu terminar com a bunda dele, de preferência arreganhada, com um laço no pescoço.

— Você vai lutar com ele ou não? — Eu mordi, não meio entretida com o visual. Tive a sensação de que, se Kade Appleton tivesse outra chance de lutar contra West, ele a usaria para matá-lo.

Senti seus músculos ficando rígidos sob meus dedos. Ele estava com raiva. Que azar. Eu não o deixaria arriscar sua vida para conseguir uma grana. Foi nossa primeira discussão real como casal. Mesmo que isso me deixasse nauseada, eu mantive minha posição. Talvez seja por isso que West se recusou a se apaixonar. Porque quando você ama alguém, e ele o magoa, parece que sua alma se rasgou em tiras minúsculas.

— Vou dizer a Max que a luta está cancelada, — ele cortou, assim que estacionou em frente a um edifício georgiano de tijolos vermelhos com colunas brancas, erguendo uma perna sobre Christina. — Agora saia do meu pé, mulher.

Fomos para a porta, passando por grupos de jovens chegando, enquanto eu tentava me lembrar o que me fez pensar que era uma boa ideia vir aqui. Meus olhos percorreram as pessoas ao nosso redor. Quanto mais eu os observava, mais frio meu sangue corria.

West deixou de fora um pequeno detalhe sobre o tema da festa – era *tudo, menos roupas*.

As meninas estavam espalhadas no gramado do jardim da frente, lençóis de plástico-bolha enrolados em volta delas como minivestidos sem alças, presos por cintos da moda. Todas elas acenaram e sopraram beijos para West quando passamos por elas, lançando-me olhares inquisitivos. Um rebanho de caras que tinham colado animais fofos em seus

órgãos genitais controlavam as portas da frente. Eles bateram com os punhos em West quando chegamos à entrada.

— Ei, St. Claire. Eaí, eaí, eaí...

— Mova-se, — ele resmungou, agarrando minha mão rapidamente, como se eu fosse um pacote que ele precisava descartar. Um dos caras levantou a mão.

— Me desculpe, cara. Você sabe o procedimento – sem regras, sem festa. — Um deles apontou para uma placa na porta.

Fique nu ou vá embora

Um cara alto e loiro me examinou da cabeça aos pés, esmagando uma lata de cerveja vazia em seu punho.

— Que belo traseiro você tem aí, St. Claire. Precisa de ajuda para se despir, baby?

West lançou um olhar que o deixou sóbrio instantaneamente.

— Vou exterminar sua bunda se você olhar para ela de novo, — West falou lentamente, veneno gelado vazando de suas palavras. Seu aperto aumentou em minha mão, quase punindo, como se ele odiasse ser colocado nesta posição. — Agora se mova. Porra. Para longe.

— Uau. Desculpe. Não sabia que ela era sua garota real. — O cara loiro disse. Eles se afastaram e nós entramos, totalmente vestidos.

Um bando de caras deslizou em cima de um colchão king-size descendo as escadas largas até o patamar, usando-o como um trenó, usando caixas de papelão como fraldas.

West puxou minha mão, enquanto caminhávamos pelos quartos, parando na cozinha para beber. Ele me entregou uma cerveja engarrafada e abriu outra para si mesmo. Tomei um gole e me encostei na bancada da cozinha, olhando ao meu redor.

— Já está se divertindo?

— Imensamente, — eu mordi de volta com sarcasmo. Do canto da sala, vimos Max. Um tipo de líder de torcida estava enrolada sob seu braço. “Sixteen Years” de Vandoliers tocou nos alto-falantes, e eu me perguntei quem era o responsável pela lista de reprodução e se eu poderia me casar com ele.

A garota ao lado de Max sacudiu o braço dele e apontou para West, obviamente implorando por uma apresentação.

— Me dê um segundo. — West apertou meu ombro e caminhou até eles, deixando-me para trás. Tomei um gole da minha cerveja, observando os três, sentindo algo pesado pressionando meu peito.

Ele ia se retirar da luta por mim.

Isso me fez sentir importante e bonita, e nada casual.

Quando West chegou a Max, a caloura pulou para cima e para baixo, pedindo ao meu namorado uma selfie. Ele olhou

para ela como se ela fosse um incômodo, mas concordou, mandando-a embora assim que ela terminou. Ele e Max se amontoaram no canto da sala, falando de cabeça baixa.

— Olá, Grace. Roupa bonita. Eu acho que para você, estar vestida com qualquer coisa que não seja um blusão é nua. — Tess veio cambaleando até mim, batendo sua cerveja na minha. Ela estava usando um vestido elaborado feito de rosas reais mergulhadas em preto, que deixava pouco espaço para a imaginação ou o pudor. Por seus olhos semicerrados e o balanço de seu corpo, eu poderia dizer que ela estava bêbada.

— Oi, Tess. Como vai? Como está indo a peça?

Eu estava presente em todos os ensaios, então eu sabia que estava indo muito mal. Ela e Lauren estavam brigando sem parar. Tess claramente ainda estava ferida pela perda de seu papel favorito. Quanto a Lauren, eu tinha que concordar que ela não era a melhor opção para Blanche; então, novamente, eu realmente não acho que ninguém na minha classe se compara a Vivien Leigh.

— Está indo muito bem, — ela arrastou as palavras pesadamente. — Esperançosamente haverá olheiros chegando para a estreia. Caso contrário, eu perdi um tempo perfeitamente bom da minha vida para nada.

Eu sorri, ignorando a pontada de ciúme rasgando meu peito. — Tenho certeza de que haverá muitos olheiros lá.

Ela se encostou na ilha. Nós duas olhamos para West e Max. Ela soltou um soluço alto e nada parecido com Tess.

— Tão bom que você começou a sair com Westie. Quem diria que trabalhar juntos ganharia uma amizade, sim?

Não corrigi sua suposição de que éramos apenas amigos. Eu sabia que ela gostava dele e esfregar isso não era meu estilo. Além disso, ela estava claramente bêbada.

Eu gostava de Tess, apesar de seus defeitos. Ela me lembrou do meu antigo eu. Doce para todos, não importa qual seja sua classificação em popularidade. Ela também fazia parte do Programa de Visitas Amigas, em que os alunos faziam visitas semanais aos idosos da comunidade. Eu sabia, porque vovó me disse que Tess visitava sua amiga, Doris, desde seu primeiro ano na universidade.

— Ele e ótimo.

— Ele realmente é. Eu só acho tão cruel que as pessoas estejam inventando todos esses rumores sobre vocês serem um casal. Eu juro, os universitários vivem apenas para o drama. Homens e mulheres *podem* ser apenas amigos. Não somos animais, você sabe! — Tess deixou escapar outro soluço, colocando a cerveja na boca.

Eu sabia que havia uma isca para ser mordida aqui. West estava discutindo acaloradamente com Max no canto da sala.

Tess não esperou que eu contribuísse para a conversa unilateral. Ela interpretou meu silêncio como um convite para continuar. — Quando soube que vocês eram um casal, fiquei tipo, de jeito nenhum. Você sabe que sempre torci por você, Grace. Há algo sobre você que realmente ressoa em mim. Você mora com sua avó, certo?

— Sim.

Ela acenou com a cabeça vivamente. — Meus avós também me criaram. Eu ainda os visito sempre que posso. Eles estão em Galveston. De qualquer forma, eu disse às pessoas que deveriam cuidar da própria vida. Que você e Westie estão lá apenas um para o outro. Quero dizer, você é muito inteligente para não saber que se ele a leva para a cama, é só porque ele se sente de alguma forma sobre sua... — Ela me lançou um olhar de soslaio, encolhendo-se. — História de vida.

— História de vida? — Decidi bancar a boba, sorrindo docemente. — Não tenho certeza do que você quer dizer, Tess. Tive uma ótima infância, bem aqui em Sheridan.

Ela colocou a mão sobre o coração. — Graças a Deus, você não faria, não é? Às vezes, também não vejo as coisas como são quando estou nessa situação. O que quero dizer é que Westie teve uma vida muito difícil. Ele parece chateado com alguma coisa. Ele precisa de alguém que o faça se sentir bem. Útil. Eu não sei sobre você, mas eu nunca me rebaixaria à posição de ser a piedosa namorada de alguém.

— Tenho certeza de que você se rebaixaria a qualquer posição possível, se isso envolvesse ter West. — Eu coloquei minha cerveja no balcão atrás de nós, não mais preocupada em como eu havia saído, e me afastei dela.

West estava certo – era hora de colocar as pessoas em seus lugares.

Colocando a mão na minha cintura, virei-me totalmente para Tess. Seu sorriso murchou como as rosas em volta de seu corpo. Mas eu estava indo bem. Pela primeira vez em anos, senti-me segura em meu lugar.

— Eu sei o que você pensa quando olha para mim, Tess, e não é porque eu cuido bem da minha avó. Você está pensando, *graças a Deus isso não aconteceu comigo*. Você valoriza sua boa aparência e se apega a ela. Bem, deixe-me dizer, mana, um dia você vai acordar e descobrir que não é a garota mais bonita do campus. Ou do seu local de trabalho. Ou – sabe o quê? Mesmo em sua casa. Sua beleza é apenas um breve capítulo em seu livro de história. Nada além de uma mentira doce e evasiva. Papel de embrulho elegante, envolvendo um presente misterioso. E embora seja verdade que presentes lindamente embrulhados são mais atraentes para os olhos, — eu inclinei minha cabeça para o lado, dando a seu corpo uma varredura rápida e fria, — tenho certeza que tudo o que tenho a oferecer sob meu papel de embrulho vale mais do que suas feias palavras esta noite.

Endireitei minha coluna, levantei meu queixo e fui embora. Pelo espelho da parede à minha frente, pude ver Tess parada atrás de mim. Boca aberta, rosto pálido, coração despedaçado. Ela observou enquanto eu caminhava para o banheiro. Eu esperei na fila, pegando meu telefone e mandando uma mensagem para Karlie.

Grace: Tess Davis deixou implícito que West só está comigo porque se sente mal por causa das minhas cicatrizes.

Karlie: Certo. Porque St. Claire é grande em caridade. Que idiota.

Ficar em pé por mim mesma não parecia nada mal.

Dez minutos depois de esperar na fila, finalmente foi minha vez. A porta do banheiro finalmente se abriu, duas garotas rindo e pulando para fora dela, cheirando e esfregando o nariz. Eu estava prestes a fechar a porta quando um braço disparou atrás de mim, abrindo-a.

— De jeito nenhum, Jose. Você vai esperar na fila como todos n... — Enquanto eu puxava a maçaneta, uma figura grande e escura me empurrou para o banheiro, fechando a porta atrás de nós com um clique suave.

Eu tropecei para trás e me virei para encarar o homem alto, minhas costas batendo contra a pia.

— Jesus Cristo, West. Já ouviu falar em bater?

— É familiar. Essa é outra palavra para masturbar[73], certo? — Ele me apertou, prendendo-me contra a pia. Minhas mãos dispararam para a pia atrás de mim. Meu coração estava fazendo acrobacias de nível olímpico. Seu peito estava colado ao meu, seus olhos encobertos, escuros e cheios de desejo.

— Estive procurando por você. — Sua respiração acariciou meu rosto. Bastão doce de maçã e serragem, e o homem que poderia me destruir sem colocar um dedo em mim.

— Achei que você não tivesse terminado com Max, então me retirei e vim ao banheiro.

Eu tinha certeza de que este lugar estava realmente cheio de pó, mas não do tipo que as senhoras usam como maquiagem.

— Você disse a ele? — Eu perguntei sem fôlego. Ele me deu um breve aceno de cabeça, agarrando a parte de trás das minhas coxas com suas mãos calejadas.

— Quebrou seu coração e conta bancária, provavelmente, mas eu fiz isso. Tess está uma bagunça. —

---

[73] Masturbar em Inglês, pode ser a palavra wracking, que também significa bater.

Sua boca vibrou contra a minha provocando, enquanto ele erguia minhas pernas para envolver sua cintura estreita. — Tentou me pegar no caminho para cá, perguntou-me se estávamos transando.

— Ela fez? — Senti meus lábios franzidos. — O que você disse a ela?

— Para cuidar dos seus malditos negócios.

— O que ela respondeu?

— Não fiquei por lá tempo suficiente para descobrir. — Seu nariz roçou o lado do meu pescoço, sua boca viajando pela minha pele.

— Ela insinuou que você está com pena de mim, — expliquei, ignorando as ondas de prazer que cada um de seus beijos desenrolou dentro de mim. — Disse que nunca se rebaixaria a esta posição. Eu disse a ela que tinha certeza que ficar de joelhos era sua posição favorita.

West jogou a cabeça para trás, rindo em seu baixo tom de barítono selvagem. — Belas garras, baby. Mal posso esperar para senti-las nas minhas costas.

— Posso ter um rosto que nem mesmo uma mãe pode amar, mas quando se trata de ofender-me, Tess Davis não tem nada contra mim.

Sua risada soou em meus ouvidos, saltando nas paredes ao nosso redor.

— Você é gostosa *pra* caralho, Tex, mas essa boca inteligente. — Ele segurou meu rosto, me dando um pequeno selinho. — Um dia isso vai te trazer problemas. Melhor enrolar em volta do meu pau como penitência.

Ele jogou meu boné na pia, lambendo um caminho da minha testa, meu nariz e meu queixo. Eu estremeci com arrepios, rindo e dando um tapa nele.

— Cuidado com a maquiagem, St. Claire. Além disso, o que diabos você está fazendo comigo?

— Mostrando a você o que somos. — Sua voz ficou tensa. Sua língua rolou pela coluna do meu pescoço, deixando um arrepio delicioso em seu rastro. Seus dentes roçaram a gola do meu vestido, enquanto ele continuava mergulhando para o sul, caindo de joelhos, suas mãos ásperas agarrando minha cintura, prendendo-me no lugar. Soltei um pequeno gemido quando seu rosto ficou paralelo à minha virilha. Ele esfregou o nariz na bainha do meu minivestido, levantando-o de forma que se reunisse em torno da minha cintura. Minha calcinha de algodão branco estava encharcada e eu podia sentir o cheiro da minha própria excitação enchendo o ar. Ele beijou meu centro através do tecido, fechando os olhos e dando um longo suspiro faminto. Ele gemeu em meu sexo. Cada osso do meu corpo estremeceu de antecipação.

— Oi, boceta da Grace. Sou eu. West. Nos encontramos novamente.

Meus olhos se arregalaram e olhei para o topo de sua cabeça.

— Na verdade, ainda não nos encontramos cara a cara. Eu geralmente mando meu garoto de recados para você. Você deve conhecê-lo – alto, gordo, acompanhado por algumas nozes?

Mordi meu lábio, tentando não rir. Ele continuou, implacável.

— Mas há um assunto urgente que precisamos discutir, então achei que devíamos conversar sobre isso. Importa-se de livrarmos da calcinha?

Quando meus lábios inferiores não conseguiram responder, ele olhou para cima, balançando as sobrancelhas.

Eu dei a ele um breve aceno de cabeça. — Isso é estranho, mas estou animada para ver aonde você quer chegar com isso.

Ele deslizou minha calcinha para baixo, trouxe sua boca entre minhas dobras e as separou com uma lambida molhada. Uma onda quente de prazer subiu pela minha espinha, e eu acariciei seu cabelo despenteado com um punho, segurando a pia mais apertado com o outro para me manter ereta.

— *Senhor.*

— Tudo bem, boceta da Grace, o negócio é o seguinte. Sua dona não tem certeza do que nós somos um para o outro, e ela tem insinuado isso não tão sutilmente recentemente, então eu a levei para uma festa. Sabe o que aconteceu a seguir?

Em vez de esperar que meu sexo respondesse, ele usou a ponta da língua para circundar meu clitóris, usando seus dedos para abrir minhas dobras, acariciando minha abertura antes de mergulhar um dedo em mim. Meus quadris se sacudiram e um som que não reconheci saiu de meus lábios.

A porta do banheiro sacudiu com uma batida repentina.

— Ei. Saiam daí, idiotas. Eu quero mijar!

West ignorou a pessoa do outro lado, chupando meu clitóris, bombeando preguiçosamente com os lábios, enquanto me dedilhava. Meus joelhos dobraram e ele jogou uma das minhas pernas por cima do ombro, angulando meus quadris para que seus dedos tocassem um ponto profundo e sensível dentro de mim.

Eu ofeguei como uma louca, deixando cair minha cabeça para trás, minha boca aberta. — Oh, Deus.

Eu podia me sentir caindo na beirada, acertando o grande O, quando de repente ele parou, tirando o dedo de mim e lambendo o comprimento da minha boceta vagarosamente, como se ele não se importasse com o mundo.

— De qualquer forma, — ele continuou em seu tom casual, — como eu estava dizendo, Grace não tem certeza se somos verdadeiros. O que você acha que eu devo fazer para mostrar que estou falando sério sobre ela?

Eu o puxei pelo cabelo para olhar para mim, rosnando.

— Faça-a gozar.

— Usando a terceira pessoa agora. — Ele arqueou a sobrancelha. — Ser comida faz você perder pontos de QI, Texas?

— Continue me provocando e você perderá a cabeça! — Eu descobri meus dentes.

A porta bateu novamente. — Caramba, abra!

Os lábios de West envolveram meu clitóris novamente e ele bombeou seu dedo mais rápido dentro de mim. Eu quebrei em um milhão de pedaços, gritando, enquanto espasmos corriam para cima e para baixo em meu corpo, cada centímetro meu em chamas.

West continuou agarrando os lábios entre as minhas pernas até que meu clímax diminuiu. Ele enrolou minha calcinha, em seguida, beijou meu centro através da minha calcinha novamente, salpicando o gesto com um sorriso e um tapinha.

— Boa conversa. Da próxima vez que Grace e eu tivermos um problema, irei diretamente até você.

Ele se levantou, pegou minha mão e me puxou para um abraço de urso. Eu balancei em seus braços e nem sabia por quê. Algo sobre o que aconteceu foi emocionante para mim. Talvez porque West me disse que ele não comia as mulheres normalmente. Isso significava algo para ele. Enterrei minha cabeça em seu ombro.

— Você sabe o que eu quero fazer agora? — Ele murmurou em meu cabelo.

— O quê?

— Minha namorada. Eu quero fazer minha namorada agora mesmo. Pronta para começar?

— Eu nasci pronta.

West saltou, limpando a boca brilhante com o antebraço, enquanto atirava no cara atordoado do outro lado da porta um sorriso indiferente, vá-se ferrar.

— Desculpe, querida. Os tampões estão na gaveta de baixo. Todo seu. — Ele gesticulou para a porta aberta zombeteiramente.

Eu o segui e saímos correndo, praticamente pulando nosso caminho para a Ducati Christina.



Dezesseis

West

Max: Desculpe, mano. Shaun disse que a luta ainda está acontecendo. Eu tentei tudo que pude. Eu juro.

Max: Ele disse que concorda se você pegar o golpe financeiro e compensar. Interessado?

Bem, isso dava à palavra *foder* um significado totalmente diferente, menos prazeroso.

Eu concordei em lutar com Kade Appleton antes de ficar com Grace. Agora que eu queria sair dessa para manter seu traseiro pacificado (e provavelmente eu vivo), Appleton, que concordou com todas as regras que eu ditei a Max algumas semanas atrás, questionou-me e voltou para a mesa de negociações com um ultimato: pague as perdas ou lute.

Nada sobre o que ele pediu fazia sentido. Não havíamos perdido dinheiro porque ainda não tínhamos vendido nenhum ingresso. Nem havia anunciado oficialmente a luta.

Ainda assim, raciocinar com Appleton e seu gerente era como tentar ensinar álgebra linear a um sapo.

West: Diga a ele para ir para o inferno.

Coloquei meu telefone no bolso de trás. A luta estava se aproximando, e eu não queria mentir para Grace sobre o que estava acontecendo, mas eu tinha certeza que não pagaria ao bastardo com dinheiro que eu também não tinha.

— O que há com você? — Minha namorada me deu um sorriso torto, esfregando meu braço. Estávamos fechando para a noite. Dei um beijo em seu boné.

— Nada. Apenas Max sendo Max. Marla pode ficar com a vovó mais alguns minutos? Eu quero comer alguma coisa antes de irmos para casa.

Casa. Eu estava meio vivendo com Grace neste momento. Felizmente, East estava muito ocupado mergulhando seu pau em todas as outras mulheres no campus para se importar com a minha ausência. Eu mal o tinha visto na festa de Reign. Eu precisava sentar com Texas e dizer a ela o que estava acontecendo com a luta, sem interrupções.

— Vou verificar. — Ela passou da janela aberta para a geladeira, guardando alguns recipientes. Eu me inclinei para

abrir a janela quando notei um movimento no escuro. Dois pares de olhos brilharam por trás de máscaras de esqui pretas, olhando para mim.

Masculinos.

Amplos.

E malditamente ameaçadores.

Eu ouvi o clique suave de uma arma quando o gatilho disparou para trás.

— Destrave a porta, — o cano frio pressionado contra meu pulso nu, — a menos que você queira que seu precioso braço seja explodido.

A máscara abafou a voz, mas a ordem foi clara.

Eu dei um passo para trás, segurando minhas mãos para cima. O desejo de esmagar suas cabeças era forte.

— Vou lhe entregar o dinheiro pela janela, — eu disse calmamente.

E sua bunda também, depois quando eu descobrir quem você é.

Grace enrijeceu na minha visão periférica, prendendo a respiração.

— Nós sabemos que você não está sozinho. Abra a maldita porta, — disse o homem.

— Você quer dinheiro, fique à vontade. Você quer ter acesso à garota, você vai passar por mim. Conselho amigável – você não vai gostar, — eu sibilei.

Não fazia sentido fingir que Texas não estava lá.

O homem ergueu a arma, disparando uma bala. Ela roçou meu ombro e se alojou no teto de metal do truck como chiclete. A adrenalina bombeava em minhas veias e meus dedos coçavam para agir. Não fazer merda quando provocado não estava no meu DNA.

Eu acabaria com eles, se tivesse a chance.

— *Desbloqueie. A. Maldita. Porta.*

Grace viu o sangue e gritou, correndo para a porta e destrancando-a com dedos trêmulos.

Porra, baby. Não.

Os mascarados não perderam tempo. Eles invadiram o trailer, virando tudo que não era perfurado de cabeça para baixo. Eu empurrei Grace atrás de mim. Ela tirou o telefone do bolso. Enquanto eu lidava com o idiota número um, o idiota número dois agarrou-o das suas mãos e jogou-o no banco do motorista. O idiota número dois foi direto para mim. Nenhum deles fez nenhum movimento em direção ao caixa.

Meu atacante tentou dar um soco. Eu me esquivei, agachando-me. Enviei um soco do inferno em seu torso. O

som de sua costela quebrando encheu o ar. Ele se dobrou em dois, saliva pingando de sua máscara de esqui.

— Filho da puta!

Eu agarrei seu amigo pela gola da camisa e o atirei pelo trailer, para longe de Grace. Havia muitas pessoas dentro do truck. Mas eu sabia que o cara que joguei por aí tinha a arma. Eu me lancei sobre ele, tirando a arma de sua mão e jogando-a pela janela. Eu levantei meu punho, prestes a apagá-lo, quando seu amigo me agarrou pelas costas da minha camisa e me jogou contra a geladeira. Ambos ficaram de pé, jogando-me no chão e começaram a me chutar nas costelas, ombros e cabeça.

O grito do Texas perfurou meus ouvidos. Tive um flashback de quando ela me disse que foi o grito de sua avó que a fez encontrar a força de Sansão para lutar.

Ela pulou em um deles, tentando empurrá-lo para longe de mim. — Deixe-o em paz!

Por que eles não pegaram a porra do dinheiro e foram embora? Mas a resposta era clara – eles não estavam aqui pelo dinheiro. Eles estavam aqui por *mim*.

Eu agarrei uma das pernas dos rapazes quando ele estava prestes a bater na minha cara e puxei-o para baixo comigo. Ele lutou para levantar e eu usei a oportunidade para prendê-lo com minhas coxas. Peguei uma lata de feijão frito e esmaguei contra seu rosto. Seu nariz quebrou com um estalo.

Estalo.

A seguir, bati em sua testa, observando sua máscara de esqui encharcar de sangue.

Estalo.

Em seguida, quebrei a lata contra sua boca, ouvindo seus dentes quebrando. Logo, eu bati em seu rosto com a lata tão furiosamente que eu tinha certeza de que não havia nada por trás daquela máscara, apenas uma poça de sangue. Tudo o que vi foi vermelho – e a ameaça de alguém machucar uma pessoa de quem gosto.

De novo não, bastardos. Nunca mais.

O cara com quem ele veio estava tentou rastejar para fora do truck, gemendo de dor. Em algum lugar à distância, ouvi Texas gritando histericamente. No início, pensei que ela estava chateada por eu ter me machucado, mas então sua voz ficou mais aguda.

— Você vai matá-lo! West, pare! Por favor! Deus, pare com isso!

Seus braços em volta do meu pescoço, puxando-me para longe do bastardo. Ela desabou em cima de mim, sua testa colando na minha. Nosso cabelo estava emaranhado de suor. Ela estava chorando.

Eu me levantei e a abracei, beijando seu boné.

Eu sabia que ela estava assustada, e que um grande motivo para isso era a minha reação. O cara embaixo de mim estava inconsciente – talvez morto – deitado em uma lagoa de seu próprio sangue. O outro cara estava choramingando, pegando seu telefone.

Eu beijei a ponta do seu nariz.

— Me dê um segundo.

Eu me virei e caminhei até o atacante gemendo, pressionando minha bota sobre seus dedos ao redor de seu telefone e os ouvi estalar. Ele chiou. Eu arranquei a máscara de esqui de seu rosto de uma vez. Dois olhos castanhos piscaram para mim. Eu reconheci o cara. Ele estava com a comitiva de Appleton na noite em que lutamos.

Tirar a máscara do outro cara não levaria a nada, a não ser enlouquecer Grace ainda mais. Eu já sabia quem eles eram e porque vieram aqui.

O homem tremeu todo, seus dentes batendo. Inclinei-me para a frente, sussurrando em seu ouvido: — Diga ao seu chefe que eu disse oi, leve a porra do seu amigo com você e nunca, nunca volte.

Joguei a máscara de esqui em seu rosto, voltando-me para Grace para dar-lhes tempo de dar o fora. Tê-los aqui quando ela chamou a polícia – e ela sem dúvida faria isso – não me faria nenhum bem. Apenas descobrir minha lista de

ações altamente ilegais, incluindo a luta para a qual eu ainda estava me preparando.

Grace lutou em meus braços. — Espere, deixe-me pegar meu telefone. Eu preciso...

Eu a segurei com mais força. — Você precisa se acalmar primeiro.

O Idiota Um carregou o Idiota Dois para o escuro, seus tropeços desiguais no cascalho revelando o fato de que ambos estariam de muletas amanhã de manhã.

— Devíamos chamar a polícia. — Grace franziu a testa, lutando contra o meu aperto.

— Tem certeza disso? — Ganhei mais tempo, deixando-os fugir. — Eles não levaram um centavo.

— Você está brincando? *Temos* que contar aos policiais. Ou, pelo menos, levar à Sra. Contreras e Karlie e ver o que elas querem fazer a respeito. Olhe para você. Você está todo machucado.

— Baby. — Eu peguei sua mão na minha. O chão estava escorregadio de sangue. O lugar seria uma merda de limpar. — Eles eram apenas dois marginais procurando encrenca.

— Eles tinham uma *arma*, West.

— Eles não usaram.

— Eles atiraram em seu ombro.

Eu olhei para o meu ombro, puxando minha gola para ver o dano. A pele estava vermelha e irritada, mas meu palpite era que a bala nem havia roçado minha carne corretamente. Era apenas um arranhão.

— Estou bem.

— Você não está levando isso a sério. Há algo que você sabe sobre isso que eu não? — Seus olhos se estreitaram para mim.

Quanto mais ela sabia sobre Appleton e seus feitos, mais ela se envolvia. E ela não poderia estar envolvida. Era minha merda para consertar. De agora em diante, eu manteria a coisa com Grace ainda mais em segredo. Tanto para minha sanidade quanto para sua segurança.

Cancelar a luta não era mais uma opção, mas enquanto Appleton não soubesse de sua existência, ele não poderia machucá-la.

Eu veria isso até o fim, dar uma surra no idiota, pegar o dinheiro e expulsá-lo da minha vida para sempre.

— Você está certa. Vamos contar a Karlie e a Sra. Contreras. Elas precisam saber.

Quando eu disse isso, os bastardos tinham ido embora de qualquer maneira.

Era apenas semântica.

Mas isso me dava mais tempo.



Algumas horas depois, eu estava no quarto de Grace de banho tomado. Aquela cadeira de madeira que Texas colocou no chuveiro para sua avó acabou sendo muito útil esta noite. Cada músculo do meu corpo gritou de dor quando as agulhas escaldantes de água bateram na minha carne.Deitei seminu em sua cama, que cheirava a mel, xampu e seu cheiro puro e único, enviando uma mensagem de texto para Reign e East em um bate-papo em grupo. Não adiantava adicionar Max. O idiota era tão útil quanto um saco de jujubas durante o Armagedom.

East: É Appleton. Claro que ele está por trás disso. Seu nome está presente em todo esse tipo de operação. Eu disse para você não lutar na primeira vez, @West.

Reign: Você não pode não retaliar. Você vai parecer fraco.

East: @Reign, você está chapado?

Reign: Claro que estou chapado. Estamos fora de temporada. Que tipo de pergunta é essa?

East: Por que cutucar o urso?

Reign: Porque já está bem acordado e ele tentou enfiar o pau na esposa de West.

Reign: (Estou parafraseando aqui, West. Ninguém está tentando colocar o pau em Grace. Pensei em esclarecer, já que você está extremamente dominado por uma boceta atualmente).

Não havia nada que eu quisesse mais do que ir diretamente para a casa de Kade Appleton e quebrar tudo à vista, incluindo seu maldito rosto. Acontece que eu não conseguia nem chegar no jardim da frente dele. Eu não poderia fazer merda nenhuma. Eu precisava manter minha cabeça baixa e garantir que Grace permanecesse em segredo.Porque Grace era minha fraqueza.

E Appleton prosperava explorando as fraquezas dos outros.

West: Sem retaliação. Ele vai me responder no ringue. O que me lembra: Grace não pode saber sobre a luta com Appleton.

Reign: Como você pode esconder isso dela? A merda vai se esgotar em um dia.

East: Seu amigo aqui não está errado, Westie.

West: Vou contar a ela mais perto da data. Ela tem muito o que fazer. Ela não precisa se preocupar com isso também.

Entre encontrar um cuidador para Savannah e potencialmente ser reprovada em um semestre, Texas não precisava se preocupar comigo. Meu plano era falar com ela um dia antes da luta. Explicar por que eu tive que fazer isso, tentado escapar disso, e assegurar a ela que tudo estaria acabado em menos de 24 horas. Dessa forma, ela se preocuparia comigo por um dia, não semanas.

East: Vou dizer a Max para manter a venda de ingressos no DL[74].

West: Agradeço. Como vão as coisas com a Tess, @Reign?

Reign: Elas não vão. Seu tesão ainda está firmemente dirigido a você.

East: Ela vai cair em si.

Reign: E na minha cara.

East: Amém.

---

[74] Em segredo.

Eu não era o fã número um de Tess depois que ela foi mal-intencionada com Tex, mas era totalmente a favor dela ficar com Reign. Quanto mais rápido ela pousasse no colo do idiota, menos ela incomodaria Tex.

East: Falou com seus pais recentemente, @West?

West: Negativo.

East: Você é o pior.

West: Mas eu sou o melhor em ser o pior.

Eu tinha acabado de enviar a eles algumas fotos do meu novo olho roxo e vergões quando Grace entrou no quarto, secando seu cabelo loiro com uma toalha depois de sair do chuveiro. Seu rosto estava cheio de maquiagem, como sempre. Eu estava com essa garota por um tempo e ainda não sabia exatamente como ela era sob toda a base.Ela ainda estava assustada, mas bastante tranquila, já que ligamos para a Sra. Contreras e contamos o que aconteceu. Tivemos que esperar os policiais chegarem para dar uma declaração de merda antes de sermos prontamente mandados para casa. A Sra. Contreras também estava lá. Ela voltou com o xerife Jones à delegacia para fazer um relatório oficial.

Texas desabou ao meu lado, beijando meu ombro ferido. Eu a coloquei debaixo do braço e dei uma mordida suave em

seu pescoço.Ela fechou os olhos, sua pequena respiração fazendo cócegas no meu queixo. Seus dedos traçaram círculos ao redor da tatuagem em meu bíceps interno.

— Para quem você estava enviando mensagens de texto?

— East e Reign.

Ela pigarreou. — Era?

— Quem diabos mais? — Ela tinha perdido o memorando de que eu não era exatamente uma borboleta social?

— Tess? — Ela perguntou baixinho.

Eu bufei, afastando os fios de cabelo dourado de seu rosto. Ela parecia muito com um anjo, às vezes, eu queria passar a mão em suas costas nuas apenas para ter certeza de que ela não tinha asas.

— Ciúmes fica bem em você, Tex.

— Lembra da primeira vez que nos encontramos? — Ela dedilhou meu cabelo com os dedos, como se eu fosse um violino, a cabeça enfiada debaixo do braço.

Claro que me lembrava. Foi a noite em que perdi a aposta para Tess e comprei raspadinhas e tacos para todos. Tess e eu provavelmente parecíamos amigos naquela noite. Foi na mesma noite em que a inclinei sobre a Ducati e a fodi duro no ferro-velho, latindo para ela tomar cuidado com a pintura. Fazia sentido que estivéssemos bem um com o outro.

Era assim que os caras operavam – éramos legais com as garotas que queríamos trepar, até transar com elas.

Na manhã seguinte que torci a bunda ginasta de Tess como um pretzel, dei-lhe uma carona para casa e me livrei de seu número. Fui rude o suficiente para parar no food truck para a entrevista de emprego, para ter certeza de que o cargo não seria ocupado.

— Vagamente, — menti, principalmente porque era patético admitir que a maior parte do que me lembrava daquela noite incluía Grace, não Tess. — Por que?

— Tess perguntou a você o que significava a tatuagem em seu bíceps, enquanto eu servia. — Meu coração parou de bater por um segundo. Ela procedeu com cautela e determinação. —O que a tatuagem significa, West?

Eu sabia que precisava contar a ela. Que se eu não fizesse, ela pensaria que ela e Tess estavam na mesma categoria. Elas não estavam. Tess era uma transa de uma noite, e Grace... Grace era uma transa de todas as noites. Uma namorada. A primeira garota a significar algo para mim em muito tempo. Ela deveria saber disso.

— A representa Aubrey. Minha irmãzinha.

— Você disse que é filho único. — Senti seus olhos se abrindo, seus cílios batendo na lateral do meu peito como pequenas borboletas.

Eu respirei fundo. — Não. Eu disse que não tenho irmãos. E eu não tenho. Ela morreu quando tinha seis anos. Eu tinha dezessete anos na época.

— Oh. — O silêncio ao nosso redor era tão alto que eu queria derrubar as paredes com minhas próprias mãos apenas para ouvir os grilos lá fora. — Eu sinto muito.

O que eu poderia dizer sobre isso? *Obrigado?* Eu odiava agradecer às pessoas que não me ajudaram. Sentir pena de minha perda não trouxe Aubrey de volta.

— Como? — Ela perguntou.

Senti meu lábio partido reabrindo enquanto o mordia. — Acidente de carro.

— Você estava na...?

— Não, — eu rebati. A ferida de sua morte era muito crua para eu escolher. — Aí está, Tex. Algo que você conhece e Tess não. Ninguém conhece. Bem, além de East. Podemos parar de falar sobre isso agora?

Ela não respondeu. Com razão. Eu estava sendo um *filho da puta* irritadiço de novo.Um silêncio de dez minutos se estendeu entre nós. Eu esperava como o inferno que ela nunca trouxesse Aub de novo, mas sabia que com toda probabilidade, ela o faria.

— Você está bem? — Perguntei finalmente, quando a senti afundar, entregando-se ao doce sono.

— Sim.

Eu sabia que era mentira.Eu ainda peguei.



Grace

A de Aubrey.

Não significava anarquia ou arrogante ou qualquer das coisas que eu imaginei, enquanto me virava e revirava nas noites em que éramos apenas amigos, tentando ler o impossivelmente misterioso West St. Claire.

Aubrey. Que nome lindo. As peças estavam finalmente se encaixando, criando uma imagem primorosamente trágica.

West havia sofrido uma das maiores perdas que alguém poderia experimentar. Seus pais ficaram quebrados depois de perder sua filha, possivelmente estando no carro quando aconteceu, possivelmente até mesmo sendo a *razão* pela qual o acidente ocorreu em primeiro lugar.

West estava tentando ajudá-los a se recuperar financeiramente, mas ainda não os havia perdoado pela morte de Aubrey.

Sim. Foi o que aconteceu.

Agarrei meu namorado com mais força naquela noite.

Amando-o com cada pedaço do meu coração... e um pouco mais.



Dezessete

Grace

— A professora McGraw quer você em seu escritório. Imediatamente.

Lauren, também conhecida como Blanche, cumprimentou-me na minha caminhonete logo pela manhã. Sua voz estava rouca, como se ela tivesse passado o mês inteiro fumando dezessete maços de cigarro por dia; ela enrolou um lenço no pescoço, embora o concreto sibilasse e chiasse com o calor sob nossos pés. Saí cambaleando do meu Chevy, indo direto para o escritório da Professora McGraw, pensando: *Nossa, isso não pode ser bom.*

McGraw estava esperando por mim, com as mãos cruzadas sobre a mesa.

— Você quer redenção, Grace Shaw. Ser uma fênix. Tudo sobre você grita isso; sua bolsa, seu anel de chamas, sua tragédia. Você se carrega pelos corredores, ocupando o mínimo de espaço possível, esperando a mudança acontecer. Mas para se transformar em uma fênix, você tem que lutar por ela. Para alçar voo. Bem, é o seu dia de sorte.

Eu levantei uma sobrancelha, curiosa. Ela falou sobre tudo, mas eu não tinha percebido que as pessoas estavam prestando atenção em mim na escola.

Só recentemente parei de me sentir um tímido pássaro.

— Pobre Lauren, acabou de ser diagnosticada com nódulos nas cordas vocais e está fora. Precisamos de uma nova Blanche, e você precisa de um papel para salvar seu semestre. Eu coloquei formalmente seu nome, e o Sr. Finlay concorda plenamente que você deve participar.

Abri minha boca, mas ela se apressou antes que eu pudesse acrescentar qualquer coisa, balançando a cabeça.

— Como você provavelmente sabe, Tess Davis tem perseguido ativamente o papel. Ela é extremamente disciplinada, mas acho que, visto que ela está competindo por esse papel por tanto tempo, se eu der a ela, os alunos podem pensar que podem intimidar seu caminho para conseguir as coisas por aqui, e eu simplesmente não vou aceitar isso. A estreia é daqui a menos de um mês. Por favor, não me diga que você está despreparada. Você sabe essas falas de cor – pode recitá-las durante o sono. Cruz tem prestado atenção em você durante os ensaios. Ele está tendo dúvidas sobre Lauren há algum tempo. Como você deve saber, ela teve dificuldades com o manuscrito.

As pessoas me notaram. O pensamento fez algo florescer em meu peito.

— Eu conheço as falas, — eu disse baixinho, tentando processar tudo isso, enquanto afundava na cadeira na frente dela.

Blanche era o papel principal.

A oportunidade de ouro.

A cereja do bolo.

Eu conseguiria salvar meu semestre. Provavelmente fechá-lo. Qualquer coisa aquém de um desastre completo faria maravilhas pela minha nota. A ideia de subir no palco sem meu boné me fez estremecer... mas não me encolhi.

Já tinha feito isso antes.

Tirar meu boné.

Graças a West.

Dezenas de vezes, na verdade.

Eu podia fazer isso.

A realização quase me deixou sem fôlego. Eu poderia fazer um bom trabalho interpretando Blanche. Eu li a peça tantas vezes que meu cérebro recitava minhas falas favoritas toda vez que adormecia. Em meus sonhos, o antigo eu – o *eu* sem cicatrizes – estava naquele palco, encenando ao lado de Marlon Brando.

Eu ia fazer isso.

Eu salvaria meu ano e superaria meu medo do palco.

— Diga algo. — McGraw inclinou a cabeça, piscando para mim. — Não gosto de todo esse silêncio. Você vai ou não substituir a Srta. McCarthy?

Pressionei meus lábios, mordendo um sorriso enorme.

— Seria uma honra, Professora McGraw.

— Ah, finalmente! — Seus lábios vermelhos se torceram em um sorriso maternal que espinhou meu coração. — E então, nasce a fênix!



Uma hora depois do meu encontro com a professora McGraw, Cruz Finlay reuniu todo o elenco da peça na sala de ensaios em Lawrence Hall, fazendo o anúncio oficial. Lauren ficou ao meu lado, dissecando os fios de seu lenço com um beicinho. A professora McGraw tinha me garantido que o trabalho de Lauren até agora iria para sua pontuação geral do semestre e que ela ainda seria aprovada, o que foi um alívio. Por mais que eu quisesse essa oportunidade, não queria ver Lauren fracassar.

— Droga! Isso é uma má notícia para a sua garganta, Lo. Então, presumo que o papel de Blanche está disponível

agora? — Tess atirou em Lauren – a quem ela havia tentado ativamente matar com bonecos de vodu e olhares da morte durante o ano letivo – um sorriso de desculpas.

— Na verdade, não. — Finlay reorganizou a boina na cabeça. — Alguém já conseguiu o papel. Vocês, digam olá para sua nova Blanche – Grace Shaw!

As pessoas batiam palmas, olhando entre Lauren e eu em busca de permissão oficial para comemorar o anúncio. Eu abaixei minha cabeça, sentindo minhas bochechas corarem.

Lauren revirou os olhos. — Oh, pelo amor de Deus, um pouco mais de entusiasmo, pessoal! — Ela me abraçou, inclinando-se para sussurrar em meu ouvido: — Você merece tudo. Eu vi como você estava apaixonada por este projeto desde o primeiro dia. Estou feliz por ser você, Shaw.

— Obrigada.

— Certo, Grace! Fico feliz em ter você a bordo. — Aiden, meu coprotagonista, deu um aperto no meu ombro.

Logo, as pessoas fizeram fila para me abraçar e parabenizar. Tess não era uma delas. Não fiquei surpresa. Mesmo antes de aparecer a notícia sobre meu papel como Blanche, ela não estava feliz com West e eu.

West. Eu mal podia esperar para contar a ele sobre meu papel. Ele ia ficar nas nuvens. Karlie também. E vovó Savvy...

Se ela se lembrar de quem eu sou hoje.

— Tudo bem, eu tenho duas palestras consecutivas e um horário na depilação. Vejo vocês às quatro horas. Estejam aqui e brilhem! — Finlay acenou com o dedo para o elenco, subindo as escadas e saindo de vista. Todos saíram em grupos, conversando e rindo entre si.

Eu levantei minha cabeça, ficando cara a cara com Tess, que, como eu, tinha ficado para trás.

Seus lábios estavam franzidos, seus olhos nublados de raiva. A decepção marcou seu rosto com manchas vermelhas.

— Uau, — ela respirou.

Eu sorri educadamente.

— Parabéns, eu acho. Não tenho certeza aonde isso vai levar você – não é como se você estivesse prestes a ganhar um Tony Awards[75] com esse... com esse...

— Rosto? — Completei a frase para ela suavemente. — Então, você continua me lembrando. Deixe-me dar um conselho, Tess. Se você não pode mudar o resultado de alguma coisa, desista.

— Eu só acho isso tão injusto. Tão... tão egoísta! — Tess jogou as mãos para o ar, os ombros caídos. — Historicamente falando, a atrizes que interpretam Blanche sempre dispararam e saíram da obscuridade. De shows na Broadway

[75] É o maior e mais prestigioso prêmio do teatro dos Estados Unidos.

ao West End[76], peças escolares e até filmes. Você já assistiu *Tudo sobre minha mãe*? — Ela inclinou a cabeça, me lançando um olhar duvidoso. Eu não poderia dizer que sim, então dei a ela um encolher de ombros.

— Foi o que eu pensei. Todo o filme começa com a mãe da história. Ela está apaixonada pela atriz que interpreta Blanche. Seu amor por Blanche leva a uma terrível tragédia. Blanche é mágica. Icônica. Eu *nasci* para ser ela. E você... — Ela prendeu a respiração. Ela enterrou o rosto nas palmas das mãos, sacudindo a cabeça desesperadamente.

— Você já tomou West. Olha, eu entendo. Você ganhou. Ele é seu. Eu nem me importo mais. Mas você não pode tirar Blanche também. Por favor, Grace. Este papel pode ser isso para mim. Isso poderia abrir muitas portas. Para você, é aqui que tudo vai começar... e terminar. Você nem quer subir no palco. Tem evitado isso desde que te conheço. Você nunca fará nada com sua carreira de atriz, e mesmo se você quisesse, você não tem chan...

Ela desviou o olhar de mim, sabendo que havia ultrapassado os limites novamente. Eu sabia o resto da frase. Ela começou a andar pela sala, seus músculos longos e tensos.

— Vou te dar o papel de Stella. Vou colocar você em contato com meu agente. Nós poderíamos nos ajudar! Sim! —

---

[76]O West End é uma área central da Região de Londres, Inglaterra, que contém muitas das principais atrações turísticas do lugar, bem como diversas sedes de empresas e os célebres teatros do West End, que compõe o complexo conhecido como Theatreland

Ela estalou os dedos, sorrindo. — Vai ser incrível. Vamos consertar as coroas uma da outra. Você sabe que sempre estive do seu lado.

Tess realmente achava que só porque ela não era realmente má comigo, ela estava me fazendo um grande favor? Eu senti meus punhos cerrando ao lado do meu corpo.

— Não posso fazer isso, Tess. Na vida, você tem que deixar outras pessoas ganharem. O fracasso o constrói ou o destrói. É sua escolha o que fazer com isso.

Eu desenrolei meus punhos, levantando meu queixo, enquanto examinava seu rosto lindo, mas dolorosamente vazio.

— Você vai tirar tudo de mim, hein? Não vai parar até você me quebrar? — Ela murmurou.

— Você está brincando comigo? — Eu fervi, perdendo a paciência. — Você tem o mundo inteiro aos seus pés. Tudo o que tenho – este papel, West, a *vida* – veio para mim depois de duas vezes o trabalho que você colocou nas coisas.

— Exatamente! — Tess rosnou de frustração, acenando com as mãos na frente do meu rosto. — Exatamente isso, Grace. Tudo o que você conseguir na vida será conquistado com dificuldade, se é que for possível, no mundo da atuação. É claro que a professora McGraw deu a você esse papel para se dar bem e deixá-la passar. Sou eu quem fica ferrada aqui. Sou eu que estou perdendo o papel da minha vida.

A pior parte é que eu sabia que Tess realmente não era uma pessoa horrível, lá no fundo. Ela simplesmente queria todas as coisas que eu consegui conquistar. Até este ano, até que West e Blanche aconteceram, ela foi a mais legal comigo de todos os meus colegas.

Até eu não ser mais invisível para todos os outros.

Até que me tornei sua competição.

Até eu *ganhar*.

— Tess, — eu sussurrei, estreitando meus olhos. — Sinto muito por você se sentir assim. Mas não vou desistir do papel para apaziguá-la. Eu também não vou desistir do meu namorado. Espero que você caia em si e perceba que é melhor do que isso. — Eu empurrei meu queixo em sua direção. — Tenha um bom resto de dia. Vejo você às quatro.

Virando-me, eu me afastei, sentindo os olhos dela nas minhas costas, como a lente de um rifle.

Ninguém me avisou o que aconteceria quando a fênix finalmente emergisse das cinzas, livrando suas gloriosas asas de pontas vermelhas da poeira pesada.

Que haveria outros monstros e criaturas para lutar ao longo do caminho.

Que apesar de ter sua liberdade, ainda haveria batalhas pela frente.

E que todas elas seriam sangrentas.



Dezoito

Grace

Depois de um ensaio tenso que consistia em Tess deprimida e discutindo com Finlay sobre cada pequena coisa; a iluminação do estágio, a hora tardia, seu manuscrito manchado de café, e até mesmo o maldito clima (*Está muito quente, não podemos continuar amanhã?*), eu fiz meu caminho para minha caminhonete, emocionalmente esgotada.

Eu estava tão exausta, que eu recorri a mandar uma mensagem de texto para West com as boas notícias sobre meu papel, com o qual eu estava ficando cada vez mais animada. Eu não tinha forças para atender quando ele ligou. Não consegui reunir o entusiasmo que a conversa merecia. Eu prometi a mim mesma que levaria para ele um sanduíche farto amanhã, feito do zero, e contaria a ele o que havia acontecido com a Professora McGraw detalhadamente.

Estacionei na frente da minha casa, entrando ao som de uma comoção no andar de cima. Minhas costas enrijeceram. Marla estava gritando, e o barulho persistente de uma porta de madeira ecoou pela casa.

— Abra, seu morcego velho. Eu não estou pedindo de novo. Vou ligar para o xerife Jones e mandar ele derrubar essa coisa. Você está se colocando em perigo real aqui!

Senhor, e agora?

Larguei minha mochila no andar de baixo e subi correndo as escadas. Virando a esquina para o corredor, vi Marla batendo os punhos na porta do banheiro, seu rosto corado e o cabelo uma bagunça. Seus punhos estavam rosados e inchados.

— Savannah! — Seu rugido quase explodiu o telhado para o céu. — Abra essa porta, agora!

O som da água correndo do outro lado da porta encheu meus ouvidos.

— Não! — A voz da vovó tilintou como uma moeda em um cofrinho vazio, oco e estridente. — Você não está mais me enganando. Você quer atrair minha doce, inocente Courtney de volta às drogas. Eu não vou abrir. Eu não te conheço, senhora. Além do mais, *eu* vou chamar o xerife Jones para *prendê-la.* Esta é minha propriedade! Posso estar velha, mas conheço bem os meus direitos.

Não foi a primeira nem a quinta vez que a vovó não reconheceu Marla, mas foi a primeira vez que ela resistiu ativamente.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei, colocando minha mão em seu ombro.

Marla enxugou o suor do rosto, balançando a cabeça. Quando ela se virou para me encarar, percebi que ela estava chorando. Seus olhos estavam brilhantes e inchados.

— Eu não posso mais fazer isso, querida. Eu sinto muito. Eu simplesmente não consigo. Sua avó é... — Ela balançou a cabeça, franzindo os lábios para não chorar. — Ela não está bem. E mantê-la aqui, sem diagnóstico, não está lhe fazendo nenhum favor. Você enviando-a para uma casa de repouso não é sobre fazer o que é conveniente para *você,* querida. Não é um ato egoísta. Eu gostaria que você entendesse isso. Neste ponto, você está prestando um péssimo serviço à pobre mulher por mantê-la aqui. Ela não está mais em posição de fazer suas próprias escolhas. Ela não está lúcida e pertence a um lugar que pode acomodar suas necessidades 24 horas por dia, sete dias por semana. Grace... — Ela engasgou, seu queixo balançando com a explosão iminente de um lamento. — Ninguém vai aceitar este trabalho. E isso é algo que *você* deve aceitar.

Dei um abraço rápido em Marla e a mandei embora, depois levantei as mangas para bater na porta.

A água começou a vazar pela fresta da porta. Minha respiração engatou, enquanto eu observava a fina lâmina de água deslizando por baixo dos meus FILAs, fazendo seu caminho para o corredor. Ela estava enchendo a banheira?

Eu não sabia como ela conseguiu trancar Marla do lado de fora. Ela não deveria estar lá sozinha. Nunca.

Você deveria trocar as maçanetas que podem ser trancadas do outro lado, uma vozinha dentro de mim fumegou. *Você ficava dizendo a si mesma que a vovó era incapaz de ser tão imprudente. De fazer algo tão perigoso. Outra mentira que você se alimentou sobre ela.*

— Vovó, — eu gritei em minha voz mais suave. — Sou eu, Gracie-Mae, sua neta. Por favor, abra a porta para que eu possa ajudá-la.

— Gracie quem? — Ela perguntou com um bufo suspeito. — Eu não conheço nenhuma Gracie-Mae. A única família que tenho é Freddie e minha Courtney, e ela está com problemas, porque ralé como você está tentando vender drogas para ela. Mas não vou deixar isso acontecer mais. Acaba agora. Certo, Courtney, baby?

Com quem ela estava falando?

Querido Deus, ela estava muito mal?

Mas eu já sabia a resposta para essa pergunta. Eu apenas fingi que não era assim.

Eu agarrei a maçaneta da porta, dando uma sacudida. Quando isso não funcionou, bati minhas palmas contra a madeira desesperada.

A água continuava caindo, escorregando escada abaixo agora. Exatamente como na noite do incêndio, mas ao contrário. Ela ia se afogar. Eu não poderia deixar isso acontecer. Eu temi que mesmo se chamasse West ou o xerife

Jones, quando eles chegassem aqui, algo ruim teria acontecido.

— Estou entrando! — Eu anunciei, inclinando meu ombro em direção à porta e dando um passo para trás. Usei todo o impulso que pude reunir e bati na porta com o lado do ombro.

Além de possivelmente deslocá-lo, nada aconteceu.

Merda. Porcaria. Merda tripla.

— Vovó! — Eu bati na porta, ofegante. Sem resposta.

Eu empurrei meu ombro contra a porta novamente, tentando mexer na maçaneta da porta, a picada de lágrimas cobrindo meus olhos. Eu me atrapalhei para pegar meu telefone, ligando para West, enquanto continuava minhas tentativas de abrir a porta.

— Tex, — ele respondeu após o primeiro toque. — E aí?

— Eu preciso que você venha aqui. Vovó se trancou no banheiro e a água está correndo. Está em *toda parte*, West.

— Estou indo.

Eu o ouvi se levantando e o som da corrente da carteira, o tilintar das chaves, enquanto ele as pegava e o barulho de suas botas no cascalho solto.

— Eu me preocupo que você vai chegar tarde demais... — Eu engasguei com minhas palavras. Eu nunca deveria tê-la deixado sozinha. Marla não podia cuidar dela sozinha.

Então, o quê? Você quer largar a faculdade e dedicar sua vida a cuidar de alguém que você faz infeliz e nem se lembra de você na metade do tempo?

Eu o ouvi acelerando a Ducati, mas ele não desligou.

— Você está com seu cartão de débito em mãos?

— Ah, eu não tenho um cartão, — eu murmurei, corando.

— Algum cartão na sua carteira? Costco?[77] Plano de saúde?

— Eu tenho meu cartão da biblioteca, — eu engoli.

— É de plástico?

— Sim.

— Eu vou te orientar a destrancar a porta. Pegue o cartão.

— OK.

Corri de volta para baixo, segurando o telefone, enquanto ele estava no viva voz, e procurei minha carteira na minha mochila. Levei três vezes antes de conseguir encontrar

[77] É uma empresa de varejo americana.

o cartão da biblioteca, meus dedos tremiam tanto. Eu corri escada acima novamente, posicionando-me na frente da porta do banheiro. A água atingiu o andar térreo e o terror me inundou.

Eu podia ouvir West na moto, o vento soprando. Seu telefone estava enfiado dentro do capacete, do jeito que o vi fazer dezenas de vezes.

— Pegou? — Ele perguntou.

— Peguei.

— Deslize o cartão entre a porta e a moldura, logo acima da fechadura.

Fiz o que me foi dito, minha respiração presa na garganta.

— Agora, incline o cartão em direção à maçaneta da porta e tente dobrá-lo entre a fechadura e a moldura.

— Dentro.

Eu balancei o cartão para frente e para trás, sentindo o bloqueio travando e destravando, mas não totalmente. Meus nervos em frangalhos dispararam um sinal para o resto do meu corpo, fazendo-me tremer. O forte barulho de água na banheira do outro lado da porta me fez querer vomitar. E depois...

A porta clicou, abrindo-se apenas alguns centímetros. Eu espalmei minha mão sobre ela, entrando. Vovó estava na

banheira, completamente vestida, a água na altura do queixo. Ela me encarou, acordada, seus olhos turvos.

Ela parecia querer atirar em mim.

— Está aberta! — Eu chorei de alívio no telefone, deixando-o cair na pia seca. Eu me lancei em direção à vovó. Ela me empurrou para longe, sua mão pesada com água. Desliguei a água imediatamente.

— Saia daqui, sua filha do Diabo! Saia da minha casa! Fora da minha vida!

Eu parei no meio do caminho.

— Olhe para o seu rosto! — Ela assobiou. — *Monstro.*

Dei um tapinha no rosto, percebendo que em algum momento durante meus esforços para destrancar a porta do banheiro, joguei fora meu boné. — O Diabo tocou em você e agora você está marcada. Feia e contaminada, por dentro e por fora. Você está aqui para levar a minha Courtney, não é?

— Vovó, não. Você não sabe...

— Eu sei. — Sua voz era baixa. Estranhamente calma, de repente. — Grace. *Gracie-Mae*. Você é um grande incômodo, Gracie. Você foi a razão pela qual ela fugiu. Você sabia disso? Você foi demais. Muito escandalosa, muito chorosa, muito exigente. Quando ela te deu, olhei para você e tudo em que pensei foi que era injusto. Uma neta por uma filha. Eu nunca quis você. Você a tirou de mim. *Você*. — Ela

apontou um dedo trêmulo para mim, suas narinas dilatadas, seus lábios ficando azuis, junto com sua pele sempre pálida na água fria. Ela ia pegar uma pneumonia e eu precisava tirá-la de lá, mas não consegui impedir seu fluxo de palavras. — Sua filha do diabo! Meu único consolo é que Deus já fez o trabalho por mim. Puniu você com esse rosto. Puniu você por todos os seus pecados!

Ela inclinou a cabeça para o teto, sorrindo, como se tocada por um raio de sol invisível. Ela fechou os olhos com força, uma risada amarga deixando sua boca. — Todos pensam que foi você. Todos eles. Ninguém sabe nosso segredinho, Gracie-Mae. Ninguém sabe o que eu fiz naquela noite.

Houve uma pausa carregada antes de ela ir para a matança.

— Eu fiz de propósito. Deixei o cigarro ao lado da minha touca de dormir e deixei-o pegar. Eu não queria mais viver. Não queria que você vivesse também.

Um grito feroz rasgou minha garganta. Eu me lancei na velha senhora, agarrando a bainha de seu vestido e arremessando-a para fora da banheira, arrastando-a para o corredor e em seu quarto para secá-la. Eu a joguei no linho florido de sua cama como um saco de batatas, jogando uma toalha sobre ela e enxugando-a. Ela lutou comigo, mas eu ainda cuidei dela.

Eu e meu rosto feia.

Eu e minha mãe morta.

O anel de chamas quebrado queimou minha pele, e eu queria jogá-lo no chão e pisar nele mil vezes. Vovó estava errada. Nunca me concedeu nenhum desejo. Isso apenas me lembrou que eu era uma criança indesejada.

Vovó Savannah me culpou por tudo isso. Por Courtney se arruinar. Pela a família Shaw seguir seus passos. Eu era a responsabilidade com a qual a vovó fora selada, um peso morto, alguém de quem ela queria se livrar.

Nós lutamos em sua cama, eu por cima, as lágrimas turvando minha visão. Eu estava quase terminando de secá-la quando senti uma mão forte em meu ombro.

— Vá, Tex. Estou assumindo.

— Mas eu…

— *Vá.*

Eu me virei, fugindo, não ousando olhar nos olhos dele e ver o que estava lá. Tudo sobre mim era complicado e desanimador, e eu me perguntei, pela milionésima vez, por que West tinha ficado quando ele poderia ter algo muito melhor com qualquer uma das belas garotas que adoravam o solo em que ele pisava.

Egoisticamente – ah, tão egoísta – eu tranquei a porta do banheiro e tomei um banho, ignorando a banheira cheia a

menos de um pé de mim. Havia toalhas encharcadas no chão, escovas de dente e sabonetes espalhados por toda parte.

Concentrei-me em esfregar cada centímetro de mim, mesmo sob a água escaldante, livrando-me do dia horrível do meu corpo – incluindo meu rosto feio e cheio de cicatrizes.

Então, eu fui na ponta dos pés para o corredor. Eu ouvi West atrás da porta da vovó, acalmando-a silenciosamente para dormir, uma flecha injustificada de ciúme rasgando meu coração.

Eu deveria ser confortada em seus braços. Ele é meu.

Entrei furtivamente em meu quarto antes que a vontade de começar uma briga de gatos com minha avó idosa, que sofre de Alzheimer, dominasse-me.

Coloquei meus pijamas e desabei na cama, olhando para o teto. As lágrimas correram livremente pelo meu rosto. Pela primeira vez em anos, não tentei impedi-las.

Depois que os roncos suaves da vovó encheram o corredor, ouvi West pisar no chão. Eu o ouvi limpando o banheiro, esfregando o corredor e as escadas e descendo para a cozinha para preparar um café.

Ouvi-lo viver, *respirar*, existir em meu mundo ao meu lado, foi reconfortante. Ele foi uma dádiva de Deus. Eu não poderia ter lidado com a vovó sozinha esta noite.

Por fim, pareceu que ele subiu as escadas, colocou as duas canecas de café no chão do lado de fora do meu quarto e pressionou a testa contra a porta do outro lado.

Assustou-me o quão bem eu conhecia sua linguagem corporal. A maneira como ele se conduzia pela minha casa. Eu podia praticamente imaginá-lo fazendo tudo isso.

— Abra a porta, Texas.

Em minha névoa, eu tinha esquecido de reaplicar minha maquiagem. Eu não queria enfrentá-lo. Não quando eu sabia que ele tinha ouvido todas as coisas horríveis que vovó tinha dito sobre mim, enquanto o telefone estava ligado. Já era ruim o suficiente eu ser atroz, sem ninguém me ver.

Eu estive quebrada muitas vezes, mas nunca exatamente como estava hoje.

Eu não respondi a ele.

— Eu quero ver seu rosto.

A urgência em sua voz me assustou. Ele parecia engasgado, à beira de algo que eu não queria que ele passasse.

— OK. Me dê cinco minutos! — Eu balancei minhas pernas para o lado na minha cama.

— *Sem maquiagem.*

Eu parei no meio do caminho, a um passo da minha mesa para pegar meu kit de maquiagem.

O medo deslizou pela minha espinha como uma cobra mortal, envolvendo seu comprimento em volta do meu pescoço, sufocando minha respiração.

— Você não sabe o que está pedindo, — eu disse com voz rouca, jogando suas palavras de volta para ele. Eu ainda me lembrava de como ele pensava que eu não seria capaz de perdoá-lo, se soubesse o que ele fez para torná-lo do jeito que é.

— Porra, experimente.

— Você a ouviu. Eu sou feia. A filha do diabo.

— Você é linda. Minha namorada, — ele rebateu.

— Ela queria nos matar... — Eu desabei, soluçando, ainda parada no meu quarto, sem rumo. Ele demorou um pouco para me responder.

— Não. Ela estava confusa e vingativa. Ela queria machucar você. Ela nunca quis te matar. O incêndio foi um acidente.

Mas não havia como nenhum de nós saber. A verdade é que eu nunca seria capaz de fazer essa pergunta à vovó lúcida. Era muito doloroso para todos os envolvidos.

Eu me aproximei do espelho da minha penteadeira e pisquei para mim mesma, tendo um vislumbre do que West

estava prestes a ver em alguns segundos. Não havia uma ponta de maquiagem no meu rosto. Minha história – minha tragédia – estava escrita nele, como um grito.

A pele derretida do meu lado esquerdo. Meu olho esquerdo ligeiramente torto, um pouco menor que o direito devido ao tecido cicatricial puxado em torno dele após a cirurgia reconstrutiva. A sobrancelha faltando. O roxo… *tudo*.

Cautelosamente, eu me movi em direção à porta. Coloquei minha mão na maçaneta e a abri antes que perdesse a coragem.

West e eu ficamos na frente um do outro em silêncio.

Eu o observei me observando. Ele absorveu tudo, engolindo cada centímetro de mim. Seus olhos percorreram todo o comprimento do meu lado esquerdo, gravando-o na memória.

Ele não pode deixar de ver o que está vendo, eu me lembrei. *A partir de agora, toda vez que ele olhar para você, com ou sem maquiagem, é isso que ele vai ver.*

A expressão de West não revelou o que ele estava pensando. Senti minhas entranhas desmoronando como um arranha-céu demolido, implodindo, e sabia que se ele escolhesse se afastar de mim, minha fênix não seria capaz de lutar para passar pelas ruínas.

Mas ele não foi embora.

Ele deu um passo para dentro do meu quarto, levantando a mão. Ele traçou seus dedos sobre minhas cicatrizes tão suavemente que eu queria chorar, olhando nos meus olhos, olhando para minha alma nua. Seus dedos tremiam. Peguei sua mão e a beijei. Uma das minhas lágrimas ficou presa entre seu dedo indicador e médio.

— Ouça-me com atenção, Grace Shaw. Você é a garota mais linda que já vi em toda a minha vida. Quando eu olho para você, vejo uma lutadora. Vejo resiliência, força e desafio que ninguém pode tocar. Você tira o meu fôlego, e ninguém – e *nada* – vai mudar isso.

Fechei os olhos e abri a boca para falar, mas não saiu nada. Tentei novamente, procurando minha própria voz. Eu não sabia o que sairia da minha boca.

A verdade, eu suponho. O segredo mais vulnerável que uma pessoa poderia contar.

— Eu te amo. Estou com medo de amar você, mas eu amo, no entanto, — eu admiti rispidamente. — Desde o momento em que você me ajudou a encontrar a vovó naquela noite terrível, não me deixando recusar a ajuda de que eu obviamente precisava. Meu coração está em seu punho.

Ele chutou a porta atrás de si, mergulhando para o beijo que acabaria com todos os beijos.

Foi o beijo que reescreveu nossa história.

Um beijo que me fez sentir a garota mais linda do mundo.

Um beijo que tinha gosto de vitória.

— Eu não vou quebrá-lo.



West

O beijo tinha gosto de mentira.

Eu disse que não quebraria o coração de Grace, mas já podia me imaginar fazendo isso.

Enquanto eu a despia.

Fazia amor com ela.

Eu precisava colocar alguma distância entre nós. Kade Appleton estava me observando, eu sabia. E quase morar em sua casa colocou um alvo nela.

Quando amanheceu, peguei minhas coisas e fiz meu caminho para casa.

Eu estava esperando em um cruzamento quando um homem de capacete em uma Harley apareceu do nada e se chocou contra mim. Fui jogado para fora da moto e lançado no meio da estrada. Felizmente, não havia nenhum outro veículo na hora.

Eu me virei no cascalho, sibilando, enquanto segurava uma de minhas mãos firmemente com a outra. Eu caí errado e já sabia que havia quebrado pelo menos dois dedos. O som de botas pesadas no concreto veio batendo na minha direção, e olhei para cima para ver quem as usava.

Quando ele me alcançou, o homem se abaixou, colocando-se ao nível dos meus olhos, apoiando-se nos joelhos. Não havia nada que eu quisesse mais do que arrancar o capacete de seu rosto e colocar seu nariz em meu punho, mas não conseguia me mover.

— Bela namorada você tem lá. Que vergonha se algo acontecesse com ela, hein?

Ele se virou e foi embora, de volta à sua Harley.

Eu tinha que manter Grace segura, não importava o custo.

Mesmo que isso significasse perdê-la.



Dezenove

Grace

Uma semana de ensaios para *A Streetcar Named Desire*, e mesmo que Marla estivesse agitada e West estivesse misteriosamente distante (e exibisse alguns dedos de aparência estranha, provavelmente depois de sua última luta), eu sabia que tinha uma coisa a meu favor:

Eu estava prosperando no palco.

É verdade que a quantidade de maquiagem que eu precisava para realmente *entrar* no palco, com certeza, me levaria à falência, mas o boné estava fora e eu gostava de ser Blanche. Estar presa em sua cabeça era muito parecido com estar na cabeça da vovó, eu assumi. Confusa, mas inteligente. Doce, mas agressiva. Perdida, mas sensata.

Decidi não pensar nas coisas que vovó me disse naquele dia na banheira. Algo que eu disse à Tess ressoou em mim – se eu não pudesse mudar algo, teria que deixar para lá. Mesmo se minha avó realmente acreditasse que eu era a fonte de todos os seus problemas, eu não poderia mudar isso. Não agora. Provavelmente nunca.

Finlay salivava com a minha performance nos ensaios, e Lauren estava sempre sentada a algumas fileiras do palco, torcendo e batendo palmas sempre que eu fazia uma cena.

Até Tess se acalmou. Não éramos exatamente amigáveis, mas ela foi profissional e fez questão de não lançar mais comentários maldosos na minha direção.

Estávamos no meio de um ensaio matinal, tão perto da noite da estreia que quase pude tocá-la, quando fizemos uma pausa de dez minutos. Corri para os bastidores e peguei um gole d'água, conversando com Finlay e Aiden depois de arrasar na cena em que Stanley estupra Blanche.

Tess se aproximou de mim, falando com Kelly, a produtora.

— Sério, estou tão feliz por ter começado a namorar Reign. Ele está lá para mim, sabe? Eu simplesmente não preciso de complexos agora. — Ela jogou o cabelo em um ombro.

Se fosse para meus ouvidos, ela estava perdendo o fôlego. Eu esperava que ela e Reign fossem felizes juntos. No entanto, se ela pensou que namorar alguém que tinha sido malvado comigo me deixaria aborrecida, ela estava errada.

Finlay continuou falando comigo, enquanto Tess suspirava dramaticamente nas minhas costas. — Eu realmente não conseguia me imaginar namorando alguém tão perigoso e desequilibrado como West. Esse show de não

responder a ninguém simplesmente envelhece em algum momento, sabe?

Sim, eu tinha certeza que sua decisão não teve nada a ver com o fato de West a ter ignorado repetidamente desde que eles ficaram.

— Quero dizer, olhe para ele, indo em uma segunda luta contra esse cara Kade Appleton na próxima sexta-feira. Quem faz isso? Apenas alguém com desejo de morte. Não, obrigada. Gosto de dormir à noite sabendo que meu namorado está inteiro. Até Reign diz que ele deve desistir da luta. Mas é um fato bem conhecido que West se preocupa mais com o dinheiro do que com as pessoas em sua vida.

Minha mente se encheu de névoa vermelha enquanto suas palavras afundavam no meu estômago, estabelecendo-se lá como pedras.

Então, ele aceitou a luta.

Ele mentiu para mim.

Eu pedi a ele... não, eu *implorei* a ele para me prometer que ele não jogaria em mim nenhuma das merdas que ele deu para outras garotas, e ele fez.

Ele me fez uma promessa e a quebrou.

— Eu preciso... eu preciso ir...

Finlay, que estava no meio da frase, fechou a boca, franzindo a testa em confusão. Peguei minha mochila e corri

para fora do auditório. Provavelmente foi uma grande surpresa para Tess, que devia saber que eu não sabia das informações que ela me deu. Se alguma dessas coisas fosse mesmo verdade.

Talvez ela só quisesse que West e eu brigássemos.

Só havia uma maneira de descobrir.

Eu irrompi no corredor, olhando ao redor freneticamente, esperando encontrar West no mar de alunos. Este era o prédio em que ele tinha a maioria das aulas, então fazia sentido. Eu examinei o oceano de cabeças, mas não pude vê-lo. Eu nem sabia se ele estava no campus. Sher U não era exatamente pequena e consistia de vários cursos diferentes. Peguei meu telefone e disquei seu número.

Direto para o correio de voz. Tentei novamente. Mesmo resultado. Eu mandei uma mensagem para ele.

Grace: Ligue para mim. É urgente.

Empurrando as portas duplas abertas, procurei por ele do lado de fora. Perto da fonte. Na academia. Em seguida, fui para o refeitório. Eu queria estrangulá-lo. Agora eu sabia como seus pais devem se sentir. Eu estava prestes a sair do refeitório, entrar na caminhonete e dirigir para a casa dele

quando notei uma cabeça de cachos ruivos no canto do refeitório.

Max.

Minhas pernas me levaram até ele, minha mente focada em uma coisa – impedir West de entrar no ringue na próxima sexta-feira. *Na próxima sexta.* É por isso que ele estava tão agitado esta semana. Senhor, me ajude.

Max estava conversando com uma garota bonita, inclinada sobre a parede contra a qual ela estava colada. Eu bati em suas costas. Ele se virou lentamente, seu sorriso desaparecendo quando viu meu rosto.

O sentimento é mútuo, amigo.

— Hã, ei?

— Oi. Sou Grace Shaw.

— Ok, — disse ele enquanto colocava os óculos de sol na cabeça. — Como posso ajudá-la, Grace Shaw? — Ele fez questão de repetir meu nome completo, como se tivesse sido idiota da minha parte me apresentar assim. A garota ao lado dele bufou.

— Você é o agenciador de apostas do West, certo?

Seu peito se alargou com orgulho e ele me lançou um sorriso.

— Está certo. Você é o sabor da semana, certo?

Eu ignorei seu golpe.

— Estou aqui para pedir a você que cancele a luta na sexta-feira.

— Desculpe?

— Você me ouviu. — Eu estreitei meus olhos. — Não o quero no ringue com Appleton.

— West é um menino crescido.

— Ele também não está fazendo a coisa certa aqui, e nós dois sabemos disso.

— Ele está prestes a ganhar mais dinheiro do que em um ano e meio, então, com todo o respeito – e não tenho nenhum por você porque não a conheço de verdade - concordaremos em discordar.

Eu abri minha boca para responder, mas ele passou por mim, esquecendo-se da garota que estava deixando para trás. Ele queria fugir dessa conversa antes que ficasse feia, sem saber que era tarde demais para isso. Eu o segui.

— Agora, eu sugiro que se você tiver problemas com a luta, leve isso pessoalmente para ele. Eu não sou a mãe dele.

Eu agarrei seu pulso com força, todos os ossos do meu corpo queimando de raiva. Ele parou.

— Se você deixar isso acontecer, — eu mordi cada palavra, meus dentes cerrados, enquanto eu falava, — Eu irei às autoridades com essa informação.

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu soube que eram as erradas. Max se acalmou. A conversa em torno do refeitório parou. O desastre pairava no ar, gordo e inchado, pronto para explodir na minha cara.

Ninguém delatava Max e West.

Ninguém havia informado as autoridades sobre as festas do Sheridan Plaza.

Por anos.

Essa era a regra.

E eu apenas ameacei quebrá-la.

Max se virou lentamente para me encarar, mas foi West quem fez meu coração pular no peito. Eu o vi marchando da entrada em minha direção, Easton e Reign de cada lado dele. Seus olhos percorreram a sala, e quando encontraram o que estavam procurando – eu – ele veio direto na minha direção.

A primeira vez que ele reconheceu minha existência na escola desde que começamos a namorar, tive a sensação de que não gostaria.

Alguém o avisou sobre minha discussão pública com Max.

West sabia o que estava acontecendo.

Sabia que eu havia descoberto sobre sua luta. Sobre suas mentiras.

Mas não era eu a única a sentir o que supostamente sentia. Zangado, corado e com medo. Ele quebrou uma promessa. Ele tinha muito pelo que responder.

West parou bruscamente na minha frente, todos os músculos bronzeados e mal contendo a fúria. Eu dei um passo para trás e me lembrei que este era o mesmo homem que me adorava entre os lençóis todas as noites. Que atuou como cuidador da minha avó quando estava quebrada. Que se *importou*.

— Há um problema aqui? — Sua voz gotejava gelo. Ele me olhou como se eu fosse uma completa estranha de novo. Desprovido de qualquer emoção. Eu respirei fundo.

Realmente? É assim que você fala comigo em público?

— Existe, na verdade. — Eu levantei meu nariz. Eu localizei Tess na minha visão periférica, atrás das costas de West, parada ao lado de Reign. Eles estavam se empurrando e cochichando.

— Eu disse para você não contar a ela. Ele não queria que ela soubesse. — Reign gemeu, e Tess encolheu os ombros, impotente, parecendo humilhada pela primeira vez desde que comecei a namorar sua paixão.

— Você mentiu para mim, West. Eu perguntei a você sobre lutar com Appleton, e você mentiu completamente.

A multidão ao nosso redor estava aumentando. As pessoas murmuravam e se cutucavam com admiração. O inabalável e imperial West St. Claire estava tendo sua bunda entregue a ele – e por Tostada, nada menos. A próxima coisa que eles descobririam também, é que os porcos seriam capazes de voar.

— Ninguém administra meu negócio além de mim. — West me mostrou os dentes.

— Pense de novo. Eu faço. Eu me importo e não quero que você se machuque.

Minha coluna estava ereta como uma vara, minha voz estoica. Promessa quebrada ou não, eu não poderia deixá-lo se matar por dinheiro.

— Você é meu namorado. Eu tenho uma palavra a dizer.

A sala prendeu a respiração coletivamente. Eu tinha nos revelado sem sua permissão, mas em vez de me sentir envergonhada e tímida, tudo que eu podia sentir era a chama ardente da raiva.

Eu sorri serenamente, fingindo que os suspiros e olhares chocados não doeram.

— Sim. Essa é a verdade, pessoal. West St. Claire é meu namorado. Quem teria pensado, certo? Os opostos se atraem, eu acho.

Voltei-me para West. — Eu disse a Max que você não pode lutar.

— Eu posso. — Ele deu outro passo em minha direção, um sorriso feio cruzando seu lindo rosto. — E eu v*ou*. Você não tem nenhuma influência em mim nisso, então eu sugiro que você volte para sua pequena peça, *Gracie-Mae*.

Ele acabou de me chamar de Gracie-Mae? Como a vovó fez?

Eu dei um passo para trás, sentindo minha expressão desmoronar. Mas West, aparentemente, não havia acabado de me humilhar. Por alguma razão, era importante para ele quebrar tudo que éramos e não deixar nada além de pedaços estilhaçados.

— E para deixar a merda bem clara: você não é minha namorada, querida. Você é apenas mais um entalhe no meu cinto sem fim. Só porque eu dormi com você mais de uma vez, não significa que você vai usar meu anel em seu dedo. De fato, não me importo com seus sentimentos, e na realidade você não significa nada para mim. Eu fodi você porque estou fodido, sim. — Ele deu de ombros, como se todo o nosso tempo juntos não importasse. Eu não conseguia respirar. Easton, atrás dele, enterrou o rosto nas mãos, mas nem mesmo ele impediu West de dizer todas essas coisas

para mim. Tive a sensação de que ele sabia que, se chegasse muito perto, West iria arrancar sua cabeça.

— Quer ouvir a verdade? O grande segredo? — West citou as palavras com uma risada. — Bem. Eu vou te entreter. Quando eu tinha dezessete anos, minha irmã Aubrey morreu em um incêndio. O incêndio foi minha culpa. Ela morreu por minha causa. Por um tempo, quando olhava para você, tudo que via era a redenção. Achei que me divertir com você lhe daria o pequeno estímulo de que sua autoestima precisava. Mas você nunca foi mais do que isso. Pronto, eu disse. Agora, saia da porra do meu pé, Shaw.

Ele se virou e saiu, deixando-me com flashes de câmeras de telefone, gargalhadas e risos.

Todos os olhos estavam em mim.

Sem boné. Sem namorado. Não sobrou nenhum orgulho.

Easton e Reign correram atrás de West, tentando recuperar o passo. Em meio ao meu choque, pude ver Karlie passando por cima da multidão, vindo em minha direção.

— Saia do meu caminho! Fora! Estou indo, Shaw. Fique aí. *Oof!* Passagem! Abram caminho!

Eu estava entorpecida demais para me mover.

Eu fiquei lá, congelada no lugar, enquanto Karlie pisava nos pés e acotovelava costelas para chegar até mim em tempo recorde.

Tess foi a primeira a sair de seu devaneio. Ela ainda estava parada perto de mim. Ela saltou para frente e colocou seu corpo na frente do meu, cobrindo-me completamente. Ela colocou as mãos na cintura, bufando com altivez.

— Jesus, muito idiota? Dê algum espaço para a garota. O que diabos vocês estão olhando? Nunca viu um casal brigando antes? Xô! Xô!

Eu não senti nada.

Nem gratidão.

Nem tristeza.

Nem raiva.

Nada.

— Vou garantir que todos os seus iPhones extravagantes quebrem, ou pior, se vocês não derem o fora agora! — A voz de Tess cresceu.

O denso círculo de pessoas finalmente se moveu para o lado. Karlie agarrou meu braço, me puxando para longe da multidão.

— Temos que garantir que esses vídeos não vazem, — ela gritou para Tess, que assentiu, mordendo o lábio. Ela

parecia culpada, suas bochechas rosadas. Como ela deveria estar. Ela queria me machucar. Ela só não tinha certeza de até onde as coisas iriam.

— Vou falar com Reign e East rapidamente. Eles vão dar uma força, se necessário.

Karlie acenou com a cabeça. — Me mande uma mensagem.

— Eu vou.

— Venha. — Karlie colocou as mãos em volta de mim. — Vamos te levar para casa.



Vinte

West

Naquela época

— Plomete que vai fazer waffles amanhã de manhã? — Aubrey estava na porta da cozinha, fazendo beicinho. Eu derramei um saco de salgadinhos de tortilha em tigelas. East estava preparando copos vermelhas Solo na ilha da cozinha depois de alinhar garrafas de bebida alcoólica. Minha namorada, Whitley, estava pendurando uma placa idiota de aniversário na parede.

Feliz 17º aniversário, West!

Honestamente, eu achei que era extremamente idiota ter uma placa de aniversário quando eu estava dando uma festa, mas eu a deixei fazer o que ela queria. Achei que se eu jogasse minhas cartas hoje à noite, poderia conseguir um boquete com isso.

Aniversariante, além de ser um namorado agradável? Isso merecia mais do que um bom sexo. Um boquete não era nada. Eu deveria pensar grande. Pedir anal. Ou talvez, um trio.

— Westie? — Aubrey estava puxando minha camisa agora, puxando meu cérebro longe da orgia que eu estava imaginando na minha cabeça. Eu olhei para minha irmã de seis anos. Tínhamos uma enorme diferença de idade, mas eu a amava até a morte. Ela piscou para mim com seus grandes olhos verdes, sorrindo seu sorriso parcialmente desdentado. Seus dois dentes de leite da frente tinham sumido – eu mesmo os arrancara quando ela foi covarde demais para isso – e ela parecia adorável. Aubrey estava constrangida com seus dentes. Quando eu a levei ao parque outro dia, tive que escurecer meus dois dentes da frente para fins de solidariedade. O sorriso em seu rosto valeu a pena toda a merda que recebi depois do time de futebol que me viu lá.

— Sim, Aub. Eu disse isso antes e vou dizer de novo – você fica dentro do seu quarto a noite toda, e eu farei waffles para você pela manhã.

— Quelo gotas de chocolate e maçãs ao lado. Recém-cortadas.

— Combinado.

— E leite com chocolate.

— Aposte nisso, irmãzinha. Só não saia do seu quarto.

Meus pais foram visitar a tia Carrie, que morava cerca de quarenta minutos ao sul. Eles deveriam ter uma noite relaxante de pôquer, mas beberam um pouco demais e ligaram para perguntar se eu poderia cuidar da Aub até amanhã de

manhã quando eles estivessem sóbrios o suficiente para dirigir. Foi a primeira vez que eles nos deixaram sozinhos. Eu disse que estava tudo bem e, claro, peguei o telefone imediatamente para convocar uma festa de aniversário espontânea.

East e Whitley estavam entrando e saindo da garagem agora, abrindo mais lanches, dividindo-os em tigelas e retirando a grande mobília da sala de estar para dar espaço para as pessoas que estariam aqui a qualquer minuto.

— Plomessa de mindinho? — Aub perguntou, balançando seu dedinho no ar.

Coloquei o saco de tortilha de lado e me virei para encará-la, agachando-me ao nível de seus olhos.

Peguei seu dedo mindinho no meu e apertei.

— Promessa de mindinho, Aub.

Ela jogou os braços em volta do meu pescoço, apertando-me perto. Ela cheirava a bastão doce de maçã verde. Ela era viciada nessa merda a ponto de nossos pais não deixarem ela ter mais nenhum doce. Eu sabia que ela tinha um esconderijo de bastões doce de maçã debaixo da cama e os mordiscava quando ninguém estava olhando.

Eu sabia, porque era eu quem os dava a ela.

— Vamos ter a melhor manhã de todas! — Ela exclamou.

Foi a última vez que vi o sorriso da minha irmã.

Foi a última vez que vi minha irmã.



— Westie? Westie, acorde.

Eu gemi, rolando de costas para o meu estômago na minha cama, meus olhos fechados. Eu estava sem camisa, apenas com minha boxer sob a colcha. Isso não era um problema. Aub tinha me visto sem camisa muitas vezes. Mas eu sabia que Whit, que dormia bem ao meu lado, estava sem camisa também. E isso era algo que Aubrey nunca tinha visto antes. Eu queria abrir meus olhos e ver exatamente o que minha irmã mais nova estava vendo, se Whit estava pelo menos coberta pela colcha, mas não poderia por minha vida abrir meus olhos.

Eu não deveria ter bebido tanto na noite passada.

As coisas ficaram loucas rápido. O strip poker se transformou em shots de poker quando todos os meus amigos estavam nus e depois de consumir, pelo menos, dezessete shots – um para cada ano da minha vida – desmaiei. Felizmente, foi depois que Whit e eu fomos dar uma rapidinha no meu quarto. Mas não me lembrava de nenhum de nós dois se preocupando em colocar nossas roupas.

— Westie? Pu favoooor, — eu ouvi a vozinha estridente de Aubrey.

— Agora não, Aub, — consegui grasnar.

— Mas você plometeu! — Ela choramingou. Eu me mexi na cama, tentando erguer meus malditos olhos abertos e olhar para ela, mas falhei. Minhas pálpebras pareciam ter vinte e cinco quilos cada. Meu corpo doía como se todo filho da puta dentro dos limites da cidade tivesse pisado nele. Para a frente e para trás.

— Sim, bem, vou fazer panquecas para você em uma hora.

— Waffles! — ela gritou com a minha blasfêmia. — E já são dez horas! Mamãe e papai devem chegar a qualquer minuto, e você sabe que eles não me deixam comer waffles.

Eu sabia muito bem que eles não iriam deixar. Aub tinha cáries em seus dentes de leite por causa de todo aquele bastão de maçã verde, então eles estavam tomando precauções extras para se certificar de que seus novos dentes não apodreceriam. Era por isso que waffles eram um grande negócio para ela. E eu pretendia fazer para ela aqueles malditos waffles de chocolate com maçã fresca ao lado. Eu só precisava de uma hora ou mais para me sentir humano novamente. Aquilo era pedir demais?

— Dê-me trinta... — eu murmurei, meus olhos ainda fechados.

— Eles estarão aqui então!

— Então, vou levá-la ao restaurante amanhã. Prometo. Você também vai ganhar um milkshake. Diremos que vamos patinar no gelo.

— Eu quelo waffles agora. Amanhã não. Além disso, o que é uma plomessa de qualquer maneira, se você não a cumplir?

— Uma mentira? — Eu rangi sarcasticamente. Eu era horrível quando estava de ressaca. Eu ri da minha própria piada nojenta. Minha boca tinha um gosto amargo. Em todos os seis anos de Aubrey, toda vez que fizemos uma promessa de mindinho, eu sempre cumpri. Nunca quebrei minhas promessas. Mas eu não poderia por minha vida cumprir esta. Eu estava com muita ressaca para me mover.

— Você é um... um... falejador de bunda! — Sua voz quebrou no meio da frase. Eu sabia como ela soava quando estava prestes a chorar, e ela definitivamente estava indo lá.

— Vamos lá. Aub... – tentei abrir os olhos novamente. Eu não pude – de novo. Eu ouvi seus pezinhos batendo rapidamente no corredor acarpetado. Ela provavelmente voltou para seu quarto para me odiar em particular. Tentei me tranquilizar. Era bom. Eu a levaria amanhã – não, foda-se, esta tarde – e faria as pazes com ela. Iríamos para a pista de gelo, depois para a Pancake House, e eu a deixaria pedir waffles suficientes para entupir todas as artérias de seu corpo.

— Baby? — Whit gemeu ao meu lado, jogando um braço sobre meu peito. — Era Aubrey? Ela está bem?

— Ela está bem. Volte a dormir.

Ambos fizemos.



Do jeito que eu me lembrava, cerca de duas horas se passaram antes de eu acordar, mas, na realidade, não poderia ter sido mais do que quarenta minutos. O cheiro de algo queimando encheu minhas narinas. Alimentos queimados.

Ou plástico queimado?

Tecido queimado.

Carne queimada, como nos açougues.

Não. Era tudo isso.

Pisquei, tentando me sentar. Parecia que minha cabeça pesava uma tonelada. Eu queria dar um soco na minha própria cara por beber tanto. Whit ainda estava dormindo ao meu lado.

Eu funguei, olhando ao redor. Tudo parecia bem. Normal. Bem, além da fumaça saindo do corredor e entrando no meu quarto.

O que...?

Essa foi toda a descarga de adrenalina que eu precisava para ficar sóbrio. Eu pulei da cama como se minha bunda estivesse pegando fogo, descendo as escadas, descendo três degraus de cada vez. Algo claramente estava pegando fogo. Simplesmente não era minha bunda.

— Aub? Aubrey? Aubrey! — Eu gritei tão forte e alto que nem esperei por uma resposta. A fumaça subia as escadas, enquanto eu as descia. Quando cheguei ao patamar, estava em uma nuvem espessa de fumaça cinza-escura. Peguei uma camisa que joguei no abajur ontem à noite e a pressionei contra o nariz. O ar estava escaldante e eu não conseguia respirar sem tossir.

O coração do fogo estava na cozinha, então foi para lá que fui.

— Aubrey! — Continuei chamando, gritando, implorando. Não houve resposta. Quando entrei na cozinha, tive que tropeçar para trás. O fogo quase atingiu a sala de estar e, como havia carpete e papel de parede, espalhou-se rapidamente.

— West? Oh meu Deus! West! — Eu ouvi Whit atrás de mim. Ela estava descendo as escadas correndo.

— Saia. Agora. Whit!

— West, estou nua!

— Fora! — Corri para o fogo, não dando a mínima se eu morresse queimado se isso significasse salvar Aubrey.

— Onde está Aubrey? — Eu ouvi Whit perguntar. Eu não respondi. Eu abanei a fumaça com meu braço, tentando reconhecer qualquer coisa além das chamas ondulantes.

Depois de fazer isso, desejei ser inteligente o suficiente para nunca pensar que teria uma chance de salvá-la.

Havia um gancho exposto em um dos armários de nossa cozinha. Costumava ser a maçaneta de uma porta, mas eu a puxei acidentalmente semanas atrás e nunca me preocupei em consertá-la. Minha mãe reclamou, dizendo que era um perigo para nós. Que alguém poderia se machucar.

— Minhas calças ficam presas nisso toda semana, Westie. Você tem que fazer algo a respeito. Aubrey pode se cortar.

Eu não tinha ouvido.

Eu deveria ter.

A torradeira foi colocada logo acima do armário com o gancho.

E desta vez, não foram as calças da minha mãe que ficaram presas nele – foi a camisa de Aubrey.

Eu vi o corpo de Aubrey sob o gancho, o resto de sua pequena jaqueta ainda enrolada no gancho exposto.

Porra.

Porra.

Porra.

Eu corri para ela. Se eu pudesse salvá-la, ótimo. Se eu não pudesse, também não merecia viver.

Cheguei tão perto do fogo que senti seu eco queimando minha pele. Peguei sua jaqueta, mas parecia vazia. Leve. Seu pequeno corpo estava mole em meus braços. Tentei tirá-la do gancho, sentindo meus olhos ardendo de fumaça e lágrimas e porra, porra, porra.

— Aubrey, por favor! — Minha voz falhou. — Por favor baby. Por favor!

Eu fui puxado para trás, meus dedos ainda enrolados em sua jaqueta. Eu lutei contra a força que me arrastou de volta. Chutando, gritando e arranhando os braços ao meu redor, cego de raiva e ódio. O ódio voltado para dentro me fez delirar. Eu fiz uma promessa à minha irmãzinha e quebrei essa promessa. Eu estava tão ocupado me embebedando ontem que nem pensei em levá-la em consideração. Na única vez em que meus pais me deram a responsabilidade de manter minha irmã segura durante a noite, enquanto eles estavam fora, eu falhei com eles.

Eu falhei com ela.

Eu falhei comigo mesmo.

Eu gritei até meus pulmões queimarem. Quem me agarrou me jogou na neve e correu de volta para dentro. Da minha posição no jardim da frente, vi outra pessoa correndo atrás deles, gritando.

Papai. Ele me salvou e voltou para buscar Aubrey.

Mamãe. Ela entrou com ele para tentar salvar alguém, ele ou Aubrey, eu não poderia dizer.

Um lamento agudo quebrou acima da minha cabeça. Eu sabia que era Whitley, mas não conseguia me virar e olhar para ela. Na verdade, meu corpo não conseguia se mover.

Eu não estava mais bêbado.

Eu estava completamente sóbrio.

E enfrentando as duras consequências de minhas ações.



Nos dias após o incêndio, descobri algumas coisas.

Por exemplo, descobri que a torradeira pegou fogo porque alguém jogou tampas de garrafa nela, e Aubrey, que não sabia

disso, empurrou dois waffles de chocolate do freezer, tentando prepará-los.

Depois, o investigador de seguros (ou quem quer que fosse) nos explicou que ela tentou escapar, mas não conseguiu, porque sua jaqueta da Barbie tinha ficado presa no gancho exposto. Ela provavelmente chorou por minha ajuda, mas eu estava do outro lado da casa, no segundo andar, roncando e me recuperando de uma bela ressaca.

O resultado final era este – nossa casa não tinha seguro contra incêndio causado por um adolescente idiota que não conseguia manter seus amigos sob controle e cumprir uma pequena promessa que tinha feito à sua irmã. Em outras palavras, estávamos ferrados. Não tínhamos casa para morar, porque logo depois que minha mãe arrastou meu pai para fora de casa, o fogo se espalhou e a casa quase desabou sozinha.

De repente, estávamos falidos, pobres e sem teto.

Fomos morar com minha tia Carrie nas primeiras semanas, enquanto meu pai e seus colegas de trabalho trabalhavam na casa o máximo que podiam para torná-la habitável novamente. Meu pai, que era dono de um campo de mirtilo e de uma pequena fazenda, teve que negligenciar seu negócio e se dedicar a colocar um teto sobre nossas cabeças. Todas as noites, ele se colocava na cama e fechava os olhos sem nem mesmo tomar banho.

Eu poderia jurar que ele passou semanas sem tomar banho.

Meses, talvez.

Nem minha mãe nem meu pai suportavam olhar para mim. Eles não me culparam explicitamente, mas não precisaram. Eu matei Aubrey. No mínimo, fui responsável por sua morte. E não de um jeito vago – o jeito que as pessoas às vezes se culpam pela morte de outra pessoa porque não insistem com força suficiente para que façam uma mamografia ou algo assim. Eu imediatamente fiz isso acontecer.

Se ao menos eu tivesse me arrastado para fora da cama e mantido minha promessa, Aubrey estaria aqui. Conosco. Feliz, parcialmente desdentada e viva.

Eu terminei com Whitley uma semana depois do incêndio. Ela chorou e disse que eu mudaria de ideia, mas eu sabia que não mudaria. Eu não merecia felicidade, e uma namorada definitivamente era igual a felicidade.

Assim que voltamos para nossa casa – ou o que restou dela – meus pais se jogaram de cabeça nos braços da depressão e não saíram da cama. Eles insistiram em sua dor, nenhum deles trabalhando ou tentando sustentar o que restava da família. Os campos de mirtilo foram deixados sem vigilância, as frutas não colhidas. Larguei o futebol e consegui um emprego na Chipotle[78] para ajudar a pagar as contas. O treinador Rudy me implorou para reconsiderar, mas assim que expliquei minhas circunstâncias a ele, ele desistiu.

---

[78] Rede de fast foods.

Eu estava preocupado que meus pais e eu ficássemos sem-teto e negligenciei minha vida social indefinidamente, mas East ficou comigo, mesmo quando eu passei meses sem ser capaz de olhar para o rosto dele sem atacar.

Então, aconteceu o último ano escolar.

Papai decidiu sair da cama no meu primeiro dia de aula. Ainda me lembro da manhã em que aconteceu. Ele vestiu suas roupas de trabalho – a jaqueta North Face e as botas Blundstone – e desceu até a fazenda para ver os estragos. Após meses de abandono, não sobrou nada. Ele deixou as frutas morrerem nos campos, e quaisquer animais que ele tivesse, ele doou de graça.

Papai foi ao centro no mesmo dia e conseguiu um emprego de pescador. Vovô St. Claire era pescador, então ele não teve que aprender pescar, mas por Deus, deve ter sido humilhante conseguir um emprego inicial tão tarde no vida, especialmente para alguém que era autônomo desde que ele se formou no colégio para sustentar sua pequena família instantânea.

Mamãe saiu de seu quarto algumas semanas depois. Ela foi a primeira a realmente falar comigo e, nessa época, já fazia quase um ano que nenhum deles me olhava nos olhos, muito menos reconhecia minha existência.

Eu estava invisível.

Eles não me perguntaram como eu me sentia.

Como eu estava lidando.

Não me entendiam.

Não perguntavam como ia a escola.

Porra, eles nem sabiam que eu parei de jogar futebol. Eu era um fantasma invisível, pairando em seu caminho para a cozinha ocasionalmente, e nada mais.

Ela me sentou e disse que não era minha culpa. Disse que tinha gostado de como eu avancei e paguei as contas, e que de agora em diante, as coisas seriam diferentes.

Mas eu sabia que era minha culpa e que quanto mais rápido eu saísse do controle dos meus pais, melhor.

Nas semanas que antecederam meu aniversário de dezoito anos, meus pais fizeram um esforço para falar comigo. Mamãe começou a tomar alguns remédios depois de ser diagnosticada com depressão grave. Papai sempre cheirava a peixe. Eles estavam fingindo estar bem. Eu não acreditei. Eles passaram quase um ano praticamente me ignorando. Simplesmente não havia como eles superarem o que eu tinha feito. Mesmo se tivessem – eu não superei isso.

No meu aniversário de dezoito anos, eles me compraram um bolo.

Voltei de um turno na Chipotle. Passei direto pelo bolo com as velas acesas, fui até o meu quarto e tranquei a porta.

Jurei não comemorar aniversários nunca mais naquele dia.

Pouco depois do meu aniversário de dezoito anos, mudei-me para Sheridan. East insistiu em ir onde quer que eu fosse. Não lutei com ele nisso, principalmente porque sabia que estaria sozinho no mundo se não fosse por ele.

Em vez disso, escolhi uma faculdade D1[79]*, onde sabia que ele teria uma bolsa integral e aproveitaria o tempo.*

As lutas no Sheridan Plaza foram o início da recuperação financeira de meus pais, mas não eram suficientes. Meu sonho era compensá-los o melhor que pudesse. E isso significava reconstruir a casa do zero e colocar o negócio de papai de volta aos eixos.

Mas em minha busca para encontrar uma resposta para todos os seus problemas, esqueci de me perguntar onde diabos eu me encaixo nessa equação.

Esqueci como respirar sem doer.

Esqueci que a vida era mais do que ganhar dinheiro e sobreviver.

Esqueci que quando você brinca com fogo, acaba se queimando.

---

[79] Ranking de ligas esportivas das faculdades. A D1 sendo a melhor delas.



Vinte e Um

West

No final, tudo se resumia ao seguinte: eu não poderia deixar Kade Appleton e seus vigias saberem que Grace era minha namorada. Ele tinha olhos em todos os lugares, e confirmar que ela e eu estávamos juntos iria colocá-la na linha de fogo.

Eu não podia fazer isso.

Então, eu fiz o que tinha que fazer.

Joguei meu passado feio aos pés dela.

Aubrey não morreu em um acidente de carro.

Ela morreu por minha causa.

Eu estaria mentindo se dissesse que não pensei em Aub na primeira noite em que pus os olhos em Grace Shaw. Não foi por isso que aceitei o emprego no food truck. Claro, o dinheiro extra foi útil, mas principalmente, eu queria ver como Aub seria se ela tivesse sobrevivido ao incêndio. Que tipo de pessoa ela cresceria para ser.

Eu percebi o quão fodido era olhar para essa garota e ver minha irmã. Mas esse era o problema – eu *não* vi Aubrey em Grace. De jeito nenhum.

Grace era Grace. Uma pessoa loucamente única. Doce, amável e engraçada, mas também sarcástica, agressiva e inteligente. Ela era linda – risque isso, de tirar o fôlego, porra, tirando aquelas cicatrizes que nem importavam para mim – e quanto mais eu passava tempo com ela, mais era impossível pensar nela como uma substituta para a irmã que eu tanto amava desesperadamente.

Texas achou que eu tinha pena dela. Que ela era um animal de estimação. E eu confirmei suas suspeitas mais sombrias para garantir que Kade Appleton e seus ratos pensassem a mesma coisa.

Mas nunca tive pena dela. Nem por um segundo.

Na verdade, *invejei* sua força. Eu não poderia ter lidado com metade da merda que ela passou e ainda sobreviver.

Inferno, eu ainda não conseguia falar com meus próprios pais sem ter malditas urticárias.

Agora, a culpa do que eu fiz a ela no refeitório me consumiu vivo como o fogo que consumiu Aubrey.

— Você é um tremendo idiota. — East balançou a cabeça. Ele estava viajando pela cidade, segurando o volante como se estivesse pronto para puxá-lo e jogá-lo pela janela. Estávamos fazendo isso há uma hora. Sentei-me ao lado dele

em seu Toyota Camry, chafurdando na estupidez das minhas ações.

— A escola está cheia de ratos. Não podia arriscar que Appleton descobrisse sobre Grace e chegasse até ela. — Eu fixei meu olhar na vista fora da janela, me lembrando de respirar.

— Appleton não quer machucar sua namorada, seu idiota. Ele quer machucar *você*.

— Ele já machucou mulheres antes.

— Essa era a namorada dele, — argumentou East.

— Exatamente o que te faz pensar que Grace, que é uma estranha, está segura quando a própria maldita mãe do seu bebê não está? Sem mencionar que um de seus meninos de recados me avisou que sabe onde Grace mora.

Eu me referia ao incidente no cruzamento, onde o cara da Harley comentou sobre Tex.

— Então, por que você disse sim para a luta? — East rosnou.

— Isso foi antes de eu ficar com Grace.

— Por que você não cancelou?

— Ele não me deixou, porra! — Eu explodi. — Você não estava lá quando eu lhe dei o resumo cinco mil vezes?

— Por que você não disse a ela a verdade? — Easton continuou pressionando, e foi quando eu oficialmente perdi o controle.

— Porque ela tinha o suficiente em seu prato e não precisava da minha merda em cima disso!

Meu rugido sacudiu todo o carro, reverberando entre nós. Eu nem disse a ele toda a verdade. A verdade, eu só conseguia admitir para mim mesmo. Que eu sabia que Grace teria terminado comigo e que ela tinha o direito de saber. O direito de se livrar da minha bunda antes que as coisas ficassem dez vezes mais complicadas. Não era uma coisa nobre a se fazer, mentir para a pessoa que você ama, mas há muito tempo percebi que o amor te fazia fazer coisas distorcidas.

Easton voltou a ficar irritantemente quieto, e eu respirei fundo, colando meu olhar de volta na vista monótona de casas em estilo rancho amarelo, a torre de água e cactos.

Talvez se as coisas tivessem sido diferentes com Aubrey, eu não seria tão paranoico com as pessoas que amo. Mas Aubrey tinha morrido, e manter Grace segura era minha principal prioridade, mesmo que isso me destruísse no processo.

Mesmo sair daqui não teria mudado isso. Se qualquer coisa, eu a deixaria desprotegida, no mesmo código postal daquele idiota, Kade Appleton.

Eu já tinha aceitado o terrível fato de que a amava.

Era o tipo de amor que me fazia revirar os olhos até o esquecimento quando o via no cinema e na TV. A intensidade disso me assustou pra caralho, porque eu nunca pensei que poderia ser assim com alguém que não fosse meu parente de sangue.

Eu não conseguia parar de pensar nela.

De querer tocá-la.

Querendo saber o que ela estava pensando, onde ela estava, o que ela estava fazendo.

Era diferente dos contos de fadas, porque eu sabia que *podia* continuar sem Grace Shaw. Não me mataria. Não fisicamente, pelo menos. Eu simplesmente voltaria a ser o mesmo idiota miserável que era antes de me apaixonar por ela.

Mas eu não estaria vivo. Não de verdade. Eu estaria desperdiçando oxigênio, espaço e recursos, voltando a não tão secretamente desejar morrer.

A realização me ocorreu como um banho frio.

Eu não queria morrer quando estava com Grace.

Eu queria viver. Rir. Amar.

Sair com ela, mordiscar seu pescoço e ouvi-la falando sobre peças e filmes dos anos noventa e defendendo as pochetes com veemência.

Eu vinha saboreando a vida – até mesmo, ativamente – por meses, e nem percebi.

Eu não queria morrer mais.

Em algum lugar ao longo da estrada, a ideia de tirar minha moto da estrada quando eu ganhasse velocidade parou de me atrair. Eu não imaginava mais como seria me jogar de um penhasco. Eu parei de entrar no ringue querendo que o idiota na minha frente desse um soco que me mandasse para uma parada cardíaca.

E tudo por causa de Grace 'Texas' Shaw.

— Ainda não entendo por que você simplesmente não disse a ele que a luta não aconteceria. — East bufou. — Como Appleton pode forçá-lo a lutar?

— Facilmente, jogando sujo. Assim que entrei nisso com Texas, fui até Max e disse a ele que estava desistindo. Max disse que tentaria, e no momento em que recebi a mensagem de que Appleton queria prosseguir e fazer acontecer, fui ameaçado, emboscado no truck e batido em um cruzamento no caminho para casa. Kade tem olhos em mim em todos os lugares. Ele quer me ver naquele ringue – e não inteiro.

— *Porra*. — Easton coçou a barba por fazer.

— Sim.

— Bem, mesmo que você não vá ficar com Grace – o que, a propósito, eu acho uma boa decisão, visto que não *há* chance de ela levar sua bunda de volta depois da humilhação pública que você a fez passar – Ainda acho que você deveria se explicar. Você fez o seu ponto. Todos no planeta Terra sabem que vocês não são um casal. Agora é a hora de se desculpar.

— Eu vou, — eu disse com convicção. — Vou beijar a porra dos pés dela e fazer uma reverência a ela depois que tudo estiver feito. Mas não posso contatá-la agora. Eu nem a visitei a semana inteira. Eu preciso manter essa merda sob controle. Escorregar agora só confirmaria que tudo o que ela disse é verdade. Que somos um casal.

— Vocês *não são* um casal.

Ele não precisava me lembrar. O buraco no meu coração fez o trabalho.



A semana que antecedeu a sexta-feira foi a pior da minha vida.

Bem, talvez a segunda pior semana.

Na semana depois de perder Aubrey, eu sabia, sem sombra de dúvida, que nunca mais veria minha irmãzinha em pessoa. Ela só podia me provocar em meus sonhos. Mas Grace – ela estava em toda parte. Ela estava no campus. Na cafeteria. No auditório provisório. Ela passava por mim – sempre acompanhada por Karlie e sua nova aliada improvável, Tess.

Era reconfortante e provocador.

Nós dois agimos como se o outro não existisse.

Eu não poderia deixar mais claro que estava sofrendo por ela, mesmo que isso me matasse.

Vê-la no trabalho não era mais uma opção, pois minha bunda foi demitida após a cena do refeitório. Nem mesmo uma hora depois que terminei com a Texas publicamente, recebi uma mensagem de texto da Sra. Contreras, informando que meu emprego havia sido rescindido. Ela deixou um cheque e uma carta formal na minha caixa de correio no dia seguinte. Ela nem me desejou sorte nas besteiras do futuro. Me soltou e não olhei para trás.

Para fazer meu ato patético ainda mais alto, eu me peguei dirigindo pela vizinhança com frequência. Todas as manhãs e todas as noites, faltando a academia. Não era como se eu fosse capaz de pensar em qualquer coisa além dela. Eu até consegui esquecer de enviar aos meus pais o dinheiro semanal.

Eu localizei Grace algumas vezes durante a minha perseguição.

Uma vez, ela estava voltando para casa de um turno no food truck. Sentindo que estava sendo observada, ela se virou e me encarou com um olhar mortal.

Eu fingi não notá-la e fui embora.

Outra vez, ela deu uma festa de despedida para Marla. Eu vi a Sra. Contreras, Karlie e algumas outras pessoas pela janela. Grace fez cupcakes para Marla e fez um discurso bem bacana (sim, eu me arrastei por tempo suficiente para ouvir a maior parte).

Eventualmente, Marla saiu de casa e caminhou até mim, avistando-me do outro lado da rua. A velha segurou meu braço com sua mão inchada e oleosa e apertou com toda a força que pôde.

— Eu ouvi o que você fez com Grace, e estou aqui para te dizer que só porque estou me mudando para a Flórida, não significa que não vou ficar olhando por ela, para ter certeza de que ela está bem. É melhor você se virar e voltar para o buraco do inferno de onde veio, porque se eu ouvir que você está seguindo-a, juro por Deus que direi ao xerife Jones e me certificarei de que ele chute sua bunda para fora da cidade. E se isso não funcionar, lembre-se: *espingarda*. Não tenho medo de usá-la.

Por mais que eu desejasse ver Grace, era bastante óbvio que o sentimento não era mútuo.

O relógio passava mais devagar conforme a sexta-feira se aproximava. Eu mal podia esperar para acabar com isso, para que pudesse finalmente falar com Tex, explicar-me e implorar por perdão. Eu não era tão estúpido para pensar que realmente teria outra chance. Tudo que eu queria era que ela não pensasse que não era nada além de um band-aid de merda.

East e Reign me disseram que eu seria um idiota se entrasse no ringue. Minha mente não estava no jogo; estava com Grace.

Até Max disse que se eu soubesse o que era melhor para mim, fugiria da cidade.

Mas eu fiquei, apenas para colocar os olhos em Tex mais algumas vezes antes do fim das aulas.

Usando aquele pequeno roupão, interpretando Blanche.

Prosperando, enquanto eu estava desmoronando.



Vinte e Dois

Grace

Eu voltei a trabalhar no food truck dois dias após o incidente na cafeteria.

Eu não podia me dar ao luxo de tirar uma folga, mesmo que fosse exatamente o que eu queria fazer. Felizmente, Karlie cuidou da situação do West e o demitiu mais rápido do que um raio disparado duas vezes.

Na quarta-feira, dei uma festa de despedida para Marla. Era o mínimo que ela merecia. Foi no mesmo dia em que finalmente pedi a ela para dizer a West para sair do meu pé e ficar malditamente longe. Eu não sabia que tipo de jogo cruel ele estava jogando. Ele não apenas colocou uma espada no meu coração, partindo-o ao meio para que todos vissem, mas ele estava dirigindo ao redor do meu quarteirão todos os dias, certificando-se de que eu me lembrasse do que eu havia perdido.

Ele deu um passo para trás depois que Marla deu a ele o discurso da espingarda, mas isso não o impediu de se fixar em mim sempre que nos cruzávamos na Sheridan University.

Eu não sabia o que ele queria de mim. Se ele não gostava de ser meu inimigo – por que ele me tornou uma?

— A maneira como ele olha para você... — Karlie deu um sorriso vingativo quando nos sentamos no refeitório na quinta-feira, um dia antes da luta. Ela abriu um pacote de molho picante e derramou sobre sua cesta de Doritos. — Qual é a sensação de ter o homem mais inatingível da Sheridan University aos seus pés?

— Muito ruim, — eu admiti.

O que não admiti, foi que tive a sensação incômoda de que West não era a única pessoa a me observar.

Que havia mais. Que eu estava sendo seguida. Eu não conseguia identificar o que me fazia sentir exatamente assim, mas a sensação persistente de perigo pairava no ar, inchada e quente. Como se alguém me desejasse mal.

É claro que contar isso a Karlie sem comprovar fatos era simplesmente dramático demais.

— Bem, aqui vai algo para você pensar – com a maneira como ele está olhando para você, não há dúvida de quem *realmente* terminou.

Mas a miséria de West não me confortou nem um pouco. Isso só me fez odiá-lo mais por fazer isso conosco sem motivo.

Como se as coisas não estivessem atingindo um nível alarmante de estranheza, Tess começou a sair comigo e com Karlie. Eu não impedi que isso acontecesse. Eu estava exausta demais para enxotá-la. E ela parecia genuína. Como se ela tivesse voltado a ser a garota de quem eu gostava antes de West colocar seus olhos em mim.

Talvez ela estivesse crescendo.

Talvez todos estivéssemos crescendo.

Eu sabia que certamente estava, com a próxima decisão que tomei.



— Tudo bem, vovó, é hora do show. Está pronta?

Empurrei a porta do Chevy na manhã de sábado. Tive que cancelar o ensaio de sexta-feira para passar a noite embalando todos os pertences da vovó, com a ajuda de Karlie e Marla.

Tudo foi de última hora, mas quando recebemos o telefonema sobre a vaga, não podíamos perder tempo.

O lar dos idosos, Heartland Gardens, ficava fora de Austin. Eu realmente encontrei o seu panfleto em uma das

pilhas grossas que West deixou na minha mesa. Estava cheio de fotos brilhantes de jardins botânicos, espaços abertos e atividades divertidas, e oferecia aulas de dança e noites de bingo. Ele até tinha uma pequena igreja. Foi classificado como um dos melhores lugares do estado para pessoas que sofriam de problemas de saúde, demência e outros distúrbios cognitivos.

Aliás, o local se especializou em atender pessoas com Alzheimer. E o pior é que nunca me preocupei em olhar para a pilha, mas West não só tinha me encontrado casas de repouso em potencial, ele também ligou para cada uma delas e deu-lhes um resumo da situação. Havia uma nota anexada ao folheto.

T,

Eu fiz algumas pesquisas. Liguei para o local, tirei o cartão do seguro da bolsa da Sra. S e fiz um cheque. Seu seguro cobre a maior parte do custo deste aqui. Se a Sra. S passar por seus testes e os resultados determinarem que ela precisa de vida monitorada, este é a escolha.

– W.

Infelizmente, eu sabia que os testes voltariam positivos. Então, liguei para Heartland Gardens. O diretor atendeu e fizemos um tour virtual, depois do qual subi de carro para ver

o lugar pessoalmente. A vovó estava quase totalmente desligada naquela semana, mas nas horas em que estava lúcida, ela perguntou sobre West.

Não tive coragem de dizer que ela nunca mais o veria.

— Então. O que você acha? — Tentei parecer brincalhona, feliz, agora que vovó e eu estávamos na frente de sua nova casa. Eu ainda não conseguia acreditar na minha sorte em garantir um lugar imediato.

Vovó deslizou para fora do banco do passageiro, enquanto eu pegava suas malas e bolsas da caçamba da caminhonete, examinando o exterior real de alabastro do lugar.

Parecia uma pequena mansão. Gramados exuberantes e bem cuidados, quadra de tênis, piscina e flores impecavelmente cuidadas.

Havia cabanas individuais luxuosas espalhadas pelo prédio principal, mas como a vovó precisava de uma vida assistida, ela moraria na propriedade principal, em um quarto que parecia muito com um apartamento de hotel cinco estrelas.

— Eu acho... — Ela olhou ao nosso redor, sua boca aberta. Senhor, orei para que ela fosse coerente o suficiente para entender o que estava acontecendo, e que ela não me desprezasse por tomar a decisão certa. — Acho que não podemos pagar por isso, Gracie-Mae.

Eu virei minha cabeça em sua direção.

Gracie-Mae?

Milagrosamente, encontrei minha voz.

— Nós podemos. Tudo o que precisamos é fazer alguns testes. E se descobrir que você... — parei, respirando fundo, — que você se qualifica, o que tanto o diretor deste lugar quanto eu achamos que você vai, você receberá uma bolsa especial desta fundação. Já falei com eles. Não se preocupe com os detalhes, vovó.

Provavelmente, me custaria metade do que eu estava pagando a Marla, que fazia horas extras constantemente e, de qualquer forma, era exatamente por isso que tínhamos dinheiro guardado.

Vovó olhou para o lugar com admiração infantil, sua mão enrugada pressionada sobre o coração. Eu gostaria que ela dissesse *alguma coisa*, *qualquer coisa*, para me dar a mais leve ideia do que se passava em sua cabeça. Eu sabia que não poderia mais cuidar dela em casa. Não apenas por mim. Por ela também.

Ela precisava ser cuidada profissionalmente.

E ela precisava de companhia.

Ela precisava interagir com pessoas de sua idade e se mudar para longe da cidade de Sheridan – uma cidade

assombrada por memórias que quebraram seu coração e alma.

Minha mãe.

Meu avô morto.

O fogo.

E talvez, até eu.

— Oh, Gracie-Mae... — Ela agarrou a parte de cima do vestido, abaixando a cabeça. Para minha surpresa, lágrimas se formaram nas bordas de seus olhos, ameaçando derramar. — Isso é lindo. Não sei se mereço tudo isso. Isso é muito sofisticado. Eles provavelmente vão pensar que eu sou uma caipira.

— Vovó! — Eu repreendi, sentindo que éramos como antigamente pela primeira vez, e percebendo que não éramos – nunca seríamos – e que estava tudo bem também.

— O que?

— Eles terão sorte de ter você.

— Não tenho certeza se eles vão sobreviver à sua avó, docinho, mas isso não é problema meu.

Uma enfermeira bonita de meia-idade em um uniforme azul bebê, correu em nossa direção das portas automáticas, pegando nossas malas.

— Olá! Sra. Shaw? — Ela sorriu brilhantemente para a vovó, seu rabo de cavalo castanho balançando em perfeita harmonia com sua aproximação do sol. — Meu nome é Enfermeira Aimee, e estou aqui para ajudá-la a se estabelecer. Estamos *muito* felizes por finalmente conhecê-la. Sua colega de quarto, Ethel, está esperando por você. Ela é uma peça e tanto, mas sua neta me disse que você também é. Tenho a sensação de que vocês vão se dar muito bem.

Algo se moveu no rosto da vovó.

Uma mistura de empolgação e timidez que não tinha visto antes.

Eu a conduzi, segurando sua mão. Ela olhou em volta timidamente, como se não fosse bem-vinda. Percebi, que em nossa cidade, ela não era. Isso é o que ela esperava das pessoas. A condenação de ser mãe de Courtney Shaw e avó da aberração que colocou fogo em sua própria casa.

Esta era sua própria chance de renascimento. Para se tornar uma fênix. Para recomeçar, abrir suas asas e voar.

Por que eu esperei tanto tempo? Do que eu estava com tanto medo? Por que eu não poderia dar a ela o presente de ser tratada da maneira que ela merecia?

Porque me senti culpada. E a culpa leva você a fazer coisas malucas, como West me provou.

A enfermeira Aimee nos levou para a área de recepção, onde ela entreteve a vovó, enquanto eu examinava toda a papelada com o diretor no escritório mais uma vez.

Cada vez que olhava para vovó e Aimee pela janela de vidro do escritório, meu coração estava prestes a explodir.

Foi assim que eu soube que tinha feito a coisa certa.



Passei seis horas em Heartland Gardens, ajudando vovó a se acomodar em seu novo quarto. Sua colega de quarto, Ethel, estava realmente lá, por dez minutos, cumprimentando-a rapidamente, perguntando se ela precisava de ajuda, e quando a vovó disse que sua linda neta tinha tudo sob controle, Ethel pediu licença e saiu correndo, porque ela não queria perder a aula sexy de ioga.

— Não tenho vergonha de dizer que estou completamente apaixonada por um certo cavalheiro. — Ela piscou para minha avó. As sobrancelhas da vovó subiram para seus cachos prateados.

— Eu não sabia que as pessoas aqui namoravam.

— Oh, eles namoram, às vezes. Mas estou falando sobre o instrutor de fitness de trinta anos! É por ele que estamos babando.

A enfermeira Aimee, vovó e Ethel começaram a rir. Eu sorri para mim mesma, dobrando todas as suas roupas em seu armário e arrumando seus produtos de higiene pessoal na mesa de cabeceira do jeito que ela gostava.

Dizer adeus foi a parte mais difícil. Eu sabia que era hora de ir embora, mas não queria ir antes de saber qual seria a reação dela quando ela fosse a *outra* avó. Aquela que ainda pensava que eu era Courtney ou a filha do Diabo.

— Apenas vá. Não vai ficar mais fácil se você ficar por perto para ver o colapso. E a crise *v*irá. Elas sempre vêm. Além disso, logo depois de recebermos os resultados dos testes, podemos ajustar o medicamento de acordo, e suas mudanças de humor diminuirão, — Aimee me tranquilizou.

Eu queria dizer a ela que a vovó não estava tomando nenhum remédio para sua condição, mas acabei apenas concordando. Ela estava certa. Eu não poderia manter a vovó escondida do mundo para sempre.

Ainda assim, quando voltei para a caminhonete, tudo que fiz nos primeiros dez minutos foi olhar para a instalação e deixar a culpa me consumir. Vovó Savvy me criou. Ela foi a única mãe que eu já conheci. E agora eu iria vê-la nos fins de semana, apenas por breves visitas. Eu não moraria mais com ela. Era o fim de uma era.

Abri meu porta-luvas e tirei algo que Karlie havia escrito para mim. Uma carta que ela me pediu para abrir somente depois que eu terminasse hoje. Eu acho que ela queria ter certeza de que eu terminaria.

Tirei a carta do envelope.

Shaw,

Você fez a coisa certa. Estou orgulhosa de você. Agora tire esse anel de chama quebrado. Você é melhor do que agarrar-se às cinzas de sua mãe.

#PhoenixParaCampeã.

Karlie.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu fiz o que ela pediu. Tirei o anel e coloquei-o no envelope, fechando-o novamente. O papel entre meus dedos estava molhado com minhas lágrimas. Eu o coloquei no banco do passageiro, fungando e pegando meu telefone pela primeira vez em horas.

Passei meu dedo na tela e minha respiração ficou presa na garganta.

Vinte e cinco chamadas não atendidas.

Easton Braun.

Tess Davis.

Karlie Contreras.

Número bloqueado.

Também havia mensagens de texto:

Easton Braun: É Easton. Tentei ligar para você.

Easton Braun: Por favor, me ligue de volta.

Easton Braun: É uma emergência. Por favor.

Tess Davis: Você ouviu falar do West???

Tess Davis: Você não vai fazer nada a respeito?

Karlie: Você precisa me ligar quando ver isso.

Easton Braun: PEGUE O TELEFONE PELO AMOR DE DEUS GRACE.

Tess Davis: Avise-me se precisar conversar. <3

Karlie: Sério. O mundo está implodindo e provavelmente você está jogando bingo com Agnes e Elmer aí, Shaw.

Eu deliberadamente não verifiquei meu telefone hoje, porque não queria interrupções e, definitivamente, não queria saber o resultado da briga de West com Appleton.

Finalmente, saí do meu choque e decidi ligar para Easton. Eu sabia que ele era a pessoa que provavelmente estaria ao lado de West, então faz sentido ligar para ele primeiro.

Ele atendeu antes mesmo de a linha ser conectada. Tão rápido, que tive certeza de que estávamos ligando um para o outro ao mesmo tempo.

— Olá? Easton? É Grace.

— Grace! — Ele berrou, parecendo sem fôlego. Eu ouvi seus passos rangendo no chão de linóleo. — Jesus Cristo, o mundo inteiro está procurando por você.

— Ele está bem? — Apesar de meus melhores esforços, minha voz tremeu.

Eu não queria me importar.

Então, Easton fez a única pergunta que nenhum destinatário de más notícias quer ouvir.

— Você está sentada?



Vinte e Três

West

A noite anterior

— Puta merda, cara. Você está quarenta minutos atrasado! —Max me cumprimentou jogando seus braços em volta de mim, como se fôssemos um casal ou algo assim. Eu o empurrei para fora da minha visão, fazendo-o tropeçar para trás e cair de bunda no chão. Eu ziguezagueei até o Sheridan Plaza, o som da minha Ducati caindo de lado atrás de mim bateu em meus ouvidos.

Esqueci de estacionar corretamente. Foi mal.

Lá se vai minha porra de pintura preciosa. *Desculpe, Christina.*

Eu tropecei em meus próprios pés, pulando para frente. Quanto mais rápido eu pudesse acabar com isso, melhor. Max recuperou o equilíbrio e conseguiu me alcançar – por pouco – gemendo por ajuda. East, Reign e Tess apareceram ao seu lado.

— Oh, uau. Finalmente encontrei um West mais louco do que Kanye[80], — Reign brincou. Tess segurou a boca, balançando a cabeça, enquanto me julgava com afinco.

— *Ohmeudeus, Westie.*

— Cara. Ele está destruído. — East içou um dos meus braços por cima do ombro. Reign ficou do outro lado. Tess correu atrás de nós, um ratinho curioso que eu queria atirar aos leões.

— Você precisa cancelar a luta, Max, — East pressionou. — Isso não pode acontecer. Ele nem consegue ficar em pé direito.

— *Siiimeuposssso*, — eu *murmurei*, afastando-os, enquanto tentava fazer meu ponto. East e Reign me soltaram e, com certeza, consegui ficar de pé.

Vê? Sem problemas. Perfeitamente capaz de...

Tibum!

Levei longos segundos para perceber que o calor que se espalhava pela minha bochecha não era eu mijando em mim mesmo.

— Eu caí na minha cara, não foi? — Minha voz foi abafada pelo cascalho grudando na minha língua. Desde quando o concreto parecia tão bom e aconchegante? Era escandalosamente confortável.

---

[80] Referência ao rapper Kanye West.

Eu ouvi East gemer.

Max suspirou. — Eu vou falar com Shaun. Ver se podemos adiar por algumas horas. Mas não podemos cancelar. Eles deixaram isso bem claro, e eu quero minhas duas bolas intactas.

— A luta vai acontecer, — eu me ouvi dizer, enquanto limpava a poeira, levantando-me lentamente. Eu me senti enjoado. Um efeito colateral razoável por esvaziar uma garrafa inteira do uísque mais barato que pude encontrar no supermercado. — Estou entrando naquele ringue e terminando isso.

— Você está louco? — Tess trovejou atrás de mim.

Eu me virei para encará-la. Eu tinha algo para resolver com a Srta. Davis. Não apenas ela apareceu na minha frente, mas eu vi várias imagens dela. Elas se confundiram, como um acordeão de Tesses.

— Que tipo de crimes hediondos eu cometi em uma vida anterior para merecer ver seis Tesses? — Eu ponderei em voz alta. A necessidade de vomitar em minha boca me deu um soco no estômago. — E pensar que bastou uma porra de Tess para estragar as coisas entre mim e minha namorada. — Eu me inclinei para frente, batendo em seu nariz. Eu errei por alguns centímetros e cutuquei seu olho. *Meu mal, leve dois.*

Reign se colocou entre nós, afastando minha mão e franzindo as sobrancelhas.

— *Ex*-namorada agora, e não jogue isso na Tess. Não é culpa dela que você escondeu isso de Grace. Você realmente achou que ninguém iria contar a ela?

— Eu esperava contar a ela mais perto da luta. Você disse a Tess que eu estava escondendo isso da Grace, e ela disse a ela porque sentia muita falta do meu pau.

Meu rosnado saiu com um arroto. Extra elegante.

— Me desculpe, ok? — Tess estremeceu. — Sinceras desculpas. Nunca pensei que seria tão ruim. Eu não queria estragar as coisas para vocês. Só torná-las... difíceis.

Meu telefone tocou no meu bolso. Ignorando o pedido de desculpas de Tess, atrapalhei-me para tirá-lo. Max estava andando de um lado para o outro, falando ao telefone, explicando merdas para Appleton e sua equipe, provavelmente.

Eu verifiquei minha tela.

Mãe.

Quão bêbado eu estava para pensar que realmente poderia ser Grace?

Eu tive minha chance. Algumas delas, para ser honesto comigo mesmo. E eu mandei tudo para o inferno. A boa notícia era que finalmente estava pensando com clareza. Eu sabia o que tinha que fazer para garantir que Grace fosse salva.

— Parece que ele está planejando algo, o que não pode ser bom, considerando seu estado atual. — A voz de Easton apunhalou através do choramingo simultâneo de Reign e Tess. Eles disseram que iam me buscar água e algo para comer. Levei alguns minutos para me recompor antes que alguém me apoiasse contra a parede, como se eu fosse um móvel. No andar de cima, eu podia ouvir a multidão gritando e aplaudindo.

Local completo. Ingressos esgotados. O pacote completo.

E eu estava muito atrasado.

Poucos minutos depois, Max desligou. Um nerd de laboratório sênior correu em nossa direção com um sanduíche embrulhado e uma garrafa de água.

— Aqui. — Ele passou para Easton, que empurrou a comida e a bebida na minha cara. — Beba isso. Tudo.

— Quer que eu me mije no segundo round? — Murmurei em torno de uma mordida rançosa. Quem fez esse sanduíche? Era além de ruim. O pão estava azedo, o queijo mole demais e o presunto provavelmente tinha a minha idade.

Porra, eu sentia falta da comida do That Taco Truck.

— Eu não sou contra você se sujar se isso significar parar a luta, — East rangeu.

— Nada vai parar essa luta, — eu disse categoricamente. — E não tente, porra.

— Por que isso é tão importante para você? — Reign se agachou ao meu lado. — Eu não sei como te dizer isso, mas você não vai ganhar, não em seu estado lamentável. Droga, eu poderia colocá-lo contra uma líder de torcida agora e você ainda perderia.

— Uma líder de torcida morta, — Max apontou prestativo.

— Eu não coloco as mãos em garotas, — eu murmurei. *Ao contrário daquele idiota do Appleton.*

— Nunca chegaria a esse ponto. Você a confundiria com uma caixa de papelão antes que ela desse o primeiro soco. — Reign bateu no meu ombro de forma tranquilizadora.

Algum tempo depois – uma hora, uma semana, um maldito minuto, eu não tinha certeza – Max bateu palmas e anunciou: — Ok, o momento da verdade chegou. Não posso adiar mais isso. Sou um organizador de eventos, não um mágico.

— Você é uma vagabunda classe A e vai pagar por induzi-lo a uma luta da qual ele não pode desistir. — Easton mostrou os dentes, oferecendo-me a mão. Max estremeceu visivelmente. Relutantemente, deixei Easton me colocar de pé. Eu olhei para a escada que levava ao ringue, enquanto passos batiam no concreto.

— Ei. — Tess colocou a mão no meu peito. Eu bati para longe. Eu não estava com humor para falar com a pessoa que transformou essa merda de bola de neve em uma porra de tempestade.

— Tire as mãos, Tess.

— Me desculpe, ok? Olhe para mim. — Ela as colocou entre minhas bochechas.

Mesmo em meu estado de embriaguez – o que era muito – eu ainda podia ver o arrependimento nadando em seus olhos.

— Eu nunca pensei que aconteceria dessa forma. Eu estava amarga e com ciúmes e não conseguia entender por que Grace estava conseguindo tudo que eu desejava para mim. Eu queria uma pequena crise, não uma catástrofe total.

Eu agarrei seus pulsos, empurrando suas mãos. — Desculpe, minha tragédia não foi feita sob medida para o seu traseiro.

Eu me virei, prestes a subir e acabar com a luta, quando meu peito colidiu com o de outra pessoa.

Eu olhei para baixo.

Appleton.

Ele estava suado e com o peito nu, o rosto manchado com vaselina suficiente para ensaboar a Estátua da Liberdade.

— St. Claire. Ouvi dizer que você tem uma namorada e que ela *gosta de... torradas*.

Ele soltou uma risada rançosa, mostrando seus dentes tortos, enquanto me empurrava. Shaun e outro palhaço de sua equipe estavam de cada lado dele, gargalhando maldosamente.

Não que eu esperasse algo melhor de três pessoas com o QI combinado de doze, mas me descobri incapaz de resistir a um soco direto em seu nariz, fazendo-o cair para trás, enquanto o sangue disparava de suas narinas em dois jatos grossos.

— Que porra! — Appleton choramingou, beliscando a ponte do nariz. Ele acenou com a mão na minha cara. — Ele está fazendo isso de novo. Dando socos antes do sinal tocar.

— Você mandou pessoas para o meu local de trabalho, idiota.

— Você não pode provar isso.

— Eu posso provar que posso matar você. — Eu descobri meus dentes.

— Tudo por causa de uma garota. — Ele estalou a língua, o sangue escorrendo pelo queixo. — Fale sobre chicotadas de xoxota.

Eu estava prestes a corrigi-lo que Grace não era minha garota – não mais, pelo menos – mas me contive. Era parte do

motivo pelo qual Grace sempre teve suas dúvidas. Nunca confessei nosso relacionamento. Nunca segurei a mão dela em público. Beijei-a quando todos estavam assistindo. Mostrei ao mundo o que eu sentia por essa garota.

Eu também sabia que Kade Appleton não deixaria Grace em paz. Que mais cedo ou mais tarde, ele chegaria até ela, porque ela estava ligada a mim e eu era um assunto delicado para ele.

A menos que...

A menos que eu perdesse. Monumentalmente. A menos que eu tivesse minha bunda entregue a mim no ringue. A menos que eu entregasse a luta. Estava tudo claro agora.

Todo mundo tinha um momento de fênix.

Este era o meu.

Comecei a subir as escadas, passando rapidamente por Appleton.

— Vamos lá. Vamos acabar logo com esse show de merda.

Ele me perseguiu, deixando um rastro de gotas vermelhas em seu rastro. Eu invadi o ringue improvisado, empurrando a multidão densa e raivosa. Appleton seguiu de perto. Atrás de nós, Shaun, Max, East, Reign e Tess tentavam acompanhar nosso ritmo.

Eu me virei para encará-lo. — Venha até mim.

Eu sabia que não venceria.

Não ia me *deixar* vencer.

Eu nunca tinha entregado uma luta na minha vida, mas por Grace Shaw, eu estava disposto a fazer o sacrifício.

Max olhou entre nós, incerto. Eu ainda estava longe de sóbrio, mas mesmo assim era perigoso.

— Pronto? — Max perguntou.

— Isso aí.

Eu me concentrei em Appleton, fingindo dar a mínima para o que iria acontecer a seguir.

Era hora do show.



Lembrei-me apenas de fragmentos da luta.

Appleton deu um soco no meu queixo, fazendo-me voar e me espatifar em uma pilha de caixas de madeira.

Fingindo tentar esquivá-lo, enquanto dirigia um chute direto no meu abdômen.

Appleton acotovelando meu lado. A súbita onda de dor quando percebi que ele havia fraturado uma costela ou duas.

Eu, contorcendo-me no chão, gargarejando com meu próprio sangue como se fosse um enxaguante oral.

Continuei dizendo a mim mesmo que, se perdesse, não teria que ir para a cama todas as noites me preocupando com o que Kade Appleton e seus amigos idiotas podem ou não fazer com Grace. Ela era o meu calcanhar de Aquiles. Não importa como eu desse a volta por cima, Kade precisava de seu orgulho restaurado, e eu? Meu ego não valia a metade do que Grace significava para mim.

Tudo se moveu em câmera lenta. Os cantos animados ao nosso redor se dissolveram em gritos de pânico para que Max encerrasse a luta. Mas não importa o quanto eu orasse a um Deus que eu não tinha certeza se estava lá em cima para Kade nocautear e me tirar de minha miséria, o golpe final nunca veio.

Em algum momento, pensei em realizar um KO, mas não confiei em minhas próprias habilidades de parecer desmaiado. Ainda assim, eu não revidei. Não fingi tentar. Não foi uma luta. Fui eu deixando Appleton fazer o que queria, minha punição por derrotá-lo.

Kade me empurrou para o tatame e lutou contra mim, tentando alguns movimentos do Jiu-Jitsu que pareciam querer comer minha bunda. Lá, quando estávamos colados um no outro, eu finalmente falei com a boca ensanguentada.

— Apenas termine o trabalho. Você sabe que eu joguei essa merda antes de entrar no ringue, por que você está arrastando isso?

— Estou bem ciente disso, St. Claire. — Ele me lançou um sorriso parcialmente desdentado. — Mas vencer não é o suficiente, entende. Primeiro, vou humilhá-lo.



Acordei na UTI no dia seguinte.

Eu olhei ao redor, gradualmente recuperando a consciência, e descobri que tinha sido conectado a um soro intravenoso, com meu pulso monitorado, e estava envolto em ataduras com uma mão engessada...

Meus olhos se voltaram para baixo. Eu estava usando uma bata de hospital. Eu nunca tinha usado uma antes. Vamos apenas dizer que eu não pensei que o azul royal fosse minha porra de cor.

— Bom dia, raio de sol! — A voz de Easton soou muito alta e alegre para a ocasião. A porta se abriu e ele entrou. Fechei os olhos, recusando-me a lidar com sua besteira antes de tomar uma xícara forte de café.

— Legal ver você acordado. Você nos deu um grande susto na noite passada.

— Por que você está falando como se tivesse oitenta anos? — Eu resmunguei, tentando engolir um pouco da minha saliva. *Má ideia.* Eu não tinha saliva alguma. Minha garganta estava mais seca do que as vadias do Max. Eu grunhi.

East sentou ao meu lado em um banquinho próximo, e ouvi mais barulho ao redor da sala. Ele não era o único aqui, mas abrir meus olhos para ver quem entrou na sala não estava na minha agenda.

— Você quase morreu ontem à noite, — East apontou.

— Obrigado, Capitão Óbvio. Você não tem nenhum outro lugar para estar? Talvez ficar perto do Hudson[81] e dizer aos turistas que está molhado, ou ir ao Alasca e destacar o tempo frio?

— Oh meu Deus, ele não perdeu apenas um dente. Seu senso de humor também foi destruído. — Reign exalou dramático do outro lado da sala.

Meu coração afundou com sua voz. Quem diabos eu esperava estar aqui?

Grace. Eu estava esperando Grace.

---

[81] Rio nos Estados Unidos.

— Seus pais estão vindo e não quero uma maldita palavra sobre isso, — alertou East. — Eles ficaram loucos quando souberam do que aconteceu com você.

Meu primeiro instinto foi arrancar sua cabeça por contar a eles. Então, novamente, ele não tinha muita escolha. De que outra forma ele explicaria minha viagem longa para o hospital?

O que me trouxe à minha próxima pergunta.

— O que você disse à equipe do hospital?

— Acrobacias de moto. — Reign se jogou na cama ao meu lado. — O que foi fácil de acreditar, visto que a pobre Christina foi destruída por Kade e seus asseclas logo após a luta. — Ele fez uma careta. — Espero que você não esteja contando com um passeio da alegria, porque sua moto não está muito feliz agora.

Eu resmunguei, meus olhos ainda fechados.

— De acordo com Max, Appleton é um campista feliz agora, então pelo menos sabemos que ele não está tentando causar mais merda, — East me ofereceu o copo meio cheio. De mijo.

— Tudo um mar de rosas.

— Quem está com oitenta anos agora, hein? — East abriu uma lata de Coca-Cola e levou-a aos meus lábios, sem se preocupar com o canudo. *Idiota*. Tomei um gole lento,

deixando o líquido queimar um caminho pela minha garganta. Estava bom.

— Qual é o veredicto? — Eu finalmente abri meus olhos e apontei para meu rosto.

— Nariz quebrado, três dedos quebrados de antes da luta, duas costelas quebradas e uma quantidade indefinida de hematomas. — East contou com os dedos.

— Não é contra as regras da HIPAA[82] fornecer informações pessoais a membros não familiares? — Eu fiz uma careta.

— Oh, a equipe médica não deu essa informação voluntariamente. Eu só tenho dois olhos trabalhando, — Easton brincou.

— Mesmo isso não foi o suficiente para nos fazer arrastar seu traseiro para o pronto-socorro, — Reign confessou do meu outro lado. — Mas então, você decidiu tirar uma longa soneca no chão depois da luta, e não conseguimos acordá-lo por dez minutos. Easton insistiu que era uma concussão. Finalmente, Tess, também conhecida como minha namorada, para quem você foi um idiota, tomou a decisão responsável de chamar uma ambulância. Ainda bem que ela fez, porque aparentemente alguns de seus órgãos internos ficaram inchados. Ainda odeia minha garota?

---

[82] HIPPA – É um conjunto de conformidades que organizações de saúde passaram a seguir para proteger suas informações digitais internas.

— Sempre, — eu consegui grunhir. Ele riu, acertando minhas costelas. Eu soltei uma maldição.

— Onde estão seus limites? Eu acabei de quebrar as malditas.

— Isso é por dormir com a minha garota.

— Nesse caso. — Eu girei em direção a ele, agarrei seu pulso e torci até que quase quebrou. Reign soltou um grito. — Isso é por xingar minha garota.

Estávamos agindo como crianças de 12 anos, mas se havia um momento para agir assim– era agora, quando eu poderia culpar os analgésicos.

— Pela última vez, St. Claire, ela não é mais sua garota.

— Veremos sobre isso.

Meus olhos se voltaram para Easton. Eu não tive que perguntar para ele. Ele sabia muito bem o que eu queria saber.

Onde ela está?

Ela estava vindo para mim?

Ela sabia o que eu tinha feito?

Por que eu fiz isso?

A garganta de East balançou. Ele desviou o olhar, ocupando-se removendo lanches que trouxe para mim de um saco plástico e colocando-os na minha mesa de cabeceira.

— Estamos tentando contatá-la. Tenho certeza que ela vai atender em breve.

— Sim, — Reign acrescentou em um tom alegre. — É o final de semana. As pessoas não estão exatamente sentadas olhando para seus telefones.

— Ela virá. — Easton deu um tapinha na minha mão.

— Na sua cara. Muitas vezes. Você vai ver. As garotas adoram quando você leva um soco por elas. Você quase morreu por ela, — Reign apontou. — Isso vale pelo menos alguns boquetes, certo?

Fechei os olhos, adormecendo, desejando nunca mais acordar.



Vinte e Quatro

West

A próxima vez que acordei, era tarde da noite.

Meus pais estavam na sala, suas silhuetas juntas, engolfadas pela escuridão. Eles ficaram perto da janela, abraçando-se, exatamente como eu os vi na neve na manhã em que Aubrey morreu.

O nó familiar na minha garganta engrossou. Por um momento, fiquei tentado a fingir que ainda estava dormindo. Mas se Grace Shaw me ensinou uma coisa sobre este mundo, foi que fugir de seus problemas era uma má ideia, e sempre voltava, mordendo sua bunda.

Eu me endireitei na cama do hospital, fazendo um show ao limpar minha garganta.

Eles se viraram simultaneamente. Mamãe não ofegou ou chorou. Seus olhos traçaram meu rosto como dedos, tocando-me suavemente. Papai – que parecia uma década mais velho do que da última vez que o vi, quase cinco anos atrás – encolheu-se, como se ele tivesse levado os golpes de Appleton.

— Filho.

Uma palavra, e parecia que vinha do fundo do oceano, ecoando por todo o meu corpo.

Meus pais pareciam exaustos – e haviam perdido cerca de dez quilos entre eles. Eu mal os reconheci, e ainda assim notei que era uma grande parte do motivo pelo qual eles estavam do jeito que estavam.

Papai foi o primeiro a correr em minha direção. Ele se inclinou sobre a cama do hospital, seu corpo inteiro roçando o meu, dando-me o abraço mais gentil e menos sensível que eu já recebi. Não nos abraçávamos há meia década.

— Você pode apertar papai. É a sua única chance de um abraço do qual não posso escapar, — eu murmurei. Senti seu corpo quente estremecendo contra o meu, enquanto ele forçava seu aperto. Ele estava rindo e chorando ao mesmo tempo. Quando ele se levantou e se afastou, foi a vez da mamãe.

Corri meus olhos sobre os dois, lançando um sorriso torto.

— Ficaram preocupados quando não mandei dinheiro esta semana, hein?

Foi uma merda e ao mesmo tempo tão clássico para eu dizer algo assim. Nenhum deles estremeceu ou se desculpou. Os olhos da mamãe estavam duros nos meus. Algo mudou desde a última vez que ela me viu. Eu vi em sua expressão

mais da mãe que ela era antes de Aubrey morrer. A determinação iluminou seus olhos, juntamente com a promessa de me dar o inferno se eu me comportasse mal.

— Estamos aqui para dizer que não vamos deixar você se matar pelo que aconteceu com Aubrey. Percebemos que você está chateado. *Nós também* estamos chateados. Estaremos sempre chateados. Perdemos nossa querida menina. Mas, por Deus, West Camden St. Claire, não vamos perder outro filho. Sem sofrimento. Sem culpa. Sem *nada.* Nunca mais. Você vai viver mais que nós, e você vai gostar disso.

Sua coluna se endireitou e ela me olhou nos olhos com uma ferocidade que me deu arrepios de merda.

— Eu me odeio. — A admissão saiu dos meus lábios com um grasnido. — *Pra* caralho. E eu não vejo como você não entende.

— Não é sua culpa. — Papai pegou minha mão. Eu desviei o olhar. A possibilidade de chorar estava ficando real demais para arriscar o contato visual. — Mesmo se fosse – nós ainda te amaríamos, ainda te perdoaríamos. Você poderia ter feito as coisas de forma diferente? Sim. Mas você não fez. Você não cometeu um crime, West. As consequências de suas decisões erradas acabaram sendo excepcionalmente trágicas.

— Eu quebrei minha promessa à Aub.

— Todos nós quebramos nossas promessas às vezes. — Mamãe pegou minha outra mão e agora eu não tinha para onde olhar, porque meus pais estavam em toda parte. Eu não podia mais evitá-los. Esconder deles. Desviar. Fingir que eu poderia silenciá-los com um cheque.

— Nunca foi sobre o dinheiro. — Uma lágrima quente caiu do rosto de papai no meu braço. — Nós nunca quisemos que você pagasse para sair dessa coisa. No início, pensamos que talvez fosse sua própria maneira de lidar com a dor, de aquietar os demônios. Quando soubemos melhor, era tarde demais. Você estava longe e não sabíamos como encontrar o caminho de volta para você.

— Estávamos uma bagunça, — mamãe interrompeu. Eu me virei para olhar para ela. Ela também estava chorando. — O período que passamos logo após a morte de Aubrey...

— Vocês tinham todo o direito, — eu interrompi, minha voz cheia de emoção.

Não chore. Não ouse chorar, porra.

Fazia tanto tempo que eu não me permitia sentir, que não tinha certeza se conseguiria, mesmo se quisesse.

— Não. Não tínhamos o direito, Westie. Ainda tínhamos você para pensar, para cuidar. Em vez de considerar as consequências, caímos na depressão.

— Você não cai em depressão. Ela agarra você pelo pé como um Pennywise[83] e o arrasta para um esgoto profundo e escuro cheio de merda. A depressão nunca é sua culpa. Portanto, não se desculpe por isso.

Eu não aguentava mais. Meus olhos e nariz queimaram, e uma lágrima quente deslizou pela minha bochecha. Limpei com a palma da mão rapidamente.

— Nós amamos você, Westie. — Mamãe baixou a cabeça, enterrando-a no meu ombro. — Nós te amamos muito, muito. Nunca quisemos o dinheiro. Queríamos apenas falar com você. Queremos nosso filho de volta e nos recusamos a receber um centavo de você a partir de agora. Quando Easton nos contou o que você tem feito para nos ajudar a pagar nossos empréstimos, sabe o que eu fiz? — Ela perguntou.

Rapidamente renegou seu filho por ser tão estúpido?

— Eu dei um tapa na cara de Easton por nunca nos contar. Por nunca nos avisar.Você tem arriscado sua vida todas as sextas-feiras para nos ajudar. Por favor, perdoe-me por não saber o que você passou nos últimos cinco anos. — Ela agarrou meu rosto com as palmas das mãos. Doeu como o inferno, mas agora não era hora de apontar. — Eu sei que é pedir muito, mas estou disposta a trabalhar duro para mostrar o que isso significa para mim.

---

[83] Palhaço de It, a Coisa.

Outra lágrima traidora rolou pela minha bochecha.

Abri minha boca e disse as três palavras mais libertadoras que existem.

— Você está perdoada.



Grace

O sol tinha mergulhado abaixo das árvores altas quando estacionei minha caminhonete no estacionamento do hospital e estava quase completamente escuro. O trânsito estava louco, haviam ocorrido dois acidentes de carro no caminho e a maioria das estradas estavam bloqueadas devido a festivais. Cada momento longe de West me enviava para os braços do desespero, e eu estava tão doente de preocupação que toda a ansiedade sobre o primeiro dia da vovó Savvy em Heartland Gardens tinha desaparecido magicamente.

West estava acordado quando cheguei.

Tess foi a primeira a me cumprimentar, jogando os braços sobre meus ombros. — Grace! Estou tão feliz por você estar aqui. Ele acabou de acordar. — Eu dei um tapinha nas

costas dela sem jeito, em estado de choque. Havia algo estranho em estar de bem com ela novamente depois de tudo que aconteceu, mas, se eu aprendi uma coisa desde o momento em que conheci West, foi que embora o perdão seja o oprimido na batalha dos sentimentos, ele deveria ganhar sempre.

Easton e Reign estavam sentados em uma cadeira estreita fora do quarto de West, cochilando em posições que não podiam ser confortáveis. Tess deu um passo para trás, examinando-me. — Easton disse que ele perguntou por você.

A alegria borbulhou em meu intestino, mas me obriguei a engolir.

— Ele está com muita dor?

Tess balançou a cabeça lentamente. — Eu não entrei ainda. Não acho que ele gostaria de ver meu rosto depois de tudo o que aconteceu. Mas Reign e Easton dizem que ele está melhor. Vá. Ele está esperando por você.

Empurrei a porta exatamente quando seus pais estavam saindo. Eu reconheci sua mãe imediatamente. Uma mulher pequena com traços marcantes e escuros. Ela colocou os braços em volta de mim em um abraço apertado.

— Grace. Obrigada por vir ver Westie.

— Claro. — Esfreguei seu braço, sorrindo nervosamente. — Vim assim que pude.

— Eu orava todas as noites para que vocês dois resolvessem as coisas. Estou feliz que você fez, — disse Caroline. Eu fiz uma careta, porque West e eu estávamos o mais longe geograficamente possível de estarmos resolvidos.

West soltou um gemido baixo das profundezas de seu quarto. Seus pais bloquearam sua figura, então eu não pude vê-lo.

— Isso é o suficiente, mãe.

Caroline revirou os olhos exageradamente, o que fez meu coração disparar, porque se ela podia brincar sobre isso, talvez ele não parecesse tão ruim quanto parecia.

— Cuide do meu filho.

Ela beijou minha bochecha e saiu.

Fechando a porta atrás de mim, eu me virei para encará-lo. O calor subiu pelo meu pescoço.

Ele parecia horrível.

Seu nariz estava fora do lugar, seus olhos inchados e roxos, e parecia que ele tinha sido costurado cinco vezes, agrupado em um West que eu mal reconheci e estava muito longe do Adônis perfeito que eu conhecia.

Uma necessidade urgente de desviar o olhar tomou conta de cada fibra do meu corpo, mas eu resisti, treinando meus olhos nele.

Ele amou você no seu pior, sabendo como você era. Agora é hora de provar que você o ama como ele é. Cicatrizes e tudo.

— Como estou? — Ele gesticulou para si mesmo com a mão fodida, dando-me uma piscadela sem humor.

— Vivo, — minha voz quebrou no meio de uma palavra. — O que é mais do que eu poderia desejar, considerando tudo. East me disse ao telefone que você apareceu destruído e nem mesmo lutou. O que diabos você estava pensando?

A cada passo que eu dava para dentro do quarto, meus músculos relaxavam. Seus amigos já haviam trazido para ele umaCoca-Cola, salgadinhos, flores e um iPad. Não tive tempo de comprar nada para levar para ele. Eu dirigi direto da casa de repouso para o hospital do condado, que era ainda mais longe de Austin do que Sheridan. Caramba, ele nem sabia que vovó Savvy *estava* em Heartland Gardens. Tanta coisa aconteceu no pouco tempo que estivemos separados.

— Eu estava pensando que precisava protegê-la a qualquer custo. — Sua mandíbula se apertou. — Mesmo que parte do preço fosse fazer meu coração se partir.

Sentei-me na frente de sua cama, meus olhos nunca se afastando de seu rosto.

— Eu sabia, depois que Kade enviou pessoas para invadir o truck, que, se a notícia fosse que eu tinha uma namorada, você seria um alvo, — explicou West.

— Por que você não me contou? — Eu me engasguei, com cuidado para não o tocar. Se eu começasse, nunca pararia. Eu abraçaria, beijaria e me afogaria nele, nunca voltando para respirar.

— Trazer as autoridades para lá estava fora de questão. Minha cena de luta ilegal teria surgido e todo mundo teria se ferrado. Eles não teriam simplesmente jogado minha bunda na prisão, mas Max, East e Reign também. — Seus olhos procuraram meu rosto, procurando pistas sobre o que eu estava pensando. — Eu decidi que faria o que fosse necessário para mantê-la segura. A princípio, tentei cancelar a luta, como você pediu. Disse a Max na festa de Reign. Max ligou para Shaun, mas ele não aceitou. Veja, para Kade, era uma coisa de orgulho. Então, eu decidi entregar a luta, deixar o idiota conseguir seu momento ao sol e acabar com esse pesadelo.

— Mas eu subestimei o quão louco Kade Appleton é. Ele quase me matou antes da luta. Fui atacado no truck e jogado da moto no caminho da sua casa. Não se tratava mais de dinheiro. Eu queria perder para que ele não machucasse aqueles ao meu redor. Ainda assim, eu não poderia despejar toda essa merda em você. Você tinha a vovó para cuidar, um cuidador para encontrar e a ameaça da professora McGraw pairando sobre sua cabeça. Nunca planejei não te contar, Tex. Só queria fazer isso nos meus próprios termos.

Ele pegou minha mão na sua. Sua pele parecia errada. Fria e seca, parecida com argila. Sua mortalidade se chocou contra mim como uma bola de demolição.

Ele poderia ter morrido.

Ele quase *tinha* morrido.

— Bem, basta dizer que as coisas não saíram do jeito que você queria. — Eu funguei, escovando meu polegar sobre seus dedos. — Você me humilhou inacreditavelmente, West. Você pegou a promessa que me fez e a transformou em pó na frente de todos que conhecemos.

Ele fechou os olhos com força, respirando fundo. As cicatrizes daquele dia eram mais cruas para mim do que qualquer coisa que tinha no rosto e no braço. Porque a pessoa que eu mais amo as criou.

— Você disse que era minha namorada, e você *era*. Porra, parte de mim é patética o suficiente para esperar que você ainda seja, e tudo que podia ver eram os ratos de Kade Appleton correndo de volta para ele e contando a ele sobre a loira bonita que segurava minhas bolas. Eu sabia que você seria um alvo. Eu precisava tirá-lo do seu rastro. Ter certeza de que ele ficaria longe de você. E a única maneira que eu poderia ter feito isso, seria fazendo você me odiar naquela semana e garantindo que você ficasse bem longe.

— Missão cumprida. Mas você ainda visitou minha casa. Me espionou.

Ele deu de ombros, um triste fantasma de um sorriso passando por seu rosto.

— Eu nunca fingi possuir um autocontrole admirável onde você está envolvida, Texas Shaw. É por isso que estamos nessa bagunça. Se eu ao menos tivesse ficado longe de você.

— Você ainda estaria nesta posição. Ele queria te arruinar porque você é melhor. E você o deixou.

O silêncio cobriu o quarto. Eventualmente, ele virou seu rosto para mim. — Baby, — ele sorriu triunfante. — Você não está usando maquiagem.

Minha boca caiu. Eu coloquei a mão no meu lado ferido, sentindo meus olhos se estreitarem. *Cristo.* Meu rosto estava completamente nu. Passei o dia inteiro na casa de repouso sem uma gota de maquiagem e nem percebi a reação das pessoas. Sem olhares engraçados. Sem carranca de nojo. Sem crianças apontando e rindo de mim. Sem sussurros abafados ou zombarias de julgamento.

Hã.

— Estou orgulhoso de você, Texas.

— Você ficará mais orgulhoso quando ouvir isso – sabe onde estive hoje?

Ele fechou os olhos, fingindo fazer uma pequena oração.

— Onde quer que seja, espero que não haja nenhum homem atraente nesta história.

Eu ri, revirando meus olhos. — Eu ajudei a vovó a desempacotar as coisas dela. Ela se mudou para uma casa de repouso nos arredores de Austin. Aquele do folheto que você me deixou – Heartland Gardens. Ela está se adaptando bem e tem uma colega de quarto igualmente excêntrica para lhe fazer companhia.

— Puta merda, — ele explodiu. Sua voz estava tão alta que a Sra. St. Claire correu para a sala para se certificar de que tudo estava bem.

— Westie? Você está bem?

— Sim, mãe. Estou ferido, não sou criança. Feche a porta.

Ela riu quando viu o sorriso no rosto dele, balançando a cabeça e fechando a porta novamente, nos dando privacidade.

— Estou tão orgulhoso de você, é irreal. Você tomar parte no jogo. Fazendo a coisa certa por vovó. Você é como minha heroína, Tex. Posso conseguir um autógrafo?

— Claro que pode. — Eu ri.

— Em algum lugar do meu corpo? — Ele balançou as sobrancelhas. Peguei sua palma fodida na minha e beijei a ponta de seus dedos.

Era tarde da noite e eu precisava ir. Não porque eu quisesse, mas porque eu *precisava*. Ficar com West era tentador, mas enfrentar os obstáculos de agora fazia parte do meu processo de cura. Eu tinha que ver esta noite até o fim. Era minha primeira noite sozinha em casa, sem vovó. Minha primeira noite sozinha, *ponto final.* Eu tinha que me acostumar com isso.

— Estou feliz que você esteja bem, West. Tenho certeza de que você precisa descansar, então irei agora. — Eu me levantei, deslizando minha mão da dele. Seu aperto aumentou em torno do meu. Sua garganta trabalhou em torno da palavra que saiu de sua boca.

— *Não faça isso.*

Eu o estudei silenciosamente.

— Não me deixe. Tenho ficado muito bom em reconhecer despedidas e, uma vez que você passar por aquela porta, não vai mais voltar.

Ele não estava errado. Eu não podia mais fazer isso. Colocar meu coração em risco e esperar que ele o mantivesse seguro. Não quando ele lidou com isso de forma tão descuidada antes.

— Você vai sobreviver sem mim, — eu sussurrei, uma lágrima deslizando pela minha bochecha. Escorregou em minha boca, seu sabor salgado se espalhando pela minha língua.

— Sobreviver não vai funcionar mais. Eu sobrevivi por cinco anos antes de conhecer você. Não foi o suficiente.

Ele respirou fundo, gemendo. Cada respiração o deixava com dor, e eu era a razão pela qual ele apanhou tanto.

— Eu não posso deixar de sentir, desfazer tudo o que aconteceu entre nós. — Ele balançou sua cabeça. — Não posso deixar de amar você, Grace Shaw. Você está marcada na porra do meu DNA, a um ponto que perdi completamente a minha capacidade de pensar direito. Num segundo eu te ataquei como um lince, no outro eu te empurrei para longe, não querendo que você se enredasse na minha merda. Eu te empurrei e puxei, persegui você e te machuquei e te adorei de todas as formas, porque eu não pude dizer aquelas malditas palavras na primeira vez que elas surgiram em minha mente. Eu te amo.

Eu não conseguia respirar.

— Você me ama?

— Merda, Tex. Não há uma palavra para o que sinto por você. Na primeira noite em que saímos? Quando a vovó desapareceu? Foi a primeira vez que me senti como antes, antes de Aubrey morrer. Algo sobre isso foi leve e divertido e simplesmente... *real*. — Ele deixou escapar um suspiro. — Você estava estressada e preocupada e, de repente, eu precisava assumir. Foi a primeira vez que vi migalhas do meu antigo eu. Acho que foi porque você me deu muita merda. — Ele riu, cobrindo os olhos com o antebraço. — Você não deu a

mínima para quem eu era. O que meu nome significa nesta cidade. Eu fui atraído por isso. E desde aquela noite, não me canso de você. Eu consumi você de todas as formas possíveis – amiga, amante, colega de quarto, companheira. Eu só precisava de você por perto. Constantemente. Tentei lutar contra isso. Tentei dizer a mim mesmo que não era nada. Mas toda vez que eu dava um passo para trás, você, ou Easton, ou Reign – *qualquer um na minha vida* – colocava-me de volta no meu lugar e me fazia ver que eu era tudo sobre a vida de Grace Shaw.

Baixei a cabeça, mordendo o lábio para não chorar como um bebê. Eu sonhei com esse momento todas as noites, por semanas. Meses, até. No entanto, agora que ele finalmente confessou seu amor por mim, as palavras pareciam lindas caixas de balas vazias.

Ele me machucou.

Não uma vez.

Não duas vezes.

Não era estúpida o suficiente para passar por isso uma quarta vez sem algum tipo de compromisso. Um sinal de que ele pelo menos tentaria me proteger de si mesmo na próxima vez que as coisas não dessem certo.

— Eu também te amo, West. É por isso que você tem que me deixar ir. O que você está me oferecendo não é suficiente. Eu quero tudo. O conto de fadas. O

romance.Quero um homem que me exiba como se eu fosse a garota mais bonita do mundo – precisamente porque, consertada ou não, *nunca* serei bonita aos meus próprios olhos. Eu preciso de alguém que seja bom para mim. — Eu deslizei minha mão da dele, observando-o tomar uma respiração irregular que quase rasgou seu peito. — E estou morrendo de medo de que esse alguém não seja você.

Suas pálpebras se fecharam. Ele estava desistindo. Eu podia praticamente ver a luta evaporando de seu corpo.

Eu queria cair de joelhos e implorar para ele não fazer isso.

Convencê-lo a me dar tudo de que preciso para que pudéssemos ficar juntos.

Mas não estava em mim.

Era o compromisso de West.

Sua luta para vencer.

Eu me virei e fui embora.

Desta vez, eu não olhei para trás, pois deixei de lado o amor da minha vida e minha velha e insegura Grace.



Deslizar para a cama naquela noite foi surreal.

A falta de som que vovó costumava fazer pela casa era chocante para mim. Objetos em movimento, roncando, falando, *respirando* – todas essas coisas estavam faltando, e o silêncio alto vazou em meus ossos como veneno.

Karlie me mandou uma mensagem mais cedo, perguntando se eu queria que ela aparecesse para uma festa do pijama espontânea. Filmes com o tema dos anos noventa, vinho barato e o jogo *esta ou aquela*. Por mais tentador que fosse, e por mais que eu quisesse ficar longe do caos que fervilhava em minha própria cabeça, eu sabia que meu novo eu era melhor do que fugir assim.

Eu precisava ver até o fim esta noite – e sair disso uma versão melhor de mim mesma.

Ainda quebrada.

E vacilante.

Assimétrica.

Mas também inteira.

E independente.

Mais forte do que nunca.

Enquanto me revirava na cama que parecia estranha sem West nela, depois de me certificar de que as portas estavam trancadas e a TV ligada, a luz estática dançando em

meu rosto para que eu não me sentisse tão sozinha, tive um pressentimento. Eu estava no caminho certo.

Seria difícil, com certeza, mas aonde quer que essa estrada me levasse– eu estava pronta.



Vinte e Cinco

Grace

Eu me joguei no trabalho e na escola na semana seguinte.

A estreia de *A Streetcar Named Desire* se intensificou, lançando sua sombra sobre tudo o mais em minha vida.

West teve alta do hospital três dias depois que eu o visitei. Mandei cartões de melhoras e comida enquanto ele estava no hospital, mas não reuni coragem para visitá-lo novamente. A bola estava em seu campo agora.

Alguns dias depois de West voltar para Sheridan, ele apareceu no meio do ensaio. Ele ainda estava machucado, com o rosto inchado e alguns quilos a menos, mas isso não impediu minha respiração quando ele apareceu entre as grandes portas duplas do auditório, exibindo seu sorriso arrogante característico e um bastão doce espreitando do lado de sua boca.

Eu estava no palco quando o vi. Aiden entrou com um pacote fictício de carne. A cena foi nosso primeiro encontro como Stanley e Blanche. Mesmo sabendo que precisava voltar

minha mente para a peça, não pude deixar de seguir os movimentos de West com os olhos, enquanto ele se sentava diretamente sob o palco, na primeira fila, observando-me com seus olhos frios e atentos.

— Olá. Onde está a pequena mulher? — Aiden rugiu, estufando o peito.

Eu finalmente percebi como West se sentiu quando fui vê-lo lutar semanas atrás. Não poderíamos estar na mesma sala e não ser consumidos um pelo outro de alguma forma.

Fingindo acender um cigarro e fumar, desviei meu olhar de West, jogando-me no papel.

— No banheiro.

Aiden disparou suas falas para mim, e eu zombei das minhas de volta. Tínhamos uma boa química no palco. Quanto mais tempo passava, mais eu comecei a esquecer que West estava lá e me permiti me afogar na doce magia de atuar.

Quando a cena chegou ao fim, com Tess caminhando para fazer suas falas, Finlay bateu palmas de seu lugar na primeira fila, ao lado de West, pondo-se de pé.

— Não acredito que estou dizendo isso, mas foi a perfeição absoluta. Tire cinco minutos, Grace – não vá muito longe, por favor.

Eu balancei a cabeça, pulando para fora do palco. West caminhou até mim. Meu pulso acelerou, batendo contra o lado da minha garganta. Ficamos um na frente do outro. Esperei que ele dissesse algo, qualquer coisa, para me aliviar da dor dilacerante que sentia nas veias toda vez que pensava nele.

Ele já estava voltando a ser seu antigo e belo eu.

— Tex.

— Maine.

Ele sorriu. Eu raramente o chamava assim, mas quando o fazia, sempre tinha um impacto deslumbrante e me fazia sentir como uma sereia tirando a roupa pela primeira vez.

— Olhe para você, — ele sussurrou com admiração.

Abaixei minha cabeça, corando. — Temos trabalhado muito duro. Obrigada.

— Nós? Eu só vi você. Havia outras pessoas? — ele disse com naturalidade, um toque de possessividade em sua voz.

Convide-me para sair.

Diga-me que você não pode viver sem mim.

Que não sou a única a sentir que estou andando com metade do coração.

Ele enfiou os punhos nos bolsos da frente, mudando de um pé para o outro.

— Quer tomar um café mais tarde? Como amigos, — ele se apressou em esclarecer. Meu coração afundou. *Amigos*. Claro. Eu disse a ele que não me contentaria com nada menos do que tudo, e ele percebeu que eu não valia a pena.Isso era justo. Eu precisava chegar a um acordo com isso. Eu não poderia pedir a ele algo que ele era incapaz de me dar.

— Certo. — Eu reuni um sorriso fraco. — Café parece ótimo.

— Vou buscá-la em algumas horas.

Ele se virou e foi embora. Virei de volta para o palco, captando o olhar de Tess. Ela parecia miserável. Minhas bochechas esquentaram quando percebi que ela ouviu nossa conversa.

Eles dizem que quanto maiores são, mais duramente caem.

Eu estava esperando ansiosa para ouvir o baque que o amor de West por mim faria quando finalmente superasse sua teimosia.



West

Vingança e Karma tinham uma coisa em comum – ambas eram vadias.

Hoje, tenho que entregá-las a Kade Appleton, embrulhados em um laço tóxico.

Eu tentei acomodar sua síndrome do pau pequeno. Verdadeiramente, eu tinha tentado. Eu tinha ido a extremos para minimizar os danos nesta situação. Eu mordi minha língua e o deixei ter seu momento ao sol, mas agora todas as apostas estavam canceladas.

Eu queria ter certeza de que ele nunca viria atrás de mim e dos meus novamente.

Não só porque eu não iria tolerar suas besteiras, mas também porque queria minha namorada de volta.

Desta vez, ela estaria segura.

Dele.

De *mim*.

De qualquer um que desejasse mal a ela.

Estacionei minha Ducati destruída na frente da casa de Max. Christina ficou dias na loja e ainda parecia uma merda.

Eu nunca tinha estado na casa do Max antes. Pensando bem, eu nem sabia com quem ele morava. Pelas agradáveis escavações no estilo artesanal e pelo gramado bem cuidado, aposto que ele morava com os pais. Triste, porque ele não precisava de mais obstáculos em seu caminho na busca para perder sua virgindade.

Folhas secas rangeram sob minhas botas, enquanto eu caminhava até a porta. Max abriu com uma cara sombria, olhando por trás do meu ombro, para ver se eu trazia reforços.

— Ele está aqui? — Entrei em sua casa sem ser tecnicamente convidado.

Max assentiu rapidamente. — Eu disse que faria funcionar.

— *Sozinho?* — Eu salientei.

Ele puxou a camisa pela barriga redonda. — Eu não sou estúpido. Não quero que você me mate.

— O primeiro não é verdade, e o último ainda é muito provável. — Entrei em uma sala de estar arrumada cheia de móveis floridos e fotos de família que provavam que Max não era a única pessoa na família que era grosseiramente impossível.

Encontrei Kade caído no sofá, fumando um cigarro, assistindo a uma reprise de futebol em uma TV de tela plana, uma lata de cerveja no colo.

— Algo fede. — Ele cheirou o ar, recusando-se a tirar os olhos da tela.

Sentei-me em uma poltrona à sua direita, estudando-o. Ele se mexeu, seus dedos dançando em volta da cerveja. Notei um tique em seu olho direito.

— Ouvi dizer que você estava no hospital. — Ele fez um show ao flexionar os músculos enquanto se reorganizava. — Você com certeza parece bem para mim.

— Obrigado pela avaliação médica, Dr. Merda-para-cérebros.

Ele tomou um gole da cerveja, tentando parecer calmo. Mas seu joelho estava tremendo e seu lábio inferior também. Ele sabia tão bem quanto eu, que eu poderia espancá-lo bem aqui, agora, e terminar as coisas da maneira que deveriam acontecer se eu quisesse. Não havia dúvida de que eu era um lutador melhor. O fato é que eu tinha entregado a luta para ele, e ele avidamente decidiu quase me matar, punição por eu ser melhor.

Eu olhei para ele sem palavras, observando-o se desvencilhar.

— Por que você me chamou aqui, afinal? — Ele bufou. — Uma desculpa?

Max se curvou ao lado dele, empurrando o rosto entre os próprios joelhos.

— Só quero que vocês saibam que meus pais devem estar aqui em uma hora, então sujar o carpete com sangue...

— Melhor cuspir, então, St. Claire. — Kade tirou os olhos da tela, olhando para mim. — Você queria fazer isso sem a proteção de nossos meninos. Isso significa que tudo o que vai acontecer deve ficar entre nós. Diga-me por que estou aqui.

Talvez ele não fosse tão burro quanto um tijolo. Talvez ele fosse tão estúpido como uma rocha. Ainda um objeto, mas com metade da mortalidade.

— Eu quero metade do dinheiro da luta – e uma promessa de que você nunca irá atrás de mim, meus amigos, meus pais e, *acima* de tudo... — Eu levantei uma oitava, meu tom cortando o ar como uma lâmina. — Minha namorada.

Grace e eu não estávamos juntos, mas um cara pode sonhar.

Kade rolou a cabeça no sofá, uma risada metálica deslizando entre seus lábios.

— Você não está recebendo um centavo do meu dinheiro. Eu ganhei de forma justa, e enquanto você tem minha palavra de que não vou machucar sua garota, não posso prometer que não vou dar em cima dela. Uma bela bunda, você pegou lá. E ouvi que ela está solteira agora. Bem, você sabe? Acontece que perdi meu contrato com Vegas e me

mudei para cá permanentemente. Não consigo pensar em entretenimento melhor do que bater em sua ex sexy.

— Agora, Kade, não vamos... — Max começou, mas Appleton jogou sua lata de cerveja pela metade na direção da TV. O fluido espesso e branco rolou sobre ela, a espuma sibilando no chão.

— Cala a boca, Riviera, os homens estão falando agora.

— Eu... — Max gaguejou.

— Vá limpar isso, — Kade latiu. — Tenho certeza de que o Sr. e a Sra. Feiura não querem cerveja no tapete, tanto quanto não querem sangue.

Eu travei meus braços, sentindo minha mandíbula flexionar. Eu precisava fazer isso direito, mesmo que minha resposta natural fosse matar o bastardo. Ser arrastado para a histeria seria amador e nada construtivo até o objetivo final.

— Você pode querer repensar isso, Appleton, — eu disse serenamente.

— Oh, sim? E por que isso? — Ele me lançou um olhar de pedra.

Peguei meu telefone no bolso da frente, encontrei o que estava procurando e o estendi para ele ver. Ele se agachou para frente relutante, observando.

Era um vídeo dele e Shaun, lançando dois pitbulls um contra o outro. Os cães se atacaram ferozmente, com Kade e

seu gerente torcendo por eles, rindo e fazendo caretas. Havia um círculo de pessoas ao redor dos caninos ensanguentados. Você podia ver seus rostos claramente, e você poderia dizer que nenhum daqueles idiotas sabia que eles estavam sendo gravados.

Um dos cães cravou os dentes no pescoço do outro, produzindo tanto sangue que o cão ferido choramingou e tombou de lado, lutando contra violentos espasmos ao sangrar. Isso não impediu o cão vencedor de atacá-lo.

Um dos pitbulls comeu o outro vivo, enquanto ele clamava por socorro.

Foi tão brutal que até minha bunda insensível não conseguiu assistir. Quando a ex-namorada de Kade concordou em me enviar aqueles vídeos, eu prometi encerrar seus dias de briga de cães. Essa não era uma promessa que eu pretendia quebrar. Na verdade, eu ia ter certeza de que, de agora em diante, toda vez que prometesse algo a alguém, eu cumpriria.

— Onde você conseguiu isso? — Ele se endireitou, parecendo alerta agora. Ele tentou arrancar o telefone da minha mão, mas eu rapidamente o coloquei de volta no bolso.

— Não é da sua maldita conta. Agora, só para deixarmos claro, você está organizando brigas de cães com o tijolo humano também conhecido como Shaun, além da liberdade condicional em que está por bater na sua ex-namorada? Sim, é uma grande pilha de condenações. Eu acho que suas

habilidades de luta podem ser úteis na prisão, a menos que você esteja bem em ser a putinha de todos.

— Eu não estou fazendo isso de forma alguma...

— Poupe-me dessa merda. Tenho cópias desses vídeos em toda as minhas nuvens. Esses vídeos são recentes. Esse é o seu novo show, agora que você não pode mais entrar no ringue. Vou garantir que tudo isso esteja no YouTube e na mesa do xerife à noite, se você não ouvir com atenção. Agora, vou pedir de novo – metade do dinheiro da luta, mais a promessa de que você nunca vai chegar perto do meu pessoal. Nunca. Isso se aplica especialmente à Grace Shaw. Se eu ouvir você peidar na direção dela, vou matar você vinte e seis vezes, uma morte para cada um de seus aniversários. Fui claro?

Sua garganta contraiu, sua mandíbula se movendo para frente e para trás. O que quer que o tenha deixado chapado, saiu de seu sistema completamente. Ele estava lúcido agora e ciente da enorme pilha de merda que eu acabei de despejar a seus pés.

— Eu quero dizer isso, — eu rosnei. — Eu entreguei uma luta a você. Não vou estender minhas boas intenções além disso. Eu *vou* te matar se você a assediar.

— Se eu fizer isso, vou querer esses vídeos de volta. — Ele apunhalou o dedo contra a mesa.

Esse idiota não sabia como a internet funcionava?

— Estou mantendo os vídeos como garantia, — disse eu, à queima-roupa.

— Como vou saber que você não vai jogar sua merda em mim?

— *A*- porque sou um homem de palavra. — Pelo menos, eu seria agora. Eu fui um merda sobre manter minhas promessas. Mas isso estava prestes a mudar. — E *B* - porque nenhuma parte de mim quer que sua filha recém-nascida cresça com um pai que está na prisão, mesmo que seja exatamente o lugar que você pertence. Então, se eu sair daqui depois de ter certeza de que você vai conseguir um emprego legal, parar a briga de cães, cuidar de sua ex e me deixar em paz, você tem um acordo.

Eu soava como a polícia da moralidade, mas a verdade era que descobri que tudo o que aconteceu nos últimos anos no Plaza, iria arrastar todos nós para a merda e, no fundo, eu acreditava em segundas chances.

Eu não confiava em Kade Appleton cem por cento. Mas era por isso que eu tinha Max. Ele iria ficar de olho nele. Se certificar de que ele estava cumprindo sua parte nesta barganha.

Kade desviou o olhar. — Bem. *Foda-se*.

— Vou esperar esse dinheiro na minha caixa de correio nas próximas doze horas. Oh, e, Kade?

Eu levantei-me. Ele virou a cabeça para me encarar com relutância. Minha boca se curvou.

— Quero dizer isso. Se eu ouvir que houve uma briga de cães com o seu nome, ou que você chegou perto do meu pessoal, vou matá-lo, e essa é uma promessa que não vou quebrar.



Grace

West e eu fomos tomar café todos os dias naquela semana. Sempre no mesmo lugar – o pequeno restaurante nos arredores da cidade, onde vovó foi na noite em que ele me ajudou.

Eles nem tinham o meu tipo de café. Eu gostava de cappuccino, que não estava no cardápio. Notei que West também não estava tocando seu café de filtro.Estávamos apenas segurando nossas xícaras com as mãos, conversando.

Conversamos sobre tudo, além de nós.

Sobre como seus pais o fizeram jurar que não voltaria a lutar, e ele concordou – e que desta vez, ele não pretendia quebrar sua palavra.

Sobre minha próxima visita à vovó no sábado. Como ela estava se adaptando bem à casa de repouso, embora tivesse seus altos e baixos. Foi uma luta levá-la para o teste de tomografia computadorizada, mas a enfermeira Aimee me ligou para dizer que, no final do dia, a vovó estava tão exausta que foi para a cama às sete e acordou na manhã seguinte nova em folha, cantando junto com Ethel na sala de café da manhã.

Ela agora estava sendo medicada e, embora demorasse para encontrar o remédio e as doses certas que funcionassem para ela, era um começo.

Eu adorava passar um tempo com West. Apenas conversando e rindo, reconstruindo o que havia quebrado naquele dia no refeitório. E não foi apenas o nosso café diário que recompôs meu coração. West fez questão de me pegar em minha casa para a escola todos os dias – mesmo nos dias em que nossos horários não estavam alinhados – e esperava por mim fora das minhas palestras.

O novo auditório estava finalmente pronto, e mudamos nosso ensaio final para o enorme salão recém-construído.

West carregou minha mochila e riu das minhas piadas, mesmo quando não eram engraçadas. Quando eu apareci no refeitório, sentada ao lado de Karlie, ele de alguma forma se

materializava do nada para se sentar ao nosso lado. Ele nem parecia se importar quando tudo o que falamos foi sobre os programas dos anos noventa. Ele estava contente apenas por passar um tempo comigo.

Era fofo. E romântico. Isso me fez querer matá-lo.

— Eu quero estrangulá-lo, — confessei à Karlie um dia antes da estreia de *A Streetcar Named Desire.* Eu realmente queria. De todo o coração. O que era irônico, porque fiquei muito assustada quando foi Kade Appleton quem quase acabou com sua vida.

— Você precisará ser mais específica. Mesmo eu não sendo sua maior fã, ele não fez nenhuma merda recentemente. Definitivamente, nada para inspirar assassiná-lo. — Karlie folheou um livro grosso, destacando o inferno fora dele.

Eu me sentei ao lado dela em sua cama, soprando uma mecha de cabelo do meu rosto. Eu não estava mais usando bonés. Apenas uma quantidade saudável de maquiagem. Foi extremamente libertador, tanto para a temperatura corporal quanto para o couro cabeludo.

— Ele está agindo como o namorado perfeito. — Eu gemi.

— Que nojo! — Karlie fingiu vomitar. — Como ele ousa? O bastardo.

— Mas ele *não* é meu namorado. Ele não me chamou para sair. Não discutimos nosso relacionamento desde que ele saiu do hospital. Somos apenas... platônicos.

A palavra tinha gosto de ácido na minha boca. Não me arrependi do fato de termos terminado. Mas não entendi por que ele insistia em passar um tempo comigo e não fez qualquer movimento para se tornar mais nada. A bola estava em seu campo agora. Era ele quem precisava descobrir se estava pronto para esse compromisso, e eu deixei isso claro para ele no hospital.

— Talvez ele esteja pisando com cuidado. Ele estragou tudo quando vocês estavam juntos, — Karlie sugeriu, tampando seu marcador amarelo e pegando um verde. Ela tinha um sistema de realce que fazia seus livros parecerem um arco-íris.

— Talvez ele esteja apenas tentando fazer as pazes. Talvez essa coisa toda, seja apenas ele sendo legal comigo antes de finalmente se formar e se mudar.

Era o último semestre de West antes da formatura. Tecnicamente, ele poderia sair de Sheridan já no próximo mês. Nada o mantinha aqui mais.

O pensamento me fez começar a suar frio.

Karlie percebeu e fechou seu livro, deslizando para perto de mim, passando um braço por cima do meu ombro.

— Droga, você realmente o ama, não é, Shaw?

Fechei meus olhos, balançando a cabeça.

— Eu não sei o que fazer, Karl, — eu sussurrei. — Não posso me afastar da área de Austin. A vovó está aqui. Mas ver ele ir... — Eu tentei respirar, mas não consegui inspirar o suficiente. — Vê-lo ir vai ser o meu fim.

Karlie esfregou meu braço, pousando o queixo no meu ombro.

— Desculpe, Gracie-Mae. Isso é o que você ganha por brincar com fogo.



Vinte e Seis

Grace

Na manhã da grande estreia, acordei com uma mensagem de texto de West.

West: Verifique sua porta da frente. Vejo você hoje à noite (eu tenho um assento na primeira fila).

Tonta, eu andei descalça até a minha porta e abri. Havia uma cesta enorme cheia de bolos, café fresco e flores. Eu não tinha ideia de onde ele conseguiu algo assim. Você certamente não poderia comprar aqui, em Sheridan. Ele mandou entregar de uma cidade próxima ou fez sozinho do zero. Eu a trouxe para dentro de casa e a coloquei na mesa da cozinha, percebendo que havia vários cartões dentro.

Tirei o primeiro cartão.

Tão orgulhosa de você, querida.

Antes. Agora. Para sempre.

Sua fã número um.

Marla.

Eu virei o cartão. Estava escrito no verso de uma foto de Marla sorrindo para a câmera, os dois netos sentados em seu colo, as palmeiras e o oceano como pano de fundo. Eu sorri. Ela estava se divertindo muito na Flórida.

Peguei o segundo cartão.

Você removeu o anel de chamas e se tornou seu próprio fogo.

Obrigada por me ensinar o que é coragem.

Karlie.

Virei o cartão. Era uma foto de nós duas se abraçando e sorrindo para a câmera. O que adorei nisso, mais do que qualquer outra coisa, foi o fato de que essa foto foi tirada *depois* do incêndio. Na verdade, foi a única foto que concordei em tirar com Karlie desde que consegui minhas cicatrizes. Eu estava com meu velho boné cinza. Eu sabia por que Karlie escolheu esta foto. Era o novo eu, antes de atualizar para minha versão atual.

Sim, eu estava com cicatrizes e parecia um pouco diferente, mas não era menos digna.

Peguei outro cartão.

Vivien Leigh[84] não tem nada em sua bunda.

#ArraseHojeàNoite!

Tess.

E outro.

Boa sorte esta noite, Grace.

Seu namorado sabe como fazer um grande gesto.

A realidade é superestimada. Diga sim à magia.

Professora McGraw.

Minhas lágrimas e alegria se misturaram, e eu limpei meu rosto e nariz, rindo incontrolavelmente.

Estou orgulhoso de você, Shaw.

---

[84] Primeira atriz a dar vida ao papel de Blanche Dubois em A Streetcar Named Desire.

(Para que conste, eu sabia que você tinha talento para atuar no dia em que fingiu estar interessada em mim para se vingar do Idiota St. Claire).

Easton.

E também este cartão surpreendente:

Grace,

Desculpe, eu fui um babaca.

Obrigado por não ser uma babaca de volta.

Reign.

Restava um cartão. Era o que eu estava esperando. Tirei-o de entre os croissants, muffins e biscoitos.

Eu vou atravessar o fogo por você.

Amo você.

Sua antiga paixão.

Virei o cartão. Era uma foto minha que eu não reconheci. Talvez porque eu nunca tivesse percebido quando ele atirou. Estávamos no truck. Eu estava de boné rosa, rindo, de olhos fechados, segurando uma raspadinha, mordendo a ponta do canudo.

Eu me lembrei daquele momento. Ele estava deitado no chão, olhando para mim como se estivesse observando as estrelas. Eu me senti linda. Vibrante. Viva.

Por que você terminou com ele? O que é que você fez?

Lavando o rosto na pia da cozinha, apressei-me, vestindo algo confortável e pulando na minha caminhonete. Era o ensaio final antes da grande noite. Os ingressos estavam esgotados e a professora McGraw e Finlay estavam à beira de um colapso nervoso.

O ensaio foi perfeito, e quando voltamos para casa para tomar banho e ficar prontos, havia outra cesta esperando por mim na minha porta, desta vez cheia de pratos que pareciam e cheiravam horríveis, então meu palpite era que West tinha tentado fazer ele mesmo. Desta vez, havia apenas um cartão.

Tentei algo novo.

Não tive muito sucesso.

Eu pedi pizza para você, no entanto.

Com amor, West.



— Não espie. Dá azar. — Tess deu um tapa na minha bunda ao passar por mim nos bastidores. Eu não escutei. Enfiei meu rosto entre as cortinas, olhando ao redor. O auditório estava lotado de pessoas. Completamente cheio. Não reconheci noventa por cento dos rostos. Provavelmente pessoas de fora da cidade que queriam aproveitar o show. Mas a primeira fila estava cheia de funcionários da Sheridan University, incluindo a professora McGraw, e havia pessoas com quem eu fiz o ensino médio e o ensino fundamental. Todos veriam meu novo rosto em alguns minutos.

Minha verdadeira face.

Meu rosto *cheio de cicatrizes.*

Estranhamente, eu estava preparada para isso.

Eu não estava preparada para a ausência notável de West. Ele estava longe de ser visto.

Tess enfiou o rosto ao lado do meu por trás das cortinas escarlates, fazendo beicinho. — Sério, Grace, o que você está olhando?

— West não está aqui, — resmunguei. Ela me puxou pelos bastidores pelo meu vestido vintage.

— Tenho certeza que ele estará aqui em breve. Reign disse que comprou ingressos.

— Ingressos? Plural?

Ela encolheu os ombros. — Sim. Tipo, uma boa quantidade deles. Ele provavelmente está trazendo seu encontro eterno, East Braun, e eu sei que Reign está chegando também.

Eu ri, antes de ficar sóbria. — Ele não compraria os ingressos só para ajudar na peça, certo?

Tess me olhou como se eu fosse louca. — Esta peça arrasa. Não precisamos de ajuda. Ele comprou os ingressos porque quer te exibir, sua boba.

No momento em que eu estava prestes a enlouquecer por West não estar lá, o show estava começando, e eu tive que deixar minha ansiedade de lado para me concentrar em ser Blanche. Foi surpreendentemente fácil. Eu esqueci o quanto eu amava ter os olhos em mim. Como as reações das pessoas ao que estava acontecendo no palco eram viciantes.

Cada risada, suspiro e aplauso da audiência se estabeleceram em meu estômago, me alimentando.

Foi durante a minha segunda cena quando as portas do auditório se abriram e West entrou em uma aparência de um milhão de reais, vestindo um smoking, nada menos, seu par pendurado em seu braço engessado.

Não era Easton Braun.

Era a vovó Savvy.

Logo atrás deles estava a enfermeira Aimee, que estava com o braço enrolado em torno do de Easton Braun. Ele era seu par.

Seguido por Marla, que tinha vindo da Flórida, e estava acompanhada por Reign.

Meu coração estava na minha garganta, enquanto eu recitava todas as minhas falas, me movia, fazia todas as coisas que Blanche fazia. Observei com o canto do olho, enquanto eles se acomodavam na primeira fileira. Vovó Savvy estava usando seu amado vestido de lantejoulas. Ela acenou para mim com um sorriso brilhante.

Ela me reconhece.

West me ofereceu uma pequena piscadela com uma sugestão de sorriso, salpicando seu gesto com um olhar de aprovação para me deixar saber que ele gostou da camisola que eu estava usando – e estava planejando totalmente destruí-la até o final da noite. Quando terminei minha cena, estava quase explodindo de felicidade. Nunca me senti tão feliz em minha vida.

O resto do show foi sem problemas.

Eu era uma fênix, cortando o ar, voando o mais longe possível das cinzas que me enterraram por anos.

Eu sabia que sempre me lembraria de como elas se sentiram contra minhas asas.

Mas que eu nunca deixaria elas me derrubarem novamente.

E ainda assim, eu vou ascender.



West

A multidão aplaudiu por dez minutos logo após o fim do show.

Toda vez que eu achava que as palmas e assobios haviam diminuído, uma nova onda começava. Por um lado, meu peito estava à beira de explodir de orgulho, observando Grace arrasando na peça, deixando Aiden e Tess em uma pilha de poeira atrás dela. Por outro lado, queria acabar logo com a próxima parte, porque vinha trabalhando nisso desde o momento em que deixei o hospital.

— Essa é a minha neta ali, Gracie-Mae! — Vovó parou de bater palmas para apontar para Grace, gritando no ouvido de Aimee.

Aimee continuou batendo palmas. — Eu sei. Ela foi fabulosa.

— Inteligente e bonita como um anjo. Ela foi tocada por Deus, esta aí.

Finalmente, o elenco começou a se retirar para os bastidores.

A professora McGraw subiu no palco com um microfone, batendo no ombro de Grace e sinalizando para ela ficar para trás.

Aqui vou eu, Tex. Acompanhado do amigo, humilhação pública!

Eles trocaram alguns murmúrios. Então McGraw se dirigiu à multidão.

— Muito obrigada por virem aqui assistir nossa produção de *A Streetcar Named Desire*, o clássico americano de Tennessee Williams. — Ela passou a revisar os créditos do diretor, produtor e atores principais, antes de ir direto ao ponto.

— Enquanto o show termina, um de nossos alunos me pediu para passar uma mensagem que acho importante para todos nos dias de hoje. Acredito muito que o anfiteatro é um espaço instigante e emocionalmente estimulante e, depois de ouvir o que esse aluno tem a dizer, tenho a sensação de que ele vai despertar exatamente os mesmos sentimentos em vocês. Uma demonstração de coragem, bravura e coração tão

impressionante quanto a que vocês acabaram de testemunhar. E assim, sem mais delongas, estou emocionada em chamar West St. Claire ao palco.

Meus pés começaram a se mover, enquanto eu desligava os aplausos ao meu redor. Eu olhei para Grace e vi a confusão em seus olhos. A dúvida ergueu sua cabeça feia. Eu era um idiota completo por fazer isso?

Ela pediu um namorado perfeito. Com grandes gestos. Coisas para fazê-la se sentir bonita. Se isso não funcionar, posso desistir.

Dez segundos depois, eu estava no palco. A professora McGraw me entregou o microfone e apertou meu ombro.

— Arrase, querido.

Eu estava na frente da Texas. Ela piscou para mim, esperando uma explicação para esta cena estranha. Eu me virei e me dirigi ao público.

— Não conhecia a peça *A Streetcar Named Desire* antes do início deste semestre. Honestamente? Acho que não sei muito sobre qualquer obra de arte que não inclua explosões e Megan Fox nela.

Recebi algumas risadinhas e uivos de homens na plateia. Não exatamente uma galera de sangue azul. Isso funcionou a meu favor.

— Mas, Grace Shaw, essa garota aqui, estava trabalhando como assistente de palco para a peça, e eu estava interessado nela, e ela estava interessada *nisso*, então decidi ler. Eu queria saber o que a encantou em *A Streetcar Named Desire*. E eu entendo. De verdade. O que Tennessee Williams estava tentando dizer aqui. O desejo ardente de chamar algum lugar – *qualquer* lugar – de lar. Não sou especialista em literatura, mas o que mais gostei nisso é a noção de que todos nós, às vezes andamos por uma estrada tão escura, que por vezes, nem percebemos quando nossos olhos estão fechados. Não até que uma fissura de luz se abra.

Eu respirei fundo, chegando ao ponto final.

— Tenho passado os últimos anos fugindo de casa no escuro. Não literalmente – minha bunda estava bem aqui, em Sheridan. Mas eu não queria pertencer a um lugar que arruinei por causa de um erro estúpido. Então, conheci Grace Shaw. Ela virou minha vida de cabeça para baixo. Quem lhe disser que isso é uma coisa boa, nunca teve ninguém que mudasse *suas* vidas. Essa merda foi brutal. — Eu balancei minha cabeça.

Isso fez todo mundo rir, incluindo Texas. Ela agarrou seu lado, rindo em seu punho. Isso foi bom. Me encorajou. Talvez esse discurso não tenha sido um fracasso completo.

— Acho que o que me fez apaixonar por ela foi que, toda vez que estávamos juntos, esmagávamos as paredes um do outro com um martelo. Foi implacável. Ela colocou um

espelho no meu rosto. Eu coloquei um espelho no dela. Nós nos víamos no nosso melhor e no pior. Fizemos um ao outro enfrentar nossos medos, inseguranças e solidão. No final de tudo, eu estava tão completo, ridiculamente, pateticamente apaixonado por ela, que não conseguia nem ver direito. E eu estraguei tudo. Grande momento.

Essa é a parte difícil. A parte do autocontrole. A parte que eu odiava. Eu me virei para olhar para ela. Seu rosto estava minucioso, sua postura relaxada.

— Lamento ter sido menos do que você merece, Tex, mas não posso deixar você ir embora. Você vê, é muito bom, muito raro para desistir. Eu disse no refeitório que você não era minha namorada, e você não era. — Fiz uma pausa, observando seu rosto se torcer em choque novamente. — Você era *tudo* para mim. Ainda é, baby. Você queria que eu te fizesse sentir bonita, mas não há ninguém tão bonita quanto você neste maldito mundo. Por favor... — Minha voz falhou, e dobrei o joelho, como sempre planejara. — ...não quebre meu coração tão cedo depois de colocá-lo de volta no lugar.

O ar estava pesado no auditório, enquanto todos prendiam a respiração. Eu tinha certeza que para cada segundo que passava sem sua reação, eu perdia um ano inteiro da minha vida. Resumindo: um minuto inteiro disso, e eu cairia morto e não teria que testemunhar minha própria desgraça tão abertamente.

Finalmente, Grace encontrou sua voz. — De pé, St. Claire, — ela sussurrou baixinho. — Um rei não se curva aos outros.

Levantei-me e a peguei, dando às pessoas algo para olhar e falar por anos nesta cidade esquecida por Deus, pressionando um beijo sujo em seus lábios e quase quebrando sua mandíbula no processo.

— Ele se curva a sua rainha.



Epílogo

Grace

Três anos depois.

— Caros colegas, uma salva de palmas para o elenco do *Rei Lear!*[85]

Dou um passo à frente, de mãos dadas com meus colegas atores, e inclino a cabeça. O centro das atenções está sobre mim, os tons amarelos brilhantes mirando minha figura. O público percebeu as cicatrizes ao longo do show, sem dúvida.

Eu não me importo. Estou exclusivamente focada em comemorar meu primeiro trabalho remunerado como atriz no Paramount Theatre de Austin. É uma parte pequena, mas vai pagar as contas e mais um pouco.

Eu sou uma atriz paga.

Eu faço o que amo.

---

[85] Peça teatral de Shakespeare.

O que *nasci* para fazer. Mesmo que eu tentasse me convencer por um segundo de que não era o caso. Que eu não poderia sobreviver.

Na terceira vez que inclino a cabeça, noto-o na terceira fila, batendo palmas e assobiando.

O amor da minha vida. O homem que nunca desistiu de mim, muito depois de eu desistir de mim mesma. Easton está sentado ao seu lado, com sua namorada, Lilian. E... é Karlie? O que ela está fazendo aqui? Ela deveria estar em DC[86], tendo conseguido um estágio de prestígio em um jornal local.

Eu não posso evitar. Um sorriso se espalha pelo meu rosto. Eu sopro para eles um beijo rápido e abaixo minha cabeça, sabendo que estou vermelho escarlate sob a minha maquiagem.

As palmas diminuem e todos os atores voltam para os bastidores, se abraçando e parabenizando. Eu deslizo para o provador e volto para minhas roupas normais – sem mais moletons para mim. Um par de jeans apertados e uma camisa de mangas curtas fazem o truque. Vamos tomar alguns drinques depois do show no quarteirão, mas espero poder tomar a primeira rodada de drinques apenas com meu namorado, Easton, Karlie e Lilian.

West e eu temos passado muito tempo juntos com Lilian e Easton desde que me mudei para Austin após a formatura.

---

[86] Cidade de Washington, capital dos EUA.

West foi o primeiro a se mudar, tendo se formado antes de mim. Ele e Easton abriram uma academia juntos. Eles são super bem-sucedidos e realmente atingem seu ritmo. Lilian é a assistente executiva e sua conexão com Easton foi imediata.

Ainda não consigo acreditar como tudo funcionou bem.

West ficou no Texas, alugando um apartamento a menos de quinze minutos da casa de repouso de vovó. Quando estava terminando minha graduação, estudava em Sheridan durante a semana e passava os finais de semana com ele. Fui morar com ele no início deste ano, exatamente um dia depois de me formar.

Saio do vestiário o mais rápido que posso. Meus amigos estão esperando por mim do lado de fora dos bastidores, o mais próximo que podem chegar dos atores antes que a segurança os detenha.

— Karlie! — Eu ataco minha melhor amiga. Nós nos abraçamos e giramos, rindo. Levamos um minuto inteiro para nos recompor, embora Karlie tenha partido há menos de quatro meses.

— Onde está meu agradecimento? Fui eu quem colocou a bunda dela no primeiro voo de DC para Austin, — West resmunga pelas costas, e eu quebro meu milionésimo abraço com Karlie para pular nele também, salpicando seu rosto com beijos molhados.

— Desculpe! Obrigada, obrigada, obrigada.

— A gratidão é melhor entregue por meio de ações.

Eu rolo meus olhos e dou um tapinha em seu peito. — Você será recompensado mais tarde esta noite.

— Isso é mais justo. — East dá um soco em West.

Lilian e eu trocamos olhares exasperados e rimos. Meu namorado pega minha mão e todos nós saímos para a bela noite de verão, caminhando em direção a um bar local. Percebo que os passos de West são particularmente lentos. Karlie está marchando rapidamente ao lado de Easton e Lilian, a poucos metros de nós. Estamos ficando para trás.

— O que há com eles? — Eu rio nervosa. — Eles estão correndo, e nós estamos ficando para trás.

— Chama-se dar espaço às pessoas. — A voz de West está nervosa, tensa. Não é o mesmo West que conheci nos últimos três anos. O cara despreocupado com o qual eu estava acostumada. O cara que ele costumava ser antes do que aconteceu com Aubrey. Esse cara estava de volta assim que voltamos – de verdade dessa vez – e eu me apaixonei ainda mais por ele.

— Precisamos de espaço? — Eu perguntei. — É sobre onde estaremos neste Natal? Porque eu já te disse, estou bem em passar o Natal com sua família e o Ano Novo com a vovó.

É isso que temos feito nos últimos dois anos. A situação cognitiva da vovó piorou com o passar dos anos, a ponto de ela não se lembrar de mim. Mas ela está tão confortável

quanto pode, e ainda faço questão de visitá-la semanalmente. Não é o ideal, mas aprendi a conviver com isso – fazer o melhor por alguém, mesmo quando a situação não é perfeita.

Infelizmente, não faz diferença para a vovó onde eu passo meus natais, mas ainda faço o meu melhor para lhe dar companhia, falar com ela, segurar sua mão.

— Não é sobre o Natal. — West balança a cabeça. — Eu tenho algo para te dizer.

— OK.

— Tenho visto outra pessoa.

Eu paro de andar e o olho diretamente nos seus olhos. Eu não acredito nisso. Não é que eu me *recuse* a acreditar, simplesmente não. Apesar de todos os seus defeitos, ele é o homem mais leal que já conheci na minha vida. Inclinando minha cabeça para o lado, eu o estudo.

— Isso é verdade?

— Receio que sim.

— Como ela é? — Eu faço a vontade dele. Gosto que o ciúme não seja mais uma coisa entre nós. Passei os primeiros seis meses de nosso relacionamento histérica por ele ter fugido com Tess ou Melanie, quando, na verdade, a única mulher que o deixava louco era eu. Nossos amigos agora viraram uma esquina na rua e estão longe do alcance da voz.

— Ela é ótima. Muito atenciosa, esperta, inteligente... — ele continua, observando meu rosto em busca de sinais de aborrecimento. Ele não encontra nenhum. — Mas eu terminei depois que consegui o que queria dela.

— Que é? — Eu levanto uma sobrancelha.

Ele se ajoelha e tira algo do bolso. Uma pequena caixa quadrada, abrindo-a na minha frente. Estou ciente de que as pessoas ao nosso redor pararam de repente em seu caminho para assistir com curiosidade.

— Ela é joalheira e me ajudou a fazer isso. Espero que você goste.

Eu espio dentro da caixa. É um anel.

Não qualquer anel.

Um anel de chamas.

Um anel de chamas completamente diferente daquele que minha mãe havia deixado. Este é feito de ouro branco puro e tem um rubi cintilante no centro. Minha respiração fica presa na minha garganta. É incrível. Mais do que impressionante – é tão, *eu.*

— Eu... isso é...

West o tira e coloca no meu dedo anelar.

— Três anos atrás, eu entrei em um teatro de faculdade e vi você brilhar no seu papel de estreia. Agora você está

brincando com os meninos e meninas grandes, e quer saber? Eu não tinha dúvidas de que você faria. Quero passar o resto da minha vida com você, porque tudo que veio antes de você foi um desperdício de merda. Você não me completa, Grace Shaw. Você *cria* um eu melhor. — Ele respira rapidamente, balançando a cabeça. — Puta que pariu, essa é minha cota de clichês para o século. Se isso torna as coisas melhores, pensei em cada uma das coisas que disse. Não chequei o Pinterest *nenhuma vez* em busca de inspiração, como East sugeriu.

— Coma merda, St. Claire. O Pinterest tem algumas ideias radicais! — Eu ouço Easton gritar da esquina da rua, atrás de um prédio de tijolos vermelhos. Estou rindo e soluçando de emoção agora. Eles estão todos amontoados na esquina, esperando pela minha resposta.

— O que você acha, Tex? Quer atravessar o fogo juntos?

Eu aceno, puxando sua mão para fazê-lo se levantar.

— Não consigo pensar em ninguém melhor com quem passar o resto da minha vida.

Selamos o acordo com um beijo e eu envolvo meus braços em volta dele, cedendo ao momento. Seu beijo é intenso, doce e exigente, mas antes que fique muito quente para uma rua movimentada, West o interrompe e esfrega minhas costas.

— Puta merda, Tex. — Ele sorri para mim. — E pensar que tudo começou quando eu coloquei um par de sapatos de bailarina na escada de um food truck só para te irritar!

— E pensar que eu disse a ela que ela seria estúpida o suficiente para se apaixonar por você! — Karlie reaparece da esquina, cambaleando em nossa direção com um sorriso enorme. Ela pula em cima de mim, gritando de excitação.

— E pensar que eu tive que arrastar a bunda de Grace para um encontro para colocar West em ação! — Easton pula nas costas de West, rindo.

— E pensar... — Lilian faz uma pausa, franzindo as sobrancelhas e pensando um pouco. — Tudo bem, eu não tenho nada. Não conhecia vocês três anos atrás.

Todos nós caímos na gargalhada, e logo, a rua inteira está batendo palmas para nós.

Não deixo que o fato de a vovó não estar aqui para desfrutar disso atrapalhe minha felicidade.

Eu abraço isso. Lanço-me na felicidade de cabeça. Dou a mim mesma permissão para estar neste momento. Porque era uma vez, um menino que me deu uma carona em sua moto e me disse que você pode cuidar de outra pessoa sem se culpar por todos os seus problemas.

Ele não acreditava em suas próprias palavras na época, mas agora ele acredita.

E assim, eu também.



West

Espero meus pais no Aeroporto Internacional de Austin-Bergstrom. Tess e Reign estão ao meu lado, seu voo acaba de pousar de Indiana. Eles vivem ao lado dos pais de Reign agora. Ele é um corretor de seguros e Tess é uma mãe que fica em casa.

Eles deixaram sua filha, Ramona, com os pais de Reign.

Ambos estão me acotovelando de cada lado, enquanto eu olho, tentando localizar mamãe e papai. Texas desliza para a periferia da minha visão, entregando a todos nós xícaras de café.

Tess dá um abraço rápido nela.

— Parece bom, Grace!

— O mesmo, Tess. Como está Ramona?

— Dentição. O que é simplesmente delicioso. — Tess bufa. — Sério, obrigada por se casar. O momento não poderia

ser mais perfeito para fazer uma pausa de fim de semana e deixá-la com os sogros.

— Tempo suficiente para eu engravidar você de novo! — Reign dá uma piscadela para a esposa e um braço por cima do ombro. Ela revira os olhos e bufa.

— São três minutos. O *que* você *vai* fazer com o resto do seu fim de semana? — Eu resmungo. Todo mundo ri. Quero que meus pais saiam daquele portão para que possamos sair daqui. Está lotado como o inferno no aeroporto.

Não odeio mais grandes multidões. Não desde que comecei a fazer terapia para o que era obviamente depressão e pensamentos suicidas. Dr. Riskin diz que sou introvertido-extrovertido. Eu digo que sou apenas um homem que só gosta da presença de um punhado de pessoas. Principalmente, minha noiva e melhor amiga.

— Oh cara, olha quem é. — Reign move um dedo para o lado. Eu olho, perguntando-me se meus pais já estão aqui e ainda não me mandaram uma mensagem. Mas não. É Kade Appleton. O brutamonte olha para cima e nossos olhos se encontram. Ele vê meu rosto e me lança um olhar assustado.

Não venha aqui.

Claro que ele vem até nós.

Nos últimos três anos, esforcei-me muito para garantir que Kade Appleton continuasse em linha reta e estreita. Eu sei que ele largou seu gerente pouco depois de nossa

conversa no Max, já que os dois eram inúteis sem as operações ilegais que administravam.

Appleton para na minha frente. Texas está ao meu lado, deslizando seus dedos pelos meus e me dando um olhar que só posso descrever como, *por favor, não mate ninguém. Já pagamos pelo vestido.*

Devidamente anotado, baby.

— Merda. St. Claire. É você. Você parece bem.

Por que todo mundo fica dizendo isso? — Parece bem? — Por que as pessoas ainda se importam? Não é como se estivéssemos indo para uma orgia em massa direto daqui.

— Você está bem? — Eu olho para ele, jogando um braço protetor sobre o ombro da minha noiva. É um instinto do qual nunca vou me livrar.

— Totalmente, cara. Me divertindo. Tenho mantido minha cabeça baixa. Minha liberdade condicional acabou, então estou de volta à liga de artes marciais. Primeiro mês. Estou aqui de férias em família.

Ele não está me dizendo nada que eu não saiba. Eu o tenho observado de perto. Certificando de que ele trata bem sua mulher e bebê. Seu olhar pisca para Grace e eu endureço. Ele sorri para ela cordialmente, em seu melhor comportamento.

— Seu namorado...

— Noivo, — ela o corrige docemente.

Ele ri. — Quem quer que ele seja para você, ele é louco por você. Espero que saiba disso.

— Claro que sim.

— Westie! Gracie! — Eu ouço das entranhas do portão e esqueço tudo sobre Kade. Nós dois vamos cumprimentar meus pais. Eu pego mamãe no ar e a giro. Ela engordou um pouco e finalmente não parecia tão leve quanto Aubrey. Papai também não parece muito maltrapilho. Todo barbeado e de olhos claros. Eles parecem mais jovens do que quando saí do Maine, aos dezoito anos.

— Que bom que você conseguiu. — Texas está dando um aperto no meu pai. — Eu sei que você tem estado ocupado com o negócio ultimamente.

— Não perderíamos seu casamento por nada no mundo, — mamãe aponta, e eu percebo que é verdade.

Pode não ter sido sempre verdade – não nos poucos anos após a morte de Aubrey – mas meus pais merecem uma chance.

Inferno, eu tenho uma chance.

Grace conseguiu uma chance.

Todos nós éramos imperfeitos.

Porque, afinal, somos todos apenas fênix, saindo de nossas próprias cinzas, alçando voo para um destino desconhecido, nossas pontas das asas forjadas pelas chamas.

Fim.

